J. W. RÓCHESTER

OBRA PSICOGRAFADA POR

VERA KRYZHANOVSKAIA

LIVRO 1

OS LUCIFERIANOS

2ª edição

BILOGIA

OS SERVIDORES DO MAL

EDITORA DO CONHECIMENTO

A trama de "Os Servidores do Mal" (livro 1) se desen rola no Tirol, região "nebulosa" que já foi palco de multos ritualis macabros nos subterrâneos dos castelos medievals. Raymond e Eliza são as vítimas desta vez. Unidos ainda crianças, pelos lacos do matrimônio, provocam sem se dar conta ciúmes e intrigas entre vários personagens desta História. E o que tiveram de suportar então... for simplesmente infernal". Desencontros e suspense marcam as paginas desta obra inédita do Conde de Rochester, cujo misterioso egredo continuen "Os Templarios" (livro 2)

Copyright © 2002 by Conhecimento Editorial Ltda.
OS SERVIDORES DO MAL
J. W. Rochester - Vera Ivanovna Kryzhanovskaia

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
PEDIDOS:
Limeira: Caixa Postal 404 - CEP 13480-970 - SP
Fone/Fax: 19 3451 0143
home page: *www.edconhecimento.com.br*
e-mail: *conhecimento@edconhecimento.com.br*
pedidos@edconhecimento.com.br
Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do Editor.

Tradução: Victor Selin
Revisão de originais e adaptação à lingua portuguesa:
Margareth Rose Fonseca Carvalho
Ilustração da capa: Cláudio Gianfardoni
Projeto gráfico: Sérgio F. Carvalho
Colaboraram nesta edição: Paulo Gontijo de Almeida e
Antonio Rolando Lopes Jr.

ISBN 85-87619-58-2
1ª EDIÇÃO — 2002
• Impresso no Brasil • *Printed in Brazil* • *Presita en Brazilo*

FICHA CATALOGRÁFICA

R676s Rochester, John Wilmot, Conde de (Espírito)
Os Servidores do Mal (Os Luciferianos) / John Wilmot Rochester. Obra psicografada por Vera Ivanovna Kryzhanovskaia, tradução de Victor Selin — 1ª. edição — , Limeira, SP: Ed. do Conhecimento, 2002.

256 p. 21 cm.
1. Obras psicografadas. 2. Romance mediúnico. 3. Kryzhanovskaia, Vera Ivanovna (1861-1924). I Título.

CDD - 133.93

J. W. ROCHESTER
Obra psicografada pela médium russa
VERA KRYZHANOVSKAIA

OS SERVIDORES DO MAL

(Os Luciferianos)

Bilogia - Livro 1

EDITORA DO CONHECIMENTO

Prefacio

A Editora do Conhecimento tem a satisfação de apresentar ao leitor mais duas obras inéditas do autor espiritual Conde de Rochester. São os relatos históricos "Os Servidores do Mal" e "Os Templários", que juntos compõem uma bilogia, resgatada do anonimato e que certamente tornar-se-á mais uma obra-prima da literatura espírita.

A trama de "Os Servidores do Mal' (ou "Os Luciferianos") se desenrola no Tirol, região montanhosa entre a Áustria e a Itália, que já foi palco de muitos rituais macabros pelos subterrâneos dos castelos medievais, entre os séculos XIII e XIV, época de marcantes acontecimentos na História da Humanidade. Desta vez, as vítimas são os jovens Raymond e Eliza, cujos laços, desde tenra idade, foram ligados por um importante compromisso.

Após a misteriosa morte de Paola, a "fogosa italiana", o Conde Ervin, desmotivado, decide entrar para a Ordem dos Templários e confia a sua única filha, Eliza, ao seu fiel amigo, o Conde Volfram. Então, para garantir o futuro de sua protegida, ele decide uni-la em matrimônio ao seu filho Raymond quando eram ainda crianças. Casamentos dessa natureza eram comuns entre a antiga nobreza, mas nem sempre bem-sucedidos... E é exatamente neste ponto que a trama realmente tem início das intrigas e dos ciúmes que esta união prematura provoca em vários personagens da história.

Em sua imaturidade juvenil, Raymond e Eliza não se dão conta do enorme perigo que passam a correr. Conseguirão vencer todos os incríveis obstáculos e se desvencilhar de todo o mal que os cercam?

Eram tempos difíceis aqueles na Europa, durante a Idade Média. Por algumas vezes, Ervin teve que partir para o Oriente acompanhando as expedições que buscavam a libertação da Terra Santa das mãos dos infiéis. O povo judeu também era alvo desse empreendimento, uma vez que os cristãos

ocidentais os consideravam os verdadeiros culpados pela crucificação de Jesus.

Durante esse período, grande parte da população judaica foi perseguida e dizimada, tanto na Europa quanto no Oriente. Discriminados, não podiam participar ativamente da sociedade feudal, restando-lhes apenas o mundo econômico da agiotagem. Aliás, este foi um dos motivos que incentivou a perseguição dos nobres cristãos contra os judeus, movidos pelo interesse de se livrarem de suas enormes dívidas.

Infelizmente, esse ódio recíproco entre cristãos e judeus leva nosso herói Raymond a ser imperceptivelmente introduzido nos mistérios da obscura seita dos Luciferianos, cujos registros históricos são escassos, pouco se conhecendo sobre sua origem exata. Provavelmente tratava-se de uma idolatria ao polêmico personagem da lenda dos Anjos Caídos - Lúcifer.

Na Antiguidade romana, a palavra "Lúcifer" era utilizada para designar o planeta Vênus quando este se posicionava de manhã, a oeste do Sol, antecedendo o seu nascimento. Significava "portador da luz" (do latim lux = luz e ferre = carregar) e também era conhecida como "a Estrela da Manhã".

Entretanto, Lúcifer parece ter entrado na história da religião quando na Bíblia (Isaías 14:12) aparece a expressão em hebreu "Como caíste desde o céu, ó estrela da manhã, filha da alva!..." Na versão grega do Antigo Testamento, o termo foi traduzido como "Phosphorus" (a palavra grega para "Vênus" ou "a estrela da manhã") e daí para "Lúcifer", na versão latina. Estudiosos explicam que a parábola do profeta Isaías se referia à arrogância de um rei babilônio que, ousando comparar-se à "Estrela da Manhã", fora derrubado do Céu por Deus.

Orígenes Adamantius (185-254), um importante cristão da Igreja Grega, e Augustine de Canterbury (no século VI), fundador da Igreja Cristã no sul da Inglaterra, interpretaram o uso do termo latino "Lúcifer" como uma referência ao próprio demônio ou Satanás. A partir de então, o termo generalizou-se de forma negativa.

No século IV, o bispo Lucifer de Cagliari, na Sardenha, um veemente oponente do **Arianismo**[1], criou uma seita na qual seus seguidores passaram a ser denominados de "Luciferianos". Empenhando todos os esforços para combatê-la, como pode ser observado no famoso diálogo "A Disputa entre os Luciferianos e os Ortodoxos", São Jerônimo foi também um dos responsáveis pela associação de Lúcifer a Satanás.

Todavia, a seita à qual Rochester se refere no título desta obra teve sua expansão na Europa entre o século XIII e meados do século XIV. Em 1223, o inquisidor Conrad de Marburg, notando o crescimento incomum de heréticos[2] na Germânia e na Áustria, em especial, da seita destes "Luciferianos", deu início a uma série de perseguições.

Em Bizâncio e em várias partes da Europa, surgiram lendas de que essa facção altamente secreta era dedicada a Lúcifer, o anjo infernal, que teria sido expulso do Paraíso por Deus. Esses adoradores do demônio acreditavam que seu mestre era o verdadeiro criador do mundo e que fora deslealmente aprisionado no abismo por seu inimigo, um deus injusto e vingativo, a quem Lúcifer cabia vencer. As profecias dos Luciferianos pregavam que um dia ele reconquistaria o Paraíso, derrotaria Jeová e daria a vida eterna a todos os seus seguidores.

Como no caso dos cavaleiros templários e das bruxas, suas confissões foram conseguidas pela Inquisição através da tortura. Confessaram que durante o ritual de iniciação dos neófitos, em templos subterrâneos, Lúcifer se mostrava como um homem cuja parte superior do corpo irradiava luz, mas da cintura para baixo era escuro como a noite. O final do ritual era comemorado com um banquete e concluído com orgias, nas quais eram oferecidas virgens noviças.

Esses relatos são confirmados em minúcias nesta surpreendente narrativa de Rochester, espírito audacioso, sagaz e hábil estudioso dos mistérios ocultos, cujos competentes registros históricos nos fazem reviver importantes acontecimentos perdidos através da poeira dos tempos...

O desfecho desta enigmática história e os destinos de Eliza e Raymond poderão ser encontrados no segundo volume, "Os Templários", no qual serão descritos em detalhes fatos históricos sobre esta importante ordem de cavaleiros medievais.

Uma boa leitura!

Antonio Rolando Lopes Junior

"Acautelai-vos dos falsos profetas que

se vos apresentam disfarçados de ovelhas,

mas por dentro são lobos predadores.
Pelos seus frutos os conhecereis.
Porventura, colhem-se uvas
de espinheiros ou figos de abrolhos?
Assim, toda árvore boa produz bons frutos,
enquanto a árvore má produz frutos ruins".

(Mateus, cap. VII, vv. 15, 16 e 17)

Capítulo 1

A estreita e pedregosa trilha serpenteava caprichosamente, ora beirando profundos abismos, ora correndo por entre as rochas. As paisagens que se descortinavam nas curvas eram simplesmente magníficas. Ao longe, no horizonte enevoado, estendiam-se os vales férteis do Tirol[3], cobertos de luxuriante vegetação. O sol queimava de forma especial e em tudo sentia-se a proximidade da abençoada Itália.

Por esse pitoresco e ingreme caminho seguia um grupo de cinco cavaleiros que subia trotando ou a passos lentos, conforme a inclinação do terreno. Os cavalos exaustos e as roupas completamente empoeiradas indicavam a longa e difícil caminhada.

À frente ia um rapaz bonito, com mais de trinta anos, envolto numa capa escura. Debaixo do chapéu sobressaíam mechas de cabelos cheios e anelados, negros como a asa do corvo, emoldurando um rosto pálido e de traços perfeitos. O olhar pensativo de seus olhos escuros refletia inteligência e perseverança. Mas, o que dava um encanto especial à sua fisionomia eram os lábios finos e bem delineados e o sorriso encantador que iluminava o seu rosto, demonstrando simpatia, apesar de, algumas vezes, parecer um tanto orgulhoso.

Atrás do belo cavaleiro seguiam, enfileirados pela trilha muito estreita, dois guerreiros bem armados e dois escudeiros, um dos quais carregava o elmo e a espada do cavaleiro e o outro, a lança e uma armadura leve. Numa das curvas do caminho surgiu, então, um pequeno castelo incrustado no topo da montanha como um ninho de águia; e uma hora depois os viajantes já estavam diante dos portões.

Agora, sim, dava para perceber que o castelo diferia das edificações daquela época. O prédio de pedra, que possuía uma alta torre quadrangular, não era protegido nem por fossos, nem por pontes levadiças; apenas circundado por um espesso muro e por maciços portões de ferro fundido. Sob uma coberta havia um sino pendurado com uma longa corda que descia até o pé do muro, dando ao castelo uma aparência de abadia. Um dos guerreiros pulou do cavalo e tocou o sino, cujo som estridente e trêmulo propagou-se ao longe pelas montanhas.

Passados alguns minutos, uma portinhola se abriu e nela apareceu um senhor de cabeça grisalha que lançou um olhar sombrio e suspeito para a estrada. Ao ver os viajantes, um sorriso de alegria iluminou o seu rosto. A portinhola fechou-se imediatamente e, em seguida, os portões foram abertos, fazendo rangido. O porteiro, com profunda reverência, aproximou-se do cavaleiro que encabeçava o pequeno comboio.

- Bem-vindo, senhor Volfram! - disse ele, olhando com carinho para o cavaleiro.

- Saudações, meu velho Bertrand! - respondeu o jovem, estendendo a mão, que o velho beijou respeitosamente. - Como está a saúde do seu amo?

- Graças a Deus, ele está bem e acabou de retornar do jardim com o senhor Ervin que chegou aqui ontem.

Durante a conversa, o cavaleiro apeou do cavalo e passou para uma sala de teto baixo que servia de saguão. Lá, foi recebido por um outro senhor que, à semelhança do porteiro, também ficou contente com a sua chegada.

- Cristofor, instale os meus homens! Eles estão cansa- dos e famintos - solicitou Volfram com um sorriso amigá-vel, entregando sua capa ao velho servo. - O Barão deve estar em seu gabinete de trabalho, não?

- Está, meu senhor! Vou agora mesmo cumprir a sua ordem e instalar os seus homens e os cavalos.

O jovem cavaleiro parecia conhecer bem a casa, pois sem o menor vacilo entrou no prédio e subiu a escada que era iluminada fracamente por estreitas janelas cavadas na parede.

A escada conduzia a uma grande sala abobadada, modestamente mobiliada, e que provavelmente servia de biblioteca, pois as paredes estavam ocupadas por estantes com rolos de pergaminhos, livros e manuscritos. Ali, as janelas eram mais largas e altas e os raios do Sol atravessavam os vidros coloridos refletindo no chão cores diversas. Numa das janelas abertas descortinava-se uma linda vista para um desfiladeiro e um lago que, de longe, brilhava como espelho.

Volfram parou por instantes e ficou algum tempo pensativo, apreciando aquele lindo quadro.

- Como tudo aqui respira silêncio e paz de espírito! - murmurou ele com um suspiro.

Em seguida, seguiu adiante, a passos rápidos, e bateu delicadamente numa pequena porta.

- Entre! - respondeu uma voz sonora.

Volfram abriu a porta e entrou numa sala mobiliada com mais luxo ainda que as salas anteriores. As paredes eram revestidas de carvalho escuro entalhado e nas janelas havia pesadas cortinas de veludo. Ao fundo, um largo cortinado cobria a entrada do quarto contiguo. No centro, havia uma mesa abarrotada de pergaminhos e instrumentos astronômicos e perto dela, numa poltrona de encosto alto, estava sentado um homem jovem, magro e pálido, usando um traje da Ordem dos Templários[4]. Ao seu lado, apoiando-se na mesa, estava parado um senhor alto num traje longo e largo. Seus longos cabelos e a barba eram brancos como a neve, mas os grandes olhos azuis refletiam um frescor no olhar; os belos traços de seu rosto transpareciam uma majestosa e indescritível paz.

Ao ver Volfram, ele foi rapidamente ao seu encontro e abraçou-o com carinho.

- Bem-vindo, meu filho! Que dia feliz estou tendo hoje; os meus dois discípulos preferidos estão novamente sob o meu teto - disse o ancião, sorrindo amavelmente.

Levantando da poltrona, o templário aproximou-se do recém-chegado e também abraçou-o com carinho.

Volfram balançou a cabeça em sinal de surpresa e observou:

- Então você acabou vestindo o traje da Ordem? Quer dizer que está tudo acabado para você! Já despediu-se da vida?

- Sim, eu fiz os votos! Mas, por que diz que isso significa despedir-se da vida? Você acha a vida mundana tão boa assim, a ponto de lamentar-se por ela? Quanta felicidade ela ofereceu a você, por exemplo? - respondeu o templário, e um triste sorriso passou pelo seu rosto amargurado e sofredor.

Volfram levantou orgulhosamente a sua escura cabeleira.

- Bem pouco! Mas, isso não importa! Em todo caso, prefiro mais essa vida do que a de um monge.

- Meus filhos, parem de discutir sobre os prazeres da vida! - interrompeu-os o velho com um sorriso. - A vida é uma traidora que promete muito e nada oferece; no final das contas destrói tudo que temos dentro de nós e à nossa volta, se não soubermos arrancar dela, a tempo, aquilo que ela não conseguirá tomar de nós: o conhecimento e a sábia submissão. Apesar de não aprovar a decisão de Ervin, eu ficaria feliz se pudesse retê-lo aqui, mas... ele não possui a veia do pesquisador. Agora, vamos comer alguma

coisa! Provavelmente Volfram deve estar com fome. Como ele não é um velho livreiro, como eu, e nem monge, como você, então não há necessidade de fazê-lo jejuar.

Os visitantes riram e seguiram o ancião até o refeitório, onde os aguardava uma mesa simples, mas bem servida.

A conversa alegre e interessante animou a refeição, à qual Volfram fez as devidas honras. Em seguida, os três saíram para um pequeno e sombroso jardim. Quando o Sol começou a declinar no horizonte, o velho anfitrião levantou-se.

- Vai nos deixar, tio Conrad? - perguntou Ervin, segurando-o pela mão.

- Sim, preciso trabalhar um pouco. Enquanto isso, meus filhos, fiquem conversando! Vocês não se vêem há muito tempo e naturalmente têm muita coisa para contar um ao outro.

O Barão Conrad von-Vart era o último descendente de uma linhagem de ricos e nobres cavaleiros feudais. À semelhança de seus antepassados, ele, no início, foi um bravo guerreiro; mas depois de ter-se ferido gravemente num dos torneios ficou muito tempo condenado à solidão.

Nessa ocasião, sua única irmã se casou com um cortesão italiano e ele, ainda fraco e não recuperado do ferimento, acompanhou-os a Veneza. Lá, conheceu um velho cientista que não somente o curou como fê-lo interessar-se por sua estranha e misteriosa ciência a tal ponto que o Barão tornou-se seu discípulo e dedicou-se inteiramente aos estudos. Ele, então, passou a viver alternadamente entre Veneza e o pequeno castelo, onde agora o encontramos, dedicando seu tempo à ciência e esquivando-se das pessoas.

Ao ficarem a sós, os amigos mantiveram silêncio e cada um mergulhou nos próprios pensamentos. Volfram foi o primeiro a quebrar aquela monotonia. Tomando um gole de vinho, ele afastou o cálice e, apoiando o cotovelo na mesa, ficou por instantes observando o rosto pálido e cansado do amigo, cujo olhar triste parecia perdido. Depois, colocou a mão em seu ombro e disse:

- Ervin, diga-me, sua entrada na Ordem não teria sido provocada pela morte de sua esposa? De que morreu Paola? Ela era tão jovem e saudável!

O templário estremeceu e endireitou-se.

- De que morreu Paola? Ah! Se eu pudesse saber! - respondeu com um pesado suspiro. - Alguma doença desconhecida, que não cedia a nenhum tratamento, a destruiu em poucos meses; ela derretia como cera ao Sol e

nada conseguia revelar a causa da enfermidade. Confesso que no primeiro momento suspeitei que minha madrasta Ortruda a tivesse envenenado. Mas, como ela não esteve perto de Paola, descartei essa possibilidade; ainda mais quando, após tal desgraça, Ortruda me tratou com as mais respeitáveis condolências. Então, pensei que Paola pudesse ter sido vítima de alguma feitiçaria. Ela sempre se queixava que uma névoa escura a envolvia, sufocando-a, e lhe sugava a energia. À medida que a morte se aproximava, ela afirmava que a névoa tornava-se cada vez mais densa e negra.

- Mas, quem apelaria para uma feitiçaria contra aquela criatura adorável? - observou Volfram.

- Paola gostava de ser agradável e muitas mulheres a odiavam. Hoje, mais do que nunca, estou convencido que foi Ortruda mesmo, e ninguém mais, quem matou Paola com veneno ou feitiçaria. Isso porque, alguns meses após a morte de minha esposa, ela confessou que estava muito apaixonada por mim. Pode entender o horror que senti com essa confissão que transformou minhas suspeitas em certeza? A desprezível mulher tentou me convencer a mudar para a casa dela junto com Eliza. Mas, depois da tal confissão, não consegui ficar um único dia sequer na casa dela. Fui embora na mesma tarde. No caminho, minha filha pegou uma gripe e eu também me senti tão mal que tive de pedir abrigo no mosteiro de Santa Brígida. Agora imagine o meu espanto quando percebi que a madre Vilfrida, abadessa do mosteiro, era Hildegarda!

- Imagino! Deve ter sido "terrível" encontrar a noiva que você traiu! - disse o cavaleiro com um triste sorriso. O templário ficou ruborizado.

- Você é incorrigível! Há muito tempo Hildegarda desistiu das sensações terrenas e ambos nos consagramos a Deus.

- Como posso duvidar de "vossa santidade"? - interrompeu-o Volfram, rindo. Apenas acho que agora madre Vilfrida cantará seus salmos com mais tranquilidade, sabendo que o belo Ervin está servindo ao Senhor e não às belas damas. Mas, prossiga!

- Quando reconheci nela minha ex-noiva, fiquei tão constrangido que quis ir embora imediatamente, mas ela me deteve e disse: "Ao me afastar do mundo, abandonei também toda a raiva e as queixas do passado. Fique cavaleiro! Parece doente! Vou cuidar de sua filha como se fosse a minha. Que Deus aceite esta dedicação como prova de que submeto-me humildemente à Sua vontade".

Fiquei profundamente emocionado e, na mesma noite, caí realmente doente. Parecia que o bafo venenoso de Ortru-da tinha-nos atingido: eu e minha filha Eliza estávamos à beira da morte. A arte do padre Romualdo e os cuidados das monjas é que nos salvaram.

Durante minha convalescença, certa vez consegui ficar a sós com Hildegarda. Pude, então, dizer-lhe algumas palavras sobre o passado e pedir-lhe perdão pela traição. Ela sorriu tristemente e respondeu: "Você fez bem! Sempre preferi perdê-lo a dividir seu coração com alguém. Confesso que houve momentos em que nem os votos, nem este traje conseguiam dar-me paz. O ciúme consumia-me por dentro, impedindo-me de orar. Mas, agora, venci os sentimentos terrenos e vejo-o somente como irmão. Portanto, Ervin, se puder ser feliz com outra esposa, vou orar sem qualquer ressentimento pela sua felicidade".

Fiquei profundamente embaraçado e emocionado com aquela magnânima abnegação. A partir daquele dia, despertou em mim um sentimento bem diferente do que nutria por Paola. Compreendi que, desistindo de Hildegarda, eu havia abdicado da verdadeira e tranqüila felicidade que só uma esposa amável e fiel pode proporcionar a um esposo até a morte.

Ervin calou-se e abaixou a cabeça com tristeza.

- Agora entendo porque você tornou-se um templário; era infeliz com Paola observou Volfram.

- Sim, resolvi consagrar-me a Deus e Hildegarda também. Os meus quatro anos de casamento passaram-se como num sonho inebriante e febril. Paola permitia que a admirassem: ela encarava o meu amor como uma merecida dádiva à sua beleza. Possessiva e caprichosa, tinha ciúmes de qualquer mulher que eu tratasse com amabilidade. Então, imediatamente começava a me castigar com sua raiva tipicamente italiana, voltando sua atenção para os mais belos admiradores que, aliás, ela sempre teve em grande número. Você mesmo conheceu o encanto que ela causava sobre qualquer um. Assim, criava para mim um inferno de ciúmes. Eliza herdou a sua beleza. Ela possui a mesma elegância, os mesmos olhos cheios de carinho e ardor. A pequenina tem apenas um rosto mais sério, tranquilo, e um ar de tristeza, que sua mãe nunca demonstrou.

- Isso significa que terei uma nora encantadora disse Volfram, rindo. Então, se você concorda com minha proposta de unirmos os nossos filhos,

podemos realizar o casamento sem mais delongas. Eliza, de cinco anos, e Raymond, de onze, formarão um belo par.

- Há muito tempo não vejo o seu filho! Ele parece com você?

- Ele não será tão bonito como eu, pois parece com a mãe respondeu Volfram com uma careta. Em todo caso, será um belo rapaz!

- Ficarei feliz sabendo que Eliza está sob a tutela do meu melhor amigo e que o futuro dela está garantido. Seria difícil para mim deixá-la com Hildegarda, pois sou profundamente culpado diante dela. Além disso, não gostaria que atraíssem minha filha para a vida monástica. Confesso, sinceramente, que não simpatizo muito com a sua esposa, embora saiba que ela é bondosa e não descuidará da criança como talvez o fizesse Ortruda. Você também, Volfram, parece-me cansado. Pelo jeito, sua vida com uma mulher que não o entende não é nada fácil!

O rosto de Volfram ficou sombrio e ele passou a mão pelos cabelos negros e cheios.

- Sim, minha vida familiar é bem difícil! Anna me ama e tem ciúmes de mim; enquanto eu, mal consigo vencer a repulsa que ela me provoca. Casei-me obedecendo à ordem de meu pai, respeito-a como mãe de meu único filho, mas meu coração jamais bateu forte por ela. Anna não me perdoa por isso e tenta afastar de mim o coração de Raymond, sobre o qual tem grande influência. Além disso, para me enfurecer, ela faz amizade com todas as pessoas que me são desagradáveis. Ficou amiga até de sua madrasta Ortruda, que sempre odiei instintivamente, e também do filho dela, Guntram, que tem aquela cara de bem-aventurado e olhos de cobra. Mas, chega de falar disso! Então, quando vai partir e para onde?

- Primeiro vou para Maine[5] e de lá, provavelmente, para Chipre[6] junto com o meu prior que leva instruções ao Mestre, graças ao qual fui aceito na Ordem. Amanhã, vou The entregar uma carta para Hildegarda, relatando o casamento de Eliza.

Na manhã seguinte, após despedirem-se carinhosamente do velho amigo, os cavaleiros partiram. Viajariam juntos até a aldeia mais próxima.

Capítulo 2

Volfram von-Reifenstein e Ervin von-Finsterbach eram vizinhos e amigos de infância. Apesar da grande diferença de caráter, eram inseparáveis. Um era corajoso, impetuoso e ousado; o outro, sonhador, tímido e indeciso. Parecia que um completava o outro. Ambos ficaram felizes quando as circunstâncias uniram-nos por alguns anos sob o mesmo teto. Ervin tinha quinze anos quando seu pai casou-se pela segunda vez com uma moça de dezesseis anos, por quem havia-se apaixonado ardentemente e que o dominava por completo.

Já a partir dos primeiros dias do casamento, começaram a acontecer freqüentes confrontos entre a madrasta e o enteado. O velho Finsterbach, cansado das brigas constantes, aceitou de bom grado a proposta do seu primo Conrad Vart de assumir a educação de Ervin. O garoto também sentia-se muito bem na tranqüila residência do cientista. Por obra do acaso, alguns meses depois, juntou-se a ele o seu amigo Volfram. Naquele tempo, o pai do garoto, cumprindo uma antiga promessa, saiu em peregrinação à Terra Santa e, durante a sua ausência, também confiou o filho a Conrad Vart, velho amigo e companheiro de armas.

Volfram, cuja mãe falecera há muito tempo, e Ervin, que tornara-se um estranho na casa paterna por causa da hostilidade da madrasta e do nascimento do irmão, afeiçoaram-se ao cientista que, por sua vez, retribuiu-lhes da mesma maneira. A mente dos rapazes desenvolveu-se sob a orientação de Conrad. Eles receberam uma formação muito superior à que era dada à maioria da mocidade nobre da época.

A ostensiva tranquilidade do Barão agia de forma benfazeja sobre a natureza explosiva de Volfram, enquanto a alma dócil de Ervin fortificava-se em contato com o caráter enérgico e rígido de von-Vart. O retorno do Conde Reifenstein separou novamente os amigos. Volfram, então, voltou para a

casa do pai que sentia-se doente. Um ano mais tarde o Conde casou o filho de vinte anos com uma rica viúva de boa família, mãe de um garoto de sete anos.

Ervin continuou a morar na casa do Barão e acompanhava-o a Veneza. Lá, conheceu Paola Aldini, com quem casou-se e viveu na Itália até que a morte do pai obrigou-o a retornar à pátria.

Ao chegarem na aldeia mais próxima, os amigos se separaram e Volfram, então, seguiu o seu caminho sozinho. Mas seu rosto foi ficando cada vez mais sombrio à medida que aproximava-se de casa. A repulsa habitual que sentia toda vez que retornava ao castelo misturou-se à insatisfação por ter de agüentar a inevitável cena da esposa quando soubesse da decisão sobre o casamento do filho sem a sua conivência. Além disso, a noiva lhe seria odiosa, pois ela preparava para esposa do filho uma pequena órfã educada no próprio castelo, chamada Margarita Raments, filha de uma de suas amigas que, ao morrer, lhe havia confiado a menina que ela gostava muito.

A Condessa Anna sempre odiou Ervin porque Volfram tinha muita afeição por ele. Ela sentia ciúmes de qualquer sorriso ou palavra carinhosa que o marido dirigia a outro ser humano. Tinha ciúmes até do próprio filho e achava que o amor do marido pelo garoto estava sendo roubado dela. Com tais sentimentos contraditórios, ela mimava ou tiranizava o menino, conforme o seu estado de espírito no momento.

A Condessa Reifenstein era feia, oito anos mais velha que o marido, e sabia que ele simplesmente a suportava. Ela morria de paixão pelo homem encantador, cujo nome ostentava. Vigiava-o com um ciúme doentio e vingava-se de sua indiferença, rebaixando tudo que era caro para ele. Tinha um ódio particular de Paola, a bela e linda italiana e a chamava de "aventureira que fisgou em sua rede o idiota Fins-terbach".

A Condessa Anna procurava na religião um consolo por sua infelicidade conjugal e a maneira como bajulava o padre Gregório, seu capelão e confessor, era repulsivo a Volfram.

Aproximava-se a hora do almoço quando a ponte levadiça baixou à frente do proprietário do castelo. Com um pesado suspiro Volfram adentrou em casa, onde sentia-se estranho e para onde o levavam somente sentimentos como dever familiar e amor pelo filho.

A família estava reunida na pequena sala anexa ao refeitório quando o som do corno anunciou o retorno do senhor. A Condessa deixou de lado o bordado que fazia e saiu lentamente ao encontro do marido. O rubor estampado na face revelava a sua emoção. Era uma mulher alta, forte, mas esguia, e sem qualquer graça ou delicadeza. Seu rosto era pálido; os olhos escuros transpareciam orgulho e seriedade, enquanto os lábios carnudos, por trás dos quais brilhavam dentes brancos, davam à fisionomia uma expressão sensual e cruel.

O capelão interrompeu a leitura do seu breviário e também foi até a porta, enquanto as crianças correram para o vestíbulo e pularam sobre o Conde, que beijou o filho, um belo e forte garoto de grandes olhos escuros, e depois Greta (como chamavam Margarita Raments), uma pequena garotinha de dez anos, branca, corada e rechonchuda, de cabelos louros e cheios.

A esposa recebeu o Conde junto à entrada do refeitório. Sombria e séria, como um ícone bizantino, ela estendeu a mão, que o marido beijou.

Um pouco mais tarde, todos sentaram-se à mesa. Contando os detalhes de sua viagem à casa do Barão, Volframdisse que dali a dois dias iria viajar novamente e que pretendia levar Raymond consigo. Então, pediu que aprontassem tudo o que fosse necessário para a criança.

A Condessa ficou extremamente intrigada com a repentina viagem e achou que aquela decisão tinha sido motivada pela visita do marido ao "velho feiticeiro", como ela cha- mava o Barão Vart. Mas, não ousou inquiri-lo diretamente e nem quis discutir o verdadeiro desejo do marido de levar o filho com ele. Ao término do jantar, Volfram sentou-se junto à janela e ficou olhando as crianças brincarem.

Raymond sabia que a mãe preparava Greta para ser sua esposa e acabou acostumando-se à idéia. Seu namoro infantil com a suposta noiva provocava um sorriso maroto no Conde.

"Você logo, logo terá sua primeira decepção, meu pobre menino", pensou ele, "mas só vai ganhar com essa mudança! Se, aos onze anos, você está assim, tão encantado com essa loura gordinha, então aos vinte vai preferir a elegante e graciosa Eliza. Você não seria meu filho se não tivesse gosto pelo belo e não pudesse distinguir a rosa do repolho!"

No dia combinado, Volfram viajou com o filho acompanhado apenas do pajem, do cavalariço e de dois homens armados. O grupo pernoitou numa

estalagem e, no segundo dia, depois do almoço, deixou a estrada principal e seguiu por uma outra vicinal que levava direto ao mosteiro.

Raymond não ousava inquirir o cavaleiro sobre o motivo daquela viagem, cuja inesperada diversão, ao contrário de sua vida monótona no castelo, entusiasmava-o muito. Por isso, não parava de tagarelar com o pai que ele adorava. Mas, quando o Conde ficou calado e pensativo, o menino, assustado, seguiu ao lado dele também calado. Ao ver o mosteiro, Raymond não agüentou e perguntou:

- Pai! Como se chama aquele mosteiro? Nunca o vi antes. Por que estamos indo para lá?

- É o mosteiro de Santa Brígida. Vamos visitar a abadessa Vilfrida. Você, Raymond, vai beijar a mão dela e tratála com respeito. Ela é uma santa mulher, apesar da juventude e da beleza! Espero que você seja obediente e cumpra tudo que eu lhe mandar fazer.

Raymond levantou a cabeça e lançou para o pai um olhar preocupado e desconfiado. O tom com que o Conde pronunciou aquelas últimas palavras era-lhe bem conhecido: significava o inabalável "eu quero", que o pai impunha à Condessa em suas brigas e contra o qual não adiantavam nem resistência nem lágrimas. Mas, Raymond também sabia que obedecer o pai contra a vontade da mãe prenunciava conseqüências muito desagradáveis em forma de castigos imerecidos, insatisfação e rancor por parte da mãe. A Condessa, irritada com a vida e com as pessoas, raramente saía do castelo e tinha completa autoridade sobre o menino durante as freqüentes ausências do pai, que passava semanas inteiras na Corte do Conde de Tirol, ou caçando, ou, então, na casa de seus amigos.

Todos esses pensamentos refletiam-se tão claramente no rosto expressivo do garoto que Volfram, que o observava, riu alegremente.

- Não tema! A mãe não vai castigá-lo por cumprir minhas ordens. Explicarei tudo a ela.

Raymond ficou vermelho ao ver que seus pensamentos foram captados. Em seguida, recuperou o bom humor.

Diversas vezes ele confessou ao pai como era tratado injustamente mal na ausência dele; mas contava isso, naturalmente, sob a condição de grande segredo para não atrair para si uma nova tempestade. A cada vez que isso acontecia, o pai não o traía e ainda o recompensava pela injustiça, levando-o consigo para caçar ou para a casa de algum de seus amigos, onde ele

encontrava garotos da mesma idade. Portanto, ele podia ficar tranqüilo; não importava o que lhe exigissem.

Quanto a Volfram, este ficou sombriamente pensativo. Foi tomado por um sentimento amargo, provocado pela própria vida conjugal. A surda e constante luta com a odiosa esposa e o mal que isso causava ao seu único filho levavam o Conde ao desespero. Então, seu caráter impetuoso o empurrava para diversas farras, aventuras amorosas e loucuras com que tentava calar o sofrimento e o vazio do coração. Por vezes, era dominado por um sombrio estado de espírito, durante o qual evitava as pessoas, trancava-se num pavilhão isolado do castelo ou caçava sozinho nos mais afastados recantos das montanhas.

Um hora mais tarde, eles finalmente chegaram ao mosteiro e foram conduzidos à sala dos visitantes. As paredes de carvalho entalhado e as cortinas escuras davam àquele cômodo uma impressão sombria. Raymond, que examinava tudo com curiosidade, vendo o pai tirar do bolso do camisolão uma pequena caixinha e colocá-la na mesa, achou que ele ia dar um presente à abadessa, mas não teve tempo de perguntar pois, naquele momento, entrou Vilfrida acompanhada de duas freiras que, respeitosamente, pararam junto à porta.

O Conde Volfram e a madre conheciam-se desde os tempos em que a linda Hildegarda reinava nos torneios e a promessa que a ligava desde a infância a Ervin Finsterbach provocava pena e ciúmes entre os mais nobres cavaleiros.

O primeiro encontro após tantos anos e, ainda por cima, em tal situação, emocionou a ambos. Lágrimas anuviaram os belos olhos azuis da abadessa quando o Conde beijou sua mão e entregou-lhe a carta do seu ex-noivo.

Após ler a correspondência, madre Vilfrida chamou uma das freiras e deu-lhe uma ordem. Em seguida, depois de confabular a meia voz, fez sinal para Raymond aproximar-se. Ele, então, fez uma reverência à abadessa, conforme o pai tinha ensinado, e ficou timidamente parado num canto. Mas a extraordinária bondade que iluminava o rosto da freira, fê-lo recuperar o autodomínio. Um sorriso malicioso passou pelos seus lábios rosados quando a madre Vilfrida observou:

- O seu filho é muito belo, senhor Volfram, mas... - ela sorriu - ele será menos perigoso que o senhor?!

O Conde riu, mas sua atenção foi chamada pela freira que chegava e trazia consigo uma garotinha de vestido branco. Aproximando-se rapidamente da menina, o Conde pegou-a nos braços e cobriu-a de beijos.

No início, ela se assustou; mas aquela primeira impressão passou logo. E, passando os bracinhos em volta do pescoço do Conde, a menina apertou com confiança sua aveludada face contra o rosto barbudo do seu novo amigo. Era uma criança encantadora, extraordinariamente delicada, com grandes olhos azuis e cabelos cheios e negros como a asa do corvo. O Conde olhou-a com admiração.

- Ela vai ser mais bonita que Paola e tem outro caráter; dá para ver isso nos seus olhos! Desculpe-me por ter lembrado disso acrescentou Volfram, dando-se conta a tempo do que tinha comentado.

- Já não tenho mágoa alguma da memória da esposa de Ervin - respondeu a abadessa. - Mas, Conde, o senhor tem razão! Nota-se personalidade nesta menina. Ela sabe o que quer e, às vezes, suas respostas são incríveis.

Raymond observava com curiosidade aquela cena. Sentia até ciúmes vendo o pai beijar carinhosamente a pequena desconhecida. Então, sua atenção foi distraída pela chegada de um velho padre acompanhado por uma freira, um escudeiro e um pajem.

- Aproxime-se, Raymond! - disse o Conde. Esta é a pequena Eliza, filha do meu amigo, o cavaleiro Finsterbach. Ela é sua noiva e viemos aqui para realizar o seu noivado.

O garoto ficou tão estarrecido com aquelas palavras que emudeceu, deixando-se levar, sem reagir, até um grande crucifixo pendurado na parede, perto do qual postou-se o padre.

Volfram colocou as duas crianças à frente e disse:

- Diante de Nosso Senhor Jesus Cristo e na presença do venerável padre Romualdo, da madre abadessa, da irmã tesoureira e de todos aqui presentes, estou realizando o noivado do meu filho Raymond Reifenstein com Elizabeth Finsterbach e assumo a obrigação de casá-los no prazo de seis semanas.

Durante esse discurso, as faces do garoto ficaram verme- lhas. Quando o pai quis colocar no dedo dele a aliança que tirou da caixinha, o menino recuou e escondeu rapidamente as mãos nas costas. O Conde cerrou o cenho e jogou sobre o filho um olhar que este jamais vira antes. Em seguida, pegou

a mão de Raymond, colocou-lhe no dedo a aliança e, entregando-lhe a outra aliança, acrescentou severamente:

- Coloque já esta aliança no dedo de sua noiva! Esta é a minha vontade, entendeu?!

Raymond, intimidado, colocou o anel no dedo de Eliza que olhava assustada para o garoto estranho que tinha o dobro do seu tamanho.

- Agora, beijem-se! - ordenou o Conde.

As crianças obedeceram sem contestar e o capelão abençoou-os. De repente, Eliza arrancou sua mão da mão de Raymond e jogou-se nos braços da abadessa, que olhava com tristeza para a cena.

- O principal foi feito - observou alegremente o Conde. Raymond e Eliza estão noivos. Daqui a seis semanas virei buscar a futura Condessa Reifenstein para levá-la oficialmente ao castelo. Agora, digníssima madre Vilfrida, eu ficaria muito agradecido se nos convidasse para uma refeição.

- O senhor é incorrigível, Volfram! - disse a abadessa, - sorrindo. - Mas, me acompanhem! A refeição já nos aguarda. Só peço desculpas por não ser tão requintada como gostaria de oferecer a um velho amigo.

Todos foram ao refeitório da abadia, onde os aguardava uma mesa farta, em volta da qual se acomodaram a madre Vilfrida, o padre, o Conde e as crianças. A conversa estava muito animada, pois Volfram tinha assuntos inesgotáveis sobre as novidades da Corte e das imediações. Seus relatos eram inteligentes e alegres e cativavam os ouvintes, com exceção de Eliza que, cansada, adormeceu antes do fim da refeição, e da babá, que teve de levá-la embora, enquanto Raymond, preocupado e amuado, esqueceu da comida envolvido com seus pensamentos pouco agradáveis.

O inesperado noivado com uma desconhecida, pequenina e feia em comparação com Greta, ofendeu-o e assustou-o. Ele se considerava quase um cavaleiro e para ele era vergonhoso ver que sua futura esposa adormecera à mesa e que precisava ser levada para a cama por uma babá. O que iria dizer sua mãe e, especialmente Greta, que se ofendia por qualquer palavra agradável que ele dirigia às suas pequenas amigas? Ele poderia abrandar a Condessa, alegando não poder desobedecer o pai; mas iria sofrer com a ex-noiva. Terminada a refeição, o Conde conversou mais um pouco com a abadessa, despediu-se e foi embora com o filho.

Sombrio e preocupado, Raymond seguia em silêncio ao lado do pai. O Conde, que observava o filho, e aparentemente divertia-se com sua

insatisfação, foi o primeiro a romper o silêncio:

- Então, meu garoto? Agora sabe para que fomos ao mosteiro Santa Brígida? Você está crescendo e é tempo de preparar o seu futuro.

A irritação interior de Raymond extravasou:

- Não ria de mim, pai! - exclamou ele, com voz intermitente. Não há nada engraçado em me fazer ficar noivo de uma menina pálida, magra e nojenta, que mal alcança o meu cotovelo. Eu não a quero! Greta é muito mais bonita. Com ela eu posso conversar e brincar. Mas, esta não entende nada e ainda precisa de babá...

As lágrimas impediram-no de continuar.

O Conde mordeu os bigodes e um sorriso irônico passou-lhe pelos lábios.

- Acalme-se, meu filho! Se sua noiva não lhe agrada agora, isso não quer dizer nada. Aos onze anos, você esquece um bom sanduíche de queijo pela linda Greta. Mas, espere até completar vinte anos! De bom grado você trocará cem sanduíches de queijo junto com Greta pela Eliza Finsterbach. Confie em mim e no meu gosto! Entretanto, agora 0 Conde colocou a mão no ombro do filho e olhou-o com decisão, você mesmo verá que não é nada desagradável ser o centro de uma brilhante solenidade. Vou mandar confeccionar para o casamento o camisolão prateado que você sempre quis. Não tenha medo da mãe se ela fizer barulho quando lhe contarmos a novidade, pois assumirei toda a culpa!

A perspectiva de ganhar um camisolão e, especialmente, as últimas palavras do Conde fizeram desaparecer como por encanto o desespero de Raymond. Seu rostinho infantil desanuviou-se e ele passou a inquirir o pai sobre os detalhes da solenidade em que iria desempenhar o papel principal.

Quando, no dia seguinte, nossos viajantes chegaram ao castelo, a Condessa, que aguardava-os com impaciência, recebeu-os no vestíbulo junto com o capelão e Greta.

O Conde beijou a esposa com a habitual fria amabilidade que caracterizava a relação entre eles. Em seguida, falou alto o suficiente para que pudesse ser ouvido pelos escudeiros, cavalariços e servos que reuniram-se para recepcionar o seu senhor.

- Voltamos muito bem e trazemos uma boa novidade: no mosteiro Santa Brígida eu realizei o noivado de nosso filho Raymond com a filha de meu amigo, o cavaleiro Finsterbach. Padre Gregório, não imagina como estou

feliz com essa brilhante e nobre união! Marquei o casamento para daqui a seis semanas. Por isso, resolvi dar uma grande festa para os nossos vassalos e os servos.

Ouvindo o marido, a Condessa foi ficando verde de raiva; seus lábios mexiam-se trêmulos, mas nenhum som escapava de sua garganta que estava bloqueada. Sua alta e forte figura cambaleou, quase perdendo o equilíbrio; a fúria praticamente a sufocava. Volfram ousara realizar o noivado de seu filho às suas costas e vejam com quem! Com a filha da detestável italiana, que virava a cabeça de todos os homens, e de Finsterbach que a Condessa também detestava.

- Anna, pegue minha mão e vamos para os meus aposentos! Precisamos discutir essa boa nova disse o Conde, - olhando sutilmente nos olhos enevoados da Condessa. A alegria que enche o seu coração de mãe, emocionou-a demais.

Sem conseguir retrucar àquela gozação, pois seu coração queria estourar sob o estreito corpete, a Condessa tomou o marido pelo braço e começou a subir com ele a escadaria que levava aos seus aposentos.

Raymond seguiu-os calado e cabisbaixo, mas Margarita, estupefata e vermelha, agarrou-o pela manga.

- Diga-me, o que seu pai falou? Ele pretende dar uma festa por ocasião do nosso casamento?

Raymond parou na plataforma e, afastando a mão da ex-noiva, respondeu com a solenidade condizente com o momento:

- Antes de mais nada, não rasgue a manga da minha camisa! É certo que o meu casamento será festejado, mas não com você. Por acaso, não ouviu que fiquei noivo de Elizabeth Finsterbach? Veja, aqui está a aliança!

Com essas palavras, ele colocou diante do nariz de Greta a mão na qual brilhava o anel com uma esmeralda.

- Ah! Que belo anel! - exclamou ela, mas quase imediatamente dando-se conta da situação, prosseguiu: - Como? Você realmente ousou ficar noivo da filha do cavaleiro Finsterbach, apesar do nosso acordo?

- Naturalmente que sim! Será que não notou como a mãe ficou brava quando soube que eu e o pai decidimos isso? O meu noivado com Eliza foi abençoado pelo capelão do mosteiro. Meu pai vai mandar fazer para mim um camisolão prateado para o casamento. Mas você também pode enfeitar-se e saborear os deliciosos pratos que vão preparar para esse dia.

Mas Greta já não ouvia as zombarias. A perspectiva de desempenhar um papel secundário na solenidade em que ela achava que tinha o direito de ocupar o primeiro lugar excitou a sua indignação.

- Ah! Seu traidor maldoso! - gritou ela, caindo sobre Raymond e dando-lhe uma sonora bofetada, seguida por um soco.

Aquela inesperada ofensa à sua dignidade masculina, o garoto respondeu não menos energicamente e agarrou Greta pelas grossas tranças. Choveram palavrões e a briga, provavelmente, não terminaria tão rápido não fosse a interferência da criada da Condessa e do velho escudeiro, que vigiava Raymond e separou as crianças.

Enquanto aconteciam os agitados entendimentos entre os ex-noivos, o Conde levou a esposa ao seu gabinete de trabalho, um quarto comprido e de teto abobadado, enfeitado com armas caras; as altas e estreitas janelas estavam totalmente abertas naquela hora. Volfram jogou-se na poltrona de espaldar alto, que estava perto da janela e da mesa, e convidou a Condessa a sentar-se. Mas esta já não conseguia conter-se e a ira que a sufocava finalmente transbordou. Empurrando a cadeira, ela exclamou com voz entrecortada:

- Com que direito ousou realizar o noivado de meu filho com a filha daquela aventureira italiana e ainda fê-lo nas minhas costas? Ou imagina que vou concordar com isso? Nunca! Eu me jogarei entre o altar e o meu filho e impedirei esse odioso casamento. A felicidade de meu filho e o seu futuro me pertencem. Sua esposa será Margarita! Conseguirei defender a minha dignidade materna, que você reprime, zombando abertamente de mim diante dos criados.

Encostando-se na mesa e olhando para o panorama das redondezas que se via da janela, o Conde ouviu indiferente a explosão da Condessa. As últimas palavras dela fizeram-no voltar-se e observar friamente:

- Você fala de seu filho como se eu não tivesse participação alguma nisso. Você não só esquece que os meus direitos sobre ele superam os seus, mas ainda ousa chamar de aventureira uma mulher de família nobre, esposa de meu melhor amigo. Você a odeia como odeia tudo que é jovem, vivo e belo. Eu, naturalmente, não pretendo alterar seus gostos, mas proíbo-lhe de interferir em minhas decisões. Conheço bem o seu método de arrumar a felicidade do filho: você o tiraniza sorrateiramente e o coloca contra mim. Deixei por tempo demais o herdeiro do meu nome sob a sua influência

maléfica! Não esqueça, entretanto, que minha paciência tem limites. O casamento de Raymond com Eliza está definitivamente decidido e se você ousar contrariar a minha vontade ou demonstrar a sua raiva na festa de casamento vai lamentar amargamente por isso!

A Condessa sofreu um ataque de nervos e caiu sem forças na poltrona. Mas, como isso não provocou reação alguma em Volfram, ela ergueu-se de supetão e começou a andar pelo quarto como um tigre na jaula, cobrindo o marido de palavrões, maldições e ameaças.

O Conde ficou ouvindo-a por um certo tempo sem nada responder. Mas percebia-se sua emoção interior pelo enrolar nervoso da barba. De repente, um rubor escuro cobriu o rosto do Conde. Ele pulou da cadeira e deu um soco na mesa.

- Cale-se, mulher imprestável! Pare de me torturar. Para mim, chega desse inferno! Se o casamento de nosso filho lhe é tão odioso, então vou festejá-lo sem você. Amanhã mesmo partirei com Raymond e vou viver com as duas crianças em outra propriedade minha. Você nunca mais vai nos ver. Depois, pode ficar se lamentando por ter-me afugentado com sua raiva. Para mim, essa separação será uma libertação.

O Conde voltou as costas para a esposa e, respirando pesadamente, apoiou-se na mesa.

A Condessa Anna estancou no lugar e seu rosto vermelho empalideceu imediatamente. O olhar fixo no marido denotava raiva, temor e paixão. Ela, então, percebeu instintivamente que ultrapassara os limites e que o Conde poderia realmente aproveitar aquela oportunidade para livrar-se dela.

A idéia de perder para sempre o homem que endeusava com insistente e selvagem paixão e a quem amava à sua maneira fez a Condessa cair no outro extremo. Correndo para o marido, caiu de joelhos e agarrou-o pela mão.

- Perdoe-me Volfram! Fique aqui! - implorava ela. - Eu morrerei se me abandonar e se levar o meu filho. Veja como estou sofrendo! Será que a minha infelicidade ainda não é suficiente? Será que você não dilacerou o meu coração com sua indiferença e frieza?

O inesperado contato da Condessa fez Volfram estremecer e tentar libertar a mão, mas ele era tão bom e magnânimo que a repreensão de Anna mexeu com sua consciência. Na verdade, ele era sempre severo e frio com a esposa que lhe causava repulsa. Talvez ela pudesse ser bem diferente se ele tentasse despertar os bons sentimentos ocultos na alma dela.

Voltando-se para a Condessa, que continuava de joelhos e coberta de lágrimas, ele disse com voz cansada:

- Anna, levante-se e vamos acabar com essa discussão. Só depende de você a minha permanência aqui. Você deve adaptar-se às minhas decisões. Dei minha palavra a Ervin. O casamento está definitivamente decidido e não se fala mais nisso! Pare de chorar - acrescentou ele, forçando um sorriso. - Não quis ser cruel, mas você me fez sair do sério. Agora, basta! Vamos fazer as pazes e discutir serenamente o casamento do nosso filho.

- Está bem, está bem! Tudo o que você quiser, só não me abandone! - balbuciou a Condessa, abraçando o marido e apertando-o contra o seu peito.

Volfram não ofereceu resistência. Apenas seus lábios tremiam nervosamente, pois os braços que o envolviam pareciam correntes de ferro sufocando-o e impedindo o seu caminho para a liberdade e para o Sol.

Ele havia-se casado com a jovem viúva Anna, à qual já naquele tempo era completamente indiferente, submetendo-se à tirânica vontade de seu pai. Por seu caráter despreocupado, concordou com o casamento sem imaginar as conseqüências de tal obrigação. Quanto a Anna, esta aceitou o casamento duplamente feliz, pois a morte a tinha livrado do marido velho e, quase imediatamente, ela conseguira um outro jovem esposo, na pessoa do atraente Conde Reifenstein, que adorava desde o momento em que o conhecera num torneio.

Forçando a própria natureza, Volfram inclinou-se para a esposa e encostou levemente os lábios em sua testa. Em seguida, afastando-a, disse com voz surda:

- Acalme-se Anna! Tente evitar essas cenas agitadas, que me obrigam a dizer-lhe coisas desagradáveis. Quanto ao casamento do nosso filho, este foi-me incutido pelas circuns- tâncias. Ervin, que entrou na Ordem dos Templários, está deixando o país e entregou aos meus cuidados sua filha como a melhor prova de sua amizade. Ele não podia deixar a menina com Ortruda. Você a conhece e, apesar das boas relações entre vocês, você mesma condena o modo de vida dela. Unindo os nossos filhos, eu tranquilizo Ervin e garanto da melhor forma o futuro de Eliza e de nosso Raymond. Fique certa que essa escolha nos trará felicidade, pois a pequenina é lindíssima e, com o tempo, tornar-se-á uma mulher tão inteligente e encantadora quanto sua mãe. Sei que você não gostava de Paola, mesmo que não tivesse motivo para isso. Mas, não pode ter ciúmes de alguém falecido.

Além disso, ela foi esposa de Finsterbach e, para mim, isso é suficiente. Jamais qualquer sentimento criminoso anuviou a amizade dele para comigo. Bem, agora que lhe expliquei o que me motivou a tomar tal decisão, espero que desista de seus preconceitos e seja uma verdadeira mãe para a pequenina Eliza. Daqui a seis semanas vamos realizar oficialmente o casamento deles. E não vamos mais voltar a ter cenas como a que tivemos aqui.

A Condessa nada respondeu. Agarrando a cabeça do marido, ela beijou-o impetuosamente e depois saiu do quarto quase correndo.

Ficando só, Volfram jogou-se na poltrona e apertou a cabeça com as mãos.

- Ai! Faz doze anos que se prolonga esse inferno sem qualquer esperança de mudança! - murmurou com desespero. - O destino foi bom para ela, livrando-a do velho Barão, mas comigo não teve misericórdia. Se eu estiver condenado a arrastar até o fim dos meus dias essa esposa malamada, então é melhor atirar-me dessa janela!

Imerso nos próprios pensamentos sombrios, ele não notou quando a pequena porta lateral se abriu e nela apareceu o seu cavalariço predileto, que olhou para o Conde com indescritível sensibilidade e pena. Ele era um homem alto e forte de uns quarenta anos; seu rosto agradável transpirava bondade e inteligência. Chamava-se Lucien, filho do velho guarda florestal. O falecido Conde Reifenstein admitiu-o como servo de seu filho Volfram, que na época tinha uns dez anos. Desde então, eles nunca mais se separaram.

Lucien adorava o seu senhor; era-lhe fiel como um cão, compartilhava com ele os gostos e até a antipatia pela Condessa. Ele servia ao Conde com fidelidade comprovada tanto na guerra quanto nas aventuras amorosas. Apenas um acidental deslocamento do pé impediu-o de acompanhar Volfram ao mosteiro e à casa do Barão Vart.

O leve ruído chamou a atenção do Conde. Volfram levantou a cabeça e, reconhecendo o seu fiel servo, sorriu e estendeu-lhe a mão.

- É você, meu amigo? E então? Como vai o pé doente? - perguntou ele.

- Ah! Esse maldito pé! Acabei de saber que ele impediu-me de participar do noivado do senhor Raymond. Agora, entretanto, estou completamente curado e feliz em poder acompanhá-lo nas caçadas nas montanhas, onde o ar é tão limpo e onde pode-se esquecer de tudo perseguindo a caça.

Volfram olhou fixamente para ele, espantado com a entonação especial daquelas palavras. Mas, quando encontrou o olhar malicioso e inteligente do cavalariço, seu rosto iluminou-se num sorriso. Então levantou-se, bateu no ombro de Lucien e disse alegremente:

- Você está certo, meu fiel amigo! Uma caçada só vai me fazer bem e desanuviar a tristeza que se apodera de mim nesta pesada e sufocante atmosfera do castelo. Prepare tudo e vamos partir ao amanhecer.

À noite, durante o jantar, o Conde informou à esposa que no dia seguinte iria se ausentar por alguns dias para caçar nas montanhas.

Ao saber da inesperada partida, a Condessa Anna ficou taciturna, mas em função da recente cena, absteve-se de quaisquer repreensões. Ela sentia um grande ódio por aquelas distantes e prolongadas caçadas, que sempre pareceram-lhe suspeitas, mas cujo segredo jamais descobriu, pois não conseguia arrancar nada do miserável Lucien.

Capitulo 3

Os primeiros raios do Sol mal iluminaram o horizonte quando Volfram montou no cavalo e deixou o castelo a galope acompanhado por Lucien. À medida que se distanciavam de casa, seu rosto desanuviava e alegrava-se. No dia seguinte, com a chegada da noite, eles penetraram numa densa floresta. Volfram respirou a pleno peito e esporou impacientemente a montaria cansada.

Um hora mais tarde, os dois cavaleiros deixaram a sombra de altas árvores e por instantes pararam, admirando a surpreendente vista iluminada pela luz azul-prateada e amena da lua. Diante deles descortinava-se um grande lago, cercado por altas colinas cobertas por densa vegetação; e um vento fresco e aromático batia-lhes no rosto. Numa pequena ilhota havia um prédio branco e convidativo, que parecia tanto um castelo quanto uma vila italiana. Junto à torre quadrangular, recoberta pelo verde-escuro da hera, havia uma edificação com um terraço aberto, do qual descia uma escadaria até a beira d'água, enfeitada ao pé por dois leões de pedra. O silêncio e a paz reinavam naquele recanto encantador.

- Não estamos sendo esperados disse Volfram. Então, pegou o corno de caça [7] e soprou um sinal.

Alguns minutos depois, de trás da ilha apareceu um barco que seguiu na direção dos recém-chegados.

- É Ludovico! - disse o cavaleiro, apeando do cavalo e passando a rédea ao cavalariço. Lucien, você terá de aguardar um pouco.

O remador era um homem de meia-idade, mas ainda forte, do tipo puramente italiano. Ele saudou o cavaleiro, acenando-lhe com sua boina vermelha. Sem parar de remar na direção do terraço, ele respondia alegremente às impacientes perguntas de Volfram.

- Sim, sim senhor! A senhora Giovanna está bem. A tristeza e a saudade dela irão desaparecer assim que o senhor chegar. Lá está ela! - acrescentou ele, apontando para a mulher que apareceu na escadaria do terraço.

Era uma mulher jovem, alta e elegante, de feições clás- sicas perfeitas, olhos escuros graúdos e brilhantes e magníficos cabelos dourados, imortalizados por Ticiano[8].

Linda como um sonho em seu vestido de brocado azul-claro e num pequeno chapéu bordado com pérolas, ela ficou parada no último degrau da escadaria, acenando com o veu e saudando o cavaleiro com um sorriso. O impaciente Volfram, num ousado salto, venceu a distância que separava o barco da beira e calou com um beijo o grito de terror que escapou da jovem mulher.

- Seu descuidado! Você poderia ter caído na água.

- E daí? Seria impossível cair na água antes de abraçá-la! Sua imagem me dá asas - respondeu o Conde, sorrindo. Em seguida, abraçou-a pela cintura e eles subiram rapi- damente para o terraço.

No fundo do terraço, na sombra benfazeja de arbustos e árvores, havia um banco onde eles se sentaram. Giovanna tirou a touca da cabeça do Conde, levantou com seus dedos finos as mechas negras da testa dele e disse, olhando-o com amor:

- Você sofreu, meu querido! Estou vendo uma ruga que, mais do que palavras, me diz que você foi torturado lá, onde está acorrentado pela lei e pelo dever, mas não pelo coração.

Volfram suspirou.

- Eu sempre sofro longe de você, Giovanna, e a idéia de não poder chamá-la de minha diante do mundo inteiro já me custou muitas noites em claro. Oh! Existem momentos em que odeio mortalmente aquela maldosa criatura que ocupa o seu lugar.

A jovem mulher, apertou-lhe a mão.

- Afaste esses pensamentos ruins! - disse ela com um sorriso. - Enquanto estiver comigo proíbo-o de pensar naquela mulher. Não a invejo nem um pouco por portar o seu nome e o seu título nobre; quero somente possuir com exclusividade o seu coração que me pertence, não é verdade?

- Você é o meu anjo bom!

- Naturalmente! Agora vou tirar essa ruga horrível com um beijo. Não quero que envelheça e cubra-se de rugas, meu Volfram. Tudo em você me

agrada, exceto esse seu nome bárbaro. Mas, não gostaria de beber algo?

- Um cálice de vinho servido por essas lindas e brancas mãozinhas não seria nada mal! Mas, antes gostaria de tirar o pó da viagem para não parecer bárbaro tanto no nome quanto na aparência.

A jovem mulher sorriu. Em seguida, o cavaleiro foi para os seus aposentos, enquanto Giovanna dirigia-se a um pequeno refeitório, cuja decoração era um misto do luxo italiano com a simplicidade européia do século XIII. Assim, sobre um velho bufê de carvalho negro maciço brilhava a prataria no estilo antigo junto com cristais venezianos, alegria dos antiquários daquela época. A mobília dos outros cômodos também acompanhavam aquela estranha mistura de estilos.

Por ordem da anfitriã, uma velha serva começou a pre- parar rapidamente a mesa para o jantar, que logo estava cheia de pratos e jarros de vinho velho. A própria Giovanna colocou um buquê de flores no vaso de cristal.

Giovanna Faleri era filha de um rico comerciante veneziano falecido há alguns anos. De toda a numerosa descendência de Giovanni Batista só restaram Fúlvio, o filho mais velho, e a caçula Giovanna, cujo nascimento custou a vida da mãe. O velho mimava e idolatrava a caçula e, em seu leito de morte, deixou-lhe, além da herança da mãe, uma grande fortuna, que a premiaria com sua independência.

Fúlvio estava ausente quando Giovanni Faleri faleceu: ele tinha viajado para Levant[9] a negócios. Até o seu retorno, a irmã ficou na casa de sua amiga Paola, casada com o cavaleiro Finsterbach. Volfram, ao visitar o amigo Ervin e o mestre e tutor Barão Vart, conheceu os irmãos Fúlvio e Giovanna.

O Conde Reifenstein ficou ofuscado pela incomparável beleza da jovem veneziana que, na época, tinha apenas quinze anos. A impressão que ele próprio causou na moça não foi menor. Giovanna sabia que Volfram era casado. Ele próprio tinha consciência de que era comprometido e tentou lutar contra aquela paixão que o dominava. Foi até embora de Veneza. Mas, tal intenção pareceu promessa de bêbado, isto é, não resultou em nada. Depois de alguns meses, vencido e cego pela paixão, Volfram retornou a Veneza e o seu primeiro encontro com Giovanna decidiu o destino de ambos.

Apesar do orgulho indômito, a fogosa italiana estava tão apaixonada que decidiu fugir com o seu amado e instalar-se em algum lugar perto dele

para conseguir vê-lo sem provocar suspeitas. Essa decisão encontrou oposição da parte de duas pessoas mais íntimas de Giovanna: um delesera o seu tio Conrad Vart, que disse que ela pecava duplamente ao aceitar o amor de um homem casado e atrapalhar a sua vida conjugal debaixo do nariz da esposa. O irmão, que na época havia retornado da viagem, ficou indignado pela desonra da irmã e só a interferência de Conrad impediu seu duelo com Volfram. Fulvio Faleri tinha, na época, vinte e cinco anos. Ele era severo, frio e indiferente às mulheres que atraía por sua rara beleza e que repelia com sua fria discrição. Desde criança demonstrou grande interes- se pelos estudos do tio e entregava-se a estes com dedicação. Em sua última viagem trouxe consigo um velho indiano, possuidor de extraordinários conhecimentos. A companhia e as lições daquele homem absorveram-no tanto que ele, no início, não notou o que se passava com a irmã. Mas, a inten- ção dela de partir, acabou despertando-o. Houve uma cena agitada, durante a qual Fúlvio criticou severamente a irmã pela vergonha com que ela cobria o nome deles. Até declarou que se ela deixasse a casa paterna para tornar-se publicamente a amante do Conde Reifenstein, ele a renegaria para sempre. Mas, Giovanna era daquele tipo de pessoa que qualquer oposição tornava-a ainda mais inabalável.

- Você me condena porque o seu coração está morto e não ama ninguém nem coisa alguma - respondeu ela ao irmão com desprezo.

Fiel à própria decisão, ela foi embora e instalou-se no pequeno castelo perto do lago onde a encontramos.

Já fazia três anos que Giovanna vivia naquele retiro, sem ver nem receber ninguém, satisfeita com a felicidade de Volfram que ia descansar de suas agruras conjugais no recanto encantado, ao qual até aquele momento tinha escapado da vigilância da Condessa Anna.

A feliz jovem anfitriã estava terminando os preparativos para o jantar quando Volfram entrou no refeitório. Ele trocara o seu habitual traje preto por um luxuoso camisolão violeta de corte italiano. Seu rosto também transformara-se.

Não havia nem sinal daquela sombria concentração e fria ironia que transpirava no castelo Reifenstein. Ali ele estava feliz, despreocupado, amável e amoroso.

Seus olhos negros refulgiam e o sorriso encantador que subjugava os corações das mulheres não abandonava seus lábios.

- Volfram, você foi uma alegria inesperada! Não imaginava vê-lo senão daqui a três semanas observou Giovanna, servindo-lhe o vinho.

- Oh! Tenho uma novidade para lhe contar. Logo vou casar o meu filho. Vamos beber à sua saúde, Giovanna, e à saúde do futuro casal acrescentou ele rindo e esvaziando o cálice.

Notando a surpresa dela, Volfram contou-lhe tudo o que tinha acontecido.

- Pobre Paola! Ela ficaria muito contente com essa união. Mas, diga-me, a Condessa ficou satisfeita com o casamento? Lembro-me ter ouvido falar que ela não gostava da minha falecida amiga.

- Pouco me importam os caprichos da Condessa Anna. Ela deve obedecer-me e só - disse o Conde, e sua voz soou num tom severo e de desprezo. - Sua influência sobre o garoto é ruim. Ela ou o bajula e o mima demais ou o tiraniza e o trata mal, descontando nele sua própria insatisfação conjugal. Tal educação já transformou Raymond em teimoso e reservado. Pelo menos, salvei-o de uma desgraça: livrei-o da esposa que a mãe estava-lhe preparando. A pequena Greta, com o tempo, será o fiel retrato da Condessa. Ela é má, lasciva e mentirosa e desde já consegue com grande habilidade adaptar-se aos gostos de Anna. Mas, chega de falar disso! Querida, não gostaria de dar um passeio no lago? A tarde está linda!

Mas Giovanna estava muito interessada no que ele dissera e não parou de inquiri-lo sobre o casamento planejado.

- Deus queira que as crianças sejam felizes e que percebam, com o tempo, a graça que lhes é concedida pelo Senhor por poderem pertencer um ao outro sem ter de se envergonharem.

- Esperemos que sim! Naturalmente que o futuro é incerto, mas acho que agi bem e livrei Raymond de uma desgraça parecida com a minha, ou seja, um casamento com uma mulher que ele não poderia amar por muito tempo.

Uma hora mais tarde, eles sentaram-se num barco e passearam por longo tempo pelo lago.

Caiu a noite, linda e perfumada. A lua cheia iluminava tudo como se fosse dia; as estrelas enormes e luminosas destacavam-se no negror do céu e tremiam no reflexo da tranqüila superfície do lago. Em volta, pretejavam os contornos de lindas montanhas e dos bosques. Giovanna levou consigo o alaúde e com sua voz limpa e poderosa cantou canções de sua terra.

Embevecidos pela felicidade, o casal nem suspeitou que, ao passar perto da margem, dois olhos brilhantes seguiam-nos com ávida curiosidade e que ocultaram-se assim que eles atracaram o barco na escadaria de pedra.

Aqueles olhos curiosos pertenciam a uma pequena e curvada criatura, que por várias horas ficou sentada por trás dos arbustos, vigiando tudo o que acontecia na vila.

Quando Volfram e Giovanna desembarcaram, o anão abandonou o seu esconderijo e correu pela trilha até o local onde tinha amarrado o cavalo. Agarrando-o pela crina, subiu na sela como um gato e seguiu sorrateiramente em frente, logo desaparecendo na densa vegetação.

Quatro dias depois, a Condessa Reifenstein encontrava-se, à noite, em seu oratório após ter tido uma longa conversa com seu capelão. Ela estava sentada, revirando inconscientemente as contas do rosário, mas seus pensamentos estavam distante. De repente, jogou longe o rosário e, apertando as mãos ao peito, murmurou surdamente:

- Esse mistério está me matando! Onde será que ele anda com a desculpa de caçar? Deve estar caçando alguma saia! Meu coração não me engana. O miserável Lucien é seu comparsa e dele nada vou conseguir saber, enquanto que Khinko já os vigia há mais de um ano e não consegue descobrir por onde anda o Conde. Será incompetência dele ou traição?

Muito agitada, a Condessa saiu do oratório e começou a andar impacientemente pelo dormitório. Naquele instante, apareceu a criada na porta.

- Khinko chegou - disse ela timidamente e insistiu tanto em ver a senhora, que não ousei dispensá-lo.

A Condessa franziu o cenho, pensou um minuto e depois falou:

- A hora é bem imprópria! Mas, que seja! Deixe-o entrar.

Instantes depois, o anão entrou e beijou a ponta do vestido da Condessa. Após fazer uma profunda reverência, ele sussurrou:

- Eu achei o que a senhora me ordenou.

Anna estremeceu.

- Acompanhe-me ao oratório! - disse ela animadamente. Agora, fale! Você sabe onde está o Conde? - acrescentou cla, baixando cuidadosamente o cortinado.

- O meu santo padroeiro me ajudou nessa descoberta começou a contar o anão, cintilando os olhos. - Uns dias atrás, fui visitar uma de minhas

parentes que se casou com um estalajadeiro, cuja casa fica a umas vinte lios[10] daqui. Estava lá conversando com Gerda, quando de repente ouvi da entrada da estalagem a voz do nosso amo, que chegou pedindo um pouco d'água. Corri pela porta traseira e subi no sótão. Fiquei observando de lá e vi que era realmente o Conde acompanhado somente de Lucien. Quando eles foram embora, peguei um cavalo do estalajadeiro Jacó e segui-os de longe. Por várias vezes perdi o seu rastro, pois o Conde cavalgava muito rápido. Mas, Deus me ajudou. Depois de passar por uma densa floresta, saímos finalmente num grande lago que nunca tinha visto antes. No meio do lago, numa grande ilha, tinha um pequeno castelo. Não sei como o Conde conseguiu chegar lá, mas quando me aproximei, Lucien, junto com os dois cavalos, já estava atravessando-o de balsa. Eu, naturalmente, me escondi nos arbustos e decidi ficar sentado nem que fosse por dois dias para ver quem morava naquele palácio. Mas, não foi preciso esperar tanto para ver o Conde passear de barco pelo lago com uma dama...

A Condessa deixou escapar um grito contido.

- Você viu a mulher? Que aparência tem? Ouviu alguma coisa que falavam? - perguntou ela com voz roufenha.

- Oh! Vi tudo perfeitamente, pois o barco passou a dois passos do meu esconderijo e a lua iluminava tudo. Não consegui entender o que diziam, pois conversavam num idioma que desconheço, mas era evidente que de amor. A dama era jovem e linda como uma fada. Era loira e parecia muito rica, pois o seu traje e o enfeite que usava na cabeça eram inteiramente bordados a ouro. Quando ela começou a cantar, parecia que eu estava ouvindo o canto dos anjos. Até o Conde a olhava como se ela fosse a Virgem Maria.

Anna jogou-se no espaldar da poltrona e fechou os olhos, sufocada pela ira e pelo ciúme. Por fim, refazendo-se com dificuldade, tirou uma moeda de ouro e jogou-a para o anão.

- Obrigada, Khinko! Minha gratidão não se limitará a isso. Amanhã mesmo vou mandar uma vaquinha para a sua velha mãe para que ela possa tomar leite e melhore. Você consegue encontrar novamente aquele castelo?

- Mas, é claro! Sempre que quiser, minha benfeitora, respondeu o anão, fora de si de tanta alegria e entusiasmo.

A Condessa passou uma noite agitada. A consciência da própria impotência e o louco ciúme tiravam-lhe a razão. Os dias passavam e o

Conde não retornava. Então, Anna decidiu preparar Raymond para que se opusesse à vontade do pai e ao casamento que agora era-lhe ainda mais odioso.

Toda vez que encontrava o filho, a Condessa Anna começava a chorar e a chamá-lo de "pobre menino". Com seus suspiros, olhares tristes e misteriosas indiretas assustou tanto Raymond que a idéia do casamento com Eliza provocava nele um terror supersticioso por trazer-lhe evidente desgraça.

Em tal estado de espírito, o garoto deixou-se convencer da necessidade de rebelar-se abertamente e declarar no altar, diante dos convidados, que não queria se casar com a filha de uma aventureira. Anna sabia que tal escândalo, mesmo que não impedisse o casamento, iria irritar bastante Volfram.

Para manter em Raymond a motivação favorável a ela, a Condessa cobriu-o de presentes e prometeu-lhe muito mais. Preparado assim pela mãe e por Greta, seduzido com presentes e adulações, o pequeno Conde jurou que não se casaria.

Daquela vez, Volfram ficou ausente mais tempo do que o habitual. Quando, finalmente, voltou para casa, manteve-se tão entretido com os preparativos para a solenidade que não prestou atenção alguma à surda irritação da esposa nem à silenciosa insatisfação do filho.

Na véspera do casamento, o Conde trouxe do mosteiro a pequena noiva. Eliza ficou completamente intimidada diante da mulher alta, severa e fria, que mal tocou os lábios em sua testa. Raymond teimava em ficar calado, enquanto Greta lançava olhares maldosos para a menina. No início, Eliza procurou proteção nos braços do Conde e depois passou a esconder-se por trás da babá, que levou-a para dormir, alegando que a criança estava cansada da viagem.

No dia seguinte, desde de manhã, o castelo encheu-se com uma multidão ruidosa e enfeitada. Todos os cavaleiros das redondezas compareceram com suas esposas e foram recebidos pelos proprietários do castelo na escadaria de honra. Algumas moças de famílias nobres quiseram vestir pessoalmente a noiva. A beleza e a docilidade da pequenina que deixava-se enfeitar como uma boneca, encantou-as. Realmente, Eliza parecia uma boneca em seu vestido de brocado prateado, com uma longa cauda que seria levada por um pajem, com seu cinto enfeitado de pedras preciosas e

longos cabelos negros ornamentados com uma pequena coroa heráldica, da qual descia um véu prateado.

Margarita também enfeitou-se, trajando um vestido azul-claro com listras douradas e uma guirlanda de flores nos cabelos louros soltos. Mas seu rosto estava sombrio como uma nuvem de tempestade, os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar. Os olhares que lançava para Eliza, a indigna rival que roubara sua felicidade, não prenunciavam nada de bom. Somente Raymond, o herói do dia, não prestava atenção alguma à solenidade. O noivo continuou deitado apesar do constante som de cornos anunciando a chegada de novos convidados e do barulho que levantou-se com a chegada do bispo que foi abençoar o enlace. Estirado sobre as almofadas e olhando teimosamente para a parede, ele respondia a todos os argumentos do velho escudeiro Ekgardt e do pajem que devia vesti-lo:

- Estou lhe dizendo, Ekgardt, não quero me casar e não vou à igreja. Você parece que não entende? Você, graças a Deus, é inteligente! Então, me deixe em paz!

Debalde, o velho servo tentava convencê-lo de que o Conde iria se zangar e que estava na hora de se vestir. Infrutíferas foram as tentativas de atrair o garoto com o belo camisolão e a pequena espada com punho enfeitado de pedras preciosas. Raymond permanecia surdo e teimoso. Aproximava-se o momento decisivo. Apesar de tudo, o menino receava fazer escândalo na igreja diante do bispo e dos convidados, mas queria cumprir a palavra dada e ganhar a **armadura de Damasco** [11] que a mãe lhe prometera. Por isso, tentava manter-se firme e até inventou um compromisso que, em sua imaginação infantil, considerava como a melhor saída daquela difícil situação. Decidiu, então, ficar deitado na cama e não ir à igreja. Assim, o casamento não poderia se realizar, nem que o bispo fosse tentar convencê-lo.

Cansado das tentativas de vencer a teimosia de Raymond e temendo perder tempo com conversas inúteis, Ekgardt correu para o grande salão, pediu ao pajem para chamar o Conde e, quando este chegou, contou-lhe a meia voz o que estava acontecendo.

Um rubor escuro cobriu a face de Volfram e ele jogou um olhar irado sobre a Condessa Anna que conversava com o bispo. Ela não perdia o marido de vista e quando os olha-res dos dois se cruzaram um sorriso maldoso e irônico passou pelos seus lábios.

- Ekgardt, vá e me traga logo algumas varas de marmelo - ordenou o cavaleiro, saindo rapidamente da sala.

Vendo que o escudeiro vacilou, ele cerrou o cenho e acrescentou imperiosamente:

- Você me ouviu? Não gosto de repetir ordens. Vou tirar o senhor Raymond da cama e mostrar-lhe o que acontece com quem inventa histórias e desobedece as minhas ordens.

Junto à porta do quarto do filho, o Conde parou aguar- dando Ekgardt que já aparecia no fim do corredor escondendo sob a capa um grosso feixe de varas de marmelo.

- Condessa Anna, por suas intrigas, seu filho vai pagar com as costas - resmungou Volfram, escancarando a porta. Lá estavam o pajem e um outro servo tentando convencer o pequeno Conde a obedecer.

Volfram ordenou que ambos saíssem e aproximou-se da cama. Raymond, mimado pelo pai que sempre o tratara com condescendência, nem suspeitava do perigo do momento e, ao ver o Conde aproximar-se, fechou os olhos com ar de enfado.

- Moleque imprestável! Como ousa desobedecer-me e ficar estirado aqui na cama, quando os convidados já estão reunidos e a noiva vestida! Levante-se já e vista-se! Está me ouvindo?... Não vim aqui para brincar.

- Não quero me casar com Eliza!... Eu quero Greta! - respondeu Raymond com teimosia, cobrindo o rosto com o travesseiro.

- Vou-lhe ensinar a querer aquilo que eu quero e não o que lhe ensina a sua digníssima mamãe disse Volfram, - vermelho de raiva.

Antes que Raymond pudesse mesmo imaginar o que ia acontecer, pois jamais vira medidas punitivas da parte do pai, o Conde agarrou-o pelo cangote e levantou-o da cama como a um cachorrinho. Em seguida, aconteceu aquilo que definitivamente convenceu o noivo reticente, que se debatia com altos gritos nas mãos do pai. Mas qualquer reação era inútil nas mãos de ferro de Volfram. As chibatadas caíam uma atrás da outra. Volfram, furioso, não sentia pena e queria provar ao filho de uma vez por todas que ele tinha de pagar com as costas as bondosas instruções da mãe.

- Então? Agora você vai para a igreja, sem teimosia? - perguntou o Conde, encerrando o castigo.

- Sim, sim! - gemeu Raymond em lágrimas.

- Neste caso, então, vista-se! O Conde largou-o e sentou-se na cadeira, colocando as mãos no colo.

Ekgardt, num instante vestiu o noivo que não parava de soluçar e não se sentia nada bem, mesmo em seu novo traje.

- Se você repetir esta cena durante a cerimônia, vou castigá-lo ainda mais dolorosamente diante de todos. Ekgardt levará as varas de marmelo para a igreja e vai deixá-las à mão. Eu posso expulsá-lo do castelo, pois não quero ter um filho desobediente disse o Conde levantando-se.

- Agora, pare de gritar! - prosseguiu Volfram, batendo o pé. - Não tem vergonha de chorar como uma velha caduca por causa de algumas chibatadas? E ainda quer ser um cavaleiro!

Raymond já não tinha nenhuma dúvida de que o pai cumpriria a ameaça. Então, reprimiu energicamente o choro, lavou com água fria o rosto vermelho e, dez minutos depois, apareceu no salão junto com o pai que o apresentou aos convidados.

O bispo foi para a capela. Obedientemente, mas sem lançar qualquer olhar para a noiva, Raymond pegou-a pela mão e a procissão foi em frente. Todos admiravam a beleza das crianças e previam que, com o tempo, aquele seria um lindo casal.

Os elogios alcançaram os ouvidos de Raymond, mas não convenceram o seu amor-próprio. A vergonha, a raiva e a dor torturavam-no, incutindo-lhe quase repulsa à inocente criatura, a causa involuntária de suas desgraças. Nunca, talvez, um noivo ajoelhara-se no altar com sentimentos tão conturbados!

Em compensação, Eliza estava deslumbrada, sem suspeitar e nem entender a tempestade que involuntariamente provocara. Como futura mulher, estava feliz em seu traje de gala. Além disso, tudo lhe agradava: a multidão de convidados sorridentes, o canto na igreja, o luxuoso paramento do bispo, o seu pequeno noivo com uma corrente de ouro no pescoço e uma espada, cuja empunhadura faiscava com pedras preciosas.

Felizmente, para o bom desfecho da sagrada cerimônia, o coração infantil de Eliza ainda dormitava e não percebia a humilhante e hostil indiferença de seu noivo. Ela apenas surpreendia-se com o fato de que naquele momento feliz seu pequeno coleguinha de solenidade tinha um ar tão amuado. Inclinando-se para a frente, a garotinha olhou com curiosidade e inocência nos olhos sombrios de Raymond. Este, no início, olhou surpreso

para o rosto róseo que lhe sorria com os olhos brilhando; depois, vencido pelo encanto que transpirava daquele lindo ser, esqueceu a raiva e o terrível acontecimento provocado por aquela pequenina Eva. Um sorriso iluminou o seu rosto. Ele sentiu algo como um orgulho inconsciente e apertou mais forte os minúsculos dedinhos que segurava na mão.

Eliza, sem saber, tinha obtido a sua primeira vitória.

Naquele instante, o bispo começou a falar. As crianças levantaram os olhos para ele e ouviam concentradas as suas palavras que invocavam sobre suas cabeças as bênçãos celestiais, incitando-as a amarem um ao outro por toda a vida e dividirem fielmente as desgraças e as alegrias.

Mal contendo a raiva que a agitava por dentro, a Condessa, toda pálida, acompanhava com olhar gelado a cerimônia nupcial. A incompreensível submissão de Raymond fê-la sentir quase ódio do filho. Enquanto isso, Volfram orava fervorosamente, rogando a Deus conceder paz e amor ao filho e à filha de seu amigo, e livrar Raymond do inferno conjugal que ele mesmo suportava, para que este não tivesse de procurar fora de casa, em diversas loucuras, o preen- chimento do vazio de sua vida.

Ao término da cerimônia, os recém-casados receberam os cumprimentos. A cômica atitude solene das duas crianças, naquele momento, provocou a alegria geral e Volfram disfarçava com dificuldade a vontade de rir quando olhava para Raymond.

"Se daqui a uns dez anos Eliza souber das medidas enérgicas com que obriguei o seu noivo a comparecer na igreja, ela não ficará nada lisonjeada", pensou ele. "O bobo do Raymond pode agradecer eternamente a Deus por eu tê-lo obrigado a ser feliz. Posso jurar que, com o tempo, esta pequenina será um verdadeiro tesouro".

Divertindo-se por dentro com o ar imponente do noivo que evitava olhar para o pai, o Conde servia tantas guloseimas e vinho ao jovem casal que estes, satisfeitos e cansados das ovações e dos beijos, acabaram adormecendo.

Entre os convidados vindos de longe encontrava-se também Ortruda Finsterbach com seu filho Guntram, a madrasta e o irmão caçula de Ervin. Volfram detestava a ambos, mas era um anfitrião por demais hospitaleiro e amável para não propor-lhes que ficassem alguns dias em sua casa. Quanto à Condessa Anna, esta sempre alimentava a amizade com os Finsterbach.

Dois dias depois do casamento, enquanto o Conde, Guntram e mais dois cavaleiros caçavam nas redondezas, Anna e Ortruda conversavam sentadas no quarto da Condessa.

Ortruda, confortavelmente reclinada na poltrona de espaldar alto, ouvia as queixas da Condessa. Esta, com o olhar flamejante, contava-lhe todas as amarguras de sua vida conjugal: a eterna frieza do marido, a recente descoberta da infidelidade do Conde e a indignação que provocou nela o casamento do filho com a filha da "aventureira italiana".

Ortruda ouvia a amiga, sem interromper. Ela era uma mulher magra, muito loura, de uns trinta e cinco anos, com um rosto agradável e grandes olhos cinzentos, espertos e enérgicos. A boca, com lábios carnudos, indicava uma natureza lasciva e o nariz adunco com narinas móveis e alargadas davam à fisionomia dela uma expressão algo sensual e cruel.

A marca deixada pela natureza na aparência de Ortruda correspondia ao seu mundo interior. Cheia de vontades tirânicas, impetuosas e orgulhosas, adorando qualquer tipo de "fruto proibido", ela não sabia refrear seus desejos e não admitia obs- táculos na satisfação destes. Dominou completamente o seu velho marido: desde que ficou viúva, toda a vizinhança acompanhou suas várias e gritantes aventuras amorosas. As mulheres sérias e comedidas odiavam Ortruda, mas não ousavam tratá-la com hostilidade ostensiva, temendo-a, pois diziam que ela possuía o "mau olhado". Além do mais, corria o boato de que ela dispunha de terríveis forças diabólicas.

Quando a Condessa terminou as acusações, Ortruda endireitou-se.

- Vejo que está insatisfeita com esse casamento observou ela, pensativa. Naturalmente, para o seu filho podia-se escolher uma noiva melhor do que a filha daquela detestável italiana, que muito prejudicou as minhas relações com o meu enteado. Mas ela morreu e Deus tenha piedade de sua alma! Parece que, graças a Paola, posso lhe dizer quem é a dama misteriosa que o seu marido visita. Um dia, ela me contou que uma de suas amigas, a Giovanna, apaixonou-se perdidamente pelo senhor Volfram durante a sua estada em Veneza e, para enorme escândalo de toda a sua família, fugiu com ele. Naquele momento, não dei muita importância a esse fato e agora o seu relato me fez lembrar essa história.

- Ai! Se pudesse agarrar a miserável que roubou de mim o amor do marido, eu a estrangularia com minhas próprias mãos exclamou a Condessa, cerrando os punhos.

Ortruda ocultou o rosto com o lenço para disfarçar o sorriso que passou pelo seu rosto. Ela examinou com olhar irônico a figura forte da Condessa e seu rosto vermelho.

- Não se emocione, Anna! Por mais justa que seja a sua ira, não vale a pena manchar as mãos se existem meios melhores de livrar-se de pessoas desagradáveis. Se quiser, posso levá-la a uma pessoa que a livrará da rival sem derramar nenhuma gota de veneno e nem de sangue.

- Se quero? Ficar-lhe-ei eternamente agradecida por esse bom conselho.

Sentando-se bem perto uma da outra, elas continuaram a conversa em sussurros. Ficou decidido que Anna iria visitar a amiga para passar alguns dias em sua casa. Neste ínterim, Ortruda iria levá-la até um homem que, em troca de ouro, emitiria à pessoa determinada uma força invisível, mas fatal, que minaria a vida desta até matá-la.

Um semana depois, com a chegada da noite, uma liteira fechada e acompanhada por dois homens bem armados, parou diante de uma velha casa localizada na periferia de uma pequena cidade.

A cidade não possuía subúrbios, mas um certo quarteirão era preferencialmente habitado por judeus e, por isso, evitado pelos habitantes cristãos.

A casa era velha, enegrecida e semidesmoronada; para a rua saíam somente uma janela com grades e uma maciça porta revestida de ferro. De ambos os lados seguia uma alta e espessa parede, ocultando completamente o que havia por trás dela.

Um dos guerreiros bateu com o punho da espada na porta. Alguns minutos depois, abriu-se uma pequena portinhola com fina grade de ferro e nela apareceu a cabeça de um senhor com chapeuzinho preto. Vendo a mulher encapuçada que desembarcava da liteira, o velho gritou:

- Esperem! Já vou abrir a porta!

Deu para ouvir como o velho abria os ferrolhos e empurrava o pesado trinco. Então, a porta abriu-se fazendo rangido.

Duas mulheres encapuçadas saíram da liteira e entraram na casa.

- O dono da casa aguarda-as, nobres damas disse o ancião.

Em seguida, levantando a fuliginosa e sebenta lamparina, ele conduziu as visitantes através do longo corredor e de uma grande cozinha para um quarto que, provavelmente, servia de loja, pois estava abarrotada de diversos objetos: roupa velha, instrumentos e as mais variadas armas.

Perto da mesa estava sentado um outro senhor, ocupado com o acabamento de uma espada. Os traços pronunciados de seu rosto e o nariz adunco demonstravam claramente sua origem semita[12].

Ao ver as duas mulheres, ele levantou-se e fez uma respeitosa reverência. Recebi a sua mensagem, nobre senhora, e estou pronto para servi-la e à sua acompanhante também - disse ele. Nesse caso, senhor Markhodey, leve-nos até o quarto onde certa vez conversamos e onde, longe de qualquer ouvido indiscreto, possamos relatar-lhe o motivo de nossa visita solicitou Ortruda.

O judeu aquiesceu em silêncio, acendeu uma vela num candelabro de ferro e, afastando um cortinado de couro que cobria a porta no fundo do quarto, fez um gesto convidando as senhoras a segui-lo.

Ortruda corajosamente foi em frente, mas Anna vacilou por um instante. Ela ainda estava no limiar do seu primeiro crime e o local em que se encontrava incutia-lhe um terror supersticioso.

Passaram por um quarto cheio de objetos diversos, semelhante ao anterior, depois por um segundo corredor no fundo do qual o judeu abriu uma pequena porta, tão habilmente disfarçada atrás das estantes abarrotadas de frascos empoeirados, que nem dava para suspeitar de sua existência.

Para sua grande surpresa, Anna entrou numa sala luxuosamente mobiliada no estilo oriental e iluminada por lâmpadas penduradas no teto. Um tecido espesso recobria as paredes e um grosso tapete cobria o chão. O ar estava impregnado de um cheiro forte, mas agradável.

- Tenham a bondade de sentar-se, nobres damas, e expliquem-me em que posso servi-las disse o velho com amável sorriso, apontando o monte de almofadas distribuídas ao longo das paredes. - Acho que sempre cumpri todas as missões que me foram confiadas.

- Sim, senhor Markhodey! O senhor me prestou um grande favor. Não esqueci disso e trouxe aqui uma de minhas amigas. Ela é muito infeliz por causa de uma mulher que rouba dela o coração do marido. Se o senhor ajudar, ela o recompensará generosamente!

Os olhos do judeu, que se fixaram na Condessa Anna, faiscaram de cobiça.

- Todo o meu saber fica inteiramente à disposição da Condessa Reifenstein! Mesmo através do espesso véu reconheço seu rosto belo e triste. Sem dúvida, a sua infelicidade é legítima.

Um grito contido escapou dos lábios de Anna. Sua confiança no feiticeiro, reforçou-se imediatamente por ele tê-la reconhecido apesar do rosto coberto. Ela retirou o véu e colocou na mesa uma carteira bem recheada, que tirou da bolsa. Deixo isso como sinal, senhor Markhodey! Dar-lhe-ei o dobro, se o senhor destruir a minha odiosa rival e devolver-me o coração de meu marido.

Um imperceptível sorriso zombeteiro passou pelo rosto de Markhodey enquanto guardava a carteira num armário de madeira entalhada.

- Tenham a bondade de seguir-me até o santuário! - disse ele em seguida. - Somente lá posso começar a agir e ver a pessoa que vocês pretendem atingir.

Os três foram para o quarto contiguo, cuja estranha aparência fez a Condessa estremecer. Era uma sala arredondada, sem janelas, cujas paredes estavam ocupadas por estantes cheias de latas, frascos e maços de ervas secas. No centro, numa mesa de mármore negro, havia um candelabro de sete capitéis com sete velas negras, um recipiente de cobre cheio de água e alguns rolos de pergaminho. Diante da mesa, no centro do triângulo formado pelos três tripés, havia uma estátua metálica de um ser meio humano, meio animal. No torso humano, com grandes asas nas costas, despontava uma cabeça chifruda de bode com as órbitas oculares vazias. Aos pés da imagem do demônio estava sentado um magnífico gato preto, cujos olhos ardiam como brasas na penumbra do quarto.

O feiticeiro apanhou da mesa uma varinha curta e começou a esfregá-la com as mãos. De seus dedos saiu uma fagulha e todas as sete velas do candelabro acenderam-se com sinistro crepitar. Nas órbitas oculares vazias da estátua acendeu-se uma chama azulada e tremeluzente.

Anna soltou um grito surdo e recuou.

- Nada tema, nobre dama! - disse Markhodey. – Por acaso, a sua amiga preveniu-a de que preciso de algum objeto pertencente à pessoa de quem pretende se livrar?

- Eu sei - Anna, entregando ao feiticeiro - um pacote que continha uma luva perfumada e rosas secas amarradas com uma fita. Depois de longa e criteriosa busca, a Condessa conseguiu encontrar aqueles objetos num porta-jóias de Volfram.

- Isso é mais do que o necessário - disse Markhodey, inclinando-se sobre a luva e as flores e aspirando fortemente o seu aroma.

Depois, colocou a luva e a fita sobre uma bandeja metálica, molhou-as com um líquido incolor e pôs fogo.

Quando tudo queimou, o judeu juntou cuidadosamente as cinzas com uma espátula de marfim, macerou-as com cera mole, e da massa que se formou fez uma vela. Terminado isso, Markhodey retirou o pano preto do espelho metálico pendurado na parede, cuja superfície polida reluzia com todas as cores do arco-íris.

Pegando novamente a varinha, o feiticeiro postou-se diante do espelho e com voz comedida começou a recitar encantamentos, balançando na outra mão a vela acesa que acabara de confeccionar. Sob a luz fraca da vela, a superfície do espelho pareceu faiscar. Estas faíscas uniram-se numa única chama azulada e desenhavam sinais cabalísticos que desapareciam em seguida.

Anna e Ortruda observavam aquilo, tomadas de horror supersticioso. Mas, quando o feiticeiro, com voz surda, pronunciou três vezes "Giovanna!" Anna estremeceu, apertou convulsivamente a mão da amiga e seu olhar pareceu fixarse no rosto pálido e suado de Markhodey.

De repente, o judeu dirigiu para a Condessa os seus olhos vítreos, agarrou-a pela mão e, empurrando-a diante do espelho, disse imperiosamente:

- Pegue a vela e olhe!

A Condessa obedeceu e, apertando a vela com dedos trêmulos, inclinou-se para o espelho. Do fundo da superfície metálica surgiu diante de seu olhar estupefato uma nuvem negra que alargou-se rapidamente e transformou-se numa névoa azulada. Como numa moldura, apareceu a imagem de um lago, cercado de colinas cobertas de bosques. No centro do lago, numa ilha, erguia-se um pequeno castelo, que começou a aumentar e logo ocupou quase toda a tela. Apareceu, então, um terraço cercado de plantas raras; num leito, entre almofadas, estava dormindo uma mulher loura, jovem e bela.

Ao ver a moça, no auge da juventude e da beleza, o coração da Condessa apertou-se por um ciúme tão selvagem que ela soltou um grito e recuou, cambaleando; teria caído se Ortruda não a tivesse amparado.

O quadro mágico apagou-se rapidamente.

Markhodey tapou cuidadosamente o espelho. Depois, voltando-se para a Condessa Anna, que tentava refazer-se, perguntou:

- Nobre senhora, o que deseja que aconteça com a pessoa que apareceu no espelho?

- Que ela morra, se estiver ao seu alcance matá-la! - respondeu a Condessa com voz roufenha. Se é esse o seu desejo, então será realizado afirmou tranquilamente o feiticeiro.

Pegando a vela, ele esculpiu com extraordinária habilidade uma figura humana, no peito da qual apertou a ponta acesa da própria vela. Depois, colocou o restante das cinzas da luva e a figura de cera num minúsculo caixão e fixou-o entre os chifres que enfeitavam a cabeça de bode da estátua. Sobre a tampa do caixãozinho colocou um círculo metálico com símbolos zodiacais gravados e acendeu sobre este um pedacinho de miolo de pão, que queimou com chama esverdeada. Tudo terminado, Markhodey prostrou-se diante de seu deus, murmurando algumas palavras incompreensíveis que acompanhava com gestos imperativos.

Ao final dos encantamentos, o judeu voltou-se para a Condessa Anna e disse num tom solene:

- Exatamente daqui a um ano, nesse mesmo dia e nessa mesma hora, a mulher de nome Giovanna morrerá! Nobre dama, a senhora irá recompensar-me pelo serviço prestado só quando cumprirem-se as minhas palavras.

Um sorriso de ódio satisfeito passou pelos lábios de Anna. Tirando do dedo um anel com um caro rubi, ela entregou-o ao feiticeiro.

- Receba isso como sinal de meu reconhecimento, senhor Markhodey.

Com profundas reverências, o judeu acompanhou as visitantes até a saída.

Capitulo 4

A vida no castelo Reifenstein entrou em sua rotina normal. Ao voltar da casa de Ortruda, Anna estava de muito bom humor. Ela não só eliminava a sua odiosa rival, como passou a desfrutar melhor da companhia de Volfram que ficava agora no castelo mais tempo que o habitual.

O motivo de seu sedentarismo era Eliza por quem o Conde não só sentia um profundo carinho como também temia deixá-la sozinha por causa da ostensiva hostilidade que a cercava. Até a própria pequenina, com seu espírito impressionável, percebia que não era benquista naquela casa.

Eliza tornou-se calada e evitava a severa e taciturna Condessa, que jamais concedia-lhe uma palavra de carinho ou atenção. A pobre garotinha não ousava nem brincar com as crianças, pois os olhares de ódio de Greta e a hostilidade de Raymond afastavam-na deles.

Tal atmosfera hostil fez calar o seu riso límpido que somente soava no quarto de Volfram. O Conde era o seu melhor amigo. Ele sabia como diverti-la, sempre inventando novas brincadeiras ou contando-lhe histórias de fadas tão divertidas que a garota não cansava de ouvi-las. Ela sentia-se feliz sentada no colo do Conde, descansando a cabecinha no peito dele e ouvindo os seus relatos sem piscar os olhos.

Entre Volfram e o filho estabeleceu-se uma fria relação. Desde o dia do casamento Raymond tinha raiva do pai e evitava-o, especialmente depois que a mãe, a quem confes- sou tudo, resmungou por entre os dentes:

- Pobre menino! Estão tratando-o pior do que a um escravo. Tudo isso para transformar a filha da aventureira numa Condessa Reifenstein!

Desde aquele momento, Raymond considerava-se vítima da tirania paterna e extravasava em cima de Eliza toda a insatisfação que não ousava demonstrar diante do pai. Este também estava descontente com Raymond

porque ele não tinha pedido perdão e, diante da teimosia do filho, não lhe dirigia a palavra.

Entretanto, numa certa noite, ao cruzar com Raymond no corredor, e vendo que o garoto baixou os olhos deixando-o passar, o Conde parou.

- Não me diga que sua mãe conseguiu confundi-lo a tal ponto que você até baixa as vistas ao me encontrar! Será que você, o único motivo de minha permanência aqui, também deseja que eu vá embora? - perguntou ele com sua Voz sonora.

Sem esperar resposta, Volfram passou pelo filho, entrou no quarto e caiu na poltrona, tapando o rosto com as mãos. Pensamentos tristes passaram por sua cabeça. Pensava no divórcio com sua esposa, que a cada dia tornava-se ainda mais odiosa. A única coisa que o detinha era a preocupação de confundir o espírito do filho.

Os pensamentos do Conde foram interrompidos por Raymond, que seguiu-o, emocionado. Junto à porta, o garoto parou indeciso; mas, percebendo o ar sombrio e pensativo do pai, correu até ele. Abraçando-o pelo pescoço e encostando a cabeça em seu peito, o menino repetia por entre as lágrimas:

- Fique!... Fique, pai!... Perdoe-me! Não pensei que lhe traria tanto desgosto!

O Conde estremeceu e um sorriso iluminou o seu rosto preocupado.

- Não, não, meu menino! Eu sei e nunca duvidei que você me ama!

O Conde levantou o filho, sentou-o no seu colo e deu-lhe um forte beijo:

- Então, vamos esquecer aquele momento detestável em que fui obrigado a castigá-lo mesmo com dor no coração. Sei que foram os conselhos de sua mãe que incitaram você a me desobedecer e provocaram todo aquele escândalo - acrescentou ele.

- Agora, vamos fazer as pazes? Você não vai mais pensar em ir embora? - perguntou Raymond temeroso.

O Conde sorriu e depois suspirou.

- Acalme-se! Não vou deixá-lo. Mas, já que fizemos as pazes, vamos então conversar sobre um importante assunto que refere-se a você pessoalmente. Estou falando de Eliza. Você ainda é criança, mas já entende que essa união dá a você certas obrigações em relação a Eliza. Ela é sua esposa. De acordo com as leis divinas, você deve amá-la e protegê-la. Ela

ainda é muito pequena e está solitária aqui, onde ninguém gosta dela. Você me promete que vai defendê-la?

- Sim, pai! Eu prometo, apesar da mamãe e da Greta sempre me dizerem que quando eu crescer devo odiá-la e afastá-la de mim.

- Meu garoto, jamais de ouvidos a essas bobagens! - disse Volfram, com desprezo.

- Fique tranquilo, pai! Eu cumprirei a minha promessa.

Ao fazer as pazes com o pai, Raymond sentiu um grande alívio como se lhe tivessem tirado um grande peso das costas. E com impetuosa coragem, ele murmurava:

- Você vai ver, pai, como saberei defender Eliza. Hoje ela já foi dormir; mas, a partir de amanhã, vou brincar com ela e ai da Greta se mexer com a minha esposa!

No dia seguinte, quando as crianças saíram para o jardim Eliza ficou afastada como de costume. Sentada perto da babá, brincava com o gatinho quando Raymond se aproximou.

- Eliza, venha brincar! - disse ele amigavelmente. - Vou mostrar-lhe meus brinquedos, vou levá-la para passear na charrete e depois vamos brincar de esconde-esconde.

A pequenina levantou os olhos, surpresa, mas encontrando o olhar amigável do menino, sorriu estendendo-lhe a mão, e deixou-se beijar. Raymond gostou muito daquele beijo. Eliza tinha uma boquinha pequena com lábios róseos e frescos, diferentes dos grossos e úmidos lábios de Greta que, além de tudo, tinha a feia mania de lambê-los. As crianças começaram a brincar, alegres e despreocupadas.

A Condessa ficou extremamente irritada com o bom acordo que se estabeleceu entre Eliza e seu pequeno marido. Não ousava falar nada abertamente, mas por dentro decidiu livrar-se da menina a qualquer preço.

Mas, como iria fazê-lo? Receava apelar novamente para Markhodey, temendo que o Conde estivesse vigiando-a em segredo, e também não podia eliminá-la abertamente. Teria de aguardar o momento apropriado. Por enquanto, era necessário livrar-se da babá, cuja dedicação para com a pequenina a constrangia, e depois colocar contra Eliza os seus dois companheiros de jogos. Seria difícil convencer Raymond, pois ele acostumara-se à sua pequena esposa e valorizava suas boas qualidades. Assim, Eliza era mais dócil, menos briguenta e, principalmente, menos

gulosa que Greta, que jamais dividiu com ele qualquer pedaço de doce que pudesse comer sozinha. Eliza, entretanto, sempre entregava ao seu jovem esposo a maior parte das guloseimas que lhe dava Volfram.

Um acontecimento inesperado favoreceu os planos da Condessa: o Conde começou novamente a desaparecer por dias inteiros, retornando para casa tão preocupado que nem notava o que acontecia ao seu redor.

O motivo das freqüentes ausências e das preocupações do Conde foi a inesperada doença de Giovanna, cujos estranhos sintomas ninguém conseguia entender. Ela não sentia dor alguma, mas uma terrível fraqueza e uma sonolência que se transformava numa espécie de letargia. Ela passou a definhar a olhos vistos e o coração do Conde foi tomado de tristeza e desespero.

A Condessa adivinhava a causa da tristeza do marido e sentia-se satisfeita. Ao mesmo tempo, decidiu aproveitar a relativa liberdade e livrar-se de Eliza e de sua babá.

Tomando grandes precauções, ela entrou novamente em contato com Markhodey e obteve dele uma certa poção graças à qual a babá Brigitte sofreu uma inflamação cerebral e tiveram de separá-la da criança. A Condessa tratou-a com muita consideração e até mandou chamar o médico da cidade vizinha.

Afastando aquela incômoda testemunha, Anna passou a ensinar a Greta o plano para liquidar a pequenina. Para ela, Greta era sua comparsa e o instrumento que precisava. A garota também odiava e tinha ciúmes de Eliza. Se Greta era por natureza estúpida e preguiçosa para estudar, em compensação possuía esperteza e raiva acima de sua idade.

Certa manhã, quando Volfram ausentou-se novamente por um período indeterminado, a Condessa Anna chamou Greta para o seu quarto e passou a inquiri-la sobre os estudos, enquanto passava de um porta-jóias para outro as jóias da família e manuseava estojos com os objetos que ficaram para Eliza da herança de sua falecida mãe.

Greta não tirava os olhos das jóias que reluziam em múltiplas cores nas mãos da Condessa.

- Minha pobre menina, tudo isso eu estava guardando para você! Meu coração sangra ao imaginar que a imprestável intrometida vai enfeitar-se com estas jóias observou a Condessa com um suspiro.

As faces da menina enrubesceram e seus olhos faiscaram de ódio.

- Ó, madrinha! Se soubesse como a odeio por ter-me tirado tudo, até a amizade de Raymond. Agora estamos sempre brigando. Ontem, quando quebrei a boneca que o tio Volfram deu de presente para Eliza, Raymond me bateu e me puxou pelas tranças.

A Condessa beijou-a e enxugou as lágrimas que corriam pela face da garota.

- Pobre menina! Enxugue essas lágrimas, que hoje vou falar com Raymond e lhe direi que será severamente castigado se ousar fazer isso novamente. Lamento profundamente por não podermos nos livrar daquela imprestável criatura, que paira sobre a nossa casa como uma maldição. Se ela morresse, você se casaria com Raymond e todas estas jóias lhe pertenceriam. Imagine o casamento que iríamos celebrar!

No rosto de Greta surgiu uma expressão mista de raiva e avidez.

- Algum dia eu vou empurrá-la no fosso para que se afogue! - exclamou a garota, furiosa.

- Você enlouqueceu? Ekgardt ou algum outro criado ouvirá os gritos dela, a salvará e você será castigada. Não, não! Se Deus quisesse nos livrar dela, faria com que ela se perdesse num dos quartos vazios da torre norte. E se, além disso, atrás dela se fechasse a pesada porta, ela poderia até gritar que ninguém ouviria e acabaria ficando lá até o Juízo Final!

Margarita olhou para a Condessa. Algo cruel e maldoso brilhava nos olhos da tia.

- Às vezes, nós brincamos perto dessa torre. Se eu conseguir, vou trancar Eliza lá. Só receio que Raymond vá soltá-la.

- Naturalmente que ele irá soltá-la. Em todo caso, ela será bem castigada pelo medo por todo o mal que nos causou. Entretanto, Greta, devo avisá-la que mesmo que desejemos a morte dela, matá-la seria um pecado.

Margarita nada respondeu, mas a semente do mal já tinha caído em solo fértil.

A partir daquele dia, a dedicada aluna da Condessa passou a aguardar uma oportunidade para executar o plano que lhe fora incutido.

Eliza não gostava de brincar perto do castelo. Ela sempre tentava manter distância da Condessa que jamais lhe concedia um carinho ou um sorriso, apesar de mimar de todas as formas o seu filho e Margarita em sua presença.

Certo dia, Margarita conseguiu dirigir as brincadeiras de forma tal que eles pararam junto à torre norte, uma antiga edificação há muito desabitada, dos tempos dos primeiros anos de existência do castelo.

De um quarto de teto baixo, fracamente iluminado por janelas estreitas e profundas como seteiras, uma porta maciça levava ao interior da torre. Da fechadura despontava uma grande chave.

As crianças brincaram mais de uma hora naquele quarto, onde ninguém os proibia de mudar os móveis velhos e corroídos por vermes.

De repente, Margarita perguntou apontando para a porta trancada:

- Raymond, para onde leva aquela porta? Nunca estive lá dentro.

- Eu também! Mas sei que atrás dela existem dois pequenos quartos de muito má fama. Vamos lá, isso não é proibido.

O garoto correu até a pesada porta de carvalho e abriu- a com dificuldade. As meninas seguiram-no, curiosas. Os três entraram num quarto semicircular, mal iluminado pela janela estreita com vidro colorido. Tudo ali estava coberto por uma grossa camada de pó e teias de aranha.

No fundo do quarto, sobre um elevado, havia uma cama com cortinas desbotadas e corroídas por ratos. Algumas cadeiras e um grande armário completavam a mobília. Ao lado daquele quarto havia um outro, quase vazio; o ar era pesado, impregnado com odor de mofo.

Vamos sair daqui, estou com medo! Este lugar é feio e sombrio - disse Eliza.

- Sim, já lhes falei que este lugar tem muito má fama. A mulher do guarda da ponte levadiça me contou que aqui aconteceu um assassinato revelou Raymond.

- Ai! Estou tremendo de medo. Mas, quem foi morto aqui? - perguntou Margarita, estremecendo.

- Um dos nossos antepassados matou um cavaleiro. Meu bisavô era muito velho; tinha, no mínimo, quarenta anos. De repente, resolveu se casar com uma moça muito nova que não o amava porque gostava de um cavaleiro jovem. No dia do casamento, esse cavaleiro e a noiva esconderam-se neste quarto; o marido os surpreendeu aqui, matou o cavaleiro e feriu gravemente a esposa, que sobreviveu. Mais tarde, ele a perdoou. Ela foi a mãe do avô de meu pai. Vejam! Naquele degrau, no chão e na cortina, ainda dá para ver os sinais do crime. Esses respingos e a grande mancha escura devem ser do

sangue do traidor. Venham até aqui! - acrescentou Raymond, subindo com ar destemido nos degraus do leito.

- Oh! Como tudo isso é horrível! Estou tremendo como vara verde e não vou até lá por nada desse mundo exclamou Greta, recuando rapidamente.

- Você tem medo porque é mulher observou Raymond com desprezo. - Eu sou homem e um futuro cavaleiro e não tenho medo de ver sangue. Quem sabe... talvez até um dia eu tenha de fazer o mesmo que foi feito aqui!?

- Você? Mas, quem você quer matar? - perguntou Eliza, surpresa.

- É claro que você, pois é a esposa dele! - intrometeu-se Margarita, com sorriso maldoso.

Eliza nem piscou.

- Ele não ousaria matar-me! O tio Volfram não ia permitir isso! Nem o seu maldoso bisavo ousou matar a esposa! Para que aquele velho bobo foi se casar com a pobre mulher que preferia outro?

- A mulher não tem o direito de preferir outro! A esposa deve amar o marido. O meu bisavô tinha todo o direito de matar o traidor! - exclamou Raymond, tempestivamente.

A ira do garoto apenas divertiu a maliciosa e teimosa Eliza.

- Talvez aquele cavaleiro fosse mais bonito que o seu bisavô! Quem sabe quando eu crescer, também acabe gostando mais de alguém do que de você! Por exemplo, de Ziguebert. Ele é elegante, louro, calmo e não é briguento como você. Você é muito gordo e tem umas pernas enormes.

O rosto de Raymond ficou vermelho-escuro. Por instantes, ele ficou olhando com surpresa para as próprias pernas, mas estava furioso demais para reconhecer a veracidade da observação de Eliza. Sentia somente a ofensa que sofrera. Como usava ela criticá-lo e achar alguém mais bonito que ele?

- Vou ensiná-la agora por preferir Ziguebert, aquele magro e seco vira-lata! Vou proibi-la de olhar para outros homens e achá-los bonitos. Peça desculpas agora mesmo e beije-me a mão, como o faz minha mãe!..

- Nem pensar! Seu pai tem mãos brancas e limpas enquanto as suas são vermelhas e sempre sujas - contestou Eliza, com desprezo.

- Eliza! Eu lhe ordeno, deve beijar a minha mão! Sou seu marido e você deve me respeitar e me obedecer! - exclamou Raymond, furioso.

Mas Eliza era ousada e orgulhosa. Sem responder nada, deu-lhe as costas e foi para o outro quarto.

- Sabe o que você pode fazer, Raymond? Tranque Eliza aqui para castigá-la por essa desobediência. Deixe-a trancada sozinha até ela pedir perdão e beijar-lhe a mão como toda esposa obediente - observou maldosamente Margarita, que lembrou-se da conversa com a Condessa e resolveu aproveitar a discussão.

Raymond estava tão furioso que gostou da sugestão. Num pulo ele apareceu junto à porta e, depois que Greta saiu, fechou-a com força. Em seguida, ambos saíram rapidamente da torre.

- Só não diga nada para Ekgardt! Senão ele vai soltá-la imediatamente. Além disso, vai contar ao tio Volfram. Aquela menina grosseira merece ficar trancada lá até a noite.

- Não vou dizer nada para ele. Deixa ela ficar lá! Vou ensiná-la a respeitar a vontade do marido! Depois dessa lição, ela nunca mais vai me desrespeitar e nem achar o bobo do Ziguebert mais bonito do que eu - respondeu Raymond com o rosto ardente.

Margarita, toda feliz, correu imediatamente para ver a Condessa e lhe contou sobre a prisão de Eliza.

Anna fingiu divertir-se com o acontecimento e riu a valer do justo castigo de sua nora renitente, mas ordenou à afilhada que não contasse a ninguém sobre aquilo e que, na medida do possível, alimentasse a raiva de Raymond.

Uma hora mais tarde, Ekgardt foi enviado à casa de Ortruda com uma mensagem. Aquela missão o manteria longe do castelo por, pelo menos, três dias. Em seguida, a Condessa foi até a torre norte, trancou a porta do calabouço de Eliza e levou a chave consigo. Por alguns minutos, ficou ouvindo com um sorriso os gritos desesperados e o choro da pobre menina.

O resto do dia passou-se em inusitada agitação. Brigitte estava agonizando e a Condessa obrigou o capelão a administrar-lhe solenemente a extrema-unção. Essa cerimônia durou tanto tempo que chegou a hora em que geralmete as crianças iam dormir. Como Ekgardt, que sempre dormia no quarto de Raymond, estava ausente, a Condessa colocou o menino para dormir em seu quarto. Em suma, conseguiu ocupar a cada um de modo que todos esqueceram-se completamente da existência de Eliza.

Raymond também esqueceu da pequena esposa e, assim que se deitou, adormeceu num pesado sono. Mas, ao acordar pela manhã, lembrou do acontecido e foi tomado de horror e dor de consciência.

Que noite terrível teria passado Eliza naquele quarto frio e úmido, sem jantar e sem luz!

Ele vestiu-se rapidamente e correu para a torre norte, mas de longe notou que a porta estava trancada e a chave tinha desaparecido. Então, foi tomado por um enorme desespero, que aumentou ainda mais quando Eliza não respondeu ao seu chamado. Por mais que gritasse e batesse na porta, não obteve resposta.

O garoto, como se perseguido por fúrias, deixou a torre e correu para o quarto da mãe.

A Condessa tinha acabado de retornar do quarto de Brigitte que havia falecido. Raymond relatou-lhe com voz trêmula o acontecimento do dia anterior, disse que a chave tinha desaparecido e implorou-lhe para libertar Eliza o mais rápido possível, pois temia que ela estivesse morta já que não respondia ao seu chamado.

- Seu garoto maldoso! O que você fez? - exclamou a - Condessa, irada. - A imprestável deve ter caído no porão que existe no maldito quarto. Agora, vão acontecer novamente muitas discussões com seu pai! Por causa das preocupações com Brigitte esqueci completamente daquela menina horrorosa, que acabará morrendo tão fora de hora só para nos causar novas desgraças!

- Talvez ela ainda esteja viva. Só é preciso encontrar a chave da porta e procurá-la ousou observar timidamente Raymond.

A resposta àquelas palavras foram bofetadas e fortes pancadas nas costas.

- Cala a boca, imbecil! Não vai querer agora levantar o castelo inteiro por isso! Eu mesma, sem fazer alarde, vou procurar a chave e encontrar o corpo da menina. Deixe que todos digam que ela se perdeu e castigarei Marta que deveria olhá-la. Aconselho-o a ficar calado e a confirmar ao seu pai o que vou falar sobre a morte de Eliza. Se ele souber da verdade, vai castigá-lo ainda mais do que no dia do casamento. Nem ouso pensar no que poderia acontecer!

Raymond, assustado, escondeu-se no seu quarto; saiu de lá somente para almoçar e, em seguida, trancou-se novamente, pois começaram a procurar Eliza. Evidentemente, as buscas foram infrutíferas. A Condessa passava sermões em Marta e declarou que a garota talvez tivesse se escondido em algum recanto brincando e acabou adormecendo por lá. Então,

ordenou à jovem criada que procurasse a pequenina sob ameaça de severo castigo, sem alardear o castelo, pois se o Conde soubesse do seu desleixo iria mandá-la embora sem perdão. Ordenou ainda que ela deixasse os outros pensarem que Eliza estava em seu quarto.

Raymond foi se deitar cedo com dor no coração e, assim que ficou sozinho, chorou amargamente. Nunca antes tinha sofrido tanta dor de consciência; nunca tamanha tristeza tinha apertado o coração da criança. O medo que lhe incutiram foi substituído pelo horror. Apesar da pouca idade e da inocência, o garoto percebeu que a Condessa desejava a morte de Eliza e que ela mentia sobre o porão que, mesmo que existisse, a pequenina não conseguiria abrir.

De repente, o som do corno anunciou a chegada do dono do castelo e Raymond estremeceu: seu coração foi tomado de alegria e de medo.

Durante alguns minutos, o menino lutou consigo mesmo. Por fim, o temor de que Eliza estivesse morta e o reconhecimento de ser o culpado por isso, superaram os outros sentimentos. Vestindo-se rapidamente, Raymond correu para o gabinete do pai. Ele queria de qualquer jeito con- fessar a ele que Eliza estava no castelo.

Junto à porta dos aposentos do Conde, Raymond encontrou Lucien que levava o traje do cavaleiro. Vendo o ar desolado do garoto, ele parou surpreso.

- Meu pai ainda não está dormindo? perguntou - Raymond, tremendo inteiro e, ao receber resposta afirmati- va, entrou como um furacão no quarto.

O Conde estava sentado junto à mesa, folheando um manuscrito. O garoto jogou-se em seu pescoço, apertou-se assustado contra o seu peito e começou a confissão sem parar de repetir:

- Juro, pai, não quis fazer isso!.. Só queria castigar Eliza por ela não querer beijar-me a mão.

Vendo o filho afoito, semivestido e trêmulo como em febre, Volfram pensou que ele fora queixar-se de alguma grosseria da mãe e, no início, nada conseguiu entender do relato incoerente, interrompido por choro convulsivo. Quando, finalmente, o Conde entendeu algo das palavras do filho, ficou lívido.

- O que está me dizendo? O que aconteceu com Eliza? - exclamou ele, assustado.

O olhar e o tom de voz do pai assustaram Raymond a tal ponto que ele, no início, ficou perplexo. Percebendo que nada conseguiria saber daquela maneira, o Conde dominou-se.

- Raymond, não importa o que você fez, mas prometo que não vou castigá-lo! O fato de você vir até mim para confessar isso, já o justifica ante mim. Portanto, pode falar sem medo!

Raymond, mais calmo, contou resumidamente tudo o que tinha acontecido.

- Quanto tempo Eliza se encontra no torre norte? - perguntou o Conde com tique nervoso.

- Desde o meio-dia de ontem. A chave desapareceu, senão eu a teria soltado hoje pela manhã.

- Está bem! Vá para o seu quarto que vou procurar Eliza - disse o Conde, levantando-se. Ele chamou Lucien.

Alguns minutos depois, Volfram, acompanhado de dois escudeiros e do castelão que trazia um molho de chaves, foi às pressas para a torre norte.

Dentro do maldito quarto reinava um silêncio mortal. Vendo que não conseguiam achar a chave certa, Volfram, furioso, levantou a **acha**[13] que trazia consigo e, em alguns golpes, destruiu a porta.

Erguendo as tochas, eles entraram no lúgubre quarto e logo viram a pobre criança deitada imóvel perto da parede. O Conde levantou o corpinho frio da menina e, apertando-a ao peito, correu de volta para os seus aposentos.

Eliza parecia morta. Sua cabecinha loura pendia sem vida e nenhum sopro saía de seus lábios arroxeados. Em terrível desespero, o Conde colocou-a sobre sua cama, começou a massagear seus bracinhos e as pernas e, depois, encostou o ouvido no seu peito. Pareceu-lhe captar batidas muito fracas e sua esperança renasceu.

Ajudado por Lucien, redobrou os esforços para ressuscitar a criança, sem nem lembrar-se de chamar o capelão, a tal ponto lhe era asqueroso tudo o que estava próximo da esposa que resolvera matar a criança a sangue-frio.

Passou-se mais de uma hora antes que seus esforços tivessem qualquer resultado. Mas,
finalmente, um leve suspiro escapou do peito de Eliza, um tremor correu por seus membros delicados, seus olhos abriram-se e ela dirigiu ao cavaleiro um olhar vago e cansado.

Volfram, que até aquele momento massageava-a, terrivelmente pálido, suspirou de alívio.

- Eliza! Minha querida criança! - murmurou ele, inclinando-se para ela.

O olhar sem vida da menina animou-se. Ela reconheceu o Conde, estendeu-lhe as mãozinhas e exclamou:

- Estou com medo! Tenho medo! Não me deixe!

O Conde levantou amorosamente a menina e cobriu-a de beijos, enquanto Eliza agarrava-se nele com seus bracinhos. Então, os nervos excitados da menina não aguentaram e ela teve o seu primeiro ataque. Somente com carinhos e promessas de nunca mais deixá-la, o Conde conseguiu acalmar os gritos, o choro convulsivo e o tremor nervoso que abalavam todo o corpinho delicado da criança.

Eliza acabou adormecendo com a cabeça no peito de seu tutor. Deitando-a na cama e cobrindo-a cuidadosamente, o Conde começou a andar pelo quarto, imaginando como deveria agir. Não queria mais deixar Eliza nem um dia no castelo, onde sua vida corria perigo. Mas, deixá-la onde? Com a madre Vilfrida? Era muito longe e nem Ervin Fins- terbach iria gostar disso. Depois de pensar por quinze minutos, o Conde decidiu deixar Eliza temporariamente com Giovanna.

Lá, a menina iria recuperar-se do terrível abalo que suportara e ele próprio poderia vê-la com mais freqüência. O resto, o tempo diria. Mais calmo com aquela decisão, Volfram ordenou a Lucien que providenciasse para que fosse arrumada toda a bagagem necessária da menina, pois, ao amanhecer, eles partiriam com Eliza.

Em seguida, foi ver o filho. Ele queria inquiri-lo a sós e saber dele os detalhes do crime.

O garoto não estava dormindo e só chorava. Quando o pai entrou, ele levantou-se agitado.

- E então? Você encontrou Eliza? Ela está viva? - perguntou ele.

Volfram puxou uma cadeira e sentou-se junto à cama.

- Sim, está viva. Deus não permitiu a morte da inocente criança. Agora, conte-me em detalhes tudo como aconteceu.

Com voz trêmula, Raymond relatou-lhe tudo, sem omitir a cena com a mãe, as bofetadas recebidas e a proibição de contar qualquer coisa ao pai.

Volfram ouvia calado, mas por dentro sentia agitarem-se ódio, desprezo e repulsa pela odiosa mulher que levava seu nome. Por fim, puxou Raymond

para perto e beijou-o.

- Meu bom menino! Você é meu verdadeiro filho. O sangue traiçoeiro e criminoso de sua mãe não conseguiu levá-lo ao crime - murmurou ele.

Sentindo que os lábios do pai tremiam e que uma lágrima quente caiu na sua testa, Raymond ficou estupefato. Nunca antes vira o pai chorar.

- Não chore, pai! Juro que nunca mais vou castigar Eliza. Mesmo se ela não me tratar com respeito vou guardá-la como o meu bem mais precioso consolava ele, passando os braços no pescoço do Conde.

Este sorriu.

- Obrigado, meu garoto, pela promessa, mas não posso deixar Eliza aqui e amanhã de manhã vou levá-la embora. Você só a verá quando crescer e estiver em condições de protegê-la. Então, vocês decidirão se realmente gostam um do outro. Quer despedir-se dela?

- Claro que quero! Pai, leve-me daqui também. Não quero ficar com a mãe e com a maldosa Greta, que me fez trancafiar Eliza murmurou Raymond emocionado, num tom suplicante.

Um pesado suspiro escapou do peito de Volfram. Oh! Ele adoraria levar o filho embora e livrá-lo da má influência da criminosa mãe. Mas, como poderia instalar o filho da legítima esposa sob o teto de sua amante?

- Infelizmente, isso é impossível, meu filho. Mas, voltarei logo e ai de sua mãe se ousar tratá-lo mal!

Raymond, emocionado, foi ao quarto do pai e inclinou-se sobre Eliza adormecida. Ela estava mortalmente pálida e tinha uma aparência muito debilitada. Uma compaixão sincera apertou o coração do garoto. Ele inclinou-se silenciosamente e beijou com cuidado a boquinha pálida e a mãozinha de sua pequenina esposa.

Os primeiros raios do Sol nascente começaram a dourar o horizonte quando no grande paço do castelo Volfram montou o cavalo e colocou na frente da sela Eliza enrolada na capa. Na sela de Lucien foi amarrado o pacote com as roupas da menina.

A Condessa Anna acompanhava de sua janela a partida do marido e sufocava de raiva. Volfram não foi vê-la e a sua partida com Eliza dispensava explicações.

Ela soube do que tinha acontecido na noite anterior pela criada. Ao concluir que graças a Raymond o seu plano mortal não se realizara e que ele

era o culpado pelo novo abismo que se abria entre ela e o marido, em sua alma despertou o ódio pelo filho.

- Criatura estúpida e ingrata! Ele prefere o pai, que o abandona por semanas inteiras em vez de mim, que vivo somente para ele. Mas, me aguarde! Vai me pagar por essa traição - murmurou, cerrando os punhos.

Quando o rangido da ponte levadiça anunciou a partida do dono do castelo, a Condessa foi ao quarto do filho. Raymond estava sentado junto à janela, chorando. A partida do pai com Eliza deixou-o desesperado. Quando sua mãe entrou e trancou a porta ele se amedrontou. A raiva que despontava no rosto dela despertou no espírito do garoto um sentimento de repulsa misturado ao terror.

Pela primeira vez, ele involuntariamente comparava o pai, bonito e elegante, com aquela mulher grossa e, então, achou-a por demais asquerosa, principalmente na hora em que o rosto dela cobria-se de manchas vermelhas e os grossos lábios desvendavam grandes dentes escurecidos.

Raymond sentiu a aproximação de uma daquelas injustas tempestades, que sempre o incitavam a ser teimoso e a resistir. Se o olhar carinhoso do Conde sempre o tornava dócil, a relação com a mãe, às vezes, fazia-o mostrar as garras.

Pálido, de dentes cerrados, Raymond aguardava com ar decidido o que viria a seguir.

Inicialmente foi uma chuva de ofensas e maldições a Volfram e, em seguida, começaram as acusações de ingratidão e traição a Raymond.

- Vou ensiná-lo a manter a boca fechada, moleque nojento! Agora, me diga o que você tagarelou ao seu pai? - gritava a Condessa com voz roufenha.

- Eu só falei a verdade, ou seja, que Eliza estava trancada na torre, que você me proibiu de contar isso a alguém e que mentiu, dizendo que lá existia um porão contestou Raymond, que tinha ouvido a mãe calado, ficando alternadamente pálido e ruborizado. Você sabia que o pai chorou e me disse: "Você é realmente o meu filho! O traiçoeiro e criminoso sangue de sua mãe não conseguiu induzi-lo ao crime".

A Condessa ficou mortalmente pálida e recuou. Em seguida, tomada de um acesso de fúria, caiu sobre o filho e passou a surrá-lo com um grosso cadarço de seda.

- Tome e tome! Aprenda a respeitar sua mãe e nunca mais transmitir-lhe as mentirosas acusações do seu pai! - gritava ela, parando para respirar.

- Você vai ficar trancado neste quarto por três dias a pão e água. Durante esse tempo, pense no que fez acrescentou ela, saindo do quarto e batendo violentamente a porta.

Cobrindo-se de lágrimas amargas, Raymond jogou-se na cama. Quanta desgraça trouxe-lhe o desagradável casamento! Se isso continuasse a acontecer pelo resto da vida, então talvez fosse melhor que Eliza realmente tivesse morrido na torre. Ele, pelo menos, não queria mais vê-la.

Capitulo 5

Giovanna recebeu Eliza de braços abertos e tratou a filha de sua falecida amiga com carinho maternal. Com aquele tratamento afável, a menina começou aos poucos a restabelecer-se do terrível abalo sofrido pelo seu organismo e recuperou a habitual alegria e despreocupação. Para Giovanna a menina era uma alegria e uma diversão durante as longas ausências de Volfram, provocadas por negócios na Corte do Conde de Tirol. A própria Eliza também afeiçoou-se à mãe adotiva.

A saúde de Giovanna continuava a piorar. Ela derretia-se como cera; o mal misterioso que aumentava a cada dia minava a sua saúde e ninguém conseguia desvendá-lo. Suas mãos e os pés pareciam pesados como chumbo e o menor esforço e emoção faziam-na suar frio. Um terror obscuro a incomodava, provocando-lhe insônia; um calor interior queimava em seu peito e, de tempos em tempos, ela tinha prolongados desmaios, durante os quais era perseguida por horríveis visões. Seres repugnantes aglomeravam-se à sua volta, soprando sobre ela nuvens de fumaça negra que a sufocavam, ou então enrolavam-se nela como se fossem teias de aranha e sugavam-lhe as forças vitais.

Quando Volfram retornou, após uma ausência de seis semanas, ficou assustado com a mudança que ocorrera na aparência dela. O frescor do rosto mudou para uma cor pálido-esverdeada e os olhos no fundo das órbitas perderam o brilho. Toda a figura dela revelava a
sombria estampa de cansaço e apatia. Quando Giovanna sofreu um desmaio ao ver Volfram, este teve a impressão que segurava nos braços um cadáver.

Terrivelmente desesperado, o Conde quebrava a cabeça tentando encontrar um remédio para ajudar a mulher amada. Dois dos médicos que chamou não conseguiram aliviar o sofrimento de Giovanna e, aparentemente, não conheciam o seu mal. De repente, veio-lhe a idéia de

consultar o Barão Vart. O Conde sabia que o velho cientista fora médico e possuía remédios desconhecidos aos médicos comuns. Além disso, ele era tio de Giovanna. Mesmo que o Barão não concordasse com a união deles e declarasse abertamente a sua insatisfação, ele entendia as fraquezas humanas e as perdoava.

O velho sempre recebia Volfram como a um filho e, por isso, o Conde esperava que ele não se recusasse a tratar Giovanna.

No dia seguinte, colocou seu plano em execução. Foi embora dizendo a Giovanna que iria consultar mais um médico em quem ele confiava mais do que em todos os outros.

Na noite seguinte à partida de Volfram, Giovanna sentiu-se tão mal que parecia estar morrendo. Um estranho peso apertava-lhe o peito, a impedia de respirar e, pela primeira vez, sentiu em todos os membros uma dor lancinante.

Uma grande tristeza apoderou-se dela e obrigou-a a levantar-se da cama. Desolada, mal conseguiu arrastar-se até a imagem santa. Parecia que o seu fim se aproximava. A idéia da morte despertou em seu espírito o medo e a dor de consciência.

A estranha doença não seria um castigo pela sua criminosa ligação com Volfram? Lembrou-se, então, das severas palavras do irmão, da desaprovação do tio Vart, e lágrimas amargas jorraram de seus olhos. Ela não tinha dado importância àquelas advertências e fora embora brigada com o irmão. Naquele momento, lamentava profundamente por tudo o que acontecera. Sentiu uma incontrolável vontade de ver Fúlvio, fazer as pazes com ele e receber dele o perdão antes de morrer.

Então, pela manhã, escreveu ao irmão sobre a sua doença, implorando que ele a perdoasse e que não lhe negasse a alegria de poder abraçá-lo pela última vez, já que o seu fim estava próximo. Após enviar a carta, Giovanna acalmou-se um pouco. Se Fúlvio estivesse em Veneza, ele naturalmente iria vê-la.

Alguns dias depois, o Conde chegou e informou que tinha ido visitar o Barão para pedir-lhe ajuda. Mas o velho cientista recusou-se a viajar e exigiu que a paciente fosse levada até ele, pois em seu castelo tinha à mão tudo o que precisava para o tratamento. Por isso, Volfram foi buscar Giovanna e Eliza para levá-las ao castelo do velho amigo.

O Barão ficou extremamente desgostoso com o estado de saúde da sobrinha, debilitada a ponto de não conseguir nem falar. Fez de tudo para instalá-la confortavelmente e, em seguida, disse que precisava observar os sintomas do mal antes de dar o diagnóstico e prescrever o tratamento.

O ar puro da montanha provavelmente agiu de modo benfazejo sobre Giovanna, que sentia-se bem melhor. Quando o tio estava próximo, ela sentia um bem-estar; mas o estranho é que assim que ele se afastava a doença se manifestava novamente.

A inesperada chegada de Fúlvio emocionou-a demais; ela sofreu um daqueles longos desmaios e durante algumas horas ficou prostrada como morta. A carta da irmã assustou e preocupou demais o jovem veneziano. Toda a sua raiva, então, logo desapareceu e ele pôsse a caminho naquela mesma noite.

Ao chegar na vila e saber que Giovanna fora levada para a casa do tio, ele imediatamente seguiu atrás.

Fúlvio chegou ao laboratório do Barão, triste e preocupado.

- O que acha dessa doença de Giovanna, tio Conrad? - perguntou ele. - Seu estado me parece muito sério.

- Tem razão! O estado de saúde dela é realmente muito sério. Tenho motivos para desconfiar que foi vítima de um feitiço. Só não tenho ainda indicações precisas de quem foi o culpado desse crime respondeu o Barão.

- Oh! Isso é fácil de adivinhar. Deve ter sido a esposa ou uma das amantes do Conde Reifenstein, querendo livrar-se da perigosa rival observou Fúlvio.

Em seguida, acrescentou com raiva:

- Quando será que Deus vai castigar esse depravado semvergonha que debocha da santidade do matrimônio e sacrifica a seus caprichos a honra de mulheres nobres? O Barão balançou a cabeça.

- Não julgue Volfram com tanta severidade por uma simples atração humana, que é desculpável em função do inferno familiar ao qual ele foi condenado. A vontade tirânica do pai ligou-o ainda adolescente àquela mulher, cuja alma é ainda mais asquerosa que a aparência. O desespero afugenta-o do próprio lar e empurra sua alma apaixonada para loucuras dignas de pena. Além disso, você precisa saber que Giovanna necessita de grandes cuidados e muita paz. Se deixá-la perceber seus sentimentos hostis

para com a pessoa que ela ama, isso poderá repercutir de modo maléfico em seu organismo enfraquecido.

- Não vou tratar o Conde com hostilidade. No presente momento, só tenho uma preocupação: salvar minha irmã. Portanto, tio Conrad, voltemos ao principal. Não há mais dúvidas que Giovanna foi vítima de feitiço. Já temos uma boa idéia de quem poderia ser o mandante do crime e agora só precisamos encontrar o executor.

- Isso já foi estabelecido. Não tenho dúvidas que o executor da feitiçaria é um judeu chamado Markhodey, um terrível feiticeiro que já causou muito mal às pessoas. Ele vive na cidade vizinha. Infelizmente, eu soube tarde demais que ele jogou um feitiço sobre a pobre Paola, que morreu do mesmo mal que consome Giovanna. Agora, antes de mais nada, precisamos saber o quanto a força destruidora minou o organismo dela. Venha, vamos vê-la!

O Barão pegou no armário uma pequena caixa e, acompanhado por Fúlvio, dirigiu-se ao quarto da sobrinha. Giovanna, pálida como a morte, estava deitada na cama; junto à cabeceira estava sentado Volfram e, a alguns passos deles, Eliza brincava com uma boneca.

Ao ver o Conde, o pálido rosto do veneziano ficou rubro e em seus olhos faiscou uma chama sombria. Mas, dominando-se, ele cumprimentou-o com certa reserva. Em seguida, desejando desanuviar o mau pressentimento que refletia-se claramente no rosto doentio da irmã, inclinou-se para Eliza e perguntou, passando carinhosamente a mão na sua cabecinha loura:

- Quem é essa linda menina? Ele lembra demais a pobre Paola.

- É a filha dela! O Conde Volfram casou-a com seu filho único, mas, por motivos longos demais para explicar agora, foi obrigado a confiá-la a mim - respondeu Giovanna.

Eliza levantou os olhos e olhou-o com curiosidade. Sorriu e sem qualquer resistência deixou-se pegar no colo. Depois, passando os bracinhos em volta do pescoço de Fúlvio, disse, afagando-lhe a face:

- Gosto muito dos seus olhos! Nunca vi ninguém com olhos tão bonitos. Gostaria de ficar olhando-os para sempre.

Todos riram e Giovanna cumprimentou Fúlvio pela rápida conquista. Com isso, desanuviou-se completamente a atmosfera carregada e a conversa fluiu mais amigavelmente.

Em seguida, o Barão Conrad iniciou o teste. Tirando da caixa algumas pedras, supostamente preciosas e sem engastes, ele começou a colocá-las em seqüência e três de cada vez na palma da mão de Giovanna, observando atentamente junto com Fúlvio se elas alteravam suas cores. Todas as pedras escureceram e uma delas ficou totalmente preta.

- Parece que achamos o remédio que lhe devolverá a saúde; mas precisamos discutir com Fúlvio qual o tratamento que devemos seguir disse o Barão a Volfram e a Giovanna, que observavam com receio e curiosidade todo aquele procedimento.

Ficando a sós no laboratório, o tio e o sobrinho discutiram longamente a forma de destruir o feitiço que minava a saúde de Giovanna.

- É uma pena não termos alguma moça com força mágica [14]para nos servir de instrumento. Isso facilitaria muito a nossa tentativa - observou Fúlvio.

- Mas, nós temos esse instrumento, a pequena Eliza. Os espíritos bons a protegem e Deus concedeu-lhe um enorme poder. Parece que Eliza simpatiza muito com você e isso significa que pode influenciá-la. Portanto, tente fazê-la afeiçoar-se bastante a você e daqui a nove dias, após os preparativos necessários, tentaremos livrar Giovanna do feitiço mortal.

Nos dias que se seguiram, os cientistas passaram quase todo o tempo no laboratório, estudando e realizando testes misteriosos. Apareciam somente no jantar e passavam algu- mas horas à noite na companhia de todos.

Fúlvio ganhou a afeição de Eliza de tal maneira, que ela não dormia senão no colo dele e era tão obediente a qualquer pedido seu que até parecia adivinhar seus pensamentos.

Finalmente, chegou o momento de iniciar o importante e perigoso experimento, que deveria decidir a sobrevivência de Giovanna.

Perto da meia-noite, Fúlvio levantou uma pesada cortina que tapava a janela do laboratório. A lua cheia iluminou bem o círculo mágico desenhado no chão. No centro do círculo, num suporte metálico, havia um espelho também de metal, cuja superfície polida refletia as cores do arco-íris.

No leito, dormia Eliza que passou toda a tarde brincando com o seu novo amigo. Aproximando-se da menina, Fúlvio aplicou nela alguns passes e, em seguida, estendeu a mão na direção do círculo mágico. A menina estremeceu, levantou-se e com extraordinária leveza escorregou do leito.

Seguindo a direção apontada pelo veneziano, ela entrou no círculo mágico e parou diante do espelho.

Os olhos da criança estavam fechados; sua figura delicada e graciosa parecia flutuar sem encostar no chão.

- Você vê Giovanna dormindo? - perguntou Fúlvio.

- Sim, estou vendo. Ela agita-se no leito e sobre ela paira uma nuvem negra que, por instantes, a envolve completamente respondeu Eliza.

A voz da criança soava de modo estranho.

- Olhe atentamente para o espelho e tente ver de onde veio essa nuvem negra!

- A nuvem vem de longe. Um cordão vermelho e negro liga-a àquela ponte.

- Observe o cordão e veja para onde ele leva!

A criança inclinou-se para a frente e parecia observar atentamente um objeto invisível, apesar de seus olhos permanecerem fechados.

Estou vendo! Uma faixa preta atravessa as montanhas. Lá está a rua estreita passando entre casinhas velhas. A faixa negra desaparece na casinha que possui uma janelinha com grades... Ai!

Eliza soltou um grito e recuou.

Um gesto imperioso de Fúlvio fê-la parar perto da linha do círculo que ela quase atravessou.

- Fique aqui e diga-me o que vê!

- Estou vendo um quarto escuro; no fundo dele está sentado um monstro e entre os seus chifres tem uma caixa na qual penetra a faixa escura. Naquela caixa está deitada Giovanna e sobre o seu peito queima uma chama verde que a consome.

- Você pode pegar aquela caixa e passar para mim?

- Se você ordenar - murmurou a menina com voz fraca.

- Pegue! Estou ordenando!

A pequena mãozinha de Eliza começou a deslizar pelo espelho como se tateasse algo.

A pequena cidade dormia; suas ruas escuras e estreitas estavam desertas e na casa de Markhodey reinava o silêncio. No fundo da casa, no quarto que saía para o jardim dos fundos, protegido dos olhos curiosos por um muro alto, dormia o dono da casa; ele repousava à maneira oriental sobre uma

fileira de almofadas cobertas por um tapete macio. No quarto contiguo dormia Misael, filho e ajudante do feiticeiro em seus negócios obscuros.

De repente, naquele silêncio profundo ouviu-se um lamentoso gemido de Markhodey; abalado e trêmulo ele levantou-se no leito. Por um instante, ficou sentado de olhos bem abertos, apertando as mãos ao coração e ofegando. Em seguida, desceu da cama, mas não conseguindo segurar-se nas pernas enfraquecidas desabou sem forças no chão.

As magras pernas do velho torciam-se como se passasem por terrível dor. Mas parece que ele logo recuperou o habitual sangue-frio e a força de vontade. Então, arrastou-se até o quarto contiguo e gritou com voz estridente:

- Misael! Misael! Rápido! Levante rápido! O rapaz de uns vinte e cinco anos pulou da cama e acudiu Markhodey.

O que aconteceu, pai? Será que os góis [15] atacaram a nossa casa e estão matando os nossos irmãos? perguntou ele, horrorizado.

- Não! Pela graça de Jeová[16], nada disso nos ameaça. Mas alguma coisa terrível caiu sobre mim. Leve-me rapidamente ao santuário!

Misael levantou o pai como a uma criança e carregou-o para o santuário. Mas, assim que eles atravessaram a soleira da porta, Markhodey pôs as duas mãos na cabeça. Um grito de horror e desespero escapou-lhe do peito. O caixãozinho com a figura de cera já não estava entre os chifres do ídolo.

Markhodey caiu no chão e, agarrando-se ao braço do filho, murmurou:

- Traga-me o recipiente de cristal com água e acenda as velas pretas!.. Rápido!.. A morte vem vindo e antes quero passar-lhe uma grande força e o meu poder sobre os seres invisíveis.

Pálido e tremendo de corpo inteiro, o jovem judeu cor- reu para o nicho na parede, oculta por um cortinado, retirou de lá o recipiente de cristal com água e colocou-o no chão diante do pai. Em seguida, acendeu as velas pretas e sentou- se em frente do pai, do outro lado do recipiente.

Era uma visão surpreendente e terrível!

Ambos, inclinados sobre a água, estavam pálidos como a morte, e o velho transmitia rapidamente ao filho seus segredos impios de feiticeiro. A aparência de Markhodey era horrível e repugnante. O rosto dele estava verde, os olhos saltavam das órbitas e todo o seu corpo contorcia-se em

convulsões. Com voz intermitente, como se estivesse brin- cando e assobiando, ele balbuciava encantamentos e fórmu- las, olhando com horror ao seu redor.

De repente, de todos os lados, das paredes, do teto e do chão, começou a vazar um vapor negro, denso e sufocante, que preenchia o quarto e gradativamente envolvia o feiticeiro. Ouviu-se um lúgubre crepitar e uma lufada de vento passou zunindo e rugindo. As velas negras queimavam com chama esverdeada e pelo quarto voavam, trovejando, diversos objetos arremessados por seres invisíveis.

Markhodey foi tomado por uma crise de loucura: com urros, gemidos e convulsões ele rolava no chão no meio da tempestade que se desencadeou ao seu redor. Então, o ídolo, derrubado do pedestal por uma força invisível, espatifou-se ao lado do feiticeiro e um dos chifres do monstro enterrou-se em seu corpo.

Markhodey saltou rugindo como um animal selvagem, mas imediatamente caiu no chão. Aos seus gritos desesperados respondia o ribombar de gargalhadas estridentes; ele resistia furiosamente, mas a nuvem de fumaça negra o envolvia e o sufocava. Após alguns minutos de luta, Markhodey virou-se de bruços, esticou os braços e ficou imóvel.

Imediatamente no quarto tudo silenciou. A chama crepitante do toco de vela iluminava apenas o rosto do feiticeiro, desfigurado e enegrecido como se tivesse sido atingido por um raio; o ídolo estava caído e o recipiente trincado ao meio.

O jovem judeu, pálido, respirando pesadamente, ficou em silêncio e não se moveu enquanto realizava-se a execução do grande servidor do mal através da mesma lei que ele mesmo ativou. A força destruidora lançada por Markhodey sobre o ser inocente voltou-se contra ele próprio e este contragolpe acabou por matá-lo.

Misael debruçou-se sobre o cadáver de Markhodey e olhou com involuntário tremor para o rosto desfigurado pelo horror. Depois, descalçou o pé esquerdo do pai e retirou do sapato um pequeno objeto enrolado num pano que parecia uma cruz. Aquele objeto ele havia colocado no seu próprio sapato, balbuciando palavras sacrílegas.

*

O estado de saúde de Giovanna sofreu uma mudança radical. Ela praticamente ressuscitou para a vida. O rosto recuperou o antigo frescor, os olhos acenderam-se com fogo e o andar tornou-se firme e gracioso. Apenas uma leve fraqueza ocasional lembrava o perigo mortal que ela tinha corrido. Eliza também estava fraca e durante uns dois ou três dias sentiu um leve mal-estar, mas logo se recuperou.

Tranquilizado quanto à saúde de Giovanna, Volfram voltou para o seu castelo movido pelo desejo de rever o filho e também pela necessidade de acompanhar os negócios. Ao partir, combinou com Giovanna que dali a um mês voltaria para levá-la à vila.

No dia seguinte da partida do Conde, Fúlvio foi visitar a irmã.

- Agora que está completamente curada, Giovanna, é meu dever revelar-lhe a causa de sua doença e conversar sobre o futuro - disse ele amigavelmente, sentando-se ao seu lado.

A moça acenou afirmativamente com a cabeça e Fúlvio prosseguiu:

A doença que quase a matou foi provocada por feitiçaria. A ciência e a colaboração de um ser inocente, possuidor de extraordinário poder, permitiram ao tio Conrad e a mim salvá-la. A mandante do crime foi a Condessa Reifenstein e o executor, um judeu feiticeiro que mora nos arredores, perto daqui.

Giovanna empalideceu e levantou os olhos.

- Então, qual a sua conclusão de tudo isso?

- Minha conclusão é que a sua vida encontra-se sob constante ameaça de morte. A Condessa continuará a procurar uma oportunidade para liquidar a rival que se interpõe entre ela e o marido, usurpando-lhe os direitos legais. Sua própria consciência, irmã, deveria sussurrar-lhe que a ligação imoral com um homem casado não pode merecer a bênção divina. Você deverá decidir se a sua cura milagrosa foi um sinal dos Céus de que está na hora de retornar ao verdadeiro caminho, o caminho do dever!

Giovanna pôs as mãos na cabeça. Lembrou-se das torturantes dores de consciência que a importunaram na noite em que pensou que ia morrer e decidiu chamar Fúlvio para ajudá-la.

- Você quer que eu deixe Volfram? - sussurrou ela e duas lágrimas quentes rolaram por suas faces. Como posso fazer isso agora, quando ele praticamente me reencontrou e quando a morte devolveu-me para ele?

- Você tem certeza de que a morte devolveu-a para ele e não para uma vida nova, honesta e digna dos mandamentos de Deus? Mas, acalme-se! Longe de mim querer envenenar sua recuperação com reprimendas e duras exigências. Giovanna, eu a perdoei há muito tempo e deixo a seu critério fazer a escolha. Quis somente revelar-lhe a causa de sua doença e avisá-la do eterno perigo que está correndo em razão do ódio da mulher, cujo marido você afasta do lar e de suas obrigações. Quero que saiba: o dia que você voltar voluntariamente para o meu teto será o dia mais feliz de minha vida. Vamos terminar esse assunto agora e que o Senhor a inspire e a dirija! Vou embora amanhã, pois com- promissos inadiáveis me aguardam.

Aquela conversa calou fundo no espírito de Giovanna. Entretanto, a atração por Volfram era ainda tão forte que, quando o Conde chegou para buscá-la, ela foi com ele e com Eliza para a vila. Entretanto, a harmonia anterior e a eterna felicidade fora rompida.

Não se sabe se foi conseqüência do feitiço ou resultado de novos sentimentos de temor a Deus por parte de Giovanna, mas a relação entre os amantes já não era a mesma: começaram desacordos e até discussões. Uma respeitosa discrição substituiu a antiga franqueza. Certa vez, Volfram cobriu Giovanna de reprimendas, disse que ela não o amava mais e foi embora por dois meses para a Corte do Conde de Tirol. Suas aventuras escandalosas, cuja fama acabou chegando até a vila isolada, provocaram uma tempestade de ciúmes no coração apaixonado da veneziana.

Giovanna era tão bela quanto orgulhosa e vingativa e o método que Volfram usou para expressar seu descontentamento desagradou-a demais.

Depois de pensar com maturidade a jovem mulher decidiu, com a energia que lhe era peculiar, cortar aquela relação condenada pela religião e pela honra e que já não lhe trazia tanta felicidade.

Por força dessa decisão, assim que o Conde retornou tendo esquecido a raiva, ela o avisou da resolução que tomara de voltar para casa do irmão.

Volfram ficou estupefato; mas todos os seus esforços e rogos na tentativa de fazer Giovanna mudar de idéia foram em vão.

- Vamos nos contentar com o fato de que fomos felizes e guardaremos boas lembranças do nosso lindo sonho de amor - observou ela carinhosamente, mas com firmeza. - Tudo o que não tem por base a honestidade, o dever e que está envenenado pela vergonha não pode ser duradouro. Permaneçamos amigos, Volfram, este sentimento ninguém

poderá tirar-nos. Vamos nos separar, sem envenenar esta separação com reprimendas.

Apesar da profunda tristeza que lhe causava a separação, o Conde teve de submeter-se à decisão de Giovanna. Já há muito tempo ele previa que chegaria uma hora em que o orgulho venceria o amor no coração da veneziana. Mas, o ferimento estava recente demais para ele conseguir tratar Giovanna como amiga.

Volfram decidiu imediatamente ir embora com Eliza e resolveu deixar a menina com o Barão Vart por algum tempo. Ele temia levá-la consigo para o castelo e, naquele momento, não tinha onde deixá-la.

Então, Giovanna informou-lhe que o tio Conrad pretendia ir morar na casa de Fúlvio e que ela iria para lá junto com ele. Depois, entregou-lhe uma carta do Barão, na qual este pedia a Volfram para confiar-lhe Eliza até o momento de ela unir-se ao marido. O Barão prometia educar a pequenina e deixar-lhe os seus bens. Ao lado dele, de Fúlvio e de Giovanna a menina cresceria feliz e amada por todos. Para Eliza era a melhor saída. Depois de uma curta luta interior, Volfram concordou, apesar de ser difícil para ele separar-se da criança a quem afeiçoou-se tanto.

Após uma fria despedida, o Conde deixou a vila apressadamente e, dez dias depois, Giovanna e Eliza também partiram para a Itália sob a guarda de Fúlvio, que foi pessoal- mente buscá-las.

Capitulo 6

Era um lindo dia de março do ano de 1305. Os raios do Sol poente brincavam sobre a superfície dos canais de Veneza, refletindo as cores dourada e púrpura sobre os espessos muros verde-acizentados dos palácios.

Junto à margem de um dos canais próximo ao "Canale Grande", [17]elevava-se um palácio cujo frescor e acabamento indicavam que era recém-restaurado por seus proprietários.

Numa sala luxuosamente mobiliada do primeiro andar, iluminada por três janelas altas, estavam naquele momento três personagens que já conhecemos.

Atrás de uma pequena mesa, Conrad Vart e Fúlvio Faleri jogavam xadrez. Nenhum deles mudou em nada nos dez anos que se passaram. O senhor Conrad continuava um venerável ancião com olhar juvenil, enquanto o orgulhoso, severo e frio Fúlvio tinha a mesma aparência de um rapaz de vinte e cinco anos.

Perto da lareira de mármore, na qual queimava um fogo alto, numa poltrona de madeira entalhada e revestida de seda estava sentada uma bela moça. Ela trajava um vestido de lã branco; o corpete justo destacava a sua elegante e delicada figura e um fino aro de ouro prendia seus lindos cabelos negros, que desciam em mechas sedosas até abaixo dos joelhos.

Seu rosto, de traços perfeitos e de delicadeza infantil, tinha uma espantosa cor opaca e pálida. Mas, o brilho metálico dos grandes olhos azuis e a dobra enérgica da pequena boca rosada denunciavam um espírito autoritário, orgulhoso e até caprichoso. Uma leve ruga entre as sobrancelhas e o olhar taciturno, dirigido para o nada, indicavam que, naquele instante, ela se preocupava com alguma coisa; a pequena mão torcia nervosamente o cordão de seda que afivelava sua cintura.

Por diversas vezes, Fúlvio lançava olhares em direção à lareira, observando a moça.

- Eliza, hoje você está com uma aparência muito sisuda! Em que está pensando? - perguntou ele. A moça estremeceu e endireitou-se.

- Fico pensando na chegada de Volfram e naquelas desagradáveis explicações que me aguardam respondeu ela, suspirando.

Então, levantou-se e aproximando-se da mesinha, sentou-se no apoio de braço da poltrona de Fúlvio.

- Você pretende brigar com o Conde? - perguntou o veneziano com um sorriso. - Antigamente você gostava dele!

- É verdade! Gosto do Conde e guardo dele as melhores recordações, mas não gosto nada de seu filho, aquele garoto grosseirão e maldoso que sempre estava discutindo, batia em mim e na Greta e até a arrastava pelas tranças. Por nada desse mundo quero voltar para ele!

- Você está falando com desrespeito sobre o seu esposo. Não será nada fácil livrar-se dele! - observou Fúlvio, com um malicioso sorriso.

Eliza explodiu.

- Por nada desse mundo volto ao castelo Reifenstein! Voltar a viver junto daquela mulher nojenta que, tenho certeza, teria ficado muito contente se eu tivesse morrido na torre onde me trancou o seu digníssimo filho? Não, nunca! Se o senhor Volfram quiser me obrigar a isso, então prefiro jogar-me no canal a acompanhá-lo.

Sentiam-se lágrimas na voz de Eliza. De repente, ela passou os braços em volta do pescoço de Fúlvio e apertou- se nele com sua face aveludada.

- Deixe-me ficar! Estou tão feliz aqui com você e com o vô Conrad. Será que vocês, cientistas e possuidores de tanto poder, não conseguem me livrar da sina que me é tão repugnante?

Em seguida, a moça jogou-se nos braços do Barão. O rosto de Fúlvio cobriu-se de leve rubor.

- Acalme-se querida! - disse o ancião, beijando-a na testa. - Se o casamento com Raymond lhe desagrada, então prometo tomar todas as medidas necessárias para livrá-la disso. Volfram é muito honesto e nobre e não irá forçar uma mulher. Fúlvio e eu temos boas relações com o santo padre, o que nos garante que o seu casamento com o jovem Conde Reifenstein possa ser desfeito.

- Sim, Eliza! Juro que se você não quiser nos deixar por livre e espontânea vontade, ninguém a obrigará a isso! - acrescentou Fulvio.

- Você só precisa ficar tranquila, paciente e não enervar-se - interrompeu-o Vart. - Não esqueça, Eliza, que está ligada a Raymond por laços sagrados e esse assunto deve ser tratado com extremo cuidado.

No rosto expressivo da moça apareceu uma expressão de satisfação e medo. Sei que está certo, vovô, e vou seguir os seus conselhos ao pé da letra.

Com a informação de que o jantar estava servido, o criado interrompeu a conversa. Os três passaram para o refeitório e sentaram-se à mesa, que brilhava com cristais e prata. O jantar transcorreu em silêncio, pois cada um ficou imerso nos próprios pensamentos.

A moça ocupava quartos que saíam para o canal e para uma rua transversal. Fúlvio mobiliou com luxo e conforto os aposentos destinados à sua jovem amiga. Eliza empurrou a poltrona até a janela, sentou-se e ficou pensativa, olhando o canal pelo qual [18]gôndolas deslizavam silenciosamente.

Ela pensava em Raymond. A aguardada chegada do Conde Volfram reavivou-lhe as lembranças de infância. Cenas do seu passado no castelo Reifenstein, uma a uma, vinham-lhe à memória: o casamento, as brigas e também as brincadeiras amigáveis com seu pequeno marido. E entre eles sempre postava-se como um gênio mau a esperta, mentirosa e maldosa Margarita von-Ramets. Isso continuou até o terrível dia em que, por influência de Greta - Eliza a ouviu e lembrava disso - Raymond trancou-a na torre abandonada.

As lembranças do que sofreu lá fizeram passar um frêmito gelado pelo seu corpo. Ela ainda via com nitidez doentia o quarto escuro, a cama com as cortinas puídas e as manchas pretas no chão que, segundo Raymond, eram restos de sangue.

O insano horror que tomou conta de sua alma infantil, naquela hora, reavivou-se novamente. Seu coração bateu forte, como naquela ocasião, quando sentou-se junto à porta trancada e já não conseguindo gritar e sentindo frio via aproximar-se a escuridão da noite. Em seguida - ela não sabia se fora realmente uma visão ou simples alucinação dos sentidos perturbados -, viu como a torre iluminou-se com uma luz esverdeada e diante dela desencadeou-se toda a cena do assassinato.

A impressão foi tão forte que até aquele presente instante podia ver novamente diante de si o rosto pálido e deformado da jovem mulher, derrubada no chão com um soco dado por um homem de traje vermelho e rosto desfigurado pela fúria. Ela ouviu o barulho de luta, vozes roucas e um estridente e horrível grito de agonia, que a abalou até os ossos. Depois, não lembrou de mais nada...

Eliza levantou, andou pelo quarto e com as duas mãos jogou para trás seus longos cabelos negros. Não queria lembrar daquele acontecimento terrível. Prometeu a si mesma que jamais voltaria ao castelo Reifenstein e que ficaria ali, onde era feliz e onde todos a amavam e a mimavam.

A moça acendeu duas tochas de cera em maciços candelabros, sentou-se à mesa e olhou em volta, cheia de si. O tecido caro e espesso nas paredes, a mobília incrustada e o tapete oriental que cobria o piso, tudo respirava luxo e conforto que demonstravam o amor de quem arrumou-lhe aquele abrigo real.

Sim, Fúlvio era bondoso e magnânimo. Desde o dia em que ela e Giovanna foram morar sob o seu teto sua vida transcorreu sem problemas. Os dez anos que passou ali foram tempos de felicidade e paz.

Na época, eles não moravam em Veneza, mas nos arredores de Pádua[19], num pequeno castelo pertencente a Fúlvio.

Vamos parar aqui com as lembranças de Eliza e contar aos leitores o que aconteceu durante os anos que se passaram.

Após a separação de Volfram, Giovanna não quis retornar imediatamente a Veneza. Ninguém por lá sabia ao certo por onde ela tinha andado, mas desconfiavam naturalmente que a briga com o irmão tinha motivos importantes, apesar de Fúlvio jamais ter comentado o assunto.

Por sua beleza e riqueza, Giovanna era considerada uma das rainhas de Veneza e inúmeros admiradores ansiavam por sua mão. Entre os pretendentes, o mais cotado era Oreo Villamarino, um jovem rico, famoso e nobre. Todos aguardavam o anúncio do noivado deles quando, repentinamente, a linda veneziana sumiu da cidade e ninguém realmente soube nada do verdadeiro motivo de sua partida.. Somente Oreo conseguiu adivinhar a verdade. O ciúme ajudou-o a captar a troca de olhares suspeitos entre Giovanna e o cavaleiro alemão. Oreo, que a amava sincera e profundamente, ficou desesperado; de tristeza, entrou para o serviço de uma galera[20] republicana e por muito tempo navegou nas águas do Mediterrâneo.

Cerca de um ano após a reconciliação de Giovanna com o irmão, Oreo encontrou-se por acaso com Fúlvio e depois foi visitá-lo. Na casa dele, encontrou Giovanna no auge de sua beleza. O amor que jamais se apagou em seu coração reacendeu-se com novo ímpeto e ele pediu-a em casamento.

Giovanna, honesta e orgulhosa, foi absolutamente sincera revelando-lhe tudo o que acontecera e acrescentando que tinha se separado do Conde por iniciativa própria. Disse também que gostaria de recompensar Oreo por sua longa fidelidade, casando-se com ele, se ele ainda a considerasse digna de usar o seu nome, depois de tudo o que acontecera. Villamarino respondeu que só Deus e a consciência dela podiam julgar o passado e que ele apenas exigia o seu amor e a sua fidelidade a partir daquele momento. Giovanna, entretanto, insistiu que o casamento fosse adiado por um ano. Assim, três anos depois da separação com Volfram, ela casou-se com Villamarino.

O enlace foi feliz. Mesmo ainda apaixonada pelo Conde, Giovanna respeitava Oreo, cujo amor trazia-lhe uma felicidade sólida e tranqüila.

Decidindo passar os primeiros anos de vida conjugal longe de Veneza, Giovanna, a pedido do irmão e do tio, deixou Eliza, que eles adoravam. A moça cresceu solitária, mas era feliz no pequeno castelo perto de Pádua, onde recebeu uma educação muito superior àquela que recebiam as moças nobres de seu tempo.

O Barão junto com Fúlvio ensinava-lhe pessoalmente ciências e artes.

Naquela ocasião, fazia apenas três semanas que eles tinham retornado a Veneza e Giovanna preparava-se para apresentar a protegida de seu irmão à sociedade quando, repentinamente, a carta do Conde lembrou-lhe desagradavelmente que Eliza era casada.

Volfram mantinha uma rara correspondência com Vart; pessoalmente, nunca foi visitá-lo, nem a Eliza. A notícia do casamento de Giovanna deixou o Conde extremamente triste e ele evitava encontrar-se com ela. É difícil dizer se ele não queria perturbar-lhe a paz ou não confiava na própria atitude.

No castelo Reifenstein o nome de Eliza jamais era citado. Até mesmo Raymond parecia ter esquecido dela. Só Volfram lembrava-se da jovem e, às vezes, do fundo do coração lamentava ter unido dois seres que tão pouco combinavam entre si. Mas o mal já estava feito! Depois de aguardar Eliza completar dezesseis anos e Raymond vinte e dois, ele resolveu visitar a nora e decidir com Conrad Vart a melhor maneira de unir o jovem casal.

Foi a carta do Conde, anunciando a sua chegada a Veneza, que constrangeu o espírito de Eliza.

Giovanna também ficou um pouco perturbada com a notícia da chegada de Volfram. Com sua habitual franqueza, ela imediatamente contou o fato ao marido e disse que, se ele quisesse, ela poderia deixar Veneza pelo tempo que Volfram permanecesse lá.

- Deus me livre permitir que você fuja daquele homem! - respondeu orgulhosamente o veneziano. - Ele pertence a um passado que não me diz respeito e espero que não ofereça perigo à mãe de meus filhos. Para não levantar suspeitas demais evitando-o, vamos receber o Conde como amigo de seu irmão.

No dia seguinte àquela conversa, Giovanna e o marido almoçavam na casa de Fúlvio. Durante a refeição, o assunto principal foi o casamento de Eliza. O Conde Volfram era aguardado para o dia seguinte e a moça estava num estado de espírito aguerrido.

Após o almoço, quando todos passaram para a sala de estar, Oreo Villamarino tentou convencer Eliza a ser obediente e a assumir com docilidade a sua nova vida. Naquele momento, o criado entrou para informar a chegada do Conde Reifenstein.

O Barão e Fúlvio levantaram-se imediatamente para receber o visitante, mas não tiveram tempo de chegar até a porta quando na soleira apareceu o próprio. Continuava o mesmo cavaleiro bonito e orgulhoso, com olhar flamejante e sorriso desdenhoso. Ele abraçou Vart, apertou a mão de Fúlvio e, em seguida, dirigiu-se rapidamente às damas. Empalideceu levemente ao reconhecer Giovanna, mas esta parecia não ter notado isso, estendendo-lhe amigavelmente a mão.

- Bem-vindo senhor Conde! Estou muito feliz de rever o velho amigo de tantos anos - disse ela num tom tranquilo.

Volfram beijou-lhe cordialmente a mão e agradeceu com discrição a amável recepção. Em seguida, Giovanna apresentou-lhe o seu marido. Oreo leu claramente nos olhos da esposa que o Conde realmente era para ela nada mais do que uma recordação e apertou afavelmente a mão de seu ex-rival.

Depois disso, Volfram aproximou-se de Eliza. Esta levantou-se pálida e confusa. Ela claramente não sabia como se portar com ele.

Mas o Conde acabou imediatamente com a sua indecisão, puxando-a para si e beijando-a nas faces.

- Como estou feliz em vê-la, minha querida filha! Não me diga que esqueceu tanto de mim que me recebe como a um estranho!

Eliza ficou embaraçada e não reagia. Mas, quando encontrou aquele olhar carinhoso, foi novamente envolvida pelo encanto que este sempre teve sobre ela desde a infância. Esqueceu toda a raiva, correspondeu com afeto ao beijo do Conde e disse:

- Não, tio Volfram, jamais esqueci que sempre foi bom comigo e gosto de você como sempre. Apenas temo que não goste do que tenho para lhe dizer.

- Ainda teremos tempo para conversar e discutir as coisas desagradáveis que você pretende me expor. Mas, agora, permita-me olhar bastante para você - disse o Conde alegremente.

Em seguida, dirigindo-se a Giovanna, acrescentou:

- Não acha que ela se parece muito com Paola? Apenas nos olhos e na expressão da boca há algo diferente.

Ela é diferente da mãe no gosto e no caráter -respondeu Giovanna com um sorriso.

Passando a falar sobre a finada amiga, ela quis saber por onde andava o cavaleiro Finsterbach. A conversa tornou-se geral e Volfram contou que Ervin Finsterbach fora gravemente ferido nos últimos combates perto de Jerusalém. Após a libertação de Jerusalém e o retorno dos templários à ilha de Chipre, ele ficara durante um bom tempo junto ao Grande Magistrado; depois fora designado como comandante para o norte da Alemanha. Recentemente, Ervin tinha comunicado que, ao viajar para a ilha de Chipre, pretendia passar por Veneza para encontrar a filha que não via há anos.

Quando os convidados foram embora, Volfram sentou-se junto à lareira, calado, observando Eliza que estava sentada ao seu lado e olhava o fogo com ar constrangido e preocupado.

"Ela está encantadora!", pensou Volfram. "Aposto que Raymond irá se apaixonar loucamente assim que vê-la. Mas, o que será que se passa em seu coração que tem medo de me revelar? Diabos! Será que se apaixonou por aqui por algum italiano? Esta seria uma 'bela' surpresa!"

- Minha filha, agora estamos a sós! Diga-me, então, as coisas desagradáveis que pretendia falar disse o Conde, passando como de hábito direto ao assunto.

Eliza ficou vermelha e olhou para o Conde com indecisão.

- Talvez eu esteja errada, imaginando que o que tenho para falar-lhe seja desagradável, tio Volfram. Mas antes, diga-me o motivo de sua vinda!

Aquela pergunta maliciosa da inocente filha de Eva [21] fez passar um sorriso zombeteiro pelos lábios do Conde.

- Vim para vê-la e agradecer ao tio Conrad e ao senhor Fúlvio pela dedicação e pelo amor com que a cercaram respondeu ele, bonachão.

- Só para isso? Deus, como fico feliz! exclamou ela com brilho nos olhos.

O Conde começou a enrolar os bigodes.

- Mas, devo confessar que também vim para lembrar-lhe que você é a Condessa Reifenstein e que este nome impõe certas obrigações.

O rosto de Eliza ficou imediatamente sombrio.

Em resposta, cla declarou com ar decidido que havia resolvido nunca mais retornar ao castelo Reifenstein e a divorciar-se de Raymond. A decisão fora motivada pela profunda antipatia que sentia pela Condessa Anna, por Greta e também pelas desagradáveis lembranças que guardava de Raymond.

- Tenho certeza que a Condessa Anna sempre tentará me destruir enquanto Greta irá eternamente semear a discórdia entre nós. Além disso, Raymond sempre preferiu a senhorita Ramets e parece que atualmente a ama sinceramente. Portanto, deixe que sejam felizes; quero ficar aqui entre as pessoas que amo e que me amam também. Tio Volfram, permita-me acrescentar que, de sua parte, foi um grande pecado unir a mim e Raymond ainda crianças concluiu Eliza, toda vermelha.

O Conde ouviu-a sem interromper.

- Talvez você esteja certa disse ele, após um momento de silêncio - e eu tenha cometido um engano ao uni-los. Mas, nas circunstâncias da época, achei que agia corretamente. Casamentos como o de vocês são comuns entre a nobreza. Deus me livre de obrigá-la a ser esposa de meu filho, se este casamento lhe for repugnante. Naturalmente, Raymond também não se oporá à separação, se o tio Conrad consegui-la do santo padre. Mas, minha querida, não acha que antes de tomar essas medidas decisivas seria melhor encontrar-se e tentar ver se vocês se apaixonam? Somente então, após uma madura reflexão, poderá cortar os sagrados laços que os unem. Eliza, não se joga fora um marido como uma luva velha e, antes de obrigar um homem a pagar pelos pecados de um garoto, é preciso verificar se ele se corrigiu.

Eliza abaixou a cabeça e pensou.

- Tem razão, tio Volfram! O nosso encontro não nos obrigará a nada e, além disso, pode trazer conseqüências muito importantes. Mas, o que acontecerá se eu não gostar de Raymond e ele gostar de mim? Isso pode acontecer! Então, ele não vai querer me dar a liberdade e a lei estará com ele.

- Meu Deus, sua cautela é espantosa! Não posso negar que muito provavelmente Raymond irá apaixonar-se pela linda mulher que você é. Mas, isso ainda não é motivo para o divórcio; precisamos encontrar alguma saída, pois, apesar da juventude, você deve entender que não se pode destruir tão levianamente uma união abençoada por Deus.

Eliza nada respondeu, abaixou a cabeça e pensou novamente.

De repente, seus olhos faiscaram com malícia e ela deu uma gargalhada.

- Tio, tive uma idéia! - disse ela, rindo. - Se o senhor aprová-la, então poderei ver Raymond e ele a mim. Ele sabe onde me encontro agora?

- Sim, ele sabe que atualmente você está em Veneza, mas não me perguntou detalhes, pois não conhece nem o Barão Vart, nem Fúlvio e nem a senhora Giovanna. Então, qual é a sua idéia?

- É a seguinte: retornando para casa, diga a Raymond que fui visitar a tia doente de Fúlvio. Mas, diga-lhe para vir de qualquer jeito a Veneza e aguardar lá o meu retorno para discutirmos a questão do divórcio, que ambos queremos. Ele pode ficar na casa de Fúlvio e saber do vô o que é preciso fazer para nos separarmos logo. Enquanto espera por mim, deixe-o divertir-se na bela e rica cidade. Neste ínterim, eu mudo para a casa de Giovanna. Ela está aguardando a chegada de uma parente do marido, Bianca Villamarino, mas esta não pode vir logo porque sua mãe adoeceu gravemente. Enquanto isso, posso usar livremente o nome de Bianca, pois, por aqui, quase ninguém me conhece. Raymond, sem dúvida, irá visitar a senhora Oreo. Assim, eu o verei lá e para mim será mais fácil observar de longe se ele vai se comportar como homem casado, consciente de suas obrigações. Em seguida, eu mesma arranjarei um encontro com ele, de tal maneira que nunca vai desconfiar quem sou eu. Desse modo, poderemos fazer um teste para sabermos se agradamos ou não um com o outro.

Entusiasmada com a própria idéia, Eliza até bateu palmas.

O Conde não conseguiu segurar o riso, ouvindo a esperta armadilha inventada pela imaginativa filha de Eva. Aliás, o desejo de Eliza de ver o

marido e estudar o seu caráter antes de unir-se definitivamente a ele era perfeitamente justo. Quem sabe, eles realmente poderiam não combinar!

- Se o senhor Oreo, sua esposa, Fúlvio e tio Conrad concordarem em participar do plano, então também vou, para que tudo aconteça como deseja. Vou trazer Raymond para cá e o resto será como Deus quiser! - respondeu Volfram.

O senhor Oreo e a esposa aceitaram de bom grado apresentar Eliza como sua parente. Severas ordens garantiram a discrição da criadagem; Conrad e Fúlvio também aceitaram. Ficou combinado que Volfram avisaria os amigos da chegada do jovem Conde. Para maior certeza, Eliza deveria mudar-se imediatamente para a casa da senhora Giovanna sob o nome de Bianca Villamarino.

Quando ficaram acertados todos os detalhes da armadilha preparada para Raymond, Volfram partiu logo em seguida. Apesar do tratamento afável do senhor Oreo, de sua esposa e de Fúlvio, o Conde estava desolado. O destino fatal, que o separara de Giovanna e que não lhe permitia nenhuma outra união sentimental, estava pesando-lhe mais do que nunca.

Capitulo 7

Enquanto o Conde retorna ao seu arcaico castelo, vamos ver o que aconteceu por lá nos últimos dez anos.

Volfram jamais perdoou a esposa pela tentativa de matar Eliza. Ele deu-lhe a entender com severidade que só não a expulsava de casa por não desejar um rompimento definitivo. A Condessa tinha de ficar calada e fingir para ocultar dos outros a sua profunda incompatibilidade com o marido, que ausentava-se de casa o quanto podia.

Raymond crescia sob o controle severo da mãe, que estava mais maldosa do que nunca e tinha uma péssima influência sobre o caráter do filho.

Aos vinte e dois anos, Raymond era um rapaz bonito, elegante, bem desenvolvido e perito em todas as artes de cavaleiro. Pelos traços do rosto, grandes olhos faiscantes e cabelos cheios e crespos, ele parecia com o pai; mas faltava-lhe o olhar e o sorriso cativantes que faziam Volfram tão perigoso; faltavam também a autoconfiança e a delicadeza inata que em todas as reuniões destacavam o Conde que, na boca dos invejosos, adquiriu o apelido de "Rei de Reifenstein".

Moralmente Raymond era teimoso e esperto e herdou dos pais o caráter apaixonado e entusiasta; essas tendências estavam adormecidas, por enquanto, por falta de oportunidade. Todavia, descontando algumas semanas que ele havia passado na Corte do Conde de Tirol, uns poucos torneios e alguma relação com a vizinhança, Raymond quase não conhecia a sociedade; a atmosfera hipócrita reinante no castelo ensinara-o a conter-se.

Seu relacionamento com Margarita era estranho. Parecia tanto uma relação entre noivos quanto entre irmãos. Greta lembrava que a Condessa escolheu-a para ser esposa de seu filho e guardava no fundo do coração uma fraca esperança de um feliz acaso que restabelecesse os seus direitos. Com esse objetivo, não perdia nenhuma oportunidade para conquistar o coração

de Raymond. Com esperteza, coquetismo e, por força do costume, fez-se necessária ao rapaz. Este imaginava que a amava e ficou muito triste, mesmo sem demonstrá-lo abertamente, quando ela recebeu uma propos- ta de casamento.

De sua parte, Margarita desempenhou o papel de vítima e quando o seu noivo morreu num acidente de caça, ela confessou a Raymond que considerava aquela morte como uma libertação, pois amava apenas a ele.

Passaram-se quatro anos desde então e não apareceu mais nenhum novo candidato a noivo para enorme decepção da Condessa que não queria que a afilhada ficasse "para titia" e temia que o jogo de amor entre Greta e seu filho pudesse terminar em drama.

A chegada, na época, de Arnulf von Ried, o filho mais velho de seu primeiro casamento, inspirou na Condessa Anna a idéia de casá-lo com a afilhada.

Arnulf era uma pessoa taciturna e fechada. A natureza não fora justa com ele quanto à aparência: era a cara da mãe. Apesar dos seus trinta anos e da considerável fortuna, ele não gostava da vida agitada da nobreza daquela época. Quando as circunstâncias o permitiam, trancava-se em seu Castelo e levava uma vida de ermitão, dedicando todo o seu tempo à filantropia, à visita a mosteiros e à peregrinação a lugares sagrados.

Frio, reservado e parcimonioso, Arnulf pouco interessava-se pelos parentes, mas demonstrava externamente respeito e obediência à mãe, ao padrasto e uma carinhosa afeição
pelo irmão caçula.

A cada ano, como uma obrigação, ele passava algumas semanas no castelo Reifenstein. Mas, Volfram, apesar da amabilidade e da atenção que dedicava ao enteado, não gostava muito dele e certa vez até falou à esposa:

- Essa santidade, na idade de Arnulf, não é natural! Seus olhos não são de monge! Temo que o demônio, que ele tanto evita, já esteja montado em seu cangote e algum dia mostrar-lhe-á os chifres.

Alguns dias após a partida do Conde para a Itália, Arnulf chegou ao castelo e na primeira oportunidade a Condessa Anna entabulou com ele o assunto do casamento.

- Você precisa se casar, meu filho! Sua linhagem precisa de um herdeiro e o seu castelo de uma senhora. Eduquei Margarita e sei que ela será uma

boa dona de casa e uma esposa bondosa e amorosa, que irá usar o seu nome com dignidade nas festas e na Corte - concluiu a Condessa o discurso.

Arnulf ouviu os argumentos da mãe com indiferença.

- Não gosto da sociedade e vou tão pouco à Corte que não preciso de esposa para representar-me lá. Mãe, agradeço a sua preocupação com a minha felicidade, mas recuso-me a casar-me com Margarita. Ela não me agrada; além disso, não é difícil perceber que está apaixonada por Raymond. Que tipo de felicidade pode ter um casamento sem amor mútuo? Imagino que você deve saber disso por experiência própria.

A Condessa explodiu.

- Minha vida foi obscurecida não por falta de amor, mas pela leviandade de Volfram. Mas, voltemos à nossa questão. Você se esquece que Raymond é casado e vê Greta como uma irmã? Fico surpresa ao dizer que aquela bonita moça não é do seu agrado. Realmente, Arnulf, você é uma pessoa muito estranha! Não tem os gostos de cavaleiro e nenhuma mulher lhe agrada.

Na voz da Condessa sentia-se um tom de irritação.

Arnulf sorriu com desprezo.

- É verdade! Acho mais importante ganhar o céu do que um prêmio num torneio. Além disso, o momento atual não é bom para casamentos, pois vou viajar logo para a Terra Santa. Entretanto, numa coisa a senhora se engana, mãe: de que não sou capaz de me apaixonar. Não sou de me apaixonar à toa e considero as mulheres seres perigosos e traiçoeiros, que a razão e a religião aconselham a evitar. Todavia, certa vez conheci uma mulher linda como um anjo e inteligente como o demônio. Com ela me casaria de bom grado, se fosse possível.

- Quem era ela? Onde a encontrou? - perguntou a Condessa, surpresa com o fogo da paixão que acendeu-se nos frios olhos do filho.

- Era Paola Finsterbach, mãe de sua nora. Eu a encontrei apenas duas vezes na casa de Ortruda. Na época, eu tinha dezenove anos. Um pouco mais tarde ela morreu e, desde então, nenhuma outra mulher me agradou. É bem provável que, com o tempo, eu entre para o monastério. Portanto, mãezinha, entenda que você escolheu uma má hora para falar comigo sobre amor e casamento, pois estou me preparando para visitar o Santo Sepulcro.

O Conde retornou inesperadamente ao castelo, muito antes da data prevista de chegada.

A Condessa recebeu-o com a maior hostilidade. Ela estava de mal com o mundo: tinha raiva de Arnulf por este não querer casar-se com Greta; raiva da falecida Paola por Ousar agradar ao seu filho e raiva do marido por este ter casado Raymond com a nojenta Eliza, que ele, para sua enorme decepção, logo traria da Itália para o castelo.

Mas o Conde não prestava a mínima atenção ao mau humor da Condessa e, após o jantar, chamou o filho aos seus aposentos para jogar xadrez.

Raymond, surpreso, seguiu o pai.

- Pai! - disse ele, mal ficaram a sós. - Você não me chamou aqui para jogar, mas para me contar os resultados de sua viagem a Veneza. Pressinto que não dirá nada de bom acrescentou, com amargura.

- Quem sabe? Talvez as novidades que trago comigo lhe sejam agradáveis! revelou friamente o Conde.

Em seguida, contou sem rodeios que viu Eliza e conver- sou com o Barão Vart.

- Não ocultei dele que esse casamento é odioso para você. Ele respondeu que considera necessário que, antes, vocês devam se encontrar e conhecer um ao outro. Se, depois disso, não sentirem simpatia alguma um pelo outro, então, ele aproveitará a sua relação com o santo padre para conseguir a anulação do casamento. Você agora acrescentou ele terá a oportunidade de livrar-se de sua esposa, se ela não for do seu agrado.

- Mas, se eu for do agrado dela e ela não quiser libertar-me? - observou Raymond, preocupado.

O estranho medo de Eliza e de Raymond de agradar um ao outro, fez o Conde rir.

- Pai, está rindo de quê? O que tem de engraçado na probabilidade de eu agradar a moça e ela não querer deixar de ser a Condessa Reifenstein? - observou Raymond, ruborizado.

- Oh! Ela não sente falta de admiradores! Os seus dois tutores estão lhe dando um dote muito rico. Além disso, na minha opinião, ela é muito bonita.

- Verdade? Bem, se ela me agradar, eu a levo comigo imediatamente. Mas, se não, me divorcio dela e pronto!

- Nem tanto! Se Eliza não o quiser, então espero que se comporte como o meu filho e um cavaleiro, não a force a ficar com você e lhe devolva a

mesma liberdade que exige para si próprio se ela não lhe agradar contestou o Conde num tom tão sério e severo que Raymond ficou confuso.

- Em todo caso, eis o que lhe proponho prosseguiu - Volfram. - Vá a Veneza. No momento, Eliza não se encontra lá. Ela viajou no mesmo dia em que parti para cá e foi à casa da velha tia doente de Fúlvio Faleri, mas logo estará de volta. O Barão Vart e seu amigo Fúlvio convidaram você para ficar na casa deles e aguardar o retorno de sua esposa. Para você, vai ser muito interessante visitar aquela linda cidade, cheia das mais diferentes diversões. Você frequenta-rá a melhor sociedade, pois vou deixá-lo aos cuidados de meu amigo Oreo Villamarino e de sua esposa, Giovanna, em cuja casa hospitaleira reúne-se toda a nobreza veneziana.

Os olhos de Raymond brilharam.

- Obrigado, pai! Que plano maravilhoso! Confesso que há muito tempo desejo visitar Veneza e divertir-me por lá.

- Espero que não esqueça que é um homem casado e, por isso, tem obrigação de ser fiel a Eliza enquanto não sai o divórcio.

- Que nada! É preciso antes saber se ela tem o direito de ter ciúmes de mim! Ela ficou por muito tempo longe da minha influência e agora talvez esteja interessada em algum italiano. Nesse caso, eu a farei entender que, enquanto usar o meu nome, ela não tem o direito de interessar-se por outra pessoa - respondeu Raymond meio irado, meio ofendido.

A notícia da breve partida do jovem Conde para Veneza irritou terrivelmente as duas habitantes do castelo. A Condessa, que nada sabia sobre o projeto de divórcio, pois Volfram proibiu o filho de falar sobre o asssunto, ficava furiosa Só de pensar que ia ter novamente sob o seu teto a filha daquela "imprestável italiana". Eliza já não era criança e, se herdou a beleza e o encanto da mãe, poderia facilmente conquistar o coração de Raymond e destruir completamente a influência da Condessa.

A irritação de Greta era maior ainda, pois ela tinha esperanças de que o casamento com Eliza, do qual ninguém falava, pudesse ser anulado de algum modo. A idéia de Raymond ir ver a esposa e talvez se interessar por ela, despertou-lhe os piores sentimentos.

Mas Margarita Ramets era o tipo de mulher que não se rendia facilmente. No dia seguinte, pela manhã, ela arranjou um encontro com Raymond a sós e deu uma demonstração de tanto desespero e ciúmes que o

rapaz, embaraçado e lisonjeado com tanto amor, confessou-lhe, sob promessa de absoluto sigilo, o segredo do pretendido divórcio. Com aquela notícia, o rosto de Margarita desanuviou-se e suas esperanças reforçaram-se. Ela manobrara tão bem a cabeça do rapaz na véspera da partida que, após uma carinhosa despedida, ele prometeu formalmente separar-se de Eliza e casar-se com ela assim que recebesse a liberdade oficial.

A Condessa Anna, disfarçando a ira que a atormentava por dentro, observava os preparativos da viagem do filho. Além do desgosto que provocava nela o objetivo da viagem, a idéia de que nada iria saber do que aconteceria em Veneza a deixava desesperada.

Volfram nada lhe contaria; isso era uma certeza. O Conde tratava-a com frio desprezo e franca desconfiança, enquanto Raymond também podia calar-se sobre muita coisa. Além disso, como ela já havia percebido, às vezes ele omitia a verdade.

De repente, teve uma brilhante idéia. Arnulf ia para a Terra Santa e para ele era absolutamente indiferente embarcar numa galera em Veneza ou em Gênova. Se ela pedisse, ele talvez concordasse em adiantar sua partida e viajar junto com o irmão.

Então, na mesma noite, chamou Arnulf aos seus aposentos e relatando-lhe o seu pedido, acrescentou:

- Estou muito preocupada com a estada de Raymond naquela grande cidade, cheia de inúmeras tentações, especialmente se estiver sem vigilância. Ele é idêntico ao pai; também é leviano, inconseqüente e gosta de mulheres e de prazeres. Se eu soubesse que perto dele está uma pessoa tão séria, correta e sensata como você, meu querido, ficaria mais tranquila, pois teria a certeza de que ele teria ao seu lado um bom exemplo e bons conselhos. Além do mais, você poderia me avisar imediatamente se Raymond se deixasse levar e fizesse alguma loucura.

Depois de refletir um pouco, Arnulf concordou em realizar o desejo da mãe, pois ele próprio estava interessado em conhecer Veneza e há muito tempo queria visitar a cidade- rainha do Mar Adriático[22].

Volfram nada teve contra aquele projeto. Não gostava muito do enteado, mas não podia condená-lo por nada a não ser pela discrição e avareza, e essas qualidades seriam até úteis numa viagem a dois. Se o Conde soubesse que a mãe de Eliza tinha causado tão profunda impressão no sisudo rapaz, talvez se opusesse àquele plano. Mas tal circunstância era-lhe desconhecida

e, então, de bom grado concordou que o irmão mais velho acompanhasse o seu filho.

Graças à completa indiferença mútua e à absoluta dife- rença de gostos e de costumes, os rapazes chegaram a Veneza na maior das amizades e foram afavelmente recebidos por Fúlvio. Arnulf expressou o desejo de instalar-se num hotel, mas o jovem veneziano com sua hospitalidade inata respondeu com um sorriso que qualquer visitante que pisas- sem a soleira de sua casa perdia o direito de instalar-se em outro lugar. Ried concordou rapidamente com sua oferta que lhe prometia todo o conforto e não lhe custaria nada.

Raymond estava encantado e divertia-se tanto na cidade dos "doges" [23]que quase esqueceu o objetivo de sua viagem. Então, apareceu na casa de Giovanna com a carta do pai, onde foi muito bem recebido e conheceu algumas damas e senhores que a visitavam naquela ocasião. Mas, não encontrou Eliza. Aos conhecidos que perguntavam por ela, Giovanna respondia que Bianca estava adoentada. Raymond nem suspeitava que aquela Bianca e a sua legítima esposa eram a mesma pessoa e que ela observava-o atentamente detrás das cortinas.

A primeira avaliação foi favorável a Raymond. Eliza achou-o bonito e amável; mas ela era suficientemente séria e inteligente para contentar-se somente com a aparência. Quanto a Arnulf, que acompanhava o irmão, achou-o feio e extremamente antipático.

Raymond nem suspeitava que estava sob secreta, mas criteriosa, vigilância. Essa missão delicada foi confiada a Ludovico, um velho mordomo de Giovanna que, como um legítimo veneziano, era extremamente ágil e esperto nesse tipo de ação. Ludovico, que conhecia Volfram desde a época de sua ligação com Giovanna, interessou-se pelo filho do Conde. Além disso, ele adorava Eliza que viu crescer. Por enquanto, apesar da cuidadosa vigília, Ludovico não notava nada de condenável no comportamento de Raymond, que divertia-se dentro dos limites permitidos.

Certa manhã, durante uma missa na igreja de São Marcos, Raymond viu uma mulher ajoelhada e ficou encantan- do por sua beleza. Ela estava toda trajada de preto; o véu negro destacava ainda mais a palidez opaca de seu rosto e o brilho dos olhos negros dirigidos para o céu.

Ele não tirava os olhos dela; quando a dama levantou- se e dirigiu-se para a saída na companhia de uma velha senhora, ele parou junto à pia de água benta para servir-lhe a água e observá-la mais de perto. O exame foi

ainda mais favorável à desconhecida. Ela era alta e elegante, com cabelos negros como a asa de corvo e lindos dentes. O tecido caro de seus trajes indicavam que ela era rica.

Parece que o jovem cavaleiro também causou boa impressão na desconhecida. Seu olhar flamejante passou carinhosamente por ele. Embarcando na gondola, ela voltou-se na direção de Raymond e sorriu quase imperceptivelmente.

A partir daquele dia, Raymond passou a encontrar a desconhecida na missa e eles trocavam olhares abrasadores e expressivos sorrisos. Ele até sabia que a moça chamava-se Beatrice Salviati e que era esposa de um velho nobre que, naquele momento, estava fora de Veneza a negócios da República.

Entretanto, apesar dos esforços, o Conde não conseguia trocar uma palavra com Beatrice. Ele ardeu de impaciência e paixão quando, certa vez, a velha senhora, passando por ele, sussurrou:

- Amanhã, na missa da tarde, na igreja Madonna-del-Orto!

Nem é preciso dizer que Raymond apareceu pontualmente no local do encontro. A igreja Madonna-del-Orto era uma velha edificação que pedia grandes reformas. Era menos freqüentada que a igreja de São Marcos e outros templos mais atraentes pela imponência e beleza.

Ajoelhado num canto da igreja ao lado de Beatrice, Raymond trocou com ela suas primeiras palavras de amor e conseguiu da moça a promessa de recebê-lo em casa. Ficou combinado que a interlocutora seria a senhora Matissa, que faria o cavaleiro entrar na casa por uma entrada secreta.

Com todo o ímpeto da juventude, Raymond mergulhou naquela intriga amorosa sem se preocupar com o perigo que o ameaçava através do velho e ciumento marido; e esqueceu-se completamente das obrigações em relação a Eliza e também da promessa que fizera a Greta.

Ele comparava involuntariamente Margarita Raments com a bela e demoníaca italiana e, pela primeira vez, a loira e robusta alemã, com faces vermelhas, gordas e olhos descoloridos pareceu-lhe indescritivelmente vulgar.

Absorto em sua paixão, Raymond ficava cada vez mais desatento. Ele aparecia em todos os lugares onde estava Bea- trice Salviati, cantava serenatas sob o seu balcão, oferecia-lhe flores, nas festividades usava as

cores dela e, se até então ninguém sabia de suas relações íntimas, agora não era segredo para ninguém que o Conde alemão era "o seu cavaleiro".

Arnulf, irritado com o comportamento do irmão, passou a repreendê-lo com severidade, mas Raymond recebeu com tanta hostilidade aquela intromissão em seus casos, que Arnulf deu de ombros e calou-se.

Eliza, que conhecia todos os detalhes da aventura, ficou profundamente indignada. Ela ainda não tinha-se encontrado frente a frente com o marido, que tornou-se uma visita extremamente rara no palácio Villamarino, mas de uma gondola fechada viu-o cantando sob o balcão de Beatrice; viu-o depositar aos pés da senhora Salviati o prêmio que ganhara numa corrida de gôndolas e proporcionar à moça outras amabilidades.

Eliza, então, decidiu acabar com a vigilância secreta e aparecer abertamente diante do marido. Ela disse que queria aparecer numa grande festa que Giovanna iria dar por ocasião do aniversário do marido.

Para aquela comemoração Eliza trajou-se com especial esmero. Queria estar bonita e ter admiradores, o que imediatamente aconteceu quando apareceu ao lado de Giovanna e começou a ajudá-la a receber os convidados.

Realmente, a jovem Condessa Reifenstein estava encantadora em seu rico traje que Fúlvio lhe dera de presente. Usava um vestido rosa bordado com prata, cujo corpete era semeado de pérolas e rubis. As mesmas pedras enfeitavam o cinto e a larga faixa que prendia seus cabelos soltos.

Raymond olhou com surpresa e admiração para Eliza parada ao lado da anfitriã. O Conde ficou particularmente intrigado com o olhar frio e hostil com que ela mediu-o e respondeu com um leve e mal perceptível aceno à profunda reverência dele.

Quanto a Arnulf, que foi acompanhando o irmão, este ficou louco por ela. Aquela era a viva imagem de Paola Finsterbach que deixara uma indelével impressão em seu coração juvenil: a mesma elegante e esbelta figura, o mesmo rosto delicado de traços infantis, a mesma boquinha púrpura com um sorriso cativante. Eliza diferia da mãe apenas pelos olhos de cor azul-metálica e olhar frio e severo.

O coração de Arnulf bateu mais forte e nele, repentina- mente, nasceu a suspeita de que aquela moça seria a filha de Paola. Nesse caso, ela seria a esposa do seu irmão! Esta idéia fê-lo odiar o irmão.

Mas, não! Era impossível! Eliza não estava em Veneza e aquela era Bianca Villamarino de quem tanto ouvira falar. Acalmado por tal raciocínio,

Arnulf não perdia de vista aquela que ele achava ser Bianca. Ficava admirando-a, feliz com a amável recepção que lhe concedeu a orgulhosa e caprichosa veneziana. A hostilidade e o desprezo de Bianca mexeram profundamente com Raymond, ainda mais quando ele percebeu que aquela indisposição era dirigida somente a sua pessoa.

Com todos os outros ela ria, tagarelava e dançava! Sua alegria e inteligência reuniram uma multidão em volta dela; para Raymond, entretanto, ela só tinha respostas esporádicas e olhares frios e severos. Quando ele juntou-se à multidão de admiradores que cercavam a moça, acabou ganhando um olhar com tanta zombaria e desprezo que o confundiu definitivamente.

Eliza encontrou inconscientemente o melhor modo de interessar e atrair o marido infiel. Realmente, Raymond já estava cansando da paixão vulcânica de Beatrice e o ciúme dela era-lhe, às vezes, insuportável. Quando ele comparava a sua amante com Eliza, para sua própria surpresa, todas as vantagens ficavam para esta última. Eliza era mais delicada, graciosa e airosa; em seus olhos brilhava a inteligência e não o fogo ardente da paixão por ele; sua discrição era um agradável contraste à impetuosidade de Beatrice.

Em três semanas, essa impressão aumentou ainda mais. Eliza agradava a Raymond cada vez mais e ele quebrava a cabeça sem resultado para adivinhar o motivo da indisposição dela para com a sua pessoa. Passou até a ter ciúmes de Arnulf que tornou-se um visitante cotidiano da família Villamarino e com quem Eliza ria e conversava animadamente. Mas, às amabilidades de Raymond ela respondia com a pérfida pergunta:

- Será que a senhora Beatrice deixou Veneza? Raymond, furioso e ofendido, decidiu resolver aquela situação e perguntar abertamente a Bianca por que ela odiava, desprezava e zombava dele.

O momento oportuno não se fez esperar. Certa vez, depois do almoço, quando Arnulf por acaso não se encontrava ali e Giovanna estava ocupada com dois rapazes, eles ficaram a sós no balcão que saía para o "Canale Grande". A conversa seguia amena e Raymond propôs-se a cantar algu ma canção para ela. Um sorriso irônico e de desprezo passou pelo rosto da moça.

- Não se esforce tanto, Conde! Talvez precise ainda esta noite cantar debaixo de algum balcão onde alguém esteja aguardando com impaciência o

amável menestrel.

Um rubor escuro cobriu o rosto fresco de Raymond.Deixando o alaúde de lado, ele perguntou inesperadamente:

- Senhorita Bianca! Por que me odeia? Por que, sempre que tem oportunidade, me ofende com zombarias ou palavras duras e ofensivas? O que eu lhe fiz?

- Positivamente nada! O senhor se engana, se imagina que eu o odeio. Não se pode odiar alguém a quem se é completamente indiferente. O fato é que não aceito amabilidades de homens casados, ainda mais dos que usam abertamente as cores de outra dama.

Raymond empalideceu e, por instantes, ficou calado e confuso; mas o amor-próprio soprou-lhe que as palavras de Bianca foram motivadas por ciúmes.

- O dever de cavaleiro é ser amável com todas as damas que encontrar. Nem mesmo o casamento pode atrapalhar nesse caso...

- Verdade? Não acredito que a Condessa Reifenstein compartilhe de sua opinião e aprove seus passatempos na ausência dela - interrompeu-o ironicamente Eliza.

- Eu pouco dou importância à minha esposa e às opiniões dela - replicou Raymond com irritação. - O nosso casamento é do tipo que não impõe obrigações e...

Ele quis dizer "quero me divorciar", mas lembrou-se que não deveria falar daquele caso íntimo antes da hora apropriada. Sabendo o que ele insinuava, Eliza soltou uma grande gargalhada. Seu riso ofendeu tanto a Raymond que ele levantou-se furioso e saiu correndo do balcão.

Após alguns dias, a raiva levou-o novamente a Beatrice. Nunca antes ele destacara-se tão clamorosamente com suas aventuras.

Dessa vez, o fazia para irritar Eliza. Realmente, a moça ficou furiosa; não porque estava apaixonada por Raymond, mas porque seu orgulho foi ferido. Ela disse a Giovanna que já tinha visto o suficiente para ter uma opinião do marido e que só aguardava a oportunidade para pôr um fim naquela comédia e expor a Raymond a sua inabalável decisão de divorciar-se. Para tanto, pretendia escolher uma oportunidade para feri-lo ainda mais.

Enquanto isso, Raymond corria perigo de vida.

Na casa de Beatrice morava uma parente do marido, uma velha e maldosa solteirona que tinha inveja da jovem e bela mulher que ocupara o

seu lugar, pois antes ela era quem administrava a casa do senhor Antonio Salviati.

Aquela pessoa suspeitava de Beatrice e vigiava-a constantemente, tendo atrapalhado várias intrigas em seu início, pois Beatrice, uma mulher jovem e voluptuosa, sentia nojo do velho marido com quem a casaram contra a sua vontade.

Só por causa de um grande mal-estar daquela senhora, que se chamava Angélica, foi possível Raymond se encontrar com Beatrice, que apaixonou-se tão loucamente por ele que não dissimulava seus sentimentos. Angélica logo descobriu os encontros dos amantes e, satisfeita, escreveu ao senhor Salviati informando-lhe que sua honra fora irremediavelmente maculada. Aquela carta certamente faria o orgulhoso nobre entrar em desespero.

Enquanto o marido ofendido fazia todos os esforços para livrar-se o mais depressa possível das obrigações de serviço e retornar a Veneza, a impetuosa, apaixonada e exigente amante começava a pesar cada vez mais sobre Raymond. Todos os pensamentos dele estavam concentrados em Eliza, cuja fria indiferença irritava-o terrivelmente.

Finalmente, Raymond decidiu que se casaria com Bianca assim que se divorciasse de Eliza, custasse o que custasse.

Arnulf, de sua parte, tinha decidido o mesmo e somente a esperteza com que Eliza-Bianca evitava ficar a sós com ele, impedia-o de colocar o seu coração aos pés dela.

A impaciência e a paixão de Arnulf atingiu o seu apogeu quando, de repente, apareceu a tão aguardada oportunidade de declarar-se à moça.

Certa vez, ao saber que Giovanna e o marido tinham saído do castelo, e esperando encontrar Bianca sozinha, ele apareceu e foi recebido como visitante diário da família.

Eliza estava sentada na pequena sala anexa ao balcão, bordando uma toalha para o altar, quando entrou Arnulf com um grande buquê de flores nas mãos. Desagradavelmente surpresa, ela tentou com uma animada conversa impedir qualquer declaração, que já receava ao notar a aparência preocupada do cavaleiro e a sua visível irritação. Mas, Arnulf, terminantemente decidido a não deixar escapar aquela oportunidade, interrompeu Eliza, que contava os detalhes do passeio programado para o dia seguinte, agarrou sua mão e disse:

- Desculpe interrompê-la, mas não consigo mais ocultar o que aflige a minha alma e me tira a paz de espírito. Bianca, eu a amo mais do que a vida! Aceite ser minha esposa e o resto dos meus dias dedicarei a fazê-la feliz!

Caindo de joelhos, apertou aos lábios a mão de Eliza, que tentava retirá-la.

- Senhor Arnulf! O senhor está me pedindo o impossível exclamou Eliza, levantando-se pálida e emocionada.

- Por quê? - perguntou o cavaleiro, cerrando o cenho e também levantando-se.

- Porque sou comprometida. Poderia me dizer que compromisso impede-a de realizar o meu desejo?

- Se o senhor jurar pela honra de cavaleiro que manterá em segredo o que vou lhe confiar até a hora em que eu mesma achar necessário revelá-lo, lhe contarei a verdade.

- Eu juro!

Arnulf colocou a mão sobre a empunhadura em cruz da espada. Sua voz estava rouca e o olhar ardente queimava a jovem mulher.

Eliza jogou nervosamente para trás suas mechas negras e, após um momento de vacilo, disse a meia voz:

- Eu sou Elizabeth Finsterbach, esposa de seu irmão.

Arnulf soltou um grito surdo, recuou e caiu sem forças na poltrona. O seu olhar severo, cheio de ódio e paixão fez Eliza estremecer. Ela compreendeu instintivamente que aquele homem sombrio e sisudo era perigoso e que seria necessário jogar um bálsamo na ferida aberta no seu orgulho e no coração.

Com a flexibilidade mental puramente feminina decidiu num instante como deveria agir naquele momento difícil. Aproximando-se do cavaleiro, pôs a mão em seu ombro.

- Senhor Arnulf! Fico desesperada por ter provocado a sua paixão sem jamais poder recompensá-lo dignamente por esse sentimento, que me lisonjeia e me comove disse ela com voz surda, na qual soava uma tépida compaixão. - Espero que esse momento difícil para nós dois não o torne meu inimigo e que o irmão de Raymond continue sendo meu amigo.

Arnulf endireitou-se e mediu a moça com um olhar sombrio.

- Então, as minhas suspeitas não me enganaram! A imagem viva de Paola era realmente sua filha! Mas, para que essa comédia? Por que se oculta sob o nome de Bianca?

Eliza, em poucas palavras, contou-lhe o que a motivou a idealizar aquele plano e acrescentou que atingira o seu objetivo ao conhecer o verdadeiro caráter de Raymond.

- Mas, se conseguir o divórcio, que não é impossível, então ainda posso contar com uma resposta menos dura à minha proposta? - perguntou Arnulf num tom indeciso.

- Minha liberdade está tão distante e incerta que seria precipitado discutir suas conseqüências respondeu Eliza evasivamente. Confesso que, no presente momento, não sinto qualquer simpatia pela Alemanha e o exemplo de Raymond me faz sentir nojo do amor e dos laços do matrimônio. Talvez, no futuro, eu amenize desse preconceito e esteja em condições de corresponder ao amor de um homem sério e nobre, cuja honestidade e rígida moral serviriam de garantia de minha felicidade. Mas, repito, tudo isso só acontecerá num futuro distante.

- Então, por enquanto, permita-me cumprimentá-la como irmã e confirmar-lhe a minha discrição e dedicação - respondeu Arnulf, dominando com dificuldade a tempestade que se desencadeava em sua alma.

Depois de beijar a mão de Eliza, ele saiu da sala.

3

Capitulo 8

Passaram-se alguns dias. No início, Arnulf trancou-se no quarto com raiva, tentando imaginar alguma maneira de separar o irmão da esposa e impedir sua reconciliação. Ele sabia que a partir do momento em que Raymond soubesse que a pessoa por quem estava apaixonado era a sua própria esposa, jamais concordaria com o divórcio. Também estava claro que faria de tudo para obter o perdão de Eliza e esta era por demais inocente e pura para não se deixar convencer.

Os maus sentimentos que ocultavam-se na alma de Arnulf despertaram com grande força, encobrindo em sua consciência os laços de sangue que o ligavam a Raymond. Só restava a selvagem vontade de livrar-se dele.

Mas, de que forma? Era sobre isso que Arnulf meditava. Um assassinato era-lhe asqueroso e um duelo, impossível. De repente, lembrou-se de

Beatrice: desse lado poderia vir a salvação. Se o marido atingisse o amante com um punhal seria natural e justo, pois Raymond merecia inteiramente tal castigo pelo seu comportamento.

Essa idéia tranqüilizou Arnulf e ele primeiramente checou todas as informações sobre o caráter de Salviati e dos habitantes de sua residência. O que ficou sabendo do marido de Beatrice convenceu-o de que o velho não suportaria calado as aventuras da esposa. O papel da senhora Angélica e as características dela não lhe deixaram dúvidas de que ela não deixaria de abrir os olhos de Antonio. Todos esses detalhes ele ficou sabendo pela senhora Matissa em troca de algumas moedas de ouro.

Armado dessas informações Arnulf passou a seguir o irmão e o fez tão ativamente que este não podia dar um passo nem de dia nem de noite sem que o irmão soubesse. Ele aguardava tranquilamente a oportunidade de matar ou envergonhar tanto o irmão que qualquer reconciliação com a

esposa seria difícil, senão impossível. Então, quando Eliza ficasse livre, ele teria esperanças de vencer os preconceitos dela contra os alemães e o casamento.

Sem suspeitar do duplo perigo que ameaçava sua vida e seu bom nome de homem casado, Raymond prosseguia na vida desregrada. Apesar de estar cansado de Beatrice, ele não terminou aquela relação, temendo algum ato tresloucado da parte dela. A impetuosa italiana estava a tal ponto apaixonada que parecia ter perdido o bom senso e qualquer sentido de precaução.

Eliza cativava cada vez mais o coração de Raymond. Sua hostilidade, frieza e inteligência excitavam-no; ele sofria de ciúmes vendo os sorrisos presenteados aos outros, mas o ciúme era muito diferente do que sentia por Beatrice. Ele sabia que a pura e orgulhosa moça era incapaz de uma atração vulgar, mas poderia sentir um amor sério por algum dos belos e nobres cavaleiros que a cercavam. Raymond tinha ciúmes do coração de Eliza, ainda mais por não conseguir tratamento igual aos outros. A menor tentativa de fazer a corte da parte do jovem Conde provocava no rosto de Eliza um sorriso enigmático, misto de ironia e desprezo, brotando de seus lábios palavras venenosas.

Eliza, por sua vez, percebia claramente que Raymond estava apaixonado. Ela, entretanto, ainda era excessivamente infantil e, ao mesmo tempo, mulher para não ficar lisonjeada e um tanto desarmada com aquela conquista. Mas não confiava em Raymond e não acreditava na solidez de seus sentimentos. A idéia de se tornar um brinquedo de entusias- mo passageiro e depois ser jogada no mesmo saco junto com Greta, Beatrice e muitas outras, feria terrivelmente o seu orgulho.

Assim, passou-se uma semana desde a declaração de Arnulf. Na casa dos Villamarino, por ocasião do aniversário do filho mais velho, reuniu-se um círculo de convidados. Raymond, ofuscado pela beleza de Eliza, não lhe tirava os olhos. Toda de branco, com pérolas no pescoço e nos cabelos, ela estava encantadora. Para todos encontrava uma palavra amável e um carinhoso sorriso; somente o jovem Conde Reifenstein parecia não existir para ela.

Só no fim da noite surgiu finalmente uma oportunidade há muito aguardada para conversar com Eliza sem testemu- nhas. Esta, cansada da recepção, retirou-se para a pequena sala de visitas e, encostando-se numa grande janela gótica, aspirava pensativa o ar fresco e aromático da noite.

Absorta em pensamentos, não ouviu Raymond aproximar-se e estremeceu quando o rapaz inclinou-se sobre ela e disse:

- Ah! Cruel Bianca! Finalmente encontro-a sozinha!

- Não entendo para que o senhor precisa ver-me a sós! Não temos segredos que possamos confiar um ao outro observou Eliza friamente.

- Tem razão! O fato de eu amá-la, Bianca, não é segredo! Mas, preciso saber por que sempre me trata com tanta crueldade, desprezo e hostilidade? O que lhe fiz? Não acredita nos meus sentimentos ou considera-me um homem indig-no de seu amor? - contestou Raymond com impetuosidade.

- Considero-o um cavaleiro inteiramente nobre, mas com um coração tão amplo que uma mulher certamente perder-se-ia nele como uma pérola no oceano. No presente momento, uma beldade tão "maciça" quanto Greta e uma pecadora tão grande quanto Beatrice ocuparam nele tanto lugar que não tenho a mínima vontade de partilhar da com panhia delas.

- Greta? Como soube de Greta? - exclamou Raymond, estupefato.

- Oh! Isso lhe importa? Ah! Esqueci de citar mais uma habitante do seu coração, sua esposa, que tem o direito de expulsar todas as outras assim que tiver a felicidade de encontrá-lo - contestou Eliza com zombaria.

- Minha esposa nada pode me proibir! Na minha vida ela desempenha um papel de insuportável fardo que larga- rei custe o que custar! - exclamou Raymond.

- E se ela não quiser devolver-lhe a liberdade?

- Espero que ela possua suficiente dignidade feminina para não agarrar-se a um homem que não a quer. Aliás, vou confessar-lhe todas as minhas traições e aceitarei todas as condições, desde que ela me devolva a liberdade.

- Fico impressionada com a sua sábia decisão e come- ço a acreditar na seriedade de seus sentimentos. A confissão de suas inúmeras aventuras amorosas será naturalmente o remédio mais eficaz para livrar-se de sua esposa. 0 que seria ela se, depois de uma confissão como essa, insistisse em continuar a ser a Condessa Reifenstein? - disse Eliza, rindo.

- Não ria, Bianca! Não é a leviandade que me faz dese- jar a separação, mas o profundo e sincero amor pela senhorita. Quero ser livre para ter o direito de oferecer-lhe a minha mão e o meu coração. Até decidi não esperar mais a volta de Eliza e ir imediatamente a Verona para iniciar o mais rapidamente possível o processo de divórcio e livrar-me dos laços impostos sobre mim desde a infância.

- Nesse caso, Raymond, não precisa viajar a Verona. A partir desse momento considere-se livre e saiba que sua esposa, que lhe é um pesado fardo, não o quer. Eu sou Elizabeth Finsterbach! Eu quis vê-lo de modo que não soubesse quem sou; quis conhecer o homem a quem pertenço por lei antes de pertencer-lhe pelo coração. Agora, o conheço suficiente e digo que não quero um depravado sem coração nem vergonha, que sequer pensou na órfã que usava o seu nome, querendo somente livrar-se rapidamente dela como um fardo.

Eliza falava em alemão. Neste idioma, que Raymond jamais ouvira de seus lábios, seu discurso soava particularmente severo e até ríspido. Raymond mal teve tempo de se recuperar da estupefação quando Eliza voltou-se e saiu da sala. Ele continuou sentado na poltrona apertando a cabeça com as mãos. O que acabara de saber abalou-o terrivelmente; a cabeça trabalhava acelerada e os pensamentos contraditórios acumulavam-se em sua mente, causando-lhe uma dor quase física.

Daquele caos, destacou-se somente a consciência de que Bianca era Eliza, sua legítima esposa, sua herança indivisível da qual ele, naturalmente, jamais se separaria!

Satisfeito e contente, levantou-se de sobressalto e correu para fora da sala. Queria encontrar Eliza e sussurrar-lhe que agora que sabia que ela lhe pertencia a amaria em dobro e jamais iria separar-se dela. Mas Eliza desapareceu da sala de visitas e às perguntas preocupadas de Raymond, Giovanna respondeu que ela sentia dor de cabeça e retirara-se para seus aposentos.

Raymond, furioso, despediu-se dos anfitriões e retornou para casa.

Naquele dia, Arnulf não foi a Villamarino e aguardava com ansiedade o retorno do irmão. A visível excitação de Raymond surpreendeu-o e ele suspeitou que tivesse acontecido algo entre Eliza e o marido, talvez a revelação.

Raymond andava muito emocionado pelo quarto, sem notar que o irmão seguia cada movimento seu. Ele maldizia-se por suas relações com Beatrice e pelas descuidadas palavras sobre o divórcio, que ofenderam a sua jovem esposa. Mas, como poderia imaginar que a encantadora Bianca fosse Eliza? Como poderia imaginar que fora planejado um complô contra ele, do qual participou até o seu pai? Ele caiu como um patinho na armadilha e envergonhou-se diante de todos. O que fazer agora? Como livrar-se

rapidamente de Beatrice e reconquistar Eliza? A primeira não ia deixar de agarrá-lo e fazer uma cena escandalosa, enquanto a outra o rejeitaria com desprezo apesar de ele ter decidido não admi tir o divórcio por nada no mundo.

Raymond ficou vermelho só com o pensamento das ofensas que teria de ouvir. Mas, valeria a pena ter amor-próprio com a esposa? Então, lembrou-se de um conselho do pai, dito certa vez em tom de brincadeira: "Quanto mais a mulher se irrita, mais fácil é acalmá-la com arrependimento e demonstração de humildade. Com os homens sempre é necessário estar preparado e, ao menor olhar de duplo sentido, exigir satisfações com a espada na mão. Já, com as ofensas de uma linda mulher, pode-se ser cego e surdo, sem qualquer desonra para si. Mesmo uma ação ofensiva da parte dela não deve ter qualquer conseqüência. Em compensação, assim que desanuviar a sua ira, o magnânimo perdão confunde as mulheres e seu arrependimento sempre traz consigo conseqüências agradáveis e nos concede enormes privilégios!"

A lembrança daquela útil lição do pai, famoso conquistador de corações femininos, devolveu imediatamente a Raymond o sangue-frio. O seguinte método iria ajudá-lo: deixaria Eliza enfurecer-se, mas ele próprio não se ofenderia e permaneceria calmo, amoroso e juraria a ela que se tornaria uma nova pessoa. Ela não chegaria a ações ofensivas, era diferente de Greta, sempre pronta a usar os punhos.

Diante dele surgiu, então, com extraordinária nitidez a imagem da bondosa e encantadora menina que dividia com ele as guloseimas e a qual ele, por incitação de Greta, trancara na torre, quase matando-a. Essa era uma lembrança desagradável que ele tentava esquecer. Mas o passado despertado trazia-lhe mais e mais quadros. Lembrou a capela do castelo, onde o velho bispo realizou a sagrada cerimônia. Ao lado dele, estava ajoelhada Eliza como uma boneca em seu luxuoso traje nupcial. Um alegre sorriso passou pelos lábios de Raymond quando vieram-lhe à memória os diferentes sentimentos que perturbaram o coração do noivo de onze anos e que o olhar inocente e o sorriso confiante de Eliza desarmaram a sua ira infantil.

Na época, ele não compreendia o encanto que dissipou a sua raiva. Agora, caía pela segunda vez sob esse encanto e sentia um incontrolável desejo de ver Eliza, olhar em seus olhos claros e calar com um beijo a pequena boquinha que sabia dizer palavras tão severas. Então, para que

deixar essa conversa para amanhã? Por que deveria sofrer a noite inteira se, como marido, tinha o direito de vê-la a qualquer hora?

Convenhamos que a hora era um pouco imprópria para aparecer na porta principal, pois os últimos convidados já deviam ter partido. Mas ele sabia onde ficavam os aposentos de Eliza e que lá havia um balcão que saía para um pequeno canal lateral. Se ainda tivesse luz nas janelas dela, ele subiria no balcão, jogar-se-ia aos seus pés e, de uma forma ou de outra, obteria o seu perdão. Eliza é bondosa e magnânima. Ela não ficaria surda ao seu arrependimento e aos seus rogos.

Sem muito pensar, Raymond agarrou a boina, enrolou-se na capa e saiu de casa pela pequena porta lateral, cuja chave sempre trazia consigo. Embaixo, junto à escada que descia para o canal, sempre havia amarradas algumas gôndolas de diferentes tamanhos. Raymond pulou dentro de uma delas, pegou nos remos e dirigiu-se à casa de Giovanna.

Nem percebeu que, a uma certa distância, um outro barco o seguia. Aquele era Arnulf, surpreso com a escapada tardia do irmão. Imaginando que ele ia ver Beatrice, Arnulf quis ser testemunha do que aconteceria e que poderia tornar Eliza viúva ainda naquela noite. Pelos cálculos dele, o senhor Antonio Salviati já tinha chegado e, naturalmente, não iria deixar escapar vivo o amante da esposa se o pegasse em casa.

Raymond não se enganara em suas esperanças. A janela do quarto de Eliza estava iluminada e a porta para o balcão, aberta. Entretanto, não era nada fácil realizar o que pretendia. O balcão estava muito acima da água, de forma que era impossível chegar até lá sem a ajuda de cordas e escada. Mas, Raymond nascera e crescera nas montanhas, onde durante as caçadas tinha de galgar rochas quase ingremes ou pular com corajosos saltos por cima de abismos sem fundo. Após examinar rapidamente o local, notou a calha de água pela qual seria possível chegar até a **cornija**[24] suficientemente larga para segurar-se e depois subir no balcão, apesar do risco de cair no canal.

Sem o menor vacilo, Raymond amarrou a gondola, subiu rapidamente na cornija e num instante estava no balcão. Esgueirando-se até a porta, olhou para dentro com curiosidade. Diante dele estava o dormitório de Eliza: duas velas sobre a mesa iluminavam com luz bruxuleante o pesado tecido que cobria as paredes, a cama com baldaquino, revestida de veludo verde, e poltronas de madeira entalhada e encosto alto. Numa das poltronas estava esparramada Eliza, perdida em pensamentos.

Ela vestia um penhoar de lã branca, cujas mangas abertas até quase os ombros revelavam braços desnudos. Seus lindos cabelos estavam entrelaçados para a noite em duas grossas e longas tranças.

O coração de Raymond, então, bateu mais forte. Na pose relaxada, em roupas simples, Eliza parecia-lhe ainda mais deslumbrante do que nos luxuosos trajes. "Oh! Tomara que ela me perdoe!", pensou ele.

Raymond deslizou para o quarto na ponta dos pés. Pretendia apanhá-la de surpresa, apertá-la em seus braços e humildemente pedir-lhe perdão.

Eliza estava tão entretida que não prestou atenção ao leve ruído no balcão, mas o ranger do parquete obrigou-a a estremecer e a voltar-se. Ao ver um homem, ela soltou um grito surdo, pulou da poltrona e quis fugir para o quarto vizinho; mas, reconhecendo Raymond, parou. Suas faces ficaram vermelhas e ela exclamou, irada:

- Seu descarado! Como ousou aparecer aqui?

- Eu, descarado? Sou o marido que tem todo o direito de entrar no quarto da esposa quando bem entender, mesmo que seja pela janela quando a porta está trancada contestou Raymond, furioso com a péssima recepção e por não ter conseguido pegar Eliza desprevenida e desarmá-la com carinhos.

- Um marido deveria entrar pela porta e não pela janela como um ladrão ou um amante. Você, provavelmente, se enganou e pretendia entrar no quarto de Beatrice - disse Eliza com desprezo.

- Não tem o direito de ser tão arrogante com o seu marido, a quem tem obrigação de amar e deve obedecer - respondeu Raymond, tentando conter-se.

- Você nada fez ainda para merecer o meu respeito. Não tenho obrigação de amar e muito menos obedecer a um marido que queria me matar na maldita torre. Para que veio aqui? Quer explicações? Então, venha amanhã de dia como o faria um homem decente. Mas, se tem pressa de obter a minha anuência para o divórcio, então repito-lhe que está livre e que também não quero ter um marido como você. Agora, saia! Saia pelo mesmo caminho pelo qual chegou até aqui, senão vou chamar os criados e ordenar que o tirem à força!

O tom de desprezo daquela resposta e o gesto orgulhoso com que ela apontou a porta deixou Raymond fora de si; os sábios conselhos do pai e a própria decisão de conter-se e ser humilde até o fim foram esquecidos.

Furioso e com o olhar flamejante de indignação Raymond jogou sua boina no chão, sentou-se na poltrona na qual antes estava sentada Eliza e, cruzando as pernas, disse:

- Vou ficar para ver qual o diabo que vai me tirar daqui! Sou seu marido e saio somente quando bem quiser. Você me entendeu?

- Então, muito bem! Só me resta deixar esse lugar para você.

Eliza correu para a porta, mas Raymond alcançou-a num pulo e agarrou-a pelo braço.

- Eliza! Ouça o que tenho para dizer! Não seja tão cruel!

- Mas, antes, largue-me! Será que você veio a Veneza só para me trair e me ofender? - perguntou a jovem, arrancando a mão.

- Não! Vim aqui para lhe dizer que jamais a deixarei e que você deve me amar.

A moça recuou e disse com deboche:

- Verdade? Você me ordena amá-lo? Não me diga que acha que pode-se forçar o amor?

Raymond abaixou a cabeça. Ele compreendeu que Eliza estava certa e que ele escolhera o caminho errado.

- Tem razão, Eliza! Não se pode dar ordens ao verdadeiro amor; ele nasce do coração como a luz do Sol - disse ele, após um instante de silêncio. - Somente a ira poderia me fazer falar essas palavras imbecis que a ofenderam. Mas, Deus é testemunha! Vim para implorar-lhe o perdão e dizer que quero merecer o seu amor, iniciando a partir deste momento uma nova vida. Reconheço que sou profundamente culpado diante de você. Mas, Eliza, seja tão justa como é bela e antes de me condenar sem piedade examine as circunstâncias que me fizeram culpado. Será que a nossa união tinha alguma base sólida? Éramos crianças que a vontade dos pais uniu; será que tivemos compreensão do dever e das obrigações que colocaram sobre o nosso futuro? Você foi levada embora ainda muito pequena e nunca mais a vi; nem o seu nome jamais foi pronunciado no castelo. Como poderia eu, sem a conhecer, ser-lhe incontestavelmente fiel? Eu sabia que estava ligado a você pela lei, mas o meu coração estava calado e a mulher que usava o meu nome estava longe. Confesso que esses grilhões pesavam-me e vim aqui para quebrá-los. Mas você conquistou o meu amor, mesmo quando eu nem a conhecia! Que trunfo você precisa mais? Há algumas horas, quando me revelou a verdade, você sabia que eu ansiava obter o divórcio de Eliza para casar-me com

Bianca. Será que não fui suficientemente castigado pelo estranho capricho do destino que me jogou aos pés da mulher de quem eu, na própria cegueira, queria me livrar?

Enquanto falava, ele aproximou-se de Eliza, ajoelhou-se, pegou-lhe a mão e apertou-a apaixonadamente nos próprios lábios.

- Eliza! Minha amada! Não seja cruel! Não me dê as costas! Esqueça o passado, perdoe-me e acredite no futuro!

Eliza ouvia Raymond embaraçada. O que ele dizia era em sua maior parte verdade e os laços sagrados que os liga-vam recomendavam-lhe ser condescendente. Mas, que garantia de felicidade no futuro poderia dar aquele coração inconstante?

- Você está certo! Não posso condená-lo pelo passado. Você é jovem e estava aproveitando a vida - respondeu Eliza baixinho e com indecisão. - Mas não tenho confiança no futuro. Minha ausência não pode servir de desculpa para suas intrigas amorosas com mulheres casadas. Eu também mal me lembrava de você e não tive falta de admiradores, mas não esqueci que estava comprometida. Achei que era meu dever conservar imaculado o nome que seu pai me impôs, sem tentar justificar alguma infidelidade com o fato de termos casado quando eu tinha apenas cinco anos.

- Eliza, você é mulher. Além do mais, o pecado do homem não traz consigo conseqüências tão terríveis e vergonhosas.

- Você, realmente, não sente falta de sofismas. Só que, para mim, eles são pouco convincentes. Por mais que os pecados dos homens sejam perdoáveis aos seus olhos, não quero trazer-lhes em sacrifício a minha paz. Não quero ser para você um divertimento passageiro, e se eu concordar em perdoá-lo...

- Você jamais irá se arrepender disso, Eliza! Concordo antecipadamente com todas as suas condições.

Levantando-se rapidamente, Raymond puxou Eliza para os seus braços e cobriu-a de beijos ardentes. Mas Eliza, de natureza nervosa e impressionável, temia uma demonstração de paixão involuntariamente e sentimentos agitados provocavam-lhe nojo. Ela empalideceu e livrou-se de seus abraços.

- Não faça isso!... Não faça isso... Raymond - disse ela num tom indeciso. - Precisa me dar um tempo para me acostumar com você. Digo francamente: você me agrada, mas ainda não o amo. Não posso amar uma

pessoa que diante dos meus olhos namorava outra e queria separar-se de mim. Também aviso que no futuro não vou aturar nenhuma traição.

- Pelo futuro eu respondo, mas no presente devo submeter-me e ter paciência, pois a culpa é toda minha - respondeu Raymond num misto de riso e irritação.

- Se eu acreditar em você e tentar amá-lo, jura que jamais me arrependerei disso? - murmurou Eliza nervosamente e com lágrimas nos olhos.

Raymond fez um solene juramento de tornar-se um marido exemplar. Em seguida, para acalmar a emoção de Eliza, ele passou a falar do passado. Eles, então, sentaram-se no banco coberto de almofadas. As lembranças de algumas cenas engraçadas da infância fê-los rir de coração.

Após conversar por cerca de uma hora, Raymond levantou-se. Está na hora de eu sair pelo mesmo caminho que entrei, como você exigiu disse ele alegremente. - Mas, amanhã entrarei pela entrada principal.

- Mas, não! Vou mostrar-lhe um outro caminho, senão você pode quebrar o pescoço subindo pelas paredes como um gato respondeu Eliza, rindo.

Os jovens trocaram beijos amigáveis de despedida. Depois, passando por um longo e estreito corredor, desce- ram uma escada, embaixo da qual havia uma pequena porta, cujo trinco pesado Raymond abriu por indicação de sua acompanhante.

- Você está armado? Terá de andar cerca de quinze minutos até chegar no canal disse Eliza, passando ao marido alguma indicações topográficas.

- Nada tema! Trago comigo a espada e o punhal respondeu Raymond, beijando a mão de Eliza.

Instantes depois, a porta fechou-se às suas costas e ele viu-se num daqueles estreitos becos internos tão abundantes em Veneza. Passando pelo beco, Raymond pensava sobre tudo o que tinha acontecido. Estava indescritivelmente feliz com sua reconciliação com a esposa. Seu coração estava cheio de planos para o futuro.

De repente, lembrou-se que Beatrice havia marcado um encontro para aquela noite e um sentimento de asco o invadiu. Era preciso, o mais rapidamente possível, terminar com ela e suportar a cena iminente e desagradável que o aguardava. Por que não aproveitar a ocasião para dizer a Beatrice que estava tudo terminado entre eles? É certo que a hora marcada já

tinha passado há muito, mas isso não significava nada; aquela maluca, sem dúvida, ainda o aguardava! Em todo caso, seria melhor ir logo, senão ela era capaz de ficar rondando de dia a casa de Fúlvio como já o fizera das outras vezes quando ele não apareceu à hora combinada.

Tomando tal decisão, Raymond mudou de direção e dirigiu-se rapidamente para a casa dos Salviati que estava mais próxima a pé do que pelos canais.

A pequena porta que saía para o beco estava aberta, o que provava que aguardavam-no. Raymond subiu rapida- mente a escada e entrou no quarto, onde habitualmente o recebia Beatrice.

Pálida, o rosto coberto de manchas e olhar flamejante, a jovem mulher andava pelo quarto. Ao ver o amante, correu para ele e agarrou-o pela mão.

- Por que demorou tanto? Por que esse desleixo? - exclamou ela, sufocando. - Já estão dizendo por aí que você está namorando com Bianca Villamarino. Tome cuidado! Não vou suportar traições de sua parte.

Raymond afastou a mão dela e mediu-a com olhar frio e insatisfeito. A ríspida severidade de homem que deseja livrar-se da mulher da qual se cansou soava em sua voz quando respondeu:

- Vim aqui para conversar com você e dizer que o nosso passageiro sonho de amor terminou. Vamos esquecer tudo e continuamos amigos...

Beatrice soltou um grito surdo e olhou-o confusa.

- Raymond! Você está me rejeitando? Quer que esqueça o nosso amor? E ousa propor-me isso? - balbuciou ela. - Você enlouqueceu!

- Nada disso! Simplesmente estou lembrando-lhe o seu dever de mulher casada, que você não deveria esquecer. Além disso, encontrei na pessoa de Bianca Villamarino a minha legítima esposa, que tanto temia. Nós fizemos as pazes. Ela perdoou o meu passado e eu jurei ser-lhe fiel no futuro. Quero manter a palavra e corrigir meus erros. Agora, Beatrice, você deve entender que a nossa relação está cortada.

- Não, não e não! Só sei que não posso viver sem você, pois o amo loucamente e que matarei a infeliz que ousou roubar você de mim! - gritou Beatrice, jogando-se no pescoço de Raymond.

Este ficou parado, aturdido. De repente, empurrou-a com força para longe e exclamou, vermelho de raiva:

- Se encostar em Eliza, vai pagar caro por isso, mulher maldosa e sem-vergonha! Não tem vergonha de ficar agarrando-se a um homem que está

amavelmente dando-lhe a entender que não a quer mais?

Beatrice baqueou, deu alguns passos para trás e encostou-se na cadeira. Pálida e ofegante, ficou por instantes parada imóvel, apertando as mãos na testa. De repente, endireitou-se. Seus dentes estavam apertados e o rosto distorcido por uma expressão de louca raiva.

- Seu miserável e desprezível ladrão do meu coração e de minha honra! Seu alemão grosseirão que ousou ofender uma nobre mulher somente porque ela o ama! Me aguarde! Vou dar-lhe o troco por essa traição! exclamou ela com voz sibilante.

Com a rapidez de um raio, ela sacou algo do cinto e jogou-se sobre Raymond, que teve tempo de enxergar que em sua mão brilhava um estilete. Ele agarrou Beatrice pelo braço, desarmou-a e, vendo que ela caiu, correu para fora do quarto. Desceu as escadas como um furacão e abriu com força a porta que dava para a rua. Aquele movimento brusco foi a sua salvação, pois derrubou no chão um homem de baixa estatura, de barba grisalha, que o aguardava de tocaia, ocultando um punhal sob a capa. Provavelmente o homem esperava que o visitante noturno saísse em silêncio, tomando todas as precauções. Mas, jogado de lado com o inesperado golpe de Raymond, ele levantou-se enquanto salam da escuridão dois mascarados, que saltaram sobre o Conde. Este conseguiu atravessar para o outro lado da rua e encostou-se na parede.

Raymond compreendeu imediatamente que estava sendo tocaiado pelo marido de Beatrice que pretendia matá-lo e decidiu vender caro a própria vida. Com o punhal numa das mãos e a espada na outra, aguardou os atacantes. Iniciou-se um combate silencioso, mas encarniçado. Por mais que o equilíbrio das forças estivesse desigual, Raymond defendia-se corajosamente, graças à sua força hercúlea e à sua incrível agilidade. Quando o velho descuidou-se e abriu a guarda, ele enterrou o punhal em seu peito.

O ferido abriu os braços e, soltando um grito, caiu no chão. Um dos mascarados foi ferido no braço e deixou cair a espada, enquanto o outro abandonou o campo de batalha e perdeu-se na escuridão da noite.

Raymond apressou-se em deixar o local fatídico e, mais instintivamente do que por raciocínio, dirigiu-se de volta ao palácio dos Villamarino.

No ardor da batalha, Raymond não notou que recebera dois golpes, mas o sangue morno que escorria pelo braço, a fraqueza que apoderou-se dele e a

dor aguda nos ferimentos fizeram-no perceber a situação em que se encontrava.

Mal conseguindo manter-se em pé, Raymond, num último esforço, chegou até a casa de Giovanna e com a empunhadura da espada bateu na porta. Alguns minutos mais tarde, a voz irritada do castelão perguntou quem ousava fazer tanto barulho numa hora tão imprópria.

- Abra rápido, Giácomo! Sou eu, o Conde Reifenstein, - respondeu Raymond com voz enfraquecida.

Extremamente surpreso, o velho abriu a porta. Ao ver o Conde ensangüentado, sem maiores perguntas levou-o ao quarto de hóspedes, colocou-o na cama e com a experiência de um ex-soldado fez os primeiros curativos.

Prestando os primeiros socorros ao ferido, que por causa da hemorragia perdeu os sentidos, Giácomo foi avisar seus senhores sobre o acontecimento. Meia hora mais tarde, Oreo e Giovanna, tão surpresos quanto o castelão, apareceram na cabeceira do leito de Raymond. Como naquela época as disputas sangrentas e os ataques noturnos eram freqüentes, esse acontecimento não provocou grande celeuma. Depois de mandar chamar o cirurgião, Oreo observou:

- Provavelmente, ele começou alguma nova intriga amorosa e foi descoberto pelo irmão ou pelo marido da amante. A luta deve ter acontecido em algum lugar por perto, senão esse nojento vagabundo não viria se esconder na nossa casa.

Deixando o marido com o ferido, Giovanna foi até o quarto de Eliza que ainda dormia. Despertando a moça, ela contou-lhe sobre o acidente com o marido.

- Deus do céu! Os ferimentos são perigosos? Preciso ir vê-lo imediatamente - exclamou Eliza, assustada, pulando da cama.

- Seus ferimentos não são mortais se não houver complicações imprevisíveis. Ele apenas perdeu muito sangue respondeu Giovanna.

Em seguida, acrescentou com um leve sorriso:

- Fico surpresa por estar se condoendo tanto pelo ferido. Você tinha decidido divorciar-se dele!

Eliza ficou confusa, vermelha e, em seguida, continuando a vestir-se, contou a Giovanna sobre a visita noturna de Raymond e sobre a sua reconciliação.

- Talvez eu tenha cometido uma bobagem, cedendo aos rogos dele e perdoando o seu comportamento, mas Raymond jurou redimir-se. Antes, ele sempre foi bom comigo, exceto na história da torre observou Eliza, visivelmente constrangida.

- Por que você parece estar pedindo desculpas por perdoar seu marido? Apenas cumpriu seu dever. Quem, além de Raymond, tem mais direito à sua condescendência? Mas, vamos logo! Como ele a ama tanto, a sua aparição irá aliviar-lhe as dores respondeu Giovanna, beijando a moça.

Quando as duas mulheres entraram no quarto do ferido, este já tinha sido medicado pelo cirurgião. A dor nos pontos fez Raymond recuperar os sentidos, mas iniciou-se uma febre. Eliza inclinou-se, preocupada, sobre Raymond. Os olhos deste estavam abertos, mas ele não a reconhecia. Seu rosto ardia, a respiração estava pesada e irregular e os lábios secos, entreabertos. Entretanto, a visão da moça despertou na mente do paciente uma vaga lembrança das cenas noturnas. Tentou levantar-se, seus olhos faiscaram e diante das damas estupefatas aconteceu todo o seu diálogo com Beatrice, exceto as réplicas.

- Ele me jurou que iria se redimir e imagina que foi até Beatrice para cortar as relações com ela murmurou Eliza visivelmente emocionada, sentando-se à cabeceira do ferido.

Capítulo 9

Arnulf viu com surpresa e tristeza que o irmão dirigia-se não à casa dos Salviati, onde sabia que Beatrice o aguardava, mas ao palácio dos Villamarino. Quando Raymond subiu no balcão e desapareceu no quarto da moça, Arnulf foi tomado de tal fúria que, desprezando qualquer precaução, já queria seguir atrás dele, mas felizmente o bom senso conseguiu segurá-lo. Raymond era marido de Eliza e aquela invasão noturna podia até fazer parte dos direitos dele. Nesse caso, Arnulf é que seria considerado apenas um impertinente invasor, mas... mesmo assim ele apertou convulsivamente o cabo do punhal. Se Eliza gritasse, se ela se indignasse com a violência que Raymond provavelmente pretendia fazer com ela, então, o dever de cavaleiro dar-lhe-ia o direito de entrar no quarto e enterrar sua arma no coração do rival.

Mas, tudo estava quieto. Às vezes chegava o som de vozes ao ouvido atento do cavaleiro, mas a conversa, aparentemente, estava tranqüila. De repente, uma explosão de duplo riso fez Arnulf sobressaltar-se no barco. O que significava aquilo? Será que o jovem casal tinha chegado a um acordo e eles, então, se reconciliaram? Nesse caso, para que Raymond tinha subido pelas paredes, arriscando-se a quebrar o pescoço, quando poderia tranquilamente entrar pela porta principal? Mas, se Eliza recebia-o como amante, então tudo estava ainda mais confuso.

A impaciência, o ciúme e a raiva simplesmente enlouqueciam Arnulf. Em febril excitação, ele decidiu, apesar do risco, subir no balcão e ver o que acontecia no quarto. Mas, naquele momento, a porta do balcão fechou-se, as cortinas foram baixadas e alguns minutos mais tarde, apagou-se a última luz que transpassava o cortinado.

Confuso, Arnulf aguardou mais meia hora. Sua raiva e o ciúme eram tão grandes que se Raymond aparecesse naquele instante, ele o mataria a

punhaladas e jogaria seu corpo no canal. Mas, ninguém aparecia e em volta reinava o silêncio noturno.

Arnulf voltou para casa em terrível desespero. Não conseguia dormir. Raymond não retornava e ele quebrava a cabeça tentando encontrar explicação para todos aqueles estranhos acontecimentos.

Nervoso e preocupado, Arnulf andava pelo quarto, e decidiu buscar informações na casa dos Salviati assim que amanhecesse. Em todo caso, ele poderia, através da senhora Matissa, mostrar a Beatrice o local onde Raymond havia passado a noite enquanto ela o aguardava.

Dessa vez, apesar do sinal combinado, Arnulf teve de aguardar muito a sua informante. Finalmente, ela chegou visivelmente emocionada, preocupada e contou-lhe que Raymond tinha aparecido tarde da noite, tivera uma cena agitada com Beatrice e, por isso, fora embora. Depois, ouviram-se gritos e o tilintar de armas. Quando ela desceu para trancar a pequena porta, um homem gritou-lhe:

- Leve para dentro o seu senhor se não quiser que ele morra na rua!

Então, ela chamou um dos criados e eles encontraram o senhor Antonio com um punhal cravado no peito. A velha supunha que o seu senhor soubera das aventuras da esposa e tenha ficado de tocaia para pegar o Conde e matá-lo. O que realmente aconteceu e para onde tinha ido Raymond, ela não sabia. O senhor Antonio estava agonizante. Quanto a Beatrice, estava tão estranha e indiferente a tudo que havia acontecido que ela, Matissa, não conseguia entender o porquê.

Arnulf ouviu o relato só até a metade e concluiu que Eliza havia soltado o marido por uma outra saída. Raymond, então, correu para Beatrice. Mas, algo acontecera com ele e podia ser que naquele exato momento ele já não estivesse entre os vivos e que Eliza tivesse ficado viúva!

Cheio de esperanças, Arnulf voltou para casa. Lá, recebeu a notícia de que tinha chegado um mensageiro de Oreo Villamarino informando que seu irmão, ferido, encontrava- se na casa dele.

Arnulf foi tomado por uma furiosa desilusão, mas era por demais reservado para expor seus sentimentos e decidiu visitar Raymond. Não conseguiu avisar a seus anfitriões, pois Fúlvio tinha saído em viagem há dois dias, enquanto o Barão Conrad estava trancado no seu laboratório, onde ninguém ousava perturbá-lo.

Quando Arnulf chegou no palácio, o doente estava dormindo e ele foi recebido por Eliza. A conversa, naturalmente, foi sobre o acidente com Raymond. A moça, ingenuamen- te, disse que o Conde devia ter sido atacado por ladrões.

Arnulf balançou a cabeça e olhou com tanta comiseração para Eliza que esta ficou estupefata.

- O senhor sabe de algo? Seja sincero comigo! - disse ela num misto de preocupação e curiosidade. Arnulf deu de ombros.

- Nada sei, minha cara irmã. Só que, por uma estranha coincidência, nessa mesma noite o marido da senhora Beatrice foi encontrado na rua, agonizando com um punhal no peito.

Eliza ficou vermelha e embaraçada. Tinha sido constatada a falta do punhal de Raymond. Seria possível que, depois, de encontrar-se com ela, Raymond tinha ido até aquela mulher e, para culminar, tinha matado o seu marido?

A chegada de Giovanna interrompeu a conversa e Arnulf foi embora prometendo retornar mais tarde. O que lhe falou aquele fingido? Você está com um ar tão preocupado! - disse Giovanna assim que elas ficaram a sós.

A moça, então, contou o que tinha ouvido de Arnulf e expos sua própria suposição de que Raymond, depois de tudo que acontecera entre eles, ainda tinha ido visitar à noite a sua amante.

- Você tem com que se preocupar! Aquilo que o Conde fica falando em seus delírios explica claramente o objetivo de sua visita a Beatrice. Seria mais interessante perguntar àquele hipócrita de onde ele sabe o que aconteceu com Salviati e que relações mantém com aquela casa - respondeu Giovanna com desprezo.

A jovem mulher conseguiu convencer tão bem Eliza que esta acalmou-se completamente e decidiu ajudar Raymond para que ele se restabelecesse mais rapidamente.

- Então, você se considera uma cirurgiã melhor que o senhor Ricardo? Ou, em vez dos ungüentos, quer tratá-lo com beijos? - perguntou Giovanna, rindo.

- Nem isso nem aquilo! Acontece que Fúlvio e o vovô me ensinaram a tratar algumas doenças na ausência deles. Fúlvio viajou para Pádua por uma semana enquanto o vovô, conforme diz o cavaleiro Ried, trancou-se no laboratório. Às vezes, ele fica lá durante dois ou três dias. Portanto, pretendo

apelar para o remédio que eles me ensinaram para aliviar as dores de Raymond se a febre não diminuir. Eis a água sobre a qual aplicarei alguns passes. Depois, vou oferecê-la ao paciente e farei sobre ele a imposição das mãos.

- Com isso é interessante! Você nunca me contou que sabe tratar os doentes.

Passou-se um dia e não houve qualquer alteração na saúde do enfermo. Ele continuou imerso num torpor apático e parecia não ver nem reconhecer ninguém. À noite, seu estado de saúde piorou. Raymond ficou agitado, gemia e começou a delirar.

- É hora de aplicar o meu remédio. Só peço que afaste as outras pessoas - sussurrou Eliza no ouvido de Giovanna.

Esta última dispensou a criada que as ajudava. Então, Eliza inclinou-se sobre o leito e colocou ambas as mãos na cabeça de Raymond. Alguns minutos depois, ele acalmou-se visivelmente. Os movimentos convulsivos pararam, a vermelhidão febril reduziu-se, os lábios fecharam-se e a sibilante e intermitente respiração mudou para normal. Eliza sentou-se na beirada do leito, pegou a mão do ferido e disse:

- Veja! Ele dorme e suas dores passaram. Agora, minha cara Giovanna, vou preparar a água fluidificada para ele.

Ela pegou uma cuba de cristal, encheu-a de água e estendeu as mãos sobre ela. Aos poucos, as pontas dos seus dedos começaram a iluminar-se e a água adquiriu um reflexo azulado.

- Está pronto! Agora vamos tratar o nosso paciente com este remédio.

Eliza pegou uma tolha, molhou-a na água e aproximou-se do leito.

- Você vai acordá-lo com essa toalha molhada! - observou Giovanna.

- Não tem importância! Ele dormirá melhor depois. Agora, minha cara, acenda as velas.

Eliza inclinou-se sobre o leito e começou a encostar a toalha molhada no rosto e na mão do paciente. Raymond estremeceu e abriu os olhos. Ele estava plenamente consciente. Quando viu Eliza, uma expressão de alegria e gratidão iluminou o seu rosto.

- Eliza! Você está cuidando de mim? Como é bondosa! Não acredite em nada ruim que vão contar sobre mim. As circunstâncias estão contra mim, mas juro que queria somente terminar tudo com Beatrice balbuciou ele.

- Acredito em você, apesar de que podia escolher uma hora mais apropriada para fazer isso. Mas, o mal está feito, e seus ferimentos são o castigo suficiente para essa leviandade que, espero, seja a última que eu tenha de perdoar. Agora, beba isso!

Eliza estendeu-lhe o copo com a água fluidificada.

Raymond tomou tudo com avidez.

- O que me deu para beber, Eliza? Jamais provei uma bebida assim. Que aroma! Que frescor! Sinto que estou revivendo e até os ferimentos não ardem como antes.

- É um remédio que o vovô Conrad e Fúlvio me ensinaram a preparar. Ele vai recuperá-lo rapidamente. Pela manhã, quando o cirurgião vier trocar os seus curativos, mande-o lavá-los com a água daquele recipiente e impregnar os curativos com ela.

- Está bem! Cuidarei para que as suas prescrições sejam seguida à risca, meu anjo da guarda. Se quiser me deixar plenamente feliz, então dê-me um beijo.

- Como você é insaciável!

Eliza inclinou-se e, ruborizando, beijou-o.

- Você não merece isso e se lhe concedo um beijo exclusivamente porque está doente. Mas, chega de tagarelar! Vá dormir!

Raymond obedientemente fechou os olhos. Um profundo bem-estar encheu todo o seu ser e logo a profunda e tranquila respiração anunciava que ele dormia um revigorante sono.

Passaram-se alguns dias. A saúde de Raymond melhorava rapidamente. Os ferimentos fecharam-se, a febre desapareceu e a presença de Eliza mantinha no paciente o melhor estado de espírito. Entre o jovem casal estabeleceu-se uma amigável harmonia. Eles conversavam, riam, lembravam do passado e falavam do futuro. Eliza disse que não queria morar com o marido no castelo Reifenstein que deixou-lhe tristes lembranças. Além disso, não desejava encontrar todo dia a Condessa Anna. Então, sugeriu que fossem morar no castelo do pai, de sua propriedade.

Raymond, que a cada dia estava mais apaixonado, concordava com tudo e tentava de todos os modos conquistar a confiança e o amor da jovem esposa.

A presença de Arnulf, que a cada dois dias ia visitar o irmão, constrangia o bom humor do casal; especialmente a Eliza que sentia-se mal

diante do olhar sombrio do cavaleiro. Aquele olhar pesava-lhe; em compensação, as visitas de Conrad e de Fúlvio eram uma verdadeira festa para ela.

O sexto dia da enfermidade de Raymond acontecia na véspera de um grande feriado e Eliza foi à missa da tarde acompanhada por Giovanna numa igreja próxima. Ao terminar a celebração, elas retornavam conversando para a gôndola sem notar que desde a igreja estavam sendo seguidas por uma mulher em trajes escuros, enrolada num véu espesso que lhe ocultava o rosto. Ela andava mais rápido que as duas e na mesma direção da rampa onde havia inúmeras gôndolas.

De repente, Eliza sentiu que alguém agarrou-a pela mão. Ela voltou-se surpresa e viu uma mulher mascarada, que inclinou-se sobre ela e com a rapidez de um raio enterrou em seu flanco um pequeno estilete que guardava sob o longo véu que a cobria dos pés à cabeça. Eliza ficou parada por instantes com os olhos bem abertos e depois caiu no chão sem soltar um grito sequer.

O crime aconteceu tão rapidamente e com tal precisão que nem Giovanna, que seguia alguns passos à frente, e nem os dois pajens nada notaram, ainda mais que a numerosa multidão aglomerava-se nos degraus.

O barulho só começou quando Eliza caiu. Giovanna e um dos pajens correram na direção dela, levantaram-na e levaram-na para a gôndola.

Giovanna, fora de si de horror e de tristeza, colocava a moça ferida nas almofadas quando, repentinamente, dos becos vizinhos ouviram-se gritos. O segundo pajem tinha visto a mulher do véu aproximar-se de Eliza e depois imiscuir-se na multidão, tentando alcançar a ruela estreita e pouco visitada. Achando, com certa razão, que aquela poderia ser a assassina, ele começou a persegui-la. Percebendo que fora descoberta, a mulher correu, mas o pajem alcansou-a e parou gritando:

- Não!.. Não vai escapar de mim... sua miserável!

Teria começado uma luta corporal se alguns passantes não tivessem segurado o pajem. A fugitiva, que se debatia como louca, foi presa e retiraram-lhe o véu.

A mulher era Beatrice Salviati. Foi grande a surpresa da turba quando a esposa de um rico e respeitado patrício fora acusada de assassinato. Como a moça tinha um ar de louca, decidiram levá-la para casa e mantê-la presa até novas providências das autoridades.

Pode-se imaginar o horror e a preocupação no palácio dos Villamarino quando Giovanna chegou, levando consigo Eliza prostrada como morta. Em alguns minutos, toda a casa estava de pé. Oreo também as socorreu. Ele próprio ajudou a transportar a jovem ferida para o saguão onde improvisaram às pressas uma maca para levá-la para os seus aposentos.

Já tinham colocado Eliza na maca e Oreo havia feito um curativo provisório no ferimento, do qual jorrava muito san- gue, quando apareceu no vestíbulo Conrad Vart que fora visitar Raymond.

O Barão compreendeu rapidamente a situação, correu para a maca de Eliza, cortou-lhe o cinto com a faca, soltou o vestido e descobriu o sangramento. Depois, tirando do dedo um anel com um rubi, passou-o em volta do ferimento, murmurando algumas palavras incompreensíveis. O sangue parou de jorrar quase imediatamente e Eliza, que até então não dera sinais de vida, gemeu fracamente.

- Cubra-a com uma capa e coloque a maca na minha gôndola! Vou levar a paciente para a minha casa - disse o Barão aos presentes.

- Será que ela está viva, tio Conrad? Conseguirá salvá-la? - perguntou Giovanna, coberta de lágrimas.

- Por enquanto ela esta viva, mas o ferimento é grave e ainda não posso afirmar nada. Mas, em casa tenho à mão os remédios necessários.

- Aquela desprezível Beatrice! Espero que a castiguem com todo o rigor da lei exclamou Giovanna, irada.

- Sem dúvida, essa mulher é indigna, mas se Raymond não tivesse com ela aquela ligação criminosa, ela não teria cometido esse crime respondeu o Barão Vart, embarcando na gôndola.

O barulho do tumulto que provocou o atentado à vida de Eliza chegou ao quarto onde repousava Raymond. Ouvindo gritos e a confusão no corredor vizinho, ele mandou a criada saber o que tinha acontecido.

Alguns minutos depois, ela voltou tão pálida e assustada que Raymond exclamou preocupado:

- Carlotta! Aconteceu alguma desgraça? Diga-me! Estou ordenando!

- Sim, senhor! Aconteceu uma terrível desgraça: a senhora Beatrice Salviati apunhalou a Condessa, sua esposa murmurou Carlotta.

Raymond caiu nas almofadas como se tivesse recebido um golpe. Mas esta fraqueza rapidamente mudou para uma louca excitação. Esquecendo a própria doença e os ferimentos, pulou da cama, agarrou a capa que estava

sobre a cadeira e saiu correndo para a galeria. Então, as forças o abandonaram e ele, com um gemido surdo, desmoronou.

- Carlotta! Chame alguém para me apoiar e me ajudar a andar. Preciso ver Eliza! - gritou fora de si.

- Acalme-se Conde e não se mova enquanto vou cha- mar alguém para colocá-lo de volta na cama! - exclamou Carlotta, assustada. - O senhor não pode ver a Condessa. O Barão Vart levou-a para a casa dele e não permitiu que ninguém o acompanhasse, nem mesmo a senhora Giovanna, que queria cuidar da amiga. Ouvi isso com meus próprios ouvidos. Quando eu entrava no vestíbulo, a maca com a Condessa já estava na gôndola do Barão.

Enquanto dois criados transportavam Raymond para o leito, chegaram Oreo e a esposa. Vendo o estado febril do enfermo, eles contaram-lhe tudo o que tinha acontecido.

É difícil descrever o estado de espírito de Raymond. Ele repreendia-se amargamente pela ligação com Beatrice, por quem sentia agora somente um ódio impiedoso. A idéia de perder Eliza no limiar da felicidade e ainda mais por sua culpa dilacerava-lhe o coração como ferro em brasa. À noite, a febre voltou novamente; os ferimentos abriram-se e causavam-lhe terríveis dores. Mesmo assim, ele continuava plena- mente consciente e o sono não amenizava sua excitação nem por um instante.

Então, Arnulf chegou e ficou para cuidar do irmão durante a noite. A notícia do atentado provocou no espírito sombrio do cavaleiro Ried sentimentos misturados. Ele sofria por Eliza e, ao mesmo tempo, preferia vê-la morta a pertencer a Raymond. A noite passou numa longa e desgastante preocupação. Não havia notícias do Barão Conrad e Raymond positivamente ardia de tristeza e de dores de consciência. Aquela espera o estava enlouquecendo.

- Acalme-se e resigne-se diante da provação que você mesmo provocou! observou Arnulf. Em vez de agitar-se na cama como louco é melhor orar a Deus! Assim, você só se prejudica sem resultado. Enquanto não receber notícias da morte de sua esposa, pode ter esperanças na misericórdia divina.

Raymond estremeceu e tentou levantar o corpo. Seus olhos brilhavam febrilmente e os lábios tremiam nervosamente.

- Tem razão, Arnulf! Precisamos apelar para a misericórdia do Salvador. Dê-me aquele crucifixo de marfim que está lá na mesa.

Raymond agarrou com mão impaciente o crucifixo e apertou-o nos lábios. Em seguida, levantando-o para o alto, exclamou num ímpeto de fé e entusiasmo:

- Nosso Senhor Jesus Cristo, Salvador do mundo e conforto de todos os sofredores! Atenda a minha prece! Salve Eliza! Não deixe que uma inocente morra por causa de meus pecados! Se atender a minha prece, prometo que irei até Jerusalém, darei três voltas de joelhos no Santo Sepulcro e Lho oferecerei uma lamparina de prata. Aceite a minha promessa, Senhor, e também tu, Virgem Maria, o consolo de todos os amargurados!

Mais calmo e aparentemente reconfortado pela prece e pela promessa, Raymond colocou o crucifixo na mesa e estendeu a mão a Arnulf dizendo:

- Se Jesus aceitar a minha promessa, irei com você a Jerusalém, irmão! Espero que me aguarde enquanto recupero forças suficientes para estar em condições de empreender essa viagem.

- Naturalmente! - respondeu o cavaleiro, num tom meio indeciso. A galera de peregrinos sairá para Jafa [25] só daqui a três semanas; talvez até mais tarde. Assim, você tem bastante tempo para recobrar as energias e empreender essa viagem, se essa for a vontade do Senhor.

Com idêntica impaciência, mas movidos por diferentes sentimentos, os dois irmãos aguardavam a notícia sobre o destino de Eliza. Raymond orava, enquanto Arnulf raciocinava o quanto coincidia com seus planos a peregrinação do irmão no caso de sua esposa sobreviver.

E, realmente, parece que Deus ouviu a sincera prece do Conde. Ao amanhecer, o criado de Fúlvio chegou com um bilhete do Barão, no qual informava a Giovanna e a Raymond que Eliza estava viva e que tinha esperanças de salvá-la.

Capitulo 10

A notícia de que não teria de repreender-se pela morte de Eliza, agiu beneficamente no estado de espírito de Raymond e o remédio aplicado por Fúlvio sanou com extraordinária rapidez os seus ferimentos. Em uma semana o paciente se levantou e começou os preparativos da viagem escrevendo uma carta ao pai, confessando tudo o que tinha acontecido e pedindo a ele que lhe enviasse uma quantia de dinheiro necessária para a viagem. Informava ainda que iria junto com Arnulf e que de Jerusalém pretendia retornar diretamente a Veneza para apanhar a esposa e ir, conforme desejo dela, para o castelo Zapnenstein, no Tirol.

O mesmo mensageiro levou também uma carta endereçada a Margarita Ramets. Nesta, Raymond confessava francamente que reconciliara-se com Eliza, cuja beleza e bondade conquistaram definitivamente o seu coração.

"Perdoe-me, querida Greta, por não cumprir a promessa que tão levianamente lhe dei. Diante de Deus e dos homens somente a minha obrigação para com Eliza possui algum significado. Não posso e nem quero separar-me de minha esposa, que adoro. O sentimento que tenho por Eliza me fez perceber que alimento por você um amor fraternal, Mais uma vez perdoe-me, querida amiga de infância, e per maneça irmã e amiga de seu dedicado Raymond", assim ele concluiu a carta.

Quando o mensageiro partiu, Raymond suspirou alivia- do. Como podia ser tão imbecil a ponto de preferir Greta, de fisionomia grosseira e busto enorme, a Eliza, a verdadeira encarnação da graça e da elegância?

No castelo Reifenstein as cartas de Raymond causaram diferentes reações. Só Volfram sentiu-se indescritivelmente feliz com a reconciliação do jovem casal. Ele estava certo de que Eliza traria felicidade ao seu filho, o único ser que o prendia à vida e que iluminava com uma luz radiante a indevassável escuridão de sua vida conjugal.

Um sorriso maroto iluminou o bondoso rosto do Conde quando, entre os impetuosos e entusiasmados elogios a Eliza, leu a seguinte frase:

"Como o abenção, pai, pela surra que aplicou no idiota que fui no dia do nosso casamento e que me fez feliz agora. Não fossem os laços que nos unem, talvez não conseguisse conquistar o coração da encantadora mulher, cuja posse devo à sabedoria e previdência paterna".

- Esse é o meu filho! Eu sabia que chegaria uma hora em que preferiria a rosa ao pedaço de queijo murmurou alegremente Volfram. "O fato de ele quase perder Eliza por causa de seu comportamento, também não é mau. Pelo menos, no futuro, será mais precavido e dará mais valor ao tesouro que o destino lhe presenteou," acrescentou, em pensamento.

A Condessa recebeu uma carta de Arnulf que relatava o acontecido à sua maneira. Ele destacava superficialmente todos os erros do irmão e sua ligação com uma mulher casada, o que havia provocado uma série de acontecimentos e desgraças e sobrecarregado sua consciência com grave responsabilidade, pois, além do atentado que quase custara a vida de Eliza e suas próprias feridas, ele fora a causa da morte do senhor Antonio Salviati e do enlouquecimento da esposa, que os parentes trancaram num mosteiro. No fim da carta, Arnulf esperava que a peregrinação ao Santo Sepulcro ajudasse Raymond a se redimir desses pecados.

Enquanto o Conde alegrava-se e a Condessa ficava preocupada com o destino do filho, na cabeça de Margarita desencadeava-se uma terrível tempestade.

Ela, então, trancou-se no quarto para ler a carta de Raymond entregue secretamente a ela pelo mensageiro. À medida que lia as palavras que desmoronavam suas ilusões e esperanças e destruíam os resultados de suas espertas artimanhas com as quais, apesar dos obstáculos, esperava atingir o seu objetivo, o forte rubor de suas faces foi adquirindo uma palidez mortal. Amassando a carta, jogou-a na lareira e, como um tigre na jaula, começou a andar pelo quarto.

Se Margarita não tivesse nervos fortes, cairia desmaiada de tão inesperada fora para ela aquela desilusão. Em sua vaidade, ela estava certa do amor de Raymond e na vitória sobre Eliza, que odiava ainda mais do que gostava de seu amigo de infância. Mas, Greta era do tipo de pessoa de natureza teimosa e limitada como uma mula; por isso, os golpes e o seu convencimento faziam-na teimar ainda mais. A senhora Anna a tinha

escolhido para ser a Condessa Reifenstein, rica proprietária do castelo e esposa do belo e jovem Conde; portanto, ela desejava de qualquer jeito tornar-se a Condessa Reifenstein.

Aliás, ela era suficientemente inteligente para entender que o amor de Raymond por sua jovem esposa e a reconciliação deles criavam um obstáculo intransponível aos seus planos. Esta convicção, quando caiu em sua estreita e ciumenta alma, provocou uma louca fúria que terminou num rio de lágrimas e de lamentos.

Alegando forte dor de cabeça, a moça não apareceu no jantar e chamou a criada Marta para ajudá-la a despir-se. Ela era irmã de leite da mãe de Margarita e foi morar junto com ela no castelo Reifenstein. Marta amava cegamente Greta e era tanto criada quanto confidente da moça. Esperta e má, era odiada por toda a criadagem do castelo e tinha a absoluta confiança apenas da Condessa Anna por suas fofocas e espionagem.

Despindo a sua jovem ama, Marta perguntou o motivo de sua tristeza. Margarita contou-lhe, sem vacilar, tudo o que tinha acontecido.

Marta pensou muito e depois disse:

- Enxugue os olhos, pobre criança! O maldoso miserável a traiu e não a entendeu? Pois, Marta lhe afirma que você será a Condessa Reifenstein!

Vendo a surpresa e a desconfiança da moça, Marta contou que nos arredores vivia um terrível feiticeiro que conseguia eliminar pessoas incômodas e vendia bebidas que provocavam paixão e reavivam sentimentos esfriados.

- Quem lhe contou isso? - perguntou Greta, num frêmito de esperança.

- A criada de Ortruda Finsterbach. Ela disse que sua patroa, às vezes, apela para os serviços desse feiticeiro. Ele é judeu e mora em Bricsen[26]. Basta você inventar um motivo para ir até lá e tudo se arranjará conforme o seu desejo.

O conselho de Marta caiu em solo fértil. Com a sua inata esperteza e tenacidade, Greta inventou como motivo para ir a Bricsen a necessidade de visitar um velha parente que vivia nos arredores, por quem ela até então jamais havia-se interessado. O Conde e a esposa estavam tão entretidos com a preparação de tudo que o filho poderia precisar na viagem à Palestina que nem prestaram atenção ao pedido da moça. A Condessa Anna autorizou a sua partida compreendendo que a reconciliação do jovem casal foi um duro golpe para Greta e que ela precisava de distração.

Certa noite, uns dez dias após a chegada da carta de Raymond, duas mulheres enroladas em capas bateram secretamente na porta de uma casa semidesmoronada, que há onze anos fora visitada pela Condessa Anna e sua amiga Ortruda.

Com as mesmas precauções de antigamente, ambas foram introduzidas na casa e encontraram-se na sala do feiticeiro mobiliada no estilo oriental e contígua ao laboratório. O feiticeiro era Misael que continuou a criminosa profissão do pai Markhodey. Ele estava agora com trinta e seis anos. Seu rosto destacava-se pelas formas rigidamente semiticas e palidez doentia. Os olhos negros brilhavam como fogo sombrio e todo o seu ser transpirava uma indescritível expressão de crueldade e amargura.

- Tenham a bondade, minhas senhoras, de levantar seus véus e explicar claramente o que querem de mim. Sou mudo como um túmulo e esqueço os segredos que me são confiados assim que os meus visitantes deixam esta sala. A confiança total é a primeira condição para o sucesso disse Misael, com sua voz clara e tranqüila, olhando atentamente para o rosto empalidecido de Greta que retirou o véu.

Como se estivesse dominada pelos olhos escuros do judeu, Greta relatou-lhe em poucas palavras tudo o que acontecera e expressou o seu desejo de provocar no coração de Raymond uma paixão tão grande que ele acabasse se separando de Eliza e se casasse com ela.

À medida que Greta falava, uma palidez mortal começou a cobrir o rosto do judeu e em seus olhos acendeu-se um ódio selvagem.

- Estamos falando do Conde Reifenstein? - perguntou ele com voz rouca.

Quando Margarita fez sinal afirmativo com a cabeça, Misael ficou sombrio e pensativo. Após um prolongado silêncio, que pareceu uma eternidade a Greta, o judeu levantou-se e disse:

- Siga-me, senhora, vou ver o que posso fazer. O santuário do feiticeiro não mudara de aparência. O espelho mágico e o ídolo permaneciam no mesmo lugar. Misael aproximou-se do espelho e parecia mergulhar na contemplação do que este refletia.

Finalmente, voltou-se para Greta, que aguardava temerosa, e disse num tom de lamento:

- Obstáculos quase intransponíveis impedem a sua felicidade, nobre dama! Sua rival é bela, esperta e seu poder sobre o marido é tão grande que

afasta quaisquer influências externas, ainda mais porque ela recebe ajuda e tutela de um velho mago muito poderoso.

- Então, você reconhece que não pode me ajudar e não vou poder me vingar? Esse é o seu poder? perguntou - Margarita, com raiva.

O judeu balançou a cabeça.

- Nobre dama, ainda não tocamos em assunto de vingança e nesse sentido nada impede os seus desejos. Estou falando somente de amor à senhora, ao qual o Conde se opõe sob a influência da paixão pela esposa e a vontade do velho mago. Além disso, o Conde é uma pessoa leviana e nunca alimentou pela senhora um verdadeiro sentimento: seus juramentos eram palavras vazias. Se a senhora pudesse ouvir o que pensa o Conde a seu respeito, naturalmente desejaria vingança e não seu amor.

- Quero saber o que ele pensa! Diga-me!

Misael balançou a cabeça.

- Não ouso repetir a tão bela e nobre dama como a senhora os pensamentos indignos e injustos do Conde.

- Eu quero saber! Diga-me!

- Pois não! Ele compara a senhora com sua esposa, uma mulher magra, pálida e bela e ri de sua beleza exuberante, do frescor de seu rosto e dos seus cabelos dourados, considerando tudo isso atributos vulgares de camponesa.

Greta soltou um grito e caiu sem forças na poltrona; mas a fraqueza momentânea mudou para uma louca fúria.

- Vingança!.. Vingue-me, Misael! Faça-o infeliz e desprezado e pagarei caro por cada sofrimento de Raymond! - exclamou ela, batendo os pés.

Dito isso, ela desabou num ataque de nervos sobre as almofadas que serviam de divã. Marta e o judeu ampararam-na; depois, o feiticeiro trouxe uma taça e obrigou a moça a beber o conteúdo.

Margarita, então, acalmou-se. Apenas as manchas vermelhas espalhadas em seu rosto e os cabelos desgrenhados indicavam o nervoso suportado.

- Posso vingá-la e cobrir o Conde de desgraças e infelicidades. Sua paz será destruída, seu coração será dilacerado e a felicidade fugirá dele como uma enganadora miragem no deserto que desenha uma fresca fonte à frente do sedento. Mas, para fazer isso, preciso ter algum objeto que tenha pertencido ao Conde Reifenstein.

Margarita tirou do corpete um medalhão e entregou-o ao feiticeiro.

- Pegue! Este medalhão tem o retrato e uma mecha de cabelo do traidor. Ele me deu isto antes de viajar. É suficiente?

- Totalmente! Amanhã à noite vou recitar os encantamentos que cobrirão o Conde de desgraças.

- Receba isto por conta de minha gratidão.

Greta colocou uma pesada carteira na mão do judeu e, em seguida, deixou a casa.

Naquela noite, Misael proibiu o atendimento de novos visitantes e trancou-se no quarto. Sentando à mesa, ele abriu o medalhão, retirou de lá a mecha de cabelos sedosos e crespos e começou a examinar o rosto fresco e agradável que lhe sorria da moldura dourada. Naquele instante, o rosto do judeu expressava uma raiva puramente infernal, seus olhos flamejavam e os finos lábios desnudavam dentes brancos e afiados como os de um lobo. Ele estava horrível e asqueroso.

- Maldito gói! Finalmente Jeová coloca-o nas minhas mãos! Talvez você pague na fogueira o crime que cometeu comigo e com Rebecca - sibilou ele, apertando os punhos.

Sob a influência de furiosa emoção, Misael encostou a cabeça no espaldar da poltrona e fechou os olhos. Todos os detalhes do acontecimento de dois anos atrás apareceram em sua memória com uma nitidez doentia, abrindo novamente o ferimento que jamais sarava.

Era uma linda tarde de setembro. Ele viajava para Bricsen com a jovem esposa com quem acabara de se casar. Eles seguiam pela floresta quando, de repente, foram alcançados por um grupo de cavaleiros composto de alguns rapazes nobres acompanhados por escudeiros, pajens e que, prova velmente, estavam aquecidos pelo vinho.

Misael e a esposa afastaram-se respeitosamente e apressaram-se a descer das mulas para cumprimentá-los. Um dos rapazes, bonito e de aparência arrogante, estancou o cavalo e, rindo, descobriu o véu de Rebecca.

Ao ver o belo e assustado rosto da judia, seu olhar brilhou. Agarrando a moça pela roupa ele ergueu-a como a uma criança e quis beijá-la, mas Misael, esquecendo-se de tudo com raiva e ciúmes, correu em auxílio da esposa, arrancou-a das mãos do agressor e aplicou um furioso golpe no abdome do cavalo. Este empinou e quase jogou no chão seu cavaleiro.

A fúria dos caçadores foi indescritível. Os escudeiros agarraram imediatamente Misael, tiraram-lhe a roupa e o chicotearam sem piedade.

Enquanto acontecia a cruel represália, acompanhada de vaias e gozações, os gritos desesperados de Rebecca indica- ram que ela também estava sendo ultrajada.

Lembrando aquele momento, Misael contorcia-se em gemidos na poltrona. Finalmente, ele dominou a tempestade que se desencadeava em sua alma e, tirando da gaveta uma folha de pergaminho, começou a escrever uma longa carta a Eliasar, um rico joalheiro veneziano.

Raymond recuperava-se rapidamente. Já levantava, seus ferimentos já tinham fechado e, então, começou a andar. Suas forças aumentavam a cada dia e ele recuperava o antigo frescor do rosto. Ainda não tinha visto Eliza. Fúlvio lhe contou que ela estava fora de perigo, mas muito fraca e precisando de repouso absoluto.

Tal situação deixou o Conde extremamente desgostoso, ainda mais porque aproximava-se o dia de sua partida. Ele recebeu do pai uma resposta muito carinhosa e uma quantia em dinheiro suficiente para garantir sua luxuosa independência durante a viagem.

Finalmente, faltando dez ou doze dias para a partida, o Barão Vart autorizou o rapaz a visitar Eliza. Ao vê-la, pálida e emagrecida, um amargo arrependimento apertou o coração de Raymond. Por sua culpa ela quase tinha morrido!

Ajoelhando-se diante da poltrona, apertou a jovem esposa contra o próprio peito e começou a sussurrar-lhe palavras de amor, implorando que lhe perdoasse todo o sofrimento que suportara por sua causa.

Eliza retribuiu-lhe o beijo com um bondoso sorriso. O jovem casal ficou conversando, mas ela parecia triste. Quando Raymond passou a falar sobre a sua peregrinação ao Santo Sepulcro, Eliza observou com um suspiro:

- Sei que você fez a promessa para conseguir de Deus a minha recuperação. Estou profundamente reconhecida pelo amor que lhe incutiu a idéia de viajar para a Palestina, mas estou sendo torturada por um mau presságio de que a viagem será fatídica para você e nos trará desgraças.

- O que é isso, Eliza? Que desgraça está pressentindo para nós? - murmurou Raymond, desolado e emocionado.

- Não sei... Não posso dizer nada de concreto!... Fico tentando convencer a mim mesma que é bobagem, mas não consigo livrar-me de um peso incompreensível quando penso sobre essa viagem.

- Nesse caso, em vez de Jerusalém, irei a Roma! - exclamou Raymond com sua costumeira impetuosidade.

- Oh! Não! O que há com você? É um grande pecado não cumprir a promessa dada. Vá a Jerusalém, faça uma oração junto ao Santo Sepulcro e Deus irá protegê-lo de qualquer perigo! Além disso, quem sabe todos esses pressentimentos sejam apenas resultado de minha fraqueza e dos nervos abalados?! - concluiu Eliza, tentando sorrir.

A partir daquele dia, Raymond passava todo o seu tempo livre com a moça, cercando-a de toda atenção e amor. Ele percebia com alegria que Eliza afeiçoava-se e acostumava-se cada vez mais a ele, que lamentava profun damente ter de partir em viagem. Não fosse o temor de que brar a promessa, ficaria de bom grado, pois era-lhe muito difícil separar-se de Eliza no momento do desabrochar da felicidade de ambos.

Na véspera da partida, Raymond foi ver a esposa, triste e pensativo. A conversa, habitualmente tão animada, dessa vez não deslanchava. Por fim, após um longo silêncio, Eliza disse:

- Meus pensamentos sombrios contagiaram-no, Raymond, e me repreendo por atrapalhar a sua santa viagem que o amor por mim lhe incutiu. Mas, siga corajosamente a Jerusalém! Vou orar por você e espero que a minha lembrança o detenha de qualquer distração fatal.

- Sim, Eliza. Você me passa um sentimento tão caloroso e puro que jamais senti antes. Apesar da criminosa leviandade, que reconheço francamente, espero nunca mais repetir os meus antigos pecados. Para mim é suficiente lembrar o seu olhar inocente para ficar imune a qualquer tentação vulgar. Sua imagem pura, minha adorada Eliza, será o meu escudo! Somente você reina em meu coração!

Eliza dirigiu ao marido o seu puro e confiante olhar. Com um gesto tímido, num carinho infantil, passou a sua pequenina e emagrecida mãozinha pela cabeleira negra do marido, depois atraiu-o para perto de si e beijou-o.

- Confio em você, Raymond, e espero que na sua volta o Senhor nos presenteie com uma vida feliz e tranquila.

Antes de despedir-se de Raymond, Eliza disse-lhe com visível embaraço:

- Ouça! Entre nós não pode haver segredos e quero lhe dizer algo que pode ser-lhe útil.

- Naturalmente, querida! Entre nós não pode haver segredos. Pode falar francamente respondeu Raymond curioso.

Não confie em Arnulf! Não posso acusá-lo de uma animosidade aberta contra você, mas ele tem uma capacidade especial de explicar cada ato seu da pior forma possível. Além disso, ele está apaixonado por mim...

- Arnulf? Aquele toco de madeira, aquele hipócrita, que desde que nasceu jamais namorou mulher alguma, está apaixonado por você? - gargalhou alegremente Raymond.

- Você é muito bela e perigosa para os corações masculinos. Mas, dessa vez, querida Eliza, está enganada!

- Gostaria de estar enganada e assim ficaria mais tranquila, mas tenho provas evidentes demais dos sentimentos dele. Juro-lhe que quando ele declarou o seu amor a Bianca Villamarino e pediu a mão dela em casamento, ele estava em chamas.

Vendo que um forte rubor cobriu o rosto de Raymond e seus olhos faiscaram de ciúmes, Eliza riu alegremente.

- Por que ficou preocupado? Será que teme a concorrência de Arnulf? - perguntou ela, zombeteira e coquete.

- Não! respondeu Raymond, embaraçado e reprimindo o acesso de ciúmes. Graças a Deus não temo a concorrência dele! Eu respeito-a demais para ter ciúmes dele. Alem disso, vou cuidar para que esse senhor não fique admirando-a demais. Não temo por você, mas não se deve confiar em hipócritas como o meu irmão.

Capítulo 11

Naquela época a peregrinação à Terra Santa era um evento extremamente raro. Jerusalém tinha caído novamente nas mãos dos sarracenos[27]. Os perigos que ameaçavam os cristãos num país onde ninguém os protegia desencorajou os fiéis e transformou em mísero córrego aquela agitada torrente de fé que outrora corria para a Palestina.

Os peregrinos que eram impulsionados pela devoção e pela coragem a empreenderem aquela viagem, apesar de todos os perigos, geralmente se reuniam em Veneza e, freqüen- temente, aguardavam por semanas inteiras o navio que seguia para o Oriente. Pessoas de diferentes nacionalidades instalavam-se em hospedarias especiais e, quando eram em número suficientemente grande, alugavam uma galera particular.

Raymond e Arnulf tiveram sorte. Em Veneza reuniu-se um significativo número de peregrinos alemães e eles, então, iriam a Jafa exclusivamente na companhia de conterrâneos.

O dia da partida era sempre uma espécie de solenidade. Todos os romeiros oravam na igreja e depois dirigiam-se para o cais.

Villamarino, Fúlvio, Conrad Vart e até Eliza, que saía de casa pela primeira vez desde o atentado, acompanharam os dois irmãos. Eliza foi novamente dominada por presságios sombrios. Quando Raymond deu-lhe o beijo de despedida, lágrimas rolaram por sua face e ela balbuciou com voz trêmula:

- Que Deus o proteja dos perigos dessa longa jornada e o faça voltar para casa são e salvo! Raymond, comovido, apertou-a contra o peito.

- Tenho fé na misericórdia do Salvador e em suas preces!

Para não demonstrar a própria emoção, o rapaz voltou-se rapidamente e pulou no barco que o levaria à galera.

Na embarcação estavam içadas as bandeiras dos peregrinos com a cruz vermelha, o estandarte de São Marcos e o do papa. No momento em que levantavam âncora, todos que estavam no convés caíram de joelhos. Ouviu-se o canto da prece que implorava a Deus uma feliz travessia.

Nos primeiros dias da viagem, Raymond ficou muito triste, mas aos poucos a habitual despreocupação voltou em razão de sua natureza animada e ágil.

No início, ele se interessou pelo novo ambiente, mas depois começou a ficar entendiado por falta de companhia. Não podia contar com Arnulf, que era calado e pouco sociável; o comandante da galera, um velho "lobo do mar", era severo e também calado, enquanto a maioria dos peregrinos eram pessoas ignorantes. Raymond quase morria de tédio quando no convés apareceu um novo peregrino que estava adoentado desde o dia da partida. Sua aparência e seus modos atestavam que era de boa procedência.

Eles, então, conheceram-se rapidamente e o jovem Conde ficou sabendo que o seu interlocutor chamava-se Beovulf Sharfenshneid e que era filho de um rico mercador de **Augsburgo**[28]. Seu pai mantinha um comércio de mercadorias orientais, mas ele próprio, tanto por devoção quanto a negócios, ia a Jerusalém pela terceira vez.

Os rapazes logo tornaram-se amigos. Beovulf forneceu ao Conde muitas informações valiosas referentes a viagem e a estada na cidade sagrada.

Em circunstâncias diferentes, Raymond talvez sentisse uma certa desconfiança de seu novo amigo, pois todo o ser de Beovulf transpirava esperteza e desonestidade. Seus olhos acinzentados jamais encaravam o interlocutor; sua fé exagerada era suspeita e a palidez terrosa, as olheiras escuras, as rugas precoces e uma grande e carnuda boca sensual, sugeriam que o seu passado fora cheio de inúmeros "exageros".

Mas Raymond, jovem, leviano e inexperiente como todas as pessoas cuja vida passava feliz e tranquila, não prestava atenção àqueles sinais externos. Ele divertia-se com as conversas, pois Beovulf era um ótimo contador de histórias e sabia habilmente abordar os mais diferentes e ousados temas.

O jovem mercador ficou particularmente interessado em instalar Raymond na cidade sagrada. Suas histórias estavam cheias de detalhes sobre as repressões que os muçulmanos usavam contra os cristãos, obrigando-os a pagar taxas até pelo direito de sair das tendas na areia, onde os instalavam, e

criando-lhes inúmeras dificuldades na hora da visita ao Santo Sepulcro e a outros locais tradicionalmente consagrados.

Certa vez, quando a conversa tocou novamente nesse assunto, Beovulf aconselhou o Conde a não se instalar na hospedaria destinada aos peregrinos, mas na casa de um judeu conhecido dele.

- Essa não! - disse Raymond com nojo. - Não quero me sujar entrando na casa de um asqueroso judeu! Ainda por cima em Jerusalém, onde eles mataram o nosso Salvador! Você não sabe o que está falando, meu amigo Beovulf! Aquele sorriu.

- Você não conhece as condições de vida em Jerusalém. O velho Abdias, onde pretendo instalá-lo, isto é, se ele concordar, não parece com os nossos judeus alemães. Ele é um sábio médico, cuja ciência é respeitada tanto por cristãos quanto por muçulmanos. Durante a minha última estada lá, ele curou o **paxá** [29]de Jerusalém de uma enfermidade mortal e, assim, adquiriu tanta predisposição do sarraceno que, graças à sua proteção, consegui visitar sem problemas todos os locais sagrados. Além disso, na casa dele existe o conforto que você não vai encontrar na suja hospedaria onde hospedam-se os peregrinos.

A partir daquele dia, o judeu Abdias passou a desempenhar o tema principal das conversas dos rapazes. Tudo o que Beovulf contava era a tal ponto estranho e curioso que Raymond interessou-se vivamente pelo sábio judeu.

Com esse estado de espírito, Raymond desembarcou em Jafa e seguiu adiante para a cidade sagrada. Mas, parecia que o azar o perseguia.

Ainda no mar, a sua galera mal conseguiu escapar dos piratas; em terra firme, a sua caravana foi atacada por árabes. Os romeiros conseguiram rechaçar o ataque dos malfei- tores, que acabaram fugindo, mas parte da bagagem foi roubada e Raymond perdeu o pacote com o ouro e a lamparina de prata que levava a Jerusalém para cumprir a promessa. Além disso, o Conde foi levemente ferido durante a batalha. Apesar do ferimento não apresentar qualquer perigo, o calor e o trajeto desgastante repercutiram mal em sua saúde e ele chegou em Jerusalém doente e enfraquecido.

Beovulf estava certo quanto às dificuldades que ele teria de enfrentar na infeliz hospedaria onde ficava a multidão de romeiros e onde viviam guerreiros sarracenos que vigiavam os odiosos **gavures**[30].

Arnulf, completamente absorto em suas orações, não prestava atenção no irmão. Certa vez, quando Raymond sentia-se muito mal e estava extremamente irritado, Beovull foi visitá-lo. Ouviu com condolência as queixas do Conde e repetiu novamente o conselho de hospedar-se na casa de Abdias, que cuidaria dele como médico e, além disso, o protegeria das ousadias dos soldados e das exigências das autoridades muçulmanas, extremamente irritadas com os boatos provenientes da Europa sobre uma nova Cruzada[31] em preparação.

Raymond estava tão cansado e aborrecido que, apesar do nojo pelos judeus, decidiu hospedar-se na casa de Abdias e consultá-lo sobre o ferimento que não cicatrizava.

Beovulf levou o amigo ao quarteirão próximo ao Templo de Salomão, [32]onde o Rei Balduíno [33]construíra um palácio, hoje semidestruído pelos sarracenos. No fundo de uma viela estreita havia uma casa discreta, em cuja porta Beovulf bateu delicadamente. A porta abriu-se imediatamente e um rapaz fez entrar os visitantes numa pequena sala bem pintada e modestamente mobiliada por divas baixos.

Trocando algumas palavras com o rapaz na língua árabe, Beovulf disse ao seu companheiro que o dono da casa logo iria recebê-los. Realmente, alguns minutos depois a porta abriu-se e na soleira apareceu um homem trajando um longo e largo casaco preto e um turbante de gaze branca na cabeça. Por instantes, seu olhar atento fixou-se em Raymond com uma expressão estranha.

O homem aproximou-se e cumprimentou os visitantes com a respeitosa amabilidade própria dos orientais, sem qualquer humilhação ou servilismo, que o jovem Conde acostumara-se a encontrar nos judeus europeus.

Raymond olhava com leve surpresa para o recém-chegado. Era um belo homem de uns trinta anos. Seu rosto de branco pálido trazia os traços semíticos, mas sem aquela rigidez de traços que os fazia desagradáveis. Seu nariz aquilino era levemente curvado, a pequena boca bem delineada e os grandes e aveludados olhos negros lembravam os de aves de rapina. Uma barba negro-azulada e sedosa emoldurava o seu rosto.

Pela conversa realizada no idioma franco[34], Raymond focou sabendo que Abdias não se encontrava em casa; fora chamado para atender um enfermo e que o seu interlocutor, Uriel, era filho do médico. O rapaz

prontificou-se imediatamente a hospedar o Conde se este achasse os aposentos apropriados.

Através de uma pequena porta interna e uma galeria, Uriel conduziu os visitantes a um pequeno recinto que consistia de dois quartos: um grande e luxuosamente mobiliado no estilo oriental; outro destinado ao escudeiro do Conde.

Ali tudo agradou a Raymond. Mas, o que realmente o atraía era o jardim, para onde saía o quarto maior. Ele não era grande, mas as palmeiras e os inúmeros arbustos de rosas e jasmins transformavam-no num pequeno paraíso, sombroso e perfumado. Além disso, o aluguel era tão vanta joso que Raymond não vacilou. Ficou combinado que mudaria para lá naquela mesma noite e, no dia seguinte, Abdias examinaria o seu ferimento, pois iria retornar muito tarde.

No início, Arnulf não aprovou a decisão do irmão de hospedar-se na casa do judeu, mas ao saber das vantagens que Raymond teria, parou de protestar.

Depois do sujo e apertado quarto, que ocupava com Arnulf na hospedaria, Raymond sentiu-se como no paraíso no grande quarto cheio de ar fresco e aroma de flores que penetravam pela janela e pela porta. Depois de passear pelo jardim, e sentindo-se cansado, deitou no macio diva que lhe servia de leito e logo adormeceu num sono profundo.

Raymond não saberia dizer quanto tempo dormiu. Despertou com uma forte sensação de dor. Algo pesado e gelado apertava-lhe o peito, as têmporas pulsavam e um aroma agradável, mas sufocante, provocava-lhe forte taquicardia e tontura.

Sufocando e mal conseguindo respirar, Raymond abriu os olhos e viu com surpresa que uma mulher inclinava-se sobre ele e, sem qualquer pudor, examinava-o com curiosidade. Apesar do quarto estar iluminado somente pela lamparina noturna, Raymond pôde distinguir que a desconhecida era um moça muito jovem, esbelta e esguia. A simples túnica branca destacava suas formas encantadoras, deixando desnudos o pescoço e os braços levemente bronzeados. Um aro composto de estrelas douradas enfeitadas por pedras preciosas prendia um grande véu, de onde pendiam longas e grossas tranças negras. Inúmeros fios de pérolas presos ao aro dourado, junto às têmporas, emolduravam o rosto da moça, refletindo em cores variadas e farfalhando em seu pescoço e no colo. O rosto da jovem era perfeito e

destacava-se pelos finos traços. Os grandes olhos amendoados brilhavam e a boca púrpura desnudava dentes de branco ofuscante. Era uma beldade puramente oriental, provocante e sensual. O aroma sufocante provinha dela. Mas o que pareceu incompreensível a Raymond era que a desconhecida segurava na mão esticada um objeto redondo e brilhante emitindo raios que atingiam sua testa e provocavam-lhe uma terrível dor no cérebro.

Preocupado e surpreso, ele quis levantar, mas seus membros não obedeciam e pareciam paralisados.

"Quem será essa mulher? O que ela quer de mim?", questionava.

Mas seus pensamentos trabalhavam com dificuldade e os olhos ofuscados fechavam-se. Viu como num sonho quando a desconhecida recuou e desapareceu na parede. Em seguida, perdeu os sentidos.

Pela manhã, acordou tarde sentindo-se extremamente exausto. Sua cabeça pesava demais. Da visão noturna só restava uma vaga lembrança. Ele, então, convenceu-se que tinha sido um sonho.

Um pouco mais tarde, chegou Abdias, um venerável ancião de longa barba grisalha, com olhar penetrante e tratamento respeitoso. Cumprimentou amavelmente Raymond, examinou-o e fez um curativo no ferimento. Em seguida, disse-lhe que a pomada que tinha aplicado e alguns dias de descanso o fariam recuperar-se inteiramente.

Os dias seguintes passaram-se tranquilos. Raymond descansava conforme fora prescrito; dormia, sonhava no jardim e, às noites, divertia-se admirando o retrato miniatura de Eliza, que tomara quase à força de Giovanna.

Arnulf também visitou o irmão, elogiou seus aposentos e conversou com Abdias, que chegou exatamente àquela hora para trocar o curativo. O cavaleiro tinha um ar preocupado e contou que aconteceu algo extremamente triste: um dos romeiros desentendeu-se com um muçulmano; durante a briga o matou e, em função disso, os sarracenos assumiram uma posição ameaçadora.

- Isso é muito desagradável! O senhor deveria deixar a hospedaria dos romeiros, pois ela pode ser atacada pelo povo já irritado com os boatos da nova Cruzada, apesar dos acordos assinados durante a rendição de Jerusalém observou o judeu.

- Nesse caso, sábio Abdias, o senhor talvez possa me hospedar até a hora que nos autorizem a voltar a Jafa? - perguntou Arnulf.

- Senhor, receio não poder hospedá-lo aqui em casa, pois já tenho dois hóspedes cristãos. Entretanto, tentarei encontrar-lhe um abrigo seguro na casa de um dos meus parentes. Hoje à noite informar-lhe-ei sobre isso através do meu filho Uriel.

No dia seguinte, Arnulf também hospedou-se na casa de um judeu. Mas a cidade continuou tranquila e, exceto por uma surda hostilidade, ninguém mexia com os cristãos que sensatamente evitavam aparecer nas ruas.

Alguns dias depois, Beovulf convidou Raymond para almoçar na casa dele.

Durante o almoço, os rapazes conversaram alegremente e beberam bastante. O vinho era excelente. Após o almoço, Raymond sentiu-se um tanto excitado. O sangue queimava em suas veias, um tremor passava por sua pele e ele foi tomado por uma sede de diversão, alguma grande emoção; resumindo: alguma louca aventura.

- Com mil demônios! Como tudo aqui é enfadonho! Será que por aqui não existe um lugar onde eu possa me divertir um pouco? - reclamou Raymond.

Beovulf riu.

- Que tipo de diversão você quer? - perguntou.

- Como vou saber? Por exemplo, ver danças que jamais vi.

- Posso satisfazer o seu pedido e levá-lo a um lugar de diversão. Lá, podemos jogar dados e apreciar lindas danças - disse Beovulf. - Nunca falei sobre isso, porque você, Conde, é um homem casado e veio para cá exclusivamente por motivos religiosos.

- O que tem isso a ver? Não é proibido a homens casados e nem a cristãos jogar uma partida de dados ou apreciar danças - contestou Raymond com impaciência.

- Se isso não lhe pesar na consciência, então vamos! Vou levá-lo. Só precisamos aguardar que anoiteça e trocar os trajes. Como um cavaleiro, você não pode aparecer naquela casa de jogo, cujo proprietário, não sei se grego ou judeu, tem má fama.

Extremamente interessado, Raymond aguardou impa- cientemente o anoitecer. Ele e o companheiro vestiram-se em trajes meio orientais, usados por gregos e armênios, e Beovulf levou-o por escuras e desertas ruas, chegando ao portão de um jardim, no qual bateu várias vezes a intervalos combinados.

Raymond sentia-se fortemente tentado a experimentar todas as emoções do jogo. Ocupou um lugar na mesa onde o levou o dono da casa de jogo, um homem de cor, baixo, de nariz curvo e pequenos olhos negros e maus.

Raymond gostava de jogar. Seu pai geralmente desviava-o desse divertimento com outros prazeres menos perigosos, mas agora nada havia para segurá-lo e ele queria jogar cada vez mais apesar do azar que o perseguia insistentemente. Tinha perdido a última moeda, quando gritos e aplausos chamaram a sua atenção. Irritado e insatisfeito, ele levantou-se e emudeceu de admiração. No fundo da sala levan- tou-se uma cortina. Uma mulher saiu lentamente no palco, acompanhada de outras duas, com tamborins nas mãos e parou no centro do tapete esticado por suas companheiras.

Jamais Raymond viu uma beleza tão estonteante como a daquela filha do Oriente, elegante e esguia como uma gata, com grandes olhos flamejantes e enorme juba de cabelos negros e soltos, que desciam até abaixo dos joelhos.

A dançarina usava uma saia listrada de seda com um cinto de prata. O torso desnudo estava semicoberto com um lenço púrpura, preso no pescoço por um broche dourado. Elas sentaram-se com os instrumentos musicais e iniciaram uma canção lamentosa e monótona, acompanhando-se com tamborins. A dançarina começou o seu número. A dança lenta consistia principalmente de movimentos suaves dos braços e dos quadris. Todo o seu ser respirava algo indescritivelmente excitante com uma sensual languidez. Os olhos escuros e profundos como a noite pareciam sorrir exclusivamente para ele. As faces do jovem Conde ardiam e seus olhos flamejavam. Naquele instante, ele esqueceu-se completamente de Eliza e entregou-se de cabeça ao encanto que a dançarina provocava em seus sentidos excitados.

Beovulf estava parado ao lado de Raymond. Quando a dança terminou, ele soprou no ouvido do jovem Conde.

- Essa é Guella, a filha do taberneiro! Concorda que ela é linda como um sonho? Mas é extremamente severa. Agora ela irá obrigar-nos a pagar pelo prazer de admirá-la e oferecer a cada um uma taça de vinho.

- Mas, juro que acabei de perder todo o dinheiro que tinha e não tenho um tostão no bolso! - murmurou Raymond, irritado.

- Quanto você precisa? - perguntou Beovulf, entregando-lhe algumas moedas.

Raymond agarrou a moeda de ouro. Naquele instante, a dançarina aproximou-se dele e, com olhar malicioso em seus brilhantes olhos, ofereceu-lhe uma taça de vinho. O Conde jogou a moeda na pequena bandeja e num único gole esvaziou a taça. Dez minutos depois, Guella desapareceu atrás das cortinas e os rapazes deixaram a casa de jogo.

A partir daquele dia, Raymond tornou-se agitado e nervoso. Assim que chegava a noite ele positivamente não encontrava lugar para si e o demônio do jogo atraía-o para o covil, onde aguardava-o um inusitado azar no jogo e o sorriso provocante de Guella que, a cada dia, demonstrava cada vez mais abertamente que ele lhe agradava e que bastaria querer para ser feliz.

Pela manhã, acordando do sono pesado e quase letárgico, Raymond pensava, horrorizado, sobre a própria situação e jurava jamais colocar os pés naquele maldito covil. Mas, assim que anoitecia, sua força de vontade e suas sensatas decisões desapareciam e uma força incontrolável levava-o no lugar fatídico.

Raymond gastou tão rapidamente todo o seu dinheiro que teve de fazer um empréstimo com Arnulf. Este entregoulhe a quantia solicitada sem contestar, mas seu frio, atento e desconfiado olhar obrigou Raymond a enrubescer. Em seguida, Arnulf aconselhou o irmão a ser mais econômico, pois sua permanência em Jerusalém poderia prolongar-se por muito tempo. Corriam rumores de que as estradas estavam apinhadas de salteadores. E quando os romeiros apelaram para o paxá, ele aconselhou-os a aguardarem o destacamento de soldados que deveria partir para Jafa. Então, a caravana poderia chegar até o porto, aproveitando a sua guarda. Além disso, corriam pela cidade preocupantes boatos. Diziam que o sultão Malekh-Naer, ofendido pela covardia dos cristãos que, desprezando todos os acordos, preparavam uma nova Cruzada, fora pessoalmente a Jerusalém e que a menor das represálias da parte dele seria a expulsão de todos os cristãos como também de alguns monges que serviam junto ao Santo Sepulcro.

Apesar das circunstâncias tão sérias, Raymond continuava com suas loucuras noturnas, e a cada manhã ficava horrorizado com o que poderia lhe acontecer no final das contas. Não tinha mais um tostão. Não queria pedir novo empréstimo a Arnulf; era quase impossível contatar o pai e, se o fizesse, passariam meses inteiros até que recebesse alguma resposta.

Nessa difícil situação, o rapaz apelou para Beovulf, que tornara-se seu amigo íntimo. Este último emprestou-lhe uma pequena soma de dinheiro,

alegando também ter perdido bastante, mas que ambos poderiam facilmente sair da dificuldade com Abdias que emprestava dinheiro de bom grado aos seus hóspedes.

Realmente, o negócio se realizou sem qualquer dificuldade; o Conde entregou ao judeu uma promissória de uma alta soma. Mas o azar continuou perseguindo-o visivelmente. No dia seguinte, de um modo completamente incompreensível, roubaram-lhe uma grande parte daquele dinheiro.

Sombrio e desesperado, Raymond voltou ao seu aposento. Pela primeira vez, apesar da agitação que o atormentava, não foi à casa de jogo e começou a andar pelo quarto como um tigre na jaula. Pensamentos tristes assolavam-no. Como fora se meter naquilo? Como iria sair dessa? Como iria aparecer diante do pai depois daquelas vergonhosas aventuras? Sobre isso, nem ousava pensar. Por fim, em terrível desespero, jogou-se no divă.

Uma mão tocou em seu ombro, fazendo-o estremecer e voltar-se rapidamente. Diante dele, viu com surpresa Abdias que olhava-o atentamente com seus olhos de raposa.

- Conde, percebi que voltou hoje extremamente preo- cupado. Você mora sob o meu teto e a minha idade me dá o direito de encará-lo como uma criança. Vim para lhe perguntar se precisa de algo!... Apesar de vocês, cristãos, desprezarem os filhos de Israel, a lei de Jeová nos prescreve encarar como irmão todo aquele que pisa a soleira de nossa casa, nem que seja um inimigo. Portanto, fale francamente e, se possível, eu o ajudo!

O ódio e o desprezo que Raymond tinha pela raça judaica tinha diminuído consideravelmente desde que hospedou-se na casa de Abdias. Naquele instante, vendo o venerável rosto do ancião, ele quase esqueceu quem tinha à sua frente e, sob a pressão da necessidade de desabafar, confessou-lhe todos os problemas, baseando-se principalmente na dificuldade de obter ajuda do pai.

Um sorriso enigmático passou pelos lábios do judeu.

- Então, o problema é ouro? Veja bem, o ouro é um senhor muito caprichoso. A quem sabe dominá-lo, ele entrega-se sem dificuldade, mas traz desgraças e humilhação aquem rastejar por ele.

- Então, é possível dominar o ouro? - murmurou Raymond, confuso.

O judeu olhou fixamente nos olhos do jovem Conde.

- Sim, aprendendo a criá-lo e penetrando no templo do saber secreto que submete as forças da natureza aos seus adeptos e os fazem senhores da turba

cega e ignorante. Meu filho, você deseja penetrar no santuário do conhecimento e ser o senhor do ouro? Se quiser, posso introduzi-lo nisso.

- Claro que quero! - exclamou Raymond impetuosamente.

Naquele instante, ele gritou ao sentir uma terrível dor no dedo. O rapaz olhou o anel, o presente mágico do Barão Vart, e notou que a esmeralda tinha escurecido e parecia cobrir-se de uma névoa escura.

Raymond empalideceu e recuou, dirigindo a Abdias um olhar desconfiado. Este riu desdenhosamente.

- Senhor Conde, o seu anel avisa mas não ajuda. Aliás, estou longe da idéia de influenciá-lo. Se quiser, continue na sua ignorância e não bata à porta do templo se tiver dúvidas. Para tornar-se um servidor do grande deus "Ciência", deve entregar-se a ele e servir-se sem discutir, amar aquilo que ele ama e odiar tudo o que ele despreza. Em troca, ele lhe dará todos os bens da terra, incontável ouro e poder sobre os seres vivos e os objetos animados. Mas digo-lhe francamente, se tem medo e dúvidas, então é melhor que esqueça tudo o que lhe falei.

Além da desconfiança lutavam no espírito de Raymond orgulho e curiosidade.

- Para mim não existe a palavra "medo", mas a minha desconfiança é justa! Quem me prova que você, judeu, não está me enganando e que, como diz, é realmente a ciência que o faz tão rico e não a agiotagem de que o seu povo gosta tanto ou os seus conhecimentos médicos? - perguntou Raymond, medindo Abdias com um olhar sombrio e arrogante.

Este último pareceu não ficar ofendido com tais palavras.

- A desconfiança dos cristãos para com os judeus é algo natural; mas, entre o mestre e o discípulo deve haver total confiança. Que interesse tenho em lhe causar mal? Nenhum! Se você quiser, posso mostrar-lhe que tipo de tesouro pode-se obter dedicando-se à ciência da qual lhe falei. Você só vai precisar vendar os olhos e deixar aqui suas armas. Mas, repito: não tenha medo de nada.

- E se você me matar para beber o meu sangue como é costume de seus correligionários?

O rosto do judeu ficou mortalmente pálido.

- Não vou nem tentar responder a essa falsa e asque- rosa acusação. Aliás, os cristãos nos acusam de matar crianças e você já é um homem adulto. O seu desaparecimento seria imediatamente notado, e se o seu irmão

se queixasse ao paxá, este aproveitaria a oportunidade para reprimir toda a colônia judaica. Então, decida-se!

Mil idéias contraditórias aglomeraram-se na cabeça de Raymond. Um voz interior sussurrava-lhe que a compaixão do judeu era muito suspeita, mas a ousadia natural incitava-o a arriscar-se naquela extraordinária aventura. O olhar ardente de Abdias dirigido a ele parecia desanuviar e apagar suas desconfianças.

- Está bem! Mostre-me os tesouros e, então, decidirei como agir - disse ele num tom decidido, tirando a espada da cintura e colocando-a na mesa.

Abdias tirou do bolso um lenço de seda, dobrou-o e vedou com força os olhos do Conde. Em seguida, pegou-o pela mão. Ambos saíram do quarto e desceram para o terraço. O aroma sufocante de lírios e rosas mostrou a Raymond que eles seguiram pelo jardim. Mas logo perdeu o senso da direção que seguiam. Suspeitou que o caminho estava sendo propositadamente prolongado. Depois, eles desceram uma interminável escada e passaram por um estreito corredor, pois ele podia encostar em ambas as paredes. Finalmente, o guia de Raymond parou e tirou-lhe a venda dos olhos. Raymond olhou em volta e de seus lábios saiu um grito de surpresa. Encontrava-se numa ampla sala ou numa gruta subterrânea, fortemente iluminada por inúmeros e altos candelabros de bronze de forma antiga. Em todo lugar onde alcançava seu olhar ofuscado brilhava ouro e cintilavam pedras preciosas. No chão havia pilhas de lingotes de ouro e de prata; os baús estavam completamente cheios de moedas de ouro e de pedras preciosas. Na grande mesa no centro da gruta havia dois grandes e fundos recipientes de ouro, um dos quais estava cheio de pérolas dos mais diversos tamanhos e o outro com diamantes que cintilavam com as cores do arco-íris.

Nunca antes Raymond sentiu o que sentia naquela hora. Foi dominado por um ávido ímpeto de possuir riquezas semelhantes e o incontrolável desejo de mergulhar as mãos naqueles montes de ouro e de pedras preciosas, sentir como fluíam por entre os dedos as cascatas de pérolas e admirar o brilho dos diamantes na palma da mão. Deu um passo em direção à mesa, mas a mão do judeu imediatamente pousou em seu ombro.

- Não pode tocar em nada aqui enquanto não for um dos nossos e um adepto da ciência secreta! Depois, poderá tirar o que quiser daqui até a hora em que puder criar para si, com seu conhecimento e vontade, uma fabulosa riqueza.

- Quero ser um de vocês. Quero aprender essa maravilhosa ciência que pode criar tantos tesouros respondeu Raymond com voz rouca e rosto ardendo.

- Está bem! A partir de amanhã Uriel será o seu mestre; mas antes de deixar essa sala, jure pelo que lhe é mais caro no mundo, pela vida de seu pai e pela sua honra, que jamais relatará a ninguém, nem com uma única palavra e nem uma insinuação, o que viu aqui e o que estão lhe ensinando.

Raymond fez o juramento exigido sem o menor vacilo. Depois, deixou que lhe vendasse os olhos e eles saíram do subterrâneo.

Capítulo 12

A partir do dia seguinte, Uriel passou a dar aulas a Raymond toda noite. Ele era um habilidoso professor que sabia interessar o seu discípulo e manter a sua vontade de aprender. Raymond era por demais ignorante e inexperiente para perceber que estava sendo ludibriado e que, sob falso nome de alquimia, cabala e outros nomes pomposos, sua alma aos poucos estava sendo impregnada de ímpia heresia, um culto material e imoral de desprezo por tudo o que ele adorava até então.

Agora Raymond ficara sabendo que Abdias e seu filho eram membros de uma sociedade secreta, na qual ele estava sendo preparado para ser aceito. Por duas vezes, esteve nos aposentos do velho judeu e viu lá o seu segundo filho e a sobrinha Maakha. Para sua grande surpresa, pareceu-lhe ter reconhecido em Maakha a mulher que vira em sonho na primeira noite de sua estada naquela casa.

O preconceito de Raymond contra os judeus desapareceu completamente e com ele desapareceu também a sua simples e pura fé, suas opiniões sobre o pecado, o bem e o dever.

Certa vez, respondendo à impaciente pergunta de Raymond sobre quando, enfim, ele seria iniciado, Uriel respondeu que no dia seguinte, à noite, haveria uma reunião dos adeptos e que, aproveitando a oportunidade, ele seria apresentado à Irmandade e admitido para prestar juramento.

Raymond passou o dia agitado e nervoso. À medida que aproximava-se a hora marcada, foi dominado por um surdo temor e uma crescente tristeza sem motivo aparente. Esse estado depressivo atingiu seu apogeu quando Uriel entrou no seu quarto e olhou atento e irônico em seu rosto pálido e desolado.

- Está com medo? Está novamente sob a influência de contos de fadas? - perguntou ele com desprezo.

-Não! Não tenho medo de nada e estou pronto para segui-lo! - respondeu o Conde, tentando dominar a doentia emoção.

Dessa vez, pareceu a Raymond que o conduziam por um caminho diferente. Ouviu como atrás dele fechou-se uma porta e depois tiraram a venda de seus olhos. Raymond viu, então, que seguiam por uma estreita galeria subterrânea, iluminada por tochas presas na parede. A galeria descia serpenteando e alargando-se em salas circulares.

A construção daquele labirinto provavelmente fora realizada nos tempos arcaicos, a julgar pelas dimensões das rochas ciclópicas utilizadas na obra e pelos sinais que apareciam ocasionalmente nas paredes, pintados com tinta vermelha ou esculpidos em relevo nas pedras, que Raymond tomou por letras hebraicas.

Finalmente, pararam diante de uma porta de ferro ao lado da qual postava-se uma figura metálica em forma de touro alado com rosto humano.

Raymond, que não tinha conhecimento algum de edificações assírias e dos monstros que eram colocados junto aos portões dos palácios, olhou para a estátua com terror sobrenatural. Aliás, nem teve muito tempo para pensar, pois a porta abriu-se sem ruído e eles entraram na sala do tesouro que ele já conhecia. Mas, dessa vez, a sala tinha a sua aparência um pouco alterada. Os dois recipientes com pérolas e diamantes desapareceram e a mesa estava coberta com uma toalha de tecido dourado, ricamente bordado com pedras preciosas. Sobre a mesa havia uma bandeja com duas taças; uma delas, de ouro e brilhantes, estava cheia até a metade com um líquido púrpura; a outra, era simples, feita de ébano, em cujo conteúdo brilhava um líquido parecido com ouro derretido.

Do outro lado da mesa havia um homem de vestes brancas e rosto coberto.

- Aproxime-se, neófito! Escolha uma das taças e beba - disse o desconhecido com voz surda. - Uma delas lhe dará o prazer e a vida, a outra, o trabalho e a morte. Pegue, e que tudo aconteça conforme a sua escolha!

Raymond vacilou por um instante e depois agarrou a taça de ouro e esvaziou-a num gole.

- Você escolheu sabiamente o prazer e a vida - disse o desconhecido. - A taça negra representa a terra de cujas entranhas só é possível obter ouro com o suor do rosto. Mas, quando finalmente, o homem já segura nas mãos o líquido tentador e está pronto a levá-lo aos lábios, a morte gela o seu braço

cansado e a taça cai de suas mãos antes que os lábios consigam tocar seu conteúdo.

Um tremor nervoso passou pelos membros de Raymond. O líquido que tomou correu como torrente de fogo pelas suas veias, enchendo-o de energia e despertando nele um selvagem desejo de prazeres e emoções jamais sentidas.

- E agora - disse Uriel -, deve seguir sozinho o seu caminho. Você me encontrará no santuário junto à estátua do grande deus.

Uriel amarrou as mãos de Raymond de forma tal que ele podia mover com dificuldade somente uma delas e, em seguida, abriu uma porta tão bem camuflada na parede que era impossível até suspeitar de sua existência.

Raymond entrou num pequeno e mal iluminado corredor abobadado, no fim do qual via-se uma cortina púrpura. Atrás da cortina entrou numa sala arredondada e bem iluminada. Em todo lugar havia pilhas de ouro e pedras preciosas. Dessa vez, o olhar do cavaleiro passou indiferente pelos tesouros e fixou-se na larga porta que ficava do outro lado da sala.

Na soleira daquela porta, sobre almofadas púrpuras havia uma mulher deitada. Somente uma leve gaze cobria suas formas maravilhosas. Os cabelos soltos cobriam-na como uma capa sedosa; em sua testa tinha um fio de pérolas e um véu ocultava o seu rosto.

Quando Raymond aproximou-se, a mulher levantou o corpo sobre o cotovelo e ofereceu-lhe uma taça cheia de um líquido fumegante que emitia um forte aroma. Ao mesmo tempo, ele notou que na outra mão ela segurava um longo estilete de lâmina reluzente.

Após um instante de hesitação, Raymond afastou a taça e quis passar por cima do obstáculo que o impedia de seguir adiante, mas a mulher levantou ameaçadoramente o estilete. Ninguém passa por essa porta sem antes beber da taça ou morrer aqui disse ela com voz estridente, olhando Raymond com hostilidade.

O Conde quis pegar a taça, mas a mulher afastou a sua mão, e disse com um sorriso cínico:

- Você deve comprar o vinho. Dê-me o seu camisolão!

Raymond quase maquinalmente deixou que lhe tirassem o camisolão de seda e bebeu da taça.

Então, a mulher deixou-o passar, levantando o pesado cortinado baixado atrás dela.

Ele entrou numa segunda caverna ampla e redonda, cheia dos mesmos tesouros da primeira caverna. Além de ouro e pedras preciosas, ainda havia ali armas valiosas, prataria com ouro e pedras preciosas de uma riqueza jamais vista. Junto à nova porta havia uma outra mulher com uma taça e uma espada nas mãos. Ela também ofereceu a bebida e exigiu o seu pagamento.

Desse modo, Raymond passou seguidamente por sete salas cheias de fabulosas riquezas. E quando pisou a soleira da última sala, já não tinha nada que pudesse dar em pagamento. Mas isso não o incomodou. Seu corpo ardia como em fogo. O brilho do ouro, a forte iluminação e os aromas sufocantes que enchiam as cavernas provocavam-lhe tontura. Ele saiu cambaleando como bêbado da última gruta e viu-se numa sala duas vezes maior que as anteriores e também muito bem iluminada. No fundo daquela nova sala havia um trono sobre alguns degraus. Ao seu encontro saíram algumas pessoas em trajes tão sumários quanto os dele; apenas traziam sobre os ombros capas vermelhas e suas cabeças estavam enfaixadas com cachecóis pretos.

Eles cercaram Raymond e começaram a enfeitá-lo. Colocaram em seu pescoço um largo colar, na cintura colocaram um cinto brilhante e nos pés calçaram sandálias douradas. Depois, jogaram sobre seus ombros uma capa púrpura e uma coroa sobre a cabeça. As cordas que o prendiam foram retiradas.

Naquele instante, de uma galeria lateral, saiu um bando de mulheres enfeitadas de jóias. Seus rostos estavam cobertos por véus e elas seguravam tamborins sobre a cabeça. Quatro delas levavam uma grande liteira dourada, que colocaram no chão diante de Raymond. Os homens obrigaram o rapaz a entrar na liteira, depois levantaram-na e colocaram-na sobre os ombros. As mulheres os cercaram, iniciaram uma dança selvagem e cantaram em coro:

- Glória! Glória a ti, Rei Salomão! Suas quinhentas esposas o saúdam e o conduzem à Rainha de Sabá[35], que veio admirar o seu poderio e junto oferecer com você um sacrifício ao verdadeiro Rei do Universo, o anjo negro, de nome Lúcifer!

A procissão seguiu através da galeria e passou para um colossal subterrâneo, iluminado por inúmeras tochas. Em frente à entrada, sobre uma elevação de vários degraus havia um pedestal de pedra negra, acima do qual elevava-se a figura de um ídolo, meio humano, meio animal, de gigantescas dimensões.

A estátua tinha um torso feminino, cabeça e pés de bode e atrás de seus ombros viam-se enormes asas. Entre os chifres do monstro estava fixada uma tocha acesa e nas cavidades oculares ardia uma chama avermelhada.

Aos pés do ídolo havia uma mulher semideitada, coberta por uma gaze transparente e prateada. Trazia na cabeça uma coroa idêntica à que colocaram em Raymond. Suas formas elegantes e maravilhosas destacavam-se em relevo sobre fundo negro.

No chão, aos pés dos degraus, num dos quais estava parado um homem de traje branco, estava jogado um grande crucifixo de ébano. De ambos os lados do ídolo, postavam-se homens com capas vermelhas ou negras, enfeitados de jóias.

A liteira foi baixada a alguns passos do ídolo e Raymond foi conduzido ao sacerdote.

- Aproxime-se! - disse ele. - Traga uma oferenda e adore o grande deus Lúcifer, o primogênito do Céu, criador da matéria visível e misericordioso soberano da Terra! Ele ordena-lhe que se delicie, liberta-o de todos os vãos preconceitos, permite considerar todos os prazeres terrenos como de sua inalienável propriedade e autoriza obtê-los por qualquer meio. O mal é apenas uma ficção; qualquer castigo é uma injustiça, pois tudo que pode servir para dar prazer ao homem pertence-lhe legitimamente. Obter prazer da carne significa adorar a Lúcifer; acumular ouro e, com a ajuda deste, submeter aos próprios pés os imbecis com suas infantis dores de consciência significa glorificar o seu poder. Jure fidelidade a Lúcifer e renegue Aquele a Quem adoram os fracos e cujo símbolo é a cruz!

Pálido e mal conseguindo respirar, Raymond ouvia aquele discurso sacrilego. O teor daquelas teorias ímpias ele já conhecia das aulas de Uriel, mas pela primeira vez ouvia aquele veneno em sua forma mais pura e resumida, como o fazia o sacerdote de Lúcifer. Então, percebeu o abismo em que estava prestes a cair. Apesar de sentir-se estranho e excitado, na mente obscurecida de Raymond surgiu a lembrança de Eliza, do pai e da pura e sagrada fé de sua vida passada.

Vendo que o Conde ficara calado, o sacerdote disse, após um instante de silêncio:

- Você vacila em adorar Lúcifer? Aproxime-se, cuspa três vezes naquele símbolo, rompa de vez com o seu estúpido passado e todos os prazeres do amor e da riqueza serão a sua recompensa!

Mas, em vez de aproximar-se, Raymond recuou e pôs ambas as mãos na cabeça. Pela última vez, a razão, a fé e o amor pela esposa lutaram dentro dele.

- Não! - gritou ele com voz rouca. - Não quero executar esse nojento sacrilégio! Não quero nem a sua companhia e nem o seu deus! O que vocês professam e exigem só pode ser feito pelos servidores do inferno!

Raymond voltou-se para fugir daquela sala, mas foi agarrado. Pelas fileiras dos presentes correu um baixo e malévolo riso.

- Seu estúpido, cego e louco! - disse o sacerdote. Não me diga que imagina que pode chegar até aqui para depois recuar? Então, saiba que só sairá desta sala morto ou servidor de Lúcifer!

- Prefiro morrer!

- Cabe a você a escolha de tornar-se vítima de sua própria estupidez.

No mesmo instante, a cortina negra que ocultava parte da sala afastou-se mostrando uma cruz cercada por doze homens. Eles caíram sobre Raymond e, num instante, ele foi amarrado, arrancaram-lhe a capa e a coroa e uma chuva de pancadas caiu sobre as suas costas desnudas. Depois, apesar de seus gritos desesperados, arrastaram-no até a cruz para crucificá-lo.

Com esforço sobre-humano Raymond conseguiu escapar das mãos de seus carrascos. O sangue escorria por todo o seu corpo. O poderoso instinto de sobrevivência superou naquele instante todos os outros sentidos. Enlouquecido pela dor e pelo horror, ele correu para a cruz, cuspiu furiosamente nela e desabou sem forças no chão.

Imediatamente, a mulher deitada aos pés do ídolo saltou do seu lugar e, com a ajuda de algumas dançarinas, ergueu Raymond e levou aos lábios dele um frasco cujo conteúdo agiu sobre o Conde como um choque galvânico. A dor passou instantaneamente e ele levantou-se como em febre. A vida parecia abandoná-lo, mas o cérebro, entretanto, manti- nha uma clareza doentia.

Sob o som de canções e tamborins, vestiram-lhe novamente a capa e a coroa e junto com a mulher, que chamavam de Rainha de Sabá, conduziram-no ao trono que ficava na sala contígua.

Todos os presentes os cumprimentaram. Depois, começou um banquete que logo transformou-se numa orgia tão louca que Raymond jamais vira nem em sonhos e que imediatamente fê-lo esquecer-se de tudo.

Exausto e quebrado de corpo e alma, Raymond perdeu os sentidos e não viu como os membros daquela seita ímpia abandonavam silenciosamente a sala do banquete. Logo, perto do Conde desfalecido ficaram somente Abdias, Uriel e Maakha.

- Amanhã mesmo notificarei Misael que a sua ordem foi cumprida e que o orgulhoso Conde recebeu o troco na mesma moeda - disse Uriel, olhando zombeteiro para o corpo pálido e surrado de Raymond.

- Nem tanto! Ele precisa ainda pagar pela ofensa a Rebecca que se lava somente com sangue observou Abdias e uma expressão puramente diabólica distorceu a sempre tranqüila e venerável face do ancião.

- Maakha, encostada na mesa, ouvia calada a conversa dos homens. Aquelas últimas palavras fizeram-na endireitar-se e colocar a mão no ombro de Raymond.

- Parem! Protesto contra o assassinato deste homem. Ele me pertence e eu vou guardá-lo!

- Maakha tem razão! Enquanto ela quiser guardá-lo para si, não temos direitos sobre ele. Evidentemente, ele próprio tentará de tudo para Maakha cansar-se dele e cair definitivamente nas nossas mãos. Agora, meu filho, chame os criados e ordene que levem o Conde ao meu laboratório.

Quando Raymond voltou a si, estava deitado no seu leito. Sentia-se fraco e cansado, mas sem dor alguma e, no primeiro instante, não lembrava de nada. Seu olhar sem vida vagava distraidamente pelo quarto. De repente, viu junto à mesa uma mulher enrolada num véu. Ela preparava uma bebida numa taça, conversando à meia voz com um velho visivelmente preocupado, o escudeiro Ekgardt. A mulher tentava convencer Ekgardt de que o atentado à vida de seu amo não teria conseqüências fatais, que o tio dela responsabilizava-se por sua vida e que incumbiu-a de dar daquele remédio ao paciente até a sua volta do palácio do paxá.

Por fim, sugeriu ao escudeiro que fosse até o cavaleiro Ried, que estava muito preocupado com o irmão.

À medida que ela falava, a memória voltava a Raymond, despertando em sua alma os sentimentos mais contraditórios.

O sacrilégio cometido incutia-lhe medo e horror. Mas o furacão de desordenados prazeres e a satisfação carnal que suportou fizeram-no encarar a vida passada como algo pálido, pobre e mesquinho. Eliza, com seu olhar inocente, com sua graça e timidez virginal, parecia-lhe agora somente uma

fraca sombra da vida em comparação com a bacante devas- sa que dividiu com ele a sua glória efêmera.

Em sua memória ressurgiram vivamente as cenas de orgia, nas quais ele desempenhou o papel de Rei, e o seu olhar faiscante fixou-se na mulher que aproximava-se dele com a taça nas mãos. Sim, aquela deve ter sido a própria Rainha de Sabá! Aquelas mãos de contornos clássicos, aquele andar suave e o olhar apaixonado e demoníaco, tudo indicava que era ela. Aqueles mesmos cabelos cheios e sedosos que a cobriam como uma capa real quando estava deitada aos pés do ídolo.

Raymond bebeu obedientemente o líquido revigorante e depois, vendo que Ekgardt não se encontrava no quarto, puxou a judia para perto de si e com um gesto corajoso descobriu-lhe o véu. Era Maakha! Sucumbindo novamente à sua beleza diabólica, Raymond apertou-a contra o peito e beijou-a apaixonadamente. Ela não ofereceu resistência e, por sua vez, retribuía-lhe os beijos... De repente, ouviu-se um grito duplo. A judia escapou dos braços do rapaz e fugiu, deixando Raymond frente a frente com Arnulf e Ekgardt, que o olhavam com indignação.

Fazendo um sinal para Ekgardt sair do recinto, Arnulf aproximou-se do leito, cruzou os braços e disse severamente:

- Vejam só! Você, numa peregrinação e a poucos passos do Santo Sepulcro, entrega-se à depravação e suja-se pelo contato com uma imunda judia? Não tem vergonha, Raymond? Como terá coragem de beijar com esses lábios maculados a sua inocente esposa? Onde esteve o dia e a noite inteira? Procuramo-lo em todos os lugares. O judeu nos disse que encontrou-o pela manhã desacordado na rua. Você estava nu e todos os seus pertences tinham desaparecido. Confesse, o que lhe aconteceu?

- Eu estava numa casa noturna, jogando dados e não me lembro de nada o que aconteceu depois. Aliás, não preciso dar satisfações a ninguém dos meus atos concluiu - Raymond com irritação.

Arnulf mediu-o com um olhar frio e de desprezo.

- Longe de mim pretender exigir de você um relatório dos indignos segredos de que você se cercou, ou interferir em suas aventuras amorosas. Vim para avisá-lo que três dias atrás o paxá de Jerusalém informou aos romeiros que amanhã partirá para Jafa um destacamento de soldados, sob cuja proteção poderemos chegar em segurança ao porto. Se quiser ir conosco, esteja na hospedaria ao amanhecer.

Sem esperar pela resposta, Arnulf voltou-se e saiu do quarto.

É difícil descrever o estado de espírito em que ficou Raymond após a saída do irmão. A notícia da partida dos peregrinos na manhã do dia seguinte foi para ele totalmente inesperada. Com o seu estado físico e a dor que sentia ao menor movimento, seria difícil empreender uma caminhada tão difícil e, ao mesmo tempo, a idéia de ficar sozinho naquele país longinquo deixava-o horrorizado. Não, ele precisava partir de qualquer jeito. Mas, será que o deixariam ir depois de tudo o que tinha acontecido? Ele entregou-se de corpo e alma à Irmandade Satânica e não podia mais dispor de si mesmo. Naquele momento difícil, ele não tinha a quem recorrer, não tinha com quem dividir a sua desgraça. Com amargura e desespero lembrou-se do pai. O que não daria naquele momento para cair nos braços dele e confessar-lhe tudo! Lágrimas quentes jorraram de seus olhos e ele caiu em pranto convulsivo, cobrindo a cabeça com os travesseiros.

De repente, Raymond estremeceu e endireitou-se.

Lembrou que no banquete dos adoradores de Lúcifer tinha visto Beovulf. Obviamente ele também era membro daquela sociedade nojenta. Com ele poderia falar abertamente. Precisava saber dele se partiria no dia seguinte; precisava pedir-lhe um conselho. Raymond já queria chamar Ekgardt e mandá-lo buscar Beovulf quando este, parecendo adivinhar o seu desejo, apareceu sozinho.

A aparência de Beovulf estava péssima. Nas profundas olheiras e no rosto pálido-esverdeado apareciam nitidamente os vestígios do banquete diabólico.

- Preciso muito falar com você! O próprio Deus mandou-o para cá, Beovulf! - exclamou Raymond animado.

- Ou foi o diabo, que importa? Mas, diga-me o que quer de mim? - perguntou Beovulf, sentando-se ao lado do Conde.

Raymond contou-lhe como o deixava preocupado a partida do irmão. Depois, perguntou se Beovulf também partiria de Jerusalém e pediu-lhe uma opinião do que fazer.

Aquele pensou por instantes.

- Vou ficar mais um pouco por aqui; mas, você, mesmo que quisesse não poderia partir. Sua teimosia imbecil valeu-lhe uma surra tal que não vai se recuperar senão em duas semanas. Além disso, aproxima-se o tempo das solenidades anuais da Irmandade e não vão deixá-lo partir antes das duas

festividades particularmente importantes e interessantes. Depois disso, eu e alguns outros membros cristãos vamos partir de Jerusalém e você poderá juntar-se a nós. Não corremos perigo algum como os outros peregrinos, pois a Irmandade nos protegerá. Portanto, se quiser ouvir o meu conselho, então diga ao seu irmão que ficou devendo tanto a Abdias que este está mantendo-o aqui como refém. Além disso, peça através dele que o seu pai envie-lhe dinheiro para Jafa em nome de um rico mercador sarraceno, que tem negócios com a nossa casa comercial. Este mercador trará o dinheiro a Jerusalém e, só então, você poderá voltar para o teto paterno e conjugal. Chega, acabe com esse ar abatido! Nossa Irmandade também tem o seu lado bom. O culto a Lúcifer é confortável e as esposas do Rei Salomão são belas, sem contar a Rainha de Sabá, que é simplesmente encantadora.

E Beovulf soltou um riso alto e zombeteiro.

Raymond, com dor no coração, seguiu o seu conselho sem prestar atenção ao desespero do velho Ekgardt quando ele soube que o seu amo ficaria em Jerusalém.

Ao amanhecer, superando corajosamente a dor que o incomodava, Raymond foi até a hospedaria dos peregrinos. A caravana já estava pronta e somente aguardava o sinal do comandante do destacamento para partir. Arnulf ouviu friamente a explicação do irmão, levemente embaraçado. Depois, pulou na sela e disse, fazendo um sinal de despedida com a mão:

- Portanto, até logo! Se essa for a vontade divina, entregarei a sua carta ao senhor Volfram. Mas, o que vou dizer a Eliza, quando passar por Veneza?

- Não diga nada! Eu mesmo me entenderei com ela quando voltar para casa respondeu Raymond, abaixando a cabeça.

Naquele momento, soou a corneta. A caravana partiu e logo desapareceu na curva da estrada. Um amargo sentimento de solidão apertou o coração de Raymond, causando-lhe uma dor física. Ele sentia cortarem-se os laços que o prendiam à pátria e que agora ele estava como um barco sem leme jogado no meio do mar tempestuoso.

Cabisbaixo e triste, Raymond voltou para casa onde o aguardava Uriel. O jovem judeu tentou distrair o Conde com piadas e depois deu-lhe uma bebida que fê-lo adormecer num profundo sono.

Capítulo 13

Passaram-se algumas semanas. Raymond restabeleceu-se completamente e recobrou a cor saudável do rosto, mas já não possuía a antiga animação e alegria. Preocupado e apático, ficava por dias inteiros deitado no sofá, pensando sobre o passado e o futuro que lhe pareciam igualmente sombrios.

Uriel continuou dando-lhe aulas de astrologia e magia, mas já não podia gabar-se da evolução de seu discípulo. Raymond não tinha paciência suficiente para trabalhos longos e tenazes. As únicas coisas que o mantinham interessado eram a perspectiva de aprender a fazer ouro e a companhia de Beovulf. Parou de jogar e visitar a casa de jogo. Queria ficar livre assim que recebesse o dinheiro que pediu ao pai. Além disso, sua atração pelo jogo de dados desapareceu repentinamente.

Raymond não compareceu à nova reunião dos adoradores de Lúcifer, mas como lembrança daquela noite memorável restou-lhe o amor de Maakha, o que lisonjeava bastante o seu ego. Raymond era por demais jovem e impulsivo para ignorar a posse de uma mulher tão linda quanto a jovem judia. Somente o ciúme e as pretensões dela irritavam-no às vezes. Havia momentos em que a paixão avassaladora de Maakha tornava-se-lhe asquerosa. Nessas ocasiões, diante dele erguia-se a pura imagem de Eliza como uma visão resplandecente de uma tranquila felicidade.

Certa noite, uns dois meses após a partida de Arnulf, Raymond e Uriel estudavam como de costume as ciências ocultas. O judeu explicava ao seu discípulo a possibilidade de invocar qualquer pessoa e deu a entender que o seu poder nesse sentido era ilimitado e que, se o Conde quises-se, ele podia invocar qualquer um dos grandes homens tanto dos séculos passados quanto do presente. Mas Raymond era por demais ignorante e supersticioso para a sua época para tirar proveito daquela proposta. Ele nem ousava persignar-se,

pois desde a sua renegação parecia-lhe que entre ele e Jesus Cristo abrira-se um profundo abismo. O Conde rejeitou terminantemente qualquer invocação, dizendo inocentemente que temia os defuntos e não tinha qualquer interesse nas pessoas sepultadas há séculos.

- Mas - acrescentou ficaria muito agradecido se você pudesse me dizer o que faz e pensa uma certa pessoa muito querida.

- Isso é muito fácil! - respondeu Uriel, que se divertiu com a resposta do Conde. Posso até realizar agora mesmo o seu desejo.

Ele foi para o seu quarto e trouxe de lá uma caixa, da qual retirou um círculo metálico e um frasco com um líquido escuro e denso. Então, disse a Raymond para segurar o frasco, pensar na pessoa que gostaria de invocar e depois despejar o líquido no círculo. Quando o Conde fez o que lhe foi mandado, o judeu inclinou-se sobre o disco e começou a examinar os fios de líquido que espalhavam-se aleatoriamente pela superfície.

- Você pensou em uma mulher que lhe é muito próxima.

- Sim, a minha esposa. Ela pensa em mim?

Um sorriso zombeteiro passou momentaneamente pelo rosto de Uriel.

- Sua esposa? Então, Conde, devo lhe informar que entre vocês interpõe-se uma pessoa que pode substituí-lo no coração da Condessa. Em todo caso, vejo que ela corre perigo de um amor fatal.

Um forte rubor cobriu as faces de Raymond.

- O que está me dizendo? Será que Eliza teria coragem de amar outra pessoa? Quem é o miserável?

- Isso eu não sei. Vejo somente fatos e não rostos.

- Mas se você tem o poder de invocar pessoas falecidas há centenas de anos como não consegue ver o que faz nesse instante uma pessoa viva? - observou Raymond num tom insatisfeito.

- Vejo o que a Condessa está fazendo no presente momento, mas não o que ela pensa.

- Então, olhe melhor! Quero saber o que acontece por lá!

- Certo! Tem algum objeto dela?

Raymond trouxe o medalhão com o retrato e a mecha de cabelo de Eliza.

Ao olhar o retrato, Uriel estremeceu e seu rosto pálido cobriu-se de rubor febril.

Em seguida, tirou da caixa uma cuba de cristal, encheu-a de água, jogou dentro uma pitada de um pó branco e, apertando-o com ambas as mãos, inclinou-se sobre o recipiente.

Olhou longamente para a água que adquiriu uma coloração azulada, ficou agitada e faiscante; esta observação absorveu-o tanto que pareceu ter-se esquecido do Conde. Raymond, emocionado, não notava a expressão apaixonada que reluzia nos olhos escuros de Uriel.

Finalmente, o judeu deu-lhe uma completa descrição do quarto de Eliza na casa dos Faleri e acrescentou:

- A Condessa está bordando uma toalha de seda e perto dela está uma dama muito bonita num vestido de brocado verde. Ambas estão alegres e rindo.

"Aquela deve ser a Giovanna", pensou Raymond.

Ele pediu a Uriel que continuasse a olhar, mas sem resultado. O judeu disse que estava cansado e saiu.

A partir daquele dia aconteceu uma estranha mudança nas relações entre o Conde e Uriel. Raymond sentia medo e respeito pelos conhecimentos do judeu, enquanto aquele odiava-o em segredo. Uriel tornava-se cada vez mais sombrio e circunspecto; por dias inteiros não saía do seu quarto e passou a faltar às aulas. Tal circunstância não incomodou em nada a Raymond, cuja cabeça estava ocupada com coisas totalmente diferentes. O medo de perder o amor de Eliza perseguia-o como a um pesadelo e o desaparecimento estranho do medalhão com o retrato dela considerou como um mau sinal. No início, suspeitou de Maakha que a cada dia tornava-se mais caprichosa, ciumenta e exigente; mas, por fim, convenceu-se de sua inocência.

Raymond aguardava com febril impaciência a resposta do pai, firmemente decidido a partir assim que pagasse sua dívida com Abdias.

Com esse estado de espírito, ficou sabendo num misto de terror e satisfação que uma das festividades, na qual era necessária a sua presença, seria realizada nos próximos dias. Todos os horrores que, sem dúvida, aconteceriam por lá, eram-lhe repulsivos. Entretanto, um pressentimento de que veria algo incomum e passaria por novas e desconhecidas sensações, atraía a sua natureza ávida por fortes emoções.

No dia combinado, Uriel foi buscá-lo e com as habituais precauções levou-o ao subterrâneo, onde obrigou-o a entrar num pequeno quarto iluminado somente por uma tocha. Lá, Beovulf aguardava-o.

- Deixo aos seus cuidados o seu compatriota. Instrua-o e cuide dele - disse Uriel, saindo imediatamente do quarto.

Beovulf abriu um baú de madeira e tirou de lá vários objetos que colocou sobre a mesa. Depois, voltando-se para Raymond, disse:

- Dispa-se rápido e vista esta capa vermelha, o cinto metálico, as sandálias e coloque na cabeça este aro com chifres.

Raymond obedeceu calado. Mas, quando começou a amarrar as sandálias, notou que na sola destas estava desenhada uma cruz vermelha.

- O que significa isso? - perguntou ele, cerrando o sobrolho e mostrando a sandália a Beovulf.

- Significa que vencemos todos os preconceitos respondeu este calmamente, ajeitando sobre os seus ralos cabelos louros o aro dourado enfeitado na testa por dois chifres curvos.

Um forte rubor cobriu o rosto de Raymond.

- Por que não me avisou da armadilha, do abismo em que caí tão cegamente? O seu silêncio foi, positivamente, indigno.

Beovulf riu alto.

- Uma depravação refinada também é um tipo de ciência... Sim, a ciência da decadência! - interrompeu-o o Conde.

- Talvez! Mas você não pode negar que passou por tal intensidade de sensações e emoções tão fortes, que depois disso a vida comum parece descorada. A festividade noturna de hoje prepara-lhe muitas surpresas, pois você ainda não viu como invocam o nosso senhor.

- Que senhor?

- O satanás, naturalmente!

Raymond recuou um passo.

- Você está brincando ou zombando de mim? Será possível que vai aparecer o próprio satanás?

- Em pessoa! Aliás, vai ver com seus próprios olhos!

- Nesse caso, não vou!

- Ouça o meu conselho: seja sensato se quiser evitar problemas. Você já sabe que por aqui ninguém está brincando. Portanto, vamos andando! O pessoal já está se reunindo.

Sem esperar resposta, Beovulf apressadamente arrastou-o consigo.

Ele entraram no amplo subterrâneo, onde da última vez estava o trono de Salomão. Agora, naquele lugar havia uma mesa luxuosamente servida,

vergando-se sob o peso da preciosa prataria e cercada por grandes candelabros de prata ainda apagados.

A enorme caverna contígua já estava apinhada de gente. De ambos os lados do ídolo estendiam-se longas fileiras de homens em trajes idênticos aos de Raymond. Misturados aos homens havia mulheres em saias curtas e listradas. Pesados braceletes enfeitavam seus braços e os pés. Os cabelos estavam soltos, na cabeça usavam coroas de flores e nas mãos seguravam tamborins.

Raymond e seu companheiro postaram-se na frente. O Conde nem teve tempo de situar-se quando Maakha aproximou-se dele e agarrou-o pela mão.

De repente, no profundo silêncio que reinava na sala, repercutiram fortes sons de fanfarras. A cortina preta, que da última vez ocultava uma cruz, abriu-se e da porta do fundo do subterrâneo, que o Conde não tinha notado da vez anterior, surgiu uma estranha procissão.

Soprando alto as cornetas, apareciam aos pares uns pequenos, repulsivos e monstruosos seres com membros cobertos de pêlos, enormes cabeças e rostos desfigurados. Atrás deles, seguia um grupo de velhas, em sua maioria completamente nuas, com rostos enrugados, repulsivos e repugnantes, nos quais refletiam-se todas as paixões animais. Numa das mãos elas seguravam maços de varas de marmelo em forma de vassouras e na outra agitavam um certo saco.

- Quem são esses seres? - sussurrou Raymond, inclinando-se às costas de Maakha para Beovulf.

- São bruxas! - respondeu também baixinho.

Raymond sentiu que um suor frio apareceu em sua testa e os cabelos arripiaram-se de horror. Mudo de medo ele olhava para a repugnante procissão que desfilava à sua frente. Em seguida, passou lentamente um enorme bode preto cavalgado por uma mulher enrolada em capa vermelha. Ela segurava nas mãos um galo preto. Depois do bode seguiram repulsivos velhos, segurando nas mãos algo parecido com tambores. Novamente monstros e defeituosos fechavam a procissão. Entretanto, o terror vedou a boca de Raymond quando dele aproximou-se um velha repulsiva e começou a besuntá-lo com uma pomada malcheirosa. Sentindo o contato daquelas mãos frias e ossudas, Raymond fechou os olhos e murmurou:

- Deus Todo-Poderoso! Salve-me!

A bruxa recuou de um salto para trás como se tivesse sido mordida; um tique repulsivo desfigurou o seu rosto enrugado. Em seguida, agarrando a vassoura, ela desferiu vários golpes furiosos em Raymond, repetindo: Isso é pela sua oração!... Isso é pelo seu Deus!

O surdo gemido que o Conde deixou escapar foi abafado pelo barulho que se elevou de uma das últimas fileiras. Uma voz masculina gritava irritada:

- Você me besuntou mal, maldita bruxa! Não estou sentindo a pomada. Você não a preparou direito.

A bruxa se justificava com voz estridente. As opiniões divergiram e já se preparava a briga quando os monstros interferiram. Eles agarraram a bruxa e cobriram-na de pancadas por falta de capricho. O reclamante foi novamente besuntado e restabeleceu-se a paz.

O corpo de Raymond ardia como em fogo... Pontadas dolorosas passavam por sua pele; a respiração tornou-se pesada. Parecia até que seus cabelos estalavam e eriçavam-se. O rapaz olhou em volta, preocupado. Os rostos de todos os presentes ardiam e neles lia-se claramente as desenfreadas paixões animais. Ele realmente estava num agrupamento de demônios! O repugnante malcheiro, misturado ao odor de enxofre e algo mais que ele não conseguia determinar, enchia agora a caverna.

De repente, uma nova visão absorveu toda a sua atenção.

Pela mesma porta de onde saiu o cortejo, entrou um homem conduzido por duas bruxas. Ele estava totalmente nu e somente um capuz preto sobre a cabeça ocultava-lhe o rosto. Todos inclinavam-se à sua passagem. Ele parou diante do ídolo, no mesmo lugar molhado com o sangue do bode que fora ocupado por um caldeirão e onde ainda aparecia um montinho de cinzas.

Erguendo ambas as mãos, o desconhecido começou a girar com incrível velocidade no centro do círculo, formado pelas bruxas que sentaram-se à sua volta. Naquele instante, todos os fogos foram apagados, exceto a tocha que ardia entre os chifres do ídolo. A luz avermelhada da tocha provocava reflexos sangrentos no corpo branco e esguio do desconhecido, que não parava de girar, serpenteando como uma lagartixa ao ritmo do estranho canto dos presentes. De tempos em tempos, as mulheres batiam nos tamborins e estas batidas eram acompanhadas pelo som estridente de um sino proveniente de alhures. Algo indescritivelmente maléfico pairava no ar e obrigava a prender a respiração.

Raymond olhava como hipnotizado para o desconhecido. Quando notou que, ao girar, o corpo branco daquele homem começou a escurecer, achou que estava enlouquecendo. Ao mesmo tempo, ouviu-se um assobio agudo, fortes lufadas de vento passaram com ruído pela caverna, as paredes trepidaram e pelo ar esvoaçaram estranhas sombras negras, batendo pesadamente as asas como pássaros gigantescos.

De repente, o estranho dançarino parou a sua louca dança, num pulo subiu no colo do ídolo e, agarrando a corda, começou a tocar um sino, supostamente oculto nas costas do monstro.

Sons profundos e trêmulos inundaram o subterrâneo. Ao mesmo tempo, o canto tornou-se mais alto e estridente, ressoaram os tamborins, ribombaram os tímpanos e tocaram as cornetas.

Todo aquele barulho infernal deixou Raymond meio tonto e ele talvez até tivesse caído se seus vizinhos e Maakha não o segurassem. Quando a fraqueza dissipou-se e Raymond recuperou a visão, viu que um estranho e terrível ser estava parado no colo do ídolo e continuava a tocar o sino.

O Conde não teve dúvidas que aquele era o próprio diabo, no qual provavelmente deve ter-se transformado o homem encapuzado. Algo semelhante a uma penugem preta e brilhante cobria todo o corpo daquele ser. Sua cabeça agora estava descoberta e dava para ver um rosto totalmente preto de uma beleza maléfica. Da testa elevavam-se dois chifres curvos, negros e fosforescentes.

Além disso, a multidão fora aumentada com novas pessoas que Raymond não tinha visto antes, ou seja, homens e mulheres de aparência maligna que saíam dos cantos escuros do subterrâneo e avançavam lentamente. A multidão abria-se ante eles, dando-lhes uma grande passagem.

Mais deslizando do que andando, passavam pela multidão lançando à direita e à esquerda olhares atentos. De repente, uma das mulheres separou-se do grupo e parou diante de Raymond. Era uma bela criatura, fina e esguia como uma cobra. Todo o seu corpo possuía uma palidez esverdeada e somente os lábios de vermelho-sangue comprovavam que ela estava viva. Sob o olhar de estranho encanto, Raymond sentiu-se como paralisado. Tal deve ser a sensação da ave hipnotizada pela serpente.

Um frio mortal passou pelas veias do Conde e ele não resistiu quando a mulher agarrou-o pela mão e ficou ao seu lado, ocupando o lugar de Maakha que, terrivelmente pálida, recuou tremendo com todo o corpo.

Confuso e estarrecido, Raymond viu como o diabo ou o seu representante pulou do colo do ídolo para o chão, soltando um grito agudo que agitou o ar e os nervos dos espectadores e, passando o braço pela cintura da mulher de capa vermelha, levou-a para a sala.

Todos o seguiram.

De tudo o que aconteceu em seguida, inclusive a orgia infernal que se prolongou madrugada adentro, Raymond guardou apenas uma vaga lembrança.

A mulher que o escolheu causava-lhe nojo misturado a um louco terror. Seu olhar e seu toque pareciam-lhe tirar a vida. Apesar do vinho fumegante que lhe serviam em profusão, um frio gélido começou a apoderar-se de seus membros e uma dor aguda incomodava-o. Finalmente, pareceu-lhe que ao fugir do terrível olhar das pupilas verdes, ele caía num abismo negro. Então, Raymond desmaiou.

Quando voltou a sí, estava deitado no sofá do seu quarto. Abdias, debruçado sobre ele, massageava seus braços e as têmporas com uma essência aromática.

- Você logo ficará bom! Mas, se preza pela vida, fique calado! - murmurou Abdias ao ouvido de Raymond.

Em seguida, oferecendo-lhe uma taça de vinho quente e muito aromático, saiu enquanto o Conde adormeceu num sono profundo e revigorante.

Ele acordou à noite. À sua volta reinava paz e silêncio. Somente o velho Ekgardt sentado junto ao seu leito, triste e preocupado, lia à meia voz suas preces.

Vendo que Raymond abriu os olhos, o velho inclinou-se sobre ele e respeitosamente beijou-lhe a mão.

- Finalmente, meu senhor, vejo que recuperou o seu olhar habitual! Santa Mãe de Deus! Como fiquei assustado quando entrei para vê-lo ontem pela manhã! O senhor estava terrivelmente pálido e deitado como morto. Comecei a gritar tanto que o próprio Abdias veio acudir-me. Ele ordenou que lhe dessem um banho. Depois, massagearam-no com algo e o senhor abriu os olhos. Mas o seu olhar estava tão vago que pensei que o senhor tinha enlouquecido. O judeu deu-lhe algumas gotas de remédio e o senhor adormeceu. Ó, senhor Raymond! Vamos embora daqui! O meu coração me

diz que Deus deu-lhe as costas e que o senhor corre perigo de vida enquanto permanecer em Jerusalém.

- Tem razão, Ekgardt! Não é bom ficar por aqui. Juro que se me recuperar desse desmaio, cujo motivo não consigo entender, partiremos de Jerusalém. Não fico aqui nem que tenha de ir a pé!

Então, apertou com força a mão do velho e o seu juramento pareceu acalmá-lo totalmente.

Raymond, entretanto, restabelecia-se muito lentamente do terrível choque que o seu organismo tinha sofrido. Estava pálido e seu rosto, antes sempre fresco, tornou-se amarelado como cera. Além disso, passou a sofrer de terríveis alucinações. Às vezes, à noite parecia que no vão da janela ou junto ao seu leito aparecia a repugnante mulher que o possuíra na noite do "sabat". [36]Ele via como ela deslizava para ele, vazava-o com seu terrível olhar e agarrava sua mão com os dedos gélidos. Ele, então, começava a gritar, debatia-se, queria fugir e somente um profundo desmaio interrompia as terríveis crises.

Após tais alucinações, Raymond ficava por vários dias nervoso, agitado, estremecendo ao menor ruído e sofrendo de insônia.

Beovulf visitava Raymond regularmente, mas eles nunca conversaram sobre aquele "sabat" noturno. Enfim, certa vez Raymond perguntou-lhe se eles realmente tinham visto o diabo.

- Quem pode afirmar isso com certeza? - Beovulf respondeu questionando e dando de ombros. - Sei somente que a cada vez trazem um homem tão branco como você e eu. Este homem começa a girar como um verdadeiro demônio, torna-se preto e assume aquela terrível aparência satânica que você viu. Mas, é difícil dizer se realmente acontece a metamorfose ou se é apenas alucinação dos sentidos excitados dos presentes. Em geral, nessas reuniões acontecem coisas tão extraordinárias e incríveis que até desisti de pesquisá-las.

- Esses grandes mistérios aniquilam rapidamente a pessoa. Felizes daqueles que nem suspeitam da existência disso! - observou Raymond com amargura.

- Você tem razão! Mas, talvez essa vida limitada lhe dê sensações mais completas e extraordinárias do que uma existência longa e descolorida. Para falar a verdade, eu achava que você era mais resistente! Você parecia bem mais resistente. Provavelmente não se acostumou a essas reuniões!

Finalmente, Raymond foi um dia pela manhã aos aposentos de Abdias e ofereceu-lhe um documento que deixava para ele em garantia da dívida uma propriedade que recebera pessoalmente de herança de um parente distante.

O judeu olhou-o longa e atentamente.

- Então, parta! - disse ele, após um curto silêncio. - Não estou retendo-o, senhor Conde! Daqui a três dias sai uma caravana com a qual pode chegar a Jafa. Não preciso do seu papel e você não me deve nada. Veja! Estou rasgando o seu recibo. A quantia à qual você se refere não foi emprestada por mim, mas pela Irmandade, que é rica por demais para exigir de seus membros a devolução do ouro tomado. Além disso, você já pagou a sua dívida com o seu corpo e a sua alma. Portanto, fique com o seu ouro! Agora que já acertamos esse negócio, permita-me acrescentar o seguinte: permaneça mudo como uma cova quanto ao que viu por aqui. A traição é punida com a morte e nenhuma força no mundo poderá salvar o traidor e delator. Não esqueça também que a Irmandade possui olhos, ouvidos e braços em todo o mundo e que você é obrigado sempre, e em todo lugar, a atender ao seu chamado.

Raymond ouviu tudo em silêncio. A idéia de permanecer escravo e talvez encontrar-se dependente de algum judeu, por instantes provocou no espírito do orgulhoso rapaz uma ira descontrolada. Mas ele aprendera a dominar-se. Além disso, desejava mais do que tudo no mundo sair de Jerusalém. Quando voltasse ao seu país e começasse a viver novamente a vida normal, iria pensar em como agir.

Três dias depois, ele deixou Jerusalém. Em Jafa aguardava-o uma alegria inesperada. No mesmo dia de sua chegada, atracou um navio trazendo a bordo o mensageiro de seu pai, o fiel Lucien com o dinheiro pedido e uma carta do Conde, contendo as seguintes lacônicas palavras:

"Volte imediatamente se quiser que ainda o considere como meu filho".

Capítulo 14

Arnulf deixou a Terra Santa e navegou para Veneza muito satisfeito com o que aconteceu ao irmão. O comportamento de Raymond dava-lhe novas esperanças. Ele achava impossível que a orgulhosa Eliza pudesse suportar calada ofensas tão cruéis como as escandalosas aventuras do marido com a judia, ainda mais quando tudo acontecera durante a romaria ao Santo Sepulcro empreendida, por assim dizer, com o objetivo de agradecer a Deus por salvar a vida dela de um atentado provocado por culpa do próprio Raymond. Então, Arnulf resolveu assumir a tarefa de informar a Eliza de todos os malefícios do irmão.

O destino, entretanto, parecia testar a paciência do cavaleiro Ried. A travessia realizou-se nas piores condições. Uma terrível tempestade quase destruiu o navio. Por fim, Arnulf desembarcou em Veneza completamente doente e atrasado em quase três semanas. Não quis hospedar-se na casa de Fúlvio, pois contava ficar em Veneza somente para descansar e recuperar-se da desgastante viagem. Além disso, seria difícil para ele viver sob o mesmo teto que Eliza. Por isso, Arnulf optou por uma hospedaria.

Agora a sorte sorria-lhe. Uns dois dias depois da chegada, Arnulf viu Eliza e Giovanna. Elas passaram numa gôndola aberta. A Condessa estava pálida e tinha uma aparência cansada. Uma expressão amuada e de tristeza aparecia claramente em seu rosto encantador.

O coração de Arnulf encheu-se de terrível ciúme. Se Eliza estava tão triste e preocupada com a ausência de Raymond, então ele, Arnulf, a curaria radicalmente de seus sonhos amorosos.

Ele quase adivinhou a verdade. Eliza realmente estava preocupada com Raymond, mas não no sentido que imaginava o cavaleiro. Na alma virginal e infantilmente pura de Eliza ainda não tinha nascido a paixão. O sentimento que tinha por Raymond, durante o restabelecimento deste, era fraternal; uma

mistura de lembranças de infância, obrigações do dever e profunda simpatia pelo belo e arrependido rapaz que a amava. Mas, não havia dúvidas que, se a partida de Raymond não tivesse refreado o desenvolvimento desse sentimento, esse ter-se-ia transformado em verdadeira afeição.

Carinhosa e crédula, Eliza aguardava tranquilamente o retorno do marido, quando, de repente, uma série de terríveis pesadelos e visões confundiu a sua paz e incutiu-lhe pressentimentos sombrios sobre o destino de Raymond. Ela, entretanto, não contou nada a ninguém. O primeiro desses estranhos fenômenos revelou-se no retrato de Raymond que estava pendurado no dormitório de Eliza e fora pintado pouco tempo antes da partida do Conde por um jovem pintor, protegido de Giovanna, e destacava-se pela incrível semelhança com o original.

A moça ordenou que pendurassem o retrato em frente à sua cama e, antes de adormecer, tinha por hábito ficar olhando a imagem do marido.

Certa noite, após a habitual prece, Eliza deitou-se na cama, não conseguia dormir e, como de costume, começou a olhar o retrato de Raymond. A lamparina acesa diante da imagem de Nossa Senhora iluminava tão bem a pintura que era possível distinguir, além dos traços do rosto, todos os detalhes do traje.

Sem mesmo saber o porquê Eliza sentia um certo nervosismo e preocupação. Sua cabeça estava pesada, sentia uma pressão no peito e um frêmito frio parecia passar por sua pele, gelando as suas mãos e os seus pés.

Tentando superar a sensação doentia, Eliza enrolou-se no cobertor e, como o sono realmente não vinha, começou a pensar sobre o futuro e sobre a nova vida com Raymond no castelo Zapnenstein, no Tirol, onde nem a maldosa Condessa Anna nem a nojenta Greta poderiam semear a discórdia entre eles. Quando começou a imaginar os maravilhosos passeios a cavalo que fariam a dois nos arredores do castelo, o seu olhar, de repente, caiu inesperadamente sobre o retrato de Raymond. Ela viu, com profunda surpresa, que uma sombra negra cobriu a testa do rapaz; depois desceu até os olhos e, finalmente, cobriu todo o rosto como um capuz preto.

Eliza, curiosa, sentou-se na cama e tentou entender o que poderia causar aquele estranho efeito ótico. De repente, a tela do retrato iluminou-se com uma luz vermelho-sangue, a sombra negra desapareceu e a figura de Raymond desenhou-se com tal relevo e vivacidade, que parecia sair da moldura. O rosto agradável do rapaz tinha sofrido uma terrível

transformação: estava mortalmente pálido e deformado por convulsões; as veias na testa incharam, os olhos injetaram-se de sangue e nos lábios apareceu uma expressão selvagem. Seu torso parecia desnudo e estava semicoberto por uma capa púrpura. Nos cabelos cheios e desgrenhados havia uma coroa.

Muda de medo e horror, Eliza ficou olhando para aquela visão; ela fora discípula de dois cientistas que a ensinaram a controlar os sentimentos e o nervosismo.

Livrando-se rapidamente do estupor, pulou do leito e aproximou-se do retrato, mas de perto este não demonstrava nada de anormal: Raymond trajava, como de hábito, um camisolão de veludo e sorria pacificamente com a mão apoiada no cabo do punhal. Eliza, acalmou-se, fez o sinal da cruz e voltou para a cama, murmurando:

- Graças a Deus! Foi somente uma ilusão ótica!

Mas, mal deitou-se e um tremor de pavor abalou-a. Avisão apareceu novamente; só que dessa vez Raymond não estava sozinho. Ao lado do seu rosto desfigurado apareceu a fisionomia de uma mulher do tipo oriental, também com uma coroa na cabeça.

Eliza sentia-se como paralisada. O sentimento de horror e de repulsa que a invadiu foi tão grande que ela cobriu a cabeça com o cobertor e passou a recitar preces a Nossa Senhora. Mesmo assim, só conseguiu adormecer ao amanhecer.

A luz do dia dissipou os horrores da noite e ela convenceu-se de que fora vítima de um simples pesadelo. O estranho é que desde aquela visão noturna Eliza passou a sentir por Raymond uma enorme raiva, perdera a vontade de vê-lo e evitava olhar para o retrato.

Esse inexplicável estado de espírito, que ocultava cuidadosamente dos parentes, já estava começando a dissipar-se aos poucos quando numa certa noite a visão se repetiu. Dessa vez, o fundo do quadro apresentava um negro precipício para onde Raymond caía, empurrado por uma mulher e por um homem cujo rosto iluminado por uma luz esverdeada respirava uma raiva puramente diabólica.

Então, Eliza ficou tão desolada, que decidiu contar tudo aos seus amigos. Chamou Laretta e ordenou-lhe que a vestis-se. A fiel camareira, assustada com a sua aparência pálida, perguntou se ela estava doente. Eliza

tomou um copo de leite quente para recuperar a cor e foi direto ao quarto de Fúlvio.

O jovem veneziano estava sentado junto à janela em seu gabinete de trabalho, imerso na leitura de um arcaico manuscrito. À entrada de sua protegida, o rapaz deixou o rolo de pergaminho e estendeu-lhe amigavelmente a mão.

- Sente-se Eliza e diga o que fê-la vir visitar-me tão cedo? Sente-se doente? Está com uma aparência muito doentia - acrescentou ele.

- Não consigo entender se estou ou não doente! Mas, uma coisa é certa: o meu estado é muito estranho e incompreensível. Comigo estão acontecendo coisas tão extraordinárias que resolvi consultá-lo. Talvez até eu tenha errado em ter ficado calada por tanto tempo!

Com voz entrecortada pela emoção, Eliza contou-lhe sobre suas estranhas visões e acrescentou:

- Não tenho dúvidas que Raymond está correndo perigo de vida e que aconteceu uma desgraça com ele. Diga-me Fúlvio, imploro-lhe, o que pensa disso?

O rapaz ficou pensativo.

- É verdade! Seu marido está seguindo uma trilha muito ruim e prevejo muitas desgraças para ele no futuro.

- Nesse caso está implicada alguma mulher?! Ele está me traindo novamente, depois de ter jurado que amava somente a mim!... - exclamou Eliza, com o rosto em fogo. Não! Eu não preciso dele! Quero divorciar-me daquele depravado que na cidade santa, perto do Santo Sepulcro, fica deliciando-se com um amor criminoso! Tenho certeza que o sentimento de repulsa e desprezo que ando sentindo, assim que começo a pensar nele, são provocados por suas aventuras acrescentou ela, jogando para trás, num gesto nervoso, suas negras mechas.

Fúlvio olhou-a pensativo.

- Você deveria ter pena de seu marido e orar por ele em vez de condená-lo tão impiedosamente respondeu, após um instante de silêncio. Qualquer pecado, qualquer transgressão das leis divinas traz em si o próprio castigo. Mas, lembre-se que terríveis tentações aparecem repentinamente na vida das pessoas. Ai daquele que entregar-se e deixar-se subjugar pelas próprias paixões. Ele pagará caro por isso. Às vezes, uma vida inteira é nada mais do que um prelúdio para tal momento decisivo que nos obriga a provar a força

de resistência ao mal que conseguimos acumular na nossa alma. Nenhuma pessoa está livre desse terrível momento de provação. Esteja certa, Eliza, que tanto para você quanto para qualquer outra pessoa chegará esse momento de luta e somente o futuro poderá atestar se você saíra vencedora! Digo-lhe isso para provar que o nosso dever é ser indulgente com os outros.

Eliza, emocionada, ouvia-o com ar indeciso.

- Você quer me fazer entender que sou virtuosa somente porque ainda não caí em tentação e que, com o tempo, me entregarei às mesmas loucuras de Raymond?

Fúlvio riu, puxou para perto de si a moça e beijou-a na testa.

- Não, não, minha querida! Deus me livre de supor coisas desse gênero! Espero que a nossa discípula saia vencedora de todas as provações que lhe prepara o futuro. Uma delas, sem dúvida, é Raymond. Apenas quis dizer que, até agora, sua vida transcorreu clara e tranquilamente e que o sentimento que The provoca o Conde é ainda muito indeterminado para poder servir de escudo no caso de você encontrar outra pessoa que a atraia e desperte em você uma daquelas paixões, cujo poder e perigo você nem suspeita. Ore, minha querida, para que Deus livre-a de tal provação ou lhe dê forças e um inabalável sentimento do dever, a fim de suportá-la dignamente. Mas, agora, seja bondosa, condescendente e paciente. O dever de uma pessoa sã é limpar e tratar os ferimentos do doente e ela deve fazê-lo com compaixão e nunca com nojo.

- Fúlvio, você sabe tão bem indicar o caminho do dever e descrever o prazer que traz a consciência do dever cumprido disse a moça, com os olhos brilhando de entusiasmo. Quero ser indulgente com Raymond por mais culpado que ele seja ante mim! Vou implorar às forças do bem para que me apóiem! Mas, Fúlvio, você realmente acha que a oração é tão poderosa que pode afastar as tentações do nosso caminho?

- Não, minha querida! A oração não afasta as tentações, apenas o perigo de entregar-se a elas. Isso porque a oração extrai do fundo da alma a luz pura que reforça o corpo e clareia a mente. E se a concentração do pensamento é suficientemente forte para obrigar a pessoa a esquecer do próprio corpo, das próprias necessidades e da dor física e moral, então, ele realmente livra-se do corpo mortal. Daí, nas asas do êxtase, num único ímpeto, eleva-se até a fonte da luz celestial e absorve dela as forças de que necessita.

Eliza ouvia-o calada e emocionada.

Fúlvio tirou um frasco da gaveta, colocou algumas gotas no copo e deu para ela.

- Beba, minha querida, e depois vá descansar! Algumas horas de sono irão recuperar as suas energias. Sobre o resto ainda teremos tempo para falar.

Quando Eliza saiu do quarto, Fúlvio encostou-se na mesa e ficou pensativo. Em seu rosto apareceu uma expressão de tristeza e amargura, apresentando um violento contraste com a sua habitual e levemente descuidada tranqüilidade. Finalmente, livrando-se dos pensamentos, Fúlvio levantou-se, tirou do armário um horóscopo e, voltando à mesa, ficou estudando-o por longo tempo. Mas, provavelmente, o que leu no livro do futuro não era nada agradável, pois, afastando num gesto brusco o horóscopo, mergulhou novamente em profundos pensamentos.

Estava tão absorto que não percebeu quando a cortina levantou-se no fundo do quarto e no gabinete entrou o Barão Vart. Parando a alguns passos da mesa, ele começou a examinar atentamente o rosto sombrio do amigo.

- Em que pensa tanto? - perguntou.

Fúlvio estremeceu e endireitou-se.

- Por acaso, pensava em Eliza, em seu infeliz casamento e no futuro sombrio e cheio de emoções que a aguarda? - insistiu o Barão com um suspiro.

O rapaz, então, contou em poucas palavras sobre as visões da moça.

- Apesar de todos os esforços, não consegui proteger o infeliz da armadilha de que ele foi vítima e que previ, apesar de não poder determinar exatamente de que tipo seria. Em todo caso, para o pai dele será um pesado golpe observou o Barão Conrad com um suspiro. - Vejo que está estudando o horóscopo de Eliza. O que ele diz? - perguntou Vart.

- Nada de bom. Prevê que Eliza logo encontrará em sua vida um homem marcado pela fatalidade, que despertará em seu coração uma grande paixão e que esse amor, aliás retribuído, será para ela a origem de grande desgraça.

- Raymond irá impedi-los de se unirem?

- Não apenas ele! Provavelmente, entre eles surgirá um obstáculo intransponível. Em geral, o futuro de Eliza está sempre recoberto por uma estranha penumbra.

- E você não consegue penetrar nessa penumbra, certo? - observou Vart.

- Em seguida, inclinando-se para o rapaz, acrescentou baixinho: Entre nós, nunca falamos sobre o sentimento que tem por Eliza. - Você sempre

ocultou-o cuidadosamente, mas ninguém será capaz de dar a ela mais felicidade do que você!

Um forte rubor cobriu o rosto de Fúlvio.

- Por que mexe na ferida que deveria fechar-se sozinha? perguntou, após um instante de silêncio. - Você é onisciente e um famoso astrólogo e deve saber que o destino está contra mim e me separa de Eliza!

- Certo! Mas, às vezes, uma decisão rápida e firme des-via o caminho traçado pelo destino na direção que a vontade humana deseja.

- Sei disso, mas também sei dos perigos a que se sub- mete todo aquele que vai contra os fluxos astrais. Não me sinto suficientemente conhecedor e nem suficientemente poderoso para lutar contra eles. Eliza me ama como um irmão. Para que vou confundir a alma da pobre criança e retirar-lhe o firme apoio do ombro amigo, substituindo-o por um infeliz apaixonado e um desprezado pretendente à sua mão? Isso não! Esse papel é insuportável ao meu orgulho e à minha consciência. Quero dedicar a minha vida à ciência! Vou sacrificar todas as minhas paixões terrenas pela ciência e ela me ajudará a vencer a carne e tornar-me espiritualmente superior!

Fúlvio suspirou. Seus grandes olhos negros brilhavam de energia e de entusiasmo. Naquele instante, ele não parecia nem um pouco com o homem frio e comedido que habitualmente era.

O Barão Vart, que observava-o, estendeu-lhe a mão e disse:

- Você está certo! Sua vitória sobre o sentimento mais poderoso que perturba a alma humana servirá de garantia de que alcançará o ápice da ciência. E se o destino priva Eliza do melhor dos maridos, em compensação deixa-lhe o mais fiel e magnânimo dos amigos.

- Sim, desejo ser um amigo fiel nos momentos de pesadas provações que a aguardam -afirmou Fúlvio, trancando o horóscopo de Eliza e mudando de assunto.

Alguns dias depois desse episódio, Laretta, vestindo a sua ama, informou-lhe que chegara no porto há três dias um navio da Terra Santa. O irmão de uma das criadas que servia de sargento na administração do porto dissera-lhe que na embarcação, entre outros passageiros, havia um cavaleiro alemão, que parecia muito doente pois não conseguira descer do navio sem a ajuda de terceiros.

Eliza ficou muito emocionada. Se o cavaleiro era Raymond, por que então não tinha seguido diretamente para Villamarino, especialmente se

estava doente?

Quis imediatamente informar a novidade aos amigos e pedir-lhes que investigassem, mas para sua grande decepção Fúlvio estava recebendo visitas e o Barão Vart tinha viajado para visitar um amigo doente.

Depois de pensar um pouco, Eliza decidiu ir falar com Giovanna e esta, por sua vez, propôs-lhe dirigir-se imediatamente ao porto e colher todas as informações. Mas, suas investigações resultaram somente na descrição de um cavaleiro alemão que em nada parecia Raymond.

Arnulf viu-as exatamente no momento em que retorna-vam do porto. Como o cavaleiro Ried já estava quase recuperado da desgastante viagem marítima, decidiu no dia seguinte ir visitar a sua cunhada.

Triste, emocionada e preocupada, Eliza bordava um tapete, quando informaram-lhe que o cavaleiro Ried desejava vê-la.

Eliza estremeceu. Então, o cavaleiro alemão que chegou da Palestina era Arnulf! Mas, por que retornara sozinho? A moça dirigiu-se apressadamente para a sala de visitas. O cavaleiro que a aguardava cumprimentou-a respeitosamente.

- Bem-vindo, senhor Arnulf! Por que o senhor retornou só? - quis saber Eliza, estendendo-lhe a mão.

Ela não percebeu o olhar maldoso e irônico que brilhou por trás das sobrancelhas baixadas do cavaleiro à sua pergunta.

- Por que Raymond não veio junto com o senhor? Onde está ele? - repetiu ela com impaciência.

- Meu irmão ficou em Jerusalém por tempo indeterminado.

- Por que ele ficou? Adoeceu?

- Não, ele está são. Quanto ao motivo que o retém na cidade santa, ele disse que lhe explicará pessoalmente - respondeu esquivamente Arnulf e um sorriso de duplo sentido passou instantaneamente por seus lábios.

Eliza ficou vermelha e fechou o semblante.

Vendo que ela ficou calada e pensativa, o cavaleiro, após um instante de silêncio, disse:

- Eu não queria partir de Veneza sem vê-la, querida irmã, e para certificar-me de que está bem de saúde. Ao mesmo tempo, vim para me despedir, pois amanhã ao amanhecer deixo a cidade. A senhora tem alguma mensagem para o senhor Volfram? Eu a levaria com prazer.

Eliza levantou a cabeça e disse, dirigindo-lhe um olhar radiante:

- O senhor me chamou de irmã. Portanto, estou pedindo ao irmão que me diga a verdade sobre os motivos que prenderam Raymond na Terra Santa. Conte-me tudo, sem nada omitir! Tenho direito de saber o que ele está fazendo.

Arnulf ficou visivelmente embaraçado e indeciso.

- Sua pergunta me deixa numa situação extremamente difícil. Não quero prejudicar meu irmão e não posso mentir para justificá-lo. Imploro-lhe que me livre dessa resposta e aguarde as explicações do próprio Raymond.

- Não quero esperar para ouvir um monte de mentiras e exijo, Arnulf, que o senhor agora mesmo me conte toda a verdade! - exclamou Eliza, irada. - Aliás, até desconfio que nesse caso está envolvida alguma mulher - disse ela mais calma.

Após uma afirmação tão categórica, Arnulf não se deixou implorar e contou tudo o que sabia das contravenções de Raymond desde as suas perdas no jogo até a carinhosa cena com a judia de que foi testemunha, por acaso, quando visitou o irmão doente.

Apesar do aparente silêncio e da condescendência com que parecia tentar justificar Raymond, seu relato apresentou o Conde de forma tão repugnante que Eliza, que o ouvia com o rosto em fogo, exclamou:

- Ah! O que o senhor está me contando é por demais nojento para ser verdade! Então, Raymond está me trocando por alguma judia impura?! E tudo isso depois das solenes juras de fidelidade?! Aquilo não parece ser um caso passageiro, mas uma ligação séria, já que está retendo-o tanto tempo em Jerusalém. Depois disso, para mim ele tornou-se uma pessoa desonrada!

- A judia é linda como a encarnação da tentação! Aliás, o velho Ekgardt também viu-a nos braços de Raymond e as pessoas do meu cortejo podem confirmar que o meu irmão mora na casa do judeu Abdias. Eu compreendo os sentimentos que a perturbam, Eliza, pois são legítimos. Mas, a senhora não deve me tratar com tanta injustiça! Contei tudo isso por sua insistente exigência e jamais profanaria os meus lábios que beijaram o Santo Sepulcro com calúnias sobre o meu irmão.

- Perdoe-me, senhor Arnulf! A raiva me fez perder a cabeça - justificou Eliza, contendo-se com dificuldade.

Arnulf percebia, satisfeito, o efeito que provocaram as suas palavras. Agora Raymond podia retornar e seria recebido como de fato merecia. Além disso, depois de tais aventuras era difícil para ele opor-se ao divórcio.

Para não esfriar a raiva de Eliza, Arnulf despediu-se rapidamente, recusou o convite para o almoço, alegando precisar preparar-se para a viagem, e foi embora.

Voltando ao seu dormitório, ela jogou-se na cama e chorou de raiva. A ideia de ter sido trocada por uma desprezível judia, indignou-a a tal ponto que ela esqueceu tudo o que Fúlvio tinha-lhe falado sobre indulgência e paciência. Nunca os laços que a ligavam a Raymond pesaram-lhe tanto quanto naquele momento. O marido tornou-se para ela um ser odioso e, então, ela tomou a inabalável decisão de separar-se dele.

Capítulo 15

Enquanto na Palestina e em Veneza aconteciam os fatos descritos no capítulo anterior, a vida no castelo Reifenstein transcorria com sóbria e pesada monotonia.

Desde a partida do filho, o Conde Volfram passou a evitar muito mais o seu castelo, vivendo por semanas inteiras na corte do Conde de Tirol; em algum de seus castelos; na casa de amigos; ou ainda em distantes caçadas. Durante as longas ausências do marido, a Condessa Anna entregava-se a uma exagerada religiosidade. Passava horas inteiras rezando em seu oratório ou conversando com o capelão. Mas tal devoção, além de não amainar o seu caráter, parecia deixá-la ainda mais áspera. Todo o tempo que lhe sobrava das orações e das conversas espirituais, a Condessa dedicava à perseguição e aos castigos dos criados pelas menores falhas. Ela até chibatava pessoalmente os pequenos pajens por roubarem doces ou por excessiva curiosidade.

Por isso, todos no castelo odiavam a Condessa. Como não era segredo para ninguém que a fria repulsa do Conde pela esposa era uma ferida eternamente aberta para ela, os criados ficavam contentes com o desprezo com que o senhor Volfram tratava Anna. Com a chegada do Conde todos se animavam, desde a cozinha até os armazéns, pois a presença dele colocava um paradeiro nas maldades e nos maus tratos da Condessa Anna.

As relações entre a Condessa e Greta, antes tão carinhosas, também esfriaram nos últimos tempos. Por sua esperteza e seus gostos grosseiros, Margarita Ramets parecia com a madrinha. Ninguém melhor do que ela sabia granjear a anuência da Condessa. Mas, desde a chegada da carta anunciando a reconciliação de Raymond com a esposa, a moça tornou-se sombria, raivosa, calada, procurando sempre isolar-se.

O ciúme e o ódio de Greta não conseguiam acalmar-se. Com a teimosia característica de pessoas tolas, ela agarrava-se à idéia de que, apesar de tudo, conseguiria tornar-se Condessa de Reifenstein. Para tanto, era necessário apenas encontrar um meio de livrar-se de Eliza e o coração inconstante e leviano de Raymond, sem dúvida, retornaria para ela.

Certa vez, quando Volfram estava ausente, Ortruda chegou para visitar a amiga. Ortruda mudara muito nos doze anos que se passaram. Não havia nem sinal de sua antiga beleza. Sua elegância transformou-se em magreza, a cor do rosto adquiriu uma tonalidade amarelo-escura, os cabelos ficaram grisalhos e profundas rugas recortaram sua testa e as faces. Mas, a mudança dela não foi somente física. Um terrível nervosismo a fazia correr de um lado para outro e no seu olhar descorado e fundo brilhava algo agitado e sinistro.

Ortruda parecia tratar a Condessa Anna com menos simpatia do que antes. Em compensação, passou a tratar Greta com inesperada atenção e conseguiu aliciar tanto a moça que esta viajou com ela ao castelo Finsterbach e passou lá algumas semanas. A partir de então, Greta tornou-se uma visita tão assídua de Ortruda que só ficava alguns curtos períodos com sua madrinha.

Se a Condessa Anna levasse uma vida menos reclusa e não ficasse trancada no castelo, talvez tivesse colocado um limite à estranha amizade de sua afilhada com uma mulher que tinha a idade de ser sua mãe e sobre a qual corriam boatos nada lisonjeiros.

O castelo Finsterbach tornou-se suspeito. Diziam que era visitado por pessoas desconhecidas e que nele aconteciam reuniões secretas de pessoas de diversas classes sociais. Naqueles tempos, tais encontros levantavam suspeitas de estarem-se reunindo seitas repulsivas para realizar suas orgias satânicas na calada da noite.

Muito provavelmente tal seita sacrilega tenha tido seu início na Palestina, um território arenoso que os cristãos e os muçulmanos disputavam com grande ferocidade. Aquele país fervilhava de aventureiros atraídos à Terra Santa mais pela avidez, sede de saques e disposição guerreira da época do que pela virtude. Para tais pessoas, a confortável ideologia que professava que todos os vícios e paixões eram justas exigências da natureza humana, e que livrava seus adeptos dos freios impostos pelo dever, era um verdadeiro achado.

Toda sociedade desse tipo cerca-se de segredos e, por isso, é difícil dizer se eles entregaram-se ao culto de Lúcifer desde o início; aliás, essa seita tinha muitas ramificações e adquiria cada vez mais adeptos. No século XII ela foi levada à Europa e começou a espalhar-se como uma peste, englobando a Austria, a Shtíria[37], o Tirol, a Boêmia[38] e, por fim, toda a Alemanha, de onde já tinha-se espandido para a França.

Portanto, Ortruda era suspeita de pertencer àquela sociedade criminosa e colocar os subterrâneos do castelo à disposição da seita; mas esses boatos disseminaram-se silenciosamente entre o povo simples. Ninguém ousava acusar abertamente a rica e nobre dama. Quanto à nobreza vizinha, essa freqüentava de bom grado os luxuosos banquetes que a Baronesa Finsterbach promovia de tempos em tempos, apesar de sua aparente eterna doença, com a qual ela explicava a sua vida isolada.

Ortruda levou Greta consigo sob o pretexto de diverti-la um pouco. Na realidade, ela tinha um objetivo muito diferente, ou seja, queria introduzi-la na seita satânica, à qual ela mesma pertencia e que sempre precisava de moças para os seus sacrilégios e ritos sangrentos.

Mas antes de revelar a Greta o seu perigoso segredo, Ortruda queria adquirir dela total confiança para poder dominá-la completamente.

Certa noite, quando Margarita Ramets visitava pela primeira vez o castelo Finsterbach, Ortruda passou a falar de Raymond e conduziu a conversa tão habilmente que Greta, ansiando desabafar com alguém o seu coração transbordando de fel, contou-lhe tudo o que fervia em seu peito contra o amigo de infância.

- Pobre criança! Como entendo os sentimentos que a afligem! - observou Ortruda, ouvindo com ostensiva solidariedade a confissão de sua visita. - Mas, querida Margarita, nesse caso o grande culpado não é Raymond. Os homens são freqüentemente inconstantes, levianos e deixam-se levar facilmente. Se Eliza herdou alguma fração da arte de sedução que possuía a mãe dela, então não é de admirar que, por causa dela, Raymond tenha-se esquecido de todas as obrigações com você.

- Oh! Não há dúvida que aquela miserável fez todo o possível para seduzir Raymond e obrigá-lo a trair o seu juramento. Mas, não é esse o caso! Um homem honesto não se torna um perjuro diante da primeira tentação e não paga com o esquecimento e o desprezo um amor como o meu. Não sou

do tipo de mulher que perdoa tais ofensas. Eu me vinguei e joguei uma desgraça sobre ele! - disse Greta com o rosto em fogo e o olhar faiscante.

- Epa! Será que você, Greta, tem o poder sobre a felicidade e a desgraça das pessoas? - perguntou Ortruda com um leve riso.

- Não eu, mas um homem possuidor de uma ciência secreta. Acho que ele é um terrível feiticeiro. É um judeu chamado Misael, de Bricsen, respondeu a moça com voz baixa e inclinando-se para Ortruda.

Esta estremeceu.

- Você conhece Misael?! Oh! Então, ai do Raymond! Misael irá enviar sobre ele os espíritos da escuridão.

Greta contou à sua nova amiga todos os detalhes do encantamento.

- Oh! Agora não tenho mais dúvidas que desgraças desabarão sobre a cabeça de Raymond. Mas, minha filha, não seria mais sensato aproveitar o poder do feiticeiro para trazer o traidor aos seus pés e provocar um rompimento entre ele e Eliza?

- Provavelmente, o feiticeiro que protege Eliza é mais forte que Misael e o judeu foi incapaz de ajudar-me nesse caso - disse Greta, lamentando-se.

- Ele, incapaz? Não, minha filha, para Misael não existe a palavra "impossível". Se eu puder trazê-lo para o seu lado, pois somos velhos conhecidos, então, pode estar certa que tornar-se-á a Condessa Reifenstein. Mas, para isso você precisa me deixar agir livremente - acrescentou Ortruda com ar misterioso.

Animada com a nova esperança, Greta concordou com tudo o que Ortruda achava necessário empreender em seu favor. Desde aquele momento, uma estreita amizade iniciou- se entre as duas mulheres de idades tão distintas.

Alguns dias depois dessa conversa, Ortruda recolheu-se cedo aos seus aposentos, alegando indisposição. Ela ordenou às criadas para despi-la e depois dispensou-as proibindo que a incomodassem sob qualquer pretexto.

Passaram-se duas horas. Aos poucos, no castelo reinou o silêncio e tudo mergulhou em sono profundo. Quando o velho relógio bateu dez horas, Ortruda levantou do leito, vestiu-se em silêncio e, como uma sombra, dirigiu-se à pequena sala que servia de biblioteca e de arquivo do castelo. Lá, apertou uma alavanca oculta e imediatamente uma parte da parede com estantes abriu-se, revelando uma pequena porta que saía para um corredor talhado dentro da espessa parede.

Ortruda passou pelo corredor, desceu uma longa escadaria e, em seguida, saiu numa ampla galeria subterrânea que terminava numa grande sala circular iluminada por duas tochas fixadas na parede. A luz avermelhada e bruxuleante das tochas iluminava fracamente a mobília da sala que, provavelmente, tinha uma finalidade especial, pois de um lado, num nicho, havia um altar e, em frente à entrada, havia um banco de pedra num elevado de três degraus.

Um homem que andava impacientemente pelo quarto, ao ver Ortruda parou e, inclinando levemente a cabeça, disse com voz entrecortada e severa:

- A senhora marca o dia e depois me faz esperar! O que quer de mim?

- Quero conversar com o senhor sobre negócios da Irmandade, Misael. Espero que aceite como novo membro uma pessoa que é muito difícil de conseguir respondeu Ortruda, sem se ofender com o tom dirigido a ela pelo judeu que, quando a encontrava de dia, a tratava com a docilidade de um servo.

Mas, no subterrâneo, Misael não parecia mais o humilde e temeroso judeu que os habitantes de Bricsen conheciam. Ali, ele era o senhor que dirigia e dava ordens à orgulhosa dona do castelo. Até a sua aparência mudava no momento em que trocava a sua longa veste oriental pelo traje de cidadão, que destacava a sua alta e magra figura.

Ambos sentaram-se à mesa e entabularam uma animada conversa. Falaram de Greta. No início, Misael não parecia disposto a aceitá-la no seu bando satânico, mas depois de raciocinar com mais sensatez declarou que concordava e deu a Ortruda instruções detalhadas, que ela prometeu cumprir criteriosamente.

A partir daquele dia, o tema principal das conversas entre Ortruda e Greta era Misael e seu surpreendente poder ocultista. Quando a jovem já estava suficientemente preparada, Ortruda deu-lhe a entender que existia uma sociedade de "iniciados" que estudavam as ciências secretas que davam aos seus adeptos poder infinito sobre as pessoas e a natureza.

- Se você conseguisse ser aceita na Irmandade, poderia então, por si mesma, mandar no coração de Raymond e fazê-lo sentir tanta repulsa de Eliza que ele a afugentaria imediatamente.

Fingindo aceitar os rogos de Greta, Ortruda prometeu-lhe tentar introduzi-la na sociedade e confessou que ela mesma estudava magia e já possuía um certo poder.

Certa noite, após fazer um solene juramento de guardar silêncio sobre tudo que visse, Margarita Ramets desceu para o subterrâneo, onde Misael a recebeu como sua discípula.

O judeu era um tutor muito hábil e conseguiu fazer-se interessar à sua preguiçosa e limitada aluna, ensinando-lhe alguns vazios passes de magia, entre os quais, os que provocavam e tiravam dor de dente.

Tola e vaidosa, Greta imaginou-se uma grande feiticeira e quando conseguiu provocar dor de dente numa criada, no capelão e até na própria Condessa Anna, durante a sua estada no castelo Reifenstein seu orgulho não teve limites. Assumiu uma postura misteriosa e concentrada, que chamou a atenção do Conde Volfram.

Essa última circunstância não prenunciava nada de bom para aquela amizade e as intermináveis visitas de Margarita ao castelo Finsterbach. Alguns boatos desabonadores sobre Ortruda chegaram aos ouvidos do Conde, mas este sabendo de experiência que qualquer observação sua iria somente provocar briga, decidiu vigiar tudo pessoalmente, esperando que com sua perspicácia descobrisse facilmente o mistério de que se cercava Margarita. Mas, neste interim, houve um acontecimento que deu uma direção completamente oposta aos seus planos e que o obrigou até a esquecer da existência de Margarita.

Arnulf retornou da Palestina e as notícias que trouxe sobre Raymond eram do tipo que provocaram enorme preocupação no espírito do pai. Além disso, a necessidade de enviar imediatamente para Raymond uma significativa soma de dinheiro deu muito trabalho ao Conde Volfram.

Naquele tempo distante, a riqueza da nobreza consistia principalmente em propriedades imobiliárias. O dinheiro era muito raro e concentrava-se principalmente nas mãos de mercadores e judeus.

Apesar de o Conde ser muito rico, não dispunha da considerável soma solicitada por Raymond. Mas, Volfram tomou as medidas necessárias e, uma semana após a chegada de Arnulf, um procurador com o dinheiro já seguia para a Terra Santa.

O temor e a preocupação torturavam o coração de Volfram. Raymond nunca antes demonstrara atração pelo jogo e como então foi revelar esse vício em Jerusalém? Como pôde ele, esquecendo sua obrigação para com Eliza, entrar numa relação criminosa com uma judia? Talvez até tenha sido desencaminhado por ela, fazendo-o entrar numa das suas seitas secretas!

Muitos templários tinham sido acusados de pertencer ao satanismo. Era grande o perigo que corria uma pessoa jovem, inexperiente e leviana como Raymond.

Além do temor que torturava o coração paterno de Volfram, as notícias trazidas por Arnulf provocaram constantes brigas entre o Conde e sua esposa, pois a Condessa Anna insistia em culpar Eliza pela infeliz peregrinação do filho. Aproveitando esse argumento, ela cobriu o marido de repreensões quanto ao maldito casamento com que ele uniu as crianças, só para contrariá-la, e que se transformou na ruína de seu único filho, pois a filha da "aventureira italiana", que morrera de "morte ruim", só podia trazer desgraças.

Irritado, o Conde apelou para o seu habitual meio de livrar-se das brigas conjugais, ou seja, viajou para a corte do Conde de Tirol, decidido a não voltar até o tempo da provável chegada de Raymond.

Enquanto tudo isso acontecia no castelo Reifenstein, Greta instalou-se quase definitivamente no castelo de Ortruda Finsterbach. A notícia de que Raymond não tinha retornado com o irmão não a preocupou nem um pouco. Ela já se considerava inteiramente dona do destino dele. Se ela tivesse tempo de adquirir mais um pouco de conhecimento e poder até a chegada de Raymond, melhor seria.

Misael continuou a administrar a Greta as pseudo-aulas de magia. Aliás, ele organizou em sua homenagem uma reunião, na qual ela foi solenemente admitida no círculo dos "iniciados". Só que nessa reunião não teve orgias nem sacrilégios. Cantaram somente hinos louvando a ciência; depois, sobre o altar, surgiu uma figura encapuçada que entregou a Greta um emblema da sociedade, um triângulo de ouro numa fita púrpura, e todos os presentes a saudaram ruidosamente. Misael colocou sobre sua cabeça uma coroa de louros e fê-la sentar-se sobre o trono de pedra como a Rainha da reunião.

Ortruda ficou confusa com a estranha comédia que não conseguia entender. Às suas perguntas contidas, Misael respondia com sorrisos semi-irônicos e misteriosos e, no final das contas, disse-lhe que ela logo saberia os motivos de tal mudança no habitual ritual de "iniciação". Ortruda, apesar da raiva, teve de contentar-se com aquela promessa.

Algumas semanas depois da cerimônia de "iniciação", que encheu o coração de Greta de felicidade e de orgulho, Misael convocou Ortruda para um encontro secreto no sub- terrâneo. Lá, informou-lhe que logo chegariam

da Palestina dois importantes membros da Irmandade, ou seja, o chefe da ramificação da Palestina e sua irmã. Razões importantes motivaram aquela viagem. Então, eles precisavam passar de dois a três meses no Tirol e contavam com a hospitalidade do castelo Finsterbach. Acrescentou ainda que, em virtude de os israelenses não poderem ser hóspedes no castelo nobre, viriam usando nomes cristãos.

- Eles mesmos lhe contarão a sua triste história - concluiu Misael com um riso descarado que demonstrava sempre que não precisava disfarçar.

A insolente ordem de oferecer o seu castelo como hos- pedaria para judeus errantes provocou uma grande ira no espírito de Ortruda. O orgulho inato revoltava-se contra tal violência, mas ela ficou calada e concordou. Não ousava nem protestar e nem recusar, pois estava sob o domínio daquele bando tenebroso e talvez pela primeira vez lamentasse amargamente ter caído nas redes daquele exército do mal e das trevas.

Dois meses depois, um grupo de cavaleiros exaustos pediu hospitalidade no castelo Finsterbach. Os viajantes se resumiram a um cavaleiro, uma dama, criadas e seis guerreiros. Atrás deles seguiam três mulas de carga.

Ortruda e Greta receberam-nos amavelmente na escadaria nobre e levaram-nos à grande sala, cumprimentando-os em nome de Guntram, proprietário do castelo.

O cavaleiro disse chamar-se Melquior Laverdac e agradeceu em seu nome e em nome de sua irmã, Madalena, a calorosa recepção; depois, pediu licença para recolher-se e descansar da viagem.

Os viajantes reapareceram só no dia seguinte na refeição matinal e causaram a mais agradável impressão com seus modos cheios de dignidade e sua conversa encantadora.

Melquior era um homem ainda jovem e sem dúvida bonito, que se destacava pela palidez doentia muito realçada por seus cabelos negro-azulados. Quanto à sua irmã, Madalena, esta possuía uma encantadora beleza oriental com a cor do rosto de bronzeado opaco, olhos amendoados e abundantes cabelos negros.

Os trajes de ambos destacavam-se pela rígida simplicidade, mas não sem elegância, como o comprovava o luxuoso camisolão do cavaleiro e o veludo genovês do vestido da irmã.

Após a refeição, Ortruda passou a inquirir o cavaleiro sobre o objetivo de sua viagem e este contou que vinha de Chipre e estava indo para a França, onde esperava encontrar alguns parentes. Vendo a surpresa que provocaram as suas palavras, ele acrescentou que o seu bisavô, que chegara à Terra Santa junto com Godfroi de Bouillon[39], instalou-se por lá e possuía grandes propriedades de terra nos arredores da Antioquia[40]. Seus antepassados viveram naquelas terras às vezes ricos, às vezes mais pobres, até os cristãos perderem por completo a Palestina.

Ferido gravemente na batalha junto com Joana d'Arc[41], ele retirou-se para Chipre, onde decidiu estabelecer-se definitivamente com o resto de suas posses, quando, de repente, soube por acaso através de um templário francês que na França ainda vivia o velho Barão Laverdac que se considerava o último ramo de sua antiga linhagem.

O cavaleiro Melquior decidiu ir até esse seu parente para ser reconhecido como herdeiro e, por isso, trazia consigo todos os papéis, comprovando a sua descendência.

- A senhora pode entender como anseio ver logo o maravilhoso país dos meus antepassados, mas sou obrigado a viajar com extrema lentidão, porque durante a travessia o meu velho ferimento abriu-se e está me custando muito sofrimento. Assim que conseguir chegar até alguma cidade maior, ficarei por lá algumas semanas para descansar concluiu o cavaleiro.

- Mas, Barão, se o castelo Finsterbach for de seu agrado, fique aqui, descanse e recupere as forças apressou-se a convidá-lo Ortruda.

No início, Melquior opôs-se e recusou, não querendo abusar da amabilidade da dona do castelo. Por fim, concordou atendendo à insistência de Ortruda que afirmava repe- tidamente que para ela seria uma grande honra hospedar sob o seu teto um corajoso guerreiro que derramara o seu sangue em defesa da Terra Santa e uma moça tão encantadora como sua irmã. Tornando-se, desse modo, hóspedes de longa data do castelo, Melquior e Madalena tentaram agradar aos novos conhecidos: Ortruda e Greta receberam, numa ocasião, presentes luxuosos e toda a criadagem do castelo também foi presenteada.

Além disso, Melquior revelou-se um surpreendente con- tador de histórias, descrevendo com eloqüência as últimas batalhas na Palestina; ele sabia muitos detalhes sobre os comandantes tanto maometanos quanto

cristãos. Madalena, por sua vez, cantava maravilhosamente canções árabes e recitava contos de fadas e sagas orientais, alegando tê-los ouvido de sua ama-de-leite sarracena.

O tempo passava alegremente, todos estavam entusiasmados com os viajantes e a admiração por eles disseminou-se pelos castelos vizinhos. Entretanto, Melquior estava sempre sombrio e, freqüentemente, quando chegavam visitas ao castelo, sofria dos ferimentos. Madalena, em compensação, gozava de grande sucesso e tinha muitos admiradores entre os cavaleiros vizinhos.

Certa vez, quando Ortruda almoçava com suas visitas chegou mais um visitante, inesperado e raro: Arnulf vonRied. Alcançado por uma tempestade nas montanhas e molhado "até os ossos" ele, acompanhado pelo escudeiro, decidiu procurar abrigo no castelo.

Quando lhe apresentaram o Barão, Arnulf olhou-o com atenção e surpresa. Pareceu-lhe ter visto em algum lugar o rosto de Laverdac. Aqueles olhos sombrios de expressão sinistra e aquela voz sonora e gutural pareciam-lhe familiares. Ficou quebrando a cabeça para lembrar onde o tinha visto, mas a memória não chegava e, após poucos minutos, a impressão atenuou-se e Arnulf achou que fora confundido por alguma semelhança ocasional. Além disso, ele estava interessado em outra coisa e contou a Ortruda como o seu enteado, o comandante da Ordem dos Templários, Ervin von-Finsterbach, chegou na região com outro cavaleiro, acompanhando a filha, a Condessa Reifenstein, e que todos eles instalaram-se no castelo Zapnenstein.

- O senhor deve estar enganado! - observou Ortruda. Se Ervin estivesse por aqui, passaria para me ver, pois jamais faltou com o dever de trazer os respeitos à viúva de seu pai. Eliza também teria vindo com o marido, evidentemente. Mesmo que viesse antes dele, ter-se-ia instalado em Reifenstein e não ficaria sozinha no castelo Zapnenstein, que depois do luxuoso palácio de Faleri vai parecer-lhe um ninho de coruja.

- Mas, o que lhes contei está correto. Já faz uma semana que a Condessa Eliza está aqui e instalou-se em Zapnenstein com dois cavaleiros, que devem ter chegado a negócios da Ordem e estão hospedados provisoriamente no castelo por causa do incêndio do seu posto de comando. Todas essas novidades me foram transmitidas pelo meu capelão - continuou Arnulf, inspirado. - Ao passar por Zapnenstein e vendo na torre a bandeira dos templários, ele entrou no castelo para descansar, mas nada mais conseguiu

saber. Os dois cavaleiros estavam ausentes. Eliza estava adoentada e os guardas disse-ram somente que os cavaleiros estavam hospedados lá temporariamente. Muito interessado, resolvi visitar a minha mãe para saber se Raymond tinha retornado, e o que acontecera com o casal que, infelizmente, combina tão pouco.

Nem Ortruda e nem Arnulf perceberam como brilharam os olhos de Laverdac ao ouvir o nome de Eliza. Greta ficou vermelha e um sorriso venenoso apareceu em seu rosto, mas Ortruda que a vigiava, olhou-a com desaprovação.

Lá fora a tempestade ficou mais forte e, então, convidaram Arnulf para passar a noite no castelo, o que ele aceitou apesar da grande vontade de ver Eliza. Mas, a habitual alegria que reinava na mesa não retornou e todos dispersaram-se bem cedo.

Greta correu para arquitetar em seu quarto um plano de vingança contra a miserável Eliza, que conseguira chegar com Raymond até ali; Melquior sentia dores no ferimento e Arnulf também não estava bem.

Chegando no quarto que prepararam para ele, Arnulf tomou uma taça de vinho quente e temperado, enviado pela dona do castelo, e, enrolando-se na capa de seda, sentou-se na poltrona junto à lareira acesa. Ele ficou pensativo, pois a inesperada chegada de Eliza perturbou-o. O que significava aquela viagem na companhia de dois templários? Por que ela tinha deixado a casa de Fúlvio que considerava como sua? Teria ela visto Raymond e o perdoado novamente? Esse pensamento fez Arnulf cerrar os punhos. Mas, não! Era impossível que a orgulhosa Eliza tivesse perdoado uma ofensa tão profunda e seria imbecilidade supor tal coisa. Se Raymond e Eliza tivessem se reconciliado, teriam retornado juntos: a jovem Condessa, ao escolher para sua moradia o velho e sombrio castelo Zapnenstein demonstrava que não queria pôr os pés no castelo Reifenstein. Correto! A esperança de felicidade ainda não estava perdida; era preciso agir energicamente, mas com cuidado. Ele iria agora instalar-se na casa da mãe, visitaria Eliza, tentaria saber de tudo e, o principal, tentaria impedir o estúpido Raymond a ganhar novamente as graças da esposa. Chegando a tal conclusão nos seus planos, Arnulf ficou vagando nos sonhos mágicos quando a chegada do velho escudeiro fê-lo voltar à realidade.

- Ai! Preciso relatar-lhe uma descoberta que fiz, que me parece tão incrível que me pergunto se não estarei vendo coisas.

- Então, fale logo e conte-me esse mistério! Não me diga que encontrou a ave Fênix [42]em Finsterbach ou descobriu uma fada em uma de suas torres riu Arnulf, alegre sob a influência de seus sonhos.

- Infelizmente, a descoberta não é nada agradável, e parece mais uma façanha diabólica e mortal observou o velho escudeiro, balançando a cabeça.

Ele conversava livremente com Arnulf a quem servia desde a adolescência deste. Arnulf ficou sério. Então, Anselm inclinou-se para ele e passou a falar à meia voz:

- O cavaleiro Laverdac é um impostor! Ele não só não é um nobre cavaleiro da terra dos francos[43], como também não é cristão, mas um judeu de Jerusalém, chamado Uriel; está claro que ele não veio com boas intenções para este cas- telo e instalou-se por aqui como se aguardasse algo.

- Você já pensou, Anselm, sobre a importância de tal acusação? - observou Arnulf, confuso. - Você tem provas que comprovem tal suposição?

- Sim, sim senhor! Ouça como tudo isso aconteceu. Lembra-se que em Jerusalém o senhor me mandou até a casa do Conde, seu irmão, que vivia com o judeu Abdias; além disso, eu fui lá várias vezes para ver Ekgardt, o velho escudeiro do senhor Raymond. Durante as visitas à casa de Abdias, vi muitas vezes o seu filho Uriel; eu e Ekgardt ficávamos vigiando-o quando o velho escudeiro cismava com a proximidade do jovem Conde com este miserável. Lá também vi um rapaz muito suspeito, judeu ou sarraceno, mas, em todo caso, bandido. Não sei quem era, mas vivia na casa de Abdias e, de vez em quando, desaparecia sabe Deus para onde e, em seguida, reaparecia, como sempre calado e sombrio. Qual não foi a minha surpresa quando, durante o jantar dos criados, reconheci aquele Iussuf na comitiva do Barão Laverdac. Ele me reconheceu, mas não demonstrou. Eu também tentei disfarçar e demonstrar que não o reconhecia; mas já passei a suspeitar. O miserável, naturalmente, poderia ter entrado para o serviço de algum senhor nobre, mas, nesse caso, seria necessário avisar este nobre sobre a presença em sua comitiva dessa personalidade obscura. Fosse como fosse, resolvi dar uma olhada no Barão Laverdac. Fiquei sabendo pelos outros criados que ele e a irmã ocupavam os quartos no fundo da galeria que sai para o seu quarto. Eu tinha um motivo para ficar na porta e não tive de esperar por muito tempo. O cavaleiro e a irmã saíram logo e dois criados iluminavam-lhes o caminho. A mulher não reconheci, mas no senhor Laverdac reconheci

imediatamente Uriel, apesar dos seus trajes. Se eu ainda tivesse qualquer dúvida, essa desapareceria ao ouvir a voz de Uriel; aquele seu riso desagradável, insolente e que me dá frêmitos na pele.

Arnulf ficou calado. As palavras de Anselm reforçavam e reavivavam as lembranças que surgiram em sua cabeça ao ser apresentado a Laverdac.

O velho escudeiro estava certo, Melquior na realidade era o judeu de Jerusalém.

A insolência de acobertar-se com nome cristão, indignou tanto a Arnulf que ele quis imediatamente fazer um escândalo e prender os malfeitores; mas, foi contido pelo seguinte raciocínio: um disfarce tão ousado e perigoso deve ter tido um objetivo muito importante e era necessário descobrir tal intento. Entretanto, ele deveria revelar a verdade a Ortruda e aconselhá-la a prender rapidamente o seu perigoso visitante.

Na manhã seguinte, antes de partir, ele pediu a Ortruda alguns minutos a sós e contou-lhe a descoberta de Anselm, pelo que ela agradeceu, embaraçada.

- Por mais improvável que seja tal insolência, tomarei todas as medidas para investigar o segredo e entregar o judeu às autoridades, se ele realmente ousou manchar um nobre nome cristão e desonrar a minha casa com sua presença - disse ela, apertando a mão de Arnulf.

Assim que o cavaleiro partiu, Ortruda foi aos aposentos de Laverdac, sob o pretexto de visitar o doente que não apareceu para a refeição matinal.

Uriel, que doravante vamos chamar pelo verdadeiro nome, estava sentado à mesa lendo um manuscrito que o capelão do castelo lhe entregou. Vendo a preocupação estampada no rosto de Ortruda, levantou-se rapidamente e perguntou o que tinha acontecido.

- O senhor foi reconhecido e se não preparar-se imediatamente para fugir, será preso -respondeu ela, encostando-se sem forças na parede.

O judeu também empalideceu.

- Então, Arnulf me reconheceu? - perguntou ele, após um certo silêncio.

- Sim e também o seu escudeiro, Anselm. Ele só não o desmascarou porque quis dar-me tempo de investigar o motivo de sua vinda, mas se o senhor não ocultar-se ele certamente irá desmascará-lo. Fuja, Uriel! Eu o ajudarei como puder, apesar de correr o perigo mortal de ser acusada de cumplicidade com um judeu.

Reinou um silêncio constrangedor.

- Vou aguardar até amanhã; o deus dos meus antepassados irá me proteger - respondeu o judeu e, vendo o ar de surpresa de Ortruda, acrescentou: - Nada tema e lembre-se que sou o chefe da Irmandade, cujas ramificações englobam todas as sociedades; não é fácil me prender. Para os imbecis, entretanto, tenho documentos que comprovam a identidade que ostento.

Apesar da preocupação, Ortruda teve de concordar com tal decisão. Mal ela saiu, Uriel e Maakha tiveram uma longa conversa.

Após o meio-dia, Arnulf e seu escudeiro entraram num pequeno bosque perto de Reifenstein. Deixando o cavalo andar a passo, Arnulf pensava em como livrar-se do irmão que lhe bloqueava o caminho; ele não se decidia a matá-lo, pois o assassinato aterrorizava-o, mas era preciso afastá-lo com alguma manobra esperta, o que ele merecia inteiramente por sua leviandade.

Eles passavam pelo desfiladeiro quando, de repente, uma flecha vinda de alhures cravou-se na nuca de Arnulf. A morte foi instantânea; o corpo manteve-se por um momento na sela, depois balançou e desabou pesadamente no chão. Anselm, desesperado, acudiu o seu amo, mas nem teve tempo de erguer a vítima quando outra flecha, lançada com idêntica habilidade, cravou-se em suas costas; ele abriu os braços e caiu de bruços sobre o corpo de Arnulf. Os cavalos assustados fugiram a galope pela estrada.

Alguns minutos depois, um homem desceu pelo tronco de uma das gigantescas árvores que cercavam a clareira e aproximou-se dos corpos. Com gestos hábeis, examinou os bolsos dos mortos, pegou suas armas, recortou a bolsa de Arnulf e tirou-lhe a corrente de ouro, a fivela do chapéu e os anéis de ouro.

Durante o dia, os homens que retornavam a Reifenstein encontraram os corpos e levaram-nos ao castelo.

A Condessa Anna ficou desesperada ao ver o filho morto; além disso, a insolência do assassinato e o roubo do cavaleiro a poucos passos do castelo indicavam a aparição de um considerável bando de malfeitores. Assim que passou a primeira explosão da desgraça maternal, ela recobrou a sua habitual sagacidade. Ordenando levar o corpo para a capela, mandou reforçar a guarda do castelo e o capelão, a seu mando, comunicou o ocorrido ao Conde Volfram.

Do filho restou uma fortuna muito significativa. Certamente, o rapaz não prevendo a própria morte não tinha deixado testamento, bem como não havia herdeiros próximos do lado paterno. Os parentes distantes que poderiam reivindicar seus direitos, seriam afastados. A Condessa pedia ao marido para usar de sua influência junto ao Conde de Tirol para que ele lhe entregasse as propriedades que ficaram para Raymond que, na qualidade de único irmão, era o parente mais próximo do falecido.

Capítulo 16

Contamos que com a chegada de Raymond a Jafa, vindo de Jerusalém, ele encontrou o dinheiro que o pai lhe enviou e a carta lacônica ordenando-lhe que retornasse imediatamente. O jovem Conde não desejava outra coisa e a terra palestina queimava-lhe os pés. Desde o momento em que deixou Jerusalém, não mais sentia sobre si o olhar malicioso de Uriel e livrara-se da fogosa paixão de Maakha. Portanto parecia-lhe que o mundo e as esperanças renasciam em sua alma exausta e atormentada. A imagem pura de Eliza novamente o dominara; lembrava com temor a estranha visão mostrada por Uriel, dizendo-lhe que outra pessoa iria ocupar o seu lugar no coração da esposa.

Raymond tinha tanta pressa de chegar em casa que, sem perder tempo, dirigiu-se ao porto. Para sua extrema alegria encontrou uma galera veneziana que partiria em dois dias e decidiu embarcar com todos os seus pertences no dia seguinte. Qual não foi a sua irritação quando soube, ao chegar no cais, que a galera já tinha desaparecido. Depois de muito perguntar, ficou sabendo que uma hora após a sua saída do porto, chegou um rico mercador oriental e alugou toda a galera por um preço fabuloso sob a condição de que a embarcação partisse no mesmo dia à noite e não levasse outros passageiros a bordo. O negócio fora feito e antes do pôr-do-sol a galera lançou-se ao mar.

Raymond teve de retornar à hospedaria para aguardar uma outra oportunidade, que não apareceu tão rapidamente por causa da época do ano imprópria para navegação. Assim, ele teve de ficar em Jafa mais três semanas em ansiosa espera. De qualquer jeito, conseguiu arranjar um lugar numa **feluca**[44] genovesa sem qualquer conforto e extremamente lenta.

Cansado e doente, conseguiu chegar a Genova atrasando-se umas seis semanas e, depois de um pequeno descanso necessário a ele e ao velho Ekgardt, resolveu buscar Eliza em Veneza. Todavia, desistiu da idéia; Eliza

poderia recusar-se a acompanhá-lo depois de ele, mais uma vez, comportar-se mal em relação a ela e até ter cavado um verdadeiro abismo entre eles com seu sacrilégio.

Com o coração pesado, pôs-se a caminho, torturado pela dor de consciência e pela vergonha ao lembrar-se do pai, cuja confiança também traíra.

Quanto mais avançava Raymond, mais detinha sua viagem; a visão dos lugares conhecidos despertavam-lhe amargas lembranças. Ele deixou a casa paterna, puro, inocente, alegre e despreocupado e retornava criminoso, com o corpo e o espírito manchados.

Na estalagem, a duas paradas de distância de Reifenstein, ficou sabendo que por três vezes pessoas e cavalos ficaram ali aguardando-o por vários dias. Também o informaram da morte de Arnulf, que serviu de tema para mexericos numa periferia a cinquenta **milhas**[45].

Raymond ficou estarrecido com aquela notícia. Apesar de nunca ter gostado do irmão, especialmente desde que ousou apaixonar-se por Eliza, o trágico e inesperado fim de Arnulf afogou as pequenas desavenças e a inimizade, lembrando somente os bons momentos. Raymond chorou sinceramente pelo irmão. Ele pensava com tristeza na mãe que devia ter sofrido um terrível abalo com aquela morte. Então, passou a ansiar tanto a volta para casa, o mais rapidamen- te possível, que acabou chegando a Reifenstein na noite do dia seguinte.

Ao ver o velho castelo elevando-se orgulhosamente sobre a rocha e a bandeira na torre, indicando que o pai estava em casa, o coração de Raymond bateu mais forte. Ele se esqueceu de tudo, pensando somente na alegria do encontro e, ainda longe do castelo, soprou o corno.

Sua chamada foi ouvida e entendida; um som de corno respondeu-lhe de cima dos muros. Quando ele atingiu o topo pela serpenteante trilha, a ponte levadiça já estava baixada e Raymond entrou com seu séquito no paço do castelo.

A alegre notícia da chegada do jovem Conde correu instantaneamente pelo castelo; de todos os lugares correram pessoas com tochas e na soleira logo apareceu o próprio Conde Volfram.

Descendo do cavalo, Raymond correu para os braços do pai, que o abraçou fortemente.

- Finalmente você retornou, filho pródigo! Você fez-se esperar tempo demais.

- Ah! Pai, se você soubesse!... - murmurou Raymond.

- Está bem, está bem! A confissão e o arrependimento podem esperar e agora vá correndo abraçar a sua mãe; a pobre coitada sofreu grande perda na sua ausência interrompeu-o o Conde e levou-o até a escada, no topo da qual apareceu a Condessa Anna.

Após os primeiros momentos de alegria, a atmosfera desolada que reinava no castelo voltou a reinar e Raymond passou a ser torturado pelas dores de consciência e lembranças repulsivas. As orgias demoníacas e os loucos sacrilégios, aos quais ele dedicara-se, pareciam-lhe agora monstruosos e nojentos desde o momento em que o radiante e puro olhar do pai examinava-o atentamente e parecia ler o que se passava em sua alma.

Mas a noite passou sem a menor insinuação desconfortável a Raymond. A conversa girou principalmente sobre a morte de Arnulf, as circunstâncias que a acompanharam e as possíveis conseqüências para o jovem Conde.

Raymond soube que o pai havia retornado para casa há pouco mais de uma semana e que, a seu pedido, o Conde de Tirol concordou em reconhecê-lo como o herdeiro de todas as propriedades do irmão, exceto uma parte insignificante que passava para os outros herdeiros. O jovem Conde deveria logo dirigir-se até o seu suserano[46], prestar-lhe um juramento de fidelidade de suas novas propriedades que já o faziam muito rico, mesmo sem contar com a fortuna do pai.

Os assassinos de Arnulf não foram descobertos. Em vão, procuraram por todos os arredores, prenderam e enforcaram muitos vagabundos, mas não conseguiram encontrar o verdadeiro culpado.

Com essa conversa, as horas passaram-se rapidamente e logo Volfram disse que o peregrino precisava descansar. E acompanhando Raymond até o seu quarto, abraçou-o, abençoou-o e foi embora.

Volfram retornou para os seus aposentos sombrio e preocupado e ficou sentado por muito tempo pensando. Não queria constranger o filho com perguntas na primeira noite, mas ficou observando-o bastante e percebeu, horrorizado, a mudança que este sofrera. A cor fresca do rosto foi substituída por uma palidez doentia; o outrora olhar puro e aberto mudou para um febril e inseguro semblante, que apagava-se por vezes, deixando a expressão dos olhos opaca; o sorriso franco tornou-se forçado e malicioso. Volfram

sentia involuntariamente que um furacão destrutivo passara na alma do seu querido filho e fez dele uma outra pessoa. Com um profundo suspiro, o Conde ajoelhou-se no facistol[47], junto ao crucifixo, e numa fervorosa prece pediu ao Pai Celestial que o inspirasse a curar a alma doente de Raymond e a colocá-la no verdadeiro caminho.

O dia seguinte passou rapidamente; por toda a manhã a Condessa manteve Raymond em seu quarto, fazendo-lhe perguntas sobre a viagem, os lugares santos, e admirando os presentes que ele trouxera da Palestina.

Para Raymond conversar com a mãe era fácil. Em seu cego e estreito amor pelo filho, a Condessa Anna nada via além da aparência externa; para ela, a palidez e a magreza de Raymond não eram nada mais do que conseqüência da exaustiva viagem e que iria desaparecer após um bom descanso. Ela não enxergava a alma sofredora.

O resto do dia foi dedicado à distribuição de presentes aos criados do castelo e a recepção de representantes dos vassalos que foram cumprimentar o jovem Conde pelo seu retorno, aos quais Volfram cobriu de generosidades.

Só durante o jantar Raymond lembrou de Greta e surpreendeu-se com a repentina amizade dela com Ortruda. Após a refeição, Volfram despediu-se da esposa um pouco mais calorosamente do que de costume e disse, sorrindo:

- Agora, vou levar comigo o nosso viajante para conversar com ele a sós! Venha, Raymond!

- Estou pronto, pai respondeu ele, pálido.

Raymond sentia que chegara aquele momento fatídico que temia durante o caminho de volta; mas, levantou-se da mesa com ar decidido.

Volfram foi com ele até o seu dormitório e dispensou o criado, dizendo que se despiria sozinho.

- Vamos para o meu oratório. Lá poderemos conversar à vontade, longe de qualquer ouvido indiscreto - disse o Conde, levantando a cortina e acendendo na mesa os maciços candelabros com velas.

O oratório era um quarto semicircular, revestido de um tecido estampado com figuras, mostrando o "Julgamento Final". Além do facistol com o crucifixo, havia ali uma mesa com um evangelho e um livro de orações, cujos desenhos Raymond admirava na infância, uma cadeira dobrável e uma poltrona.

Volfram sentou-se e indicou a cadeira ao filho.

- Venha, meu menino! Vamos conversar como freqüentemente fazíamos na sua infância.

Mas Raymond temia atravessar a soleira do lugar sagrado; o símbolo sagrado que ele profanou assustava-o. Cambaleando como bêbado, ele encostou-se na porta e tapou o rosto com as mãos.

- Raymond? Você não ousa entrar no quarto onde balbuciou a sua primeira oração? Teme ajoelhar-se diante do Divino Sofredor, que perdoou na cruz os seus inimigos? - perguntou o Conde com voz surda.

Raymond ficou calado e calafrios passavam por sua espinha. Naquele instante, a mão do pai repousou em seu ombro.

- Infeliz! Mesmo sem a sua confissão, percebi que a sua alma sofreu uma terrível profanação; seu rosto pálido e o olhar apagado revelaram-me muitas coisas. Mas, implorolhe que me conte toda a verdade. Nenhum juramento pode detê-lo em relação ao seu pai. Será que não fui o seu confessor, a encarnação de sua consciência? Você continua calado? Será que mudou tanto que perdeu até a confiança em mim? - sussurrou Volfram com tal sofrimento na voz que Raymond estremeceu.

- Pai! Não me pergunte sobre o que aconteceu! Se você, um exemplo de honestidade e devoção, soubesse o que aconteceu, me amaldiçoaria e me rejeitaria com desprezo. Sim! Eu pequei contra todas as leis divinas e humanas, mas não exija de mim a confissão! Depois disso só me restará o suicídio!

Naquelas palavras soavam o desespero e uma profunda tristeza. O coração de Volfram apertou-se tristemente.

- Compreendo que você preferiria a morte à consciência da desonra se tivesse de comparecer perante um julgamento mundano ou um severo servidor da igreja. Eu, todavia, estou chamando-o para o julgamento do amor paterno, para o mais complacente dos juízes, movido somente pelo amor e, se o mundo todo o condenar, apenas eu poderia apiedar-me de você e perdoá-lo. Nada tema, meu menino, e conte tudo! Liberte a sua alma do peso que a aflige, trate os seus ferimentos na minha frente para que eu possa encontrar um remédio e curá-los.

Raymond, comovido, caiu de joelhos e com voz intermitente sussurrou:

- Você está certo! Tenho obrigação de revelar-lhe a verdade por mais horrível que ela seja. Não me amaldiçoe, mas livre-me de mim mesmo, se puder!

Volfram levantou o filho, levou-o até a poltrona e quis fazê-lo sentar-se na cadeira, mas Raymond pôs-se de joelhos diante dele. Depois, colocando a cabeça no ombro do pai, começou a contar sobre a sua vida em Jerusalém, sobre como o descuido jogou-o nas mãos do judeu e, por fim, descreveu os inacreditáveis horrores e prazeres que suportara.

Grandes gotas de suor cobriam o rosto pálido do Conde ouvia calado a terrível confissão do filho; somente a resque piração pesada e intermitente revelava a sua emoção.

- Agora, pai, você sabe de tudo! Então, julgue-me como mereço concluiu Raymond com voz surda e abatida.

Em resposta, Volfram puxou-o para perto de si e beijou-o carinhosamente na testa. Esse momento foi terrivelmente difícil para o Conde; ele amava muito o filho, orgulhava-se dele e, à sua maneira, fê-lo um completo cavaleiro e um bom cristão. De repente, um bando de miseráveis errantes, que ele tinha nojo até de empurrar com o pé, arrancara dele o seu único filho, cobrira-o de vergonha, aniquilara-o moralmente, tornando-o escravo de suas manhas. Tal pensamento deixava-o sufocando de ira. Mas esse estado depressivo durou pouco, sua natureza ativa e corajosa venceu e ele readquiriu o habitual sangue-frio.

O Conde, então, endireitou-se e passou carinhosamente a mão na cabeça do filho.

- Não o condeno disse ele num tom normal. - Você foi suficientemente castigado por sua consciência, mas sinto muita pena de você e quero salvá-lo!

- Pai, acha possível salvar um criminoso como eu? Então, posso evitar a eterna condenação?

- Você se esqueceu da parábola do filho pródigo, que cita que as portas da casa do Pai Celestial estão abertas a todos os pecadores? Por que você seria uma exceção? Na sua idade não se deve desesperar. Você tornou-se um "luciferiano" não por convicção, mas por pusilanimidade! Você pode romper definitivamente com o passado criminoso e começar vida nova.

- Juro-lhe, pai, esse é o meu desejo mais sincero!

- Com isso você já está dando o seu primeiro passo para a salvação e é preciso apenas continuar assim! A prece e o arrependimento trar-lhe-ão o perdão de Deus, enquanto Vart, a meu pedido, o purificará do feitiço que o contaminou. Mas, sobre como livrá-lo do poder daquele bando, será preciso

pensar mais concretamente. Esses miseráveis devem ter cúmplices por aqui e começarão a vigiá-lo. Mas, para realmente poder ajudá-lo, devo saber de tudo o que acontece; prometa-me que não vai ocultar nada de mim e informar-me sobre o mais ínfimo acontecimento.

- Eu prometo, pai!

- Está bem, isso deve bastar! Agora, chega dessa história. Vamos até o crucifixo e oremos juntos como o fizemos tantas vezes na sua infância. Tenho uma inabalável fé que Deus irá nos iluminar, nos apoiar e devolver a paz à sua alma.

Raymond, comovido, ajoelhou-se ao lado do pai e, pela primeira vez depois dos terríveis dias em Jerusalém, a ardente e resignada prece jorrou de sua alma dilacerada. Quando ele se levantou, a fé e a esperança retornaram-lhe e, junto com elas, o alívio que há muito tempo não sentia.

Eles passaram para o dormitório do Conde e Raymond, um pouco mais tranqüilo, disse repentinamente:

- Pai, ainda não lhe falei os detalhes de minha reconciliação com Eliza.

- O seu comportamento após essa reconciliação não parecia com o de um marido reconciliado com a esposa. Mas, de qualquer forma, conte-me o que aconteceu entre vocês.

Raymond contou-lhe tudo francamente, sem justificar-se, incluindo a sua ligação com Beatrice e o que aconteceu antes de sua partida.

- Reconheço que a pobre Eliza precisará perdoar-lhe muito mais molecagens do que uma outra mulher em vinte anos de vida conjugal. Se ela também desconsiderar essas últimas ofensas, então, vai se transformar num verdadeiro anjo de paciência e bondade - observou Volfram com desaprovação.

- Por isso é que de agora em diante serei um marido exemplar. Para Eliza, o mais sensato seria ser indulgente comigo, pois jamais vou devolver-lhe a liberdade; ela é fascinante, eu a adoro e quero que seja minha. Depois dessa minha confissão com o senhor, fiquei mais tranquilo e vou a Veneza para trazê-la comigo - decidiu Raymond.

Volfram começou a enrolar o bigode e soltou uma série de "hum-hum".

- Você não precisa ir tão longe para buscar sua esposa. Eliza está morando em Zapnenstein. Agora, a questão é se ela vai querer recebê-lo como marido!

Raymond pulou como se tivesse levado uma mordida.

- Eliza está em Zapnenstein? Como foi parar lá e com quem, com Vart ou Faleri?

- Nenhum deles! Ainda não a vi e não sei o que a levou a deixar Veneza.

- Mas, como soube que ela está aqui? Talvez seja apenas um boato!

- Não, é verdade. Eu fiquei ausente alguns meses, retornei faz pouco tempo e por isso não sabia que há mais de um mês Eliza chegou aqui na companhia do pai, o comandante Finsterbach e um outro templário. Por causa do incêndio do posto de comando mais próximo, ambos os cavaleiros instalaram-se temporariamente no castelo.

- Nesse caso, amanhã mesmo vou me reconciliar com minha esposa e trago-a para cá durante o tempo de estada dos templários em Zapnenstein.

- Não tenha tanta pressa, pois pode ser mal recebido. Ouça como eu soube de sua esposa. Uns dois dias antes de sua chegada precisei ir a negócios a Bricsen. Na entrada da cidade encontrei alguns cavaleiros e, para minha grande surpresa, reconheci no chefe deles Ervin Finsterbach. Ele também me reconheceu e trocamos um aperto de mão. A meu pedido Ervin retornou à cidade, onde conversamos na hospedaria. Foi Finsterbach quem me falou sobre a chegada de Eliza, mas, por falta de tempo, não contou todos os detaIhes. Mas, o que me disse sobre a maneira como a Condessa refere-se a você, não me deixou muito contente. A amizade de Ervin por mim não mudou e, como homem, ele é bem mais condescendente com as suas aventuras. Entretanto, confessou francamente que Eliza está a tal ponto ofendida com você, que declarou a firme decisão de romper os insuportáveis laços com o homem que ela não tem condições nem de amar e nem de respeitar. Em função disso, Finsterbach apelou para os meus sentimentos de cavaleiro e prometi que, se a Condessa não mudar de opinião, usarei de toda a minha influência para fazer você conceder-lhe o divórcio.

- Ai, pai! Para que foi prometer isso? Estou lhe dizendo que nunca vou dar liberdade a Eliza. Apesar de todas as minhas ilusões, eu a amo sincera e profundamente e conto com o apoio da minha eleita, que é igualmente maravilhosa de corpo e de alma, para começar uma nova vida disse Raymond num tom de tristeza.

- Fico feliz em ver que você faz justiça às qualidades de sua esposa, mas, infelizmente, chegou muito tarde a essa conclusão - suspirou Volfram. - A questão é: seria esse mal irreparável? Você, naturalmente, pode obrigar Eliza a viver consigo, mas isso vai levar a quê? Ela não é uma mulher como

a sua mãe para desabafar a própria insatisfação com gritos e cenas agitadas. Vai-lhe criar um verdadeiro inferno com um frio desprezo e indiferença, que demonstrará abertamente. Leve em consideração esses argumentos e raciocine se não será melhor uma separação.

- Não, nunca! Jamais me fale de separação, pai! Vou amanhã mesmo a Zapnenstein e tentarei fazer as pazes. Estou morrendo de vontade de me reconciliar!

- Se quiser ouvir o meu conselho não vá sozinho e não insista! Você diz que morre de vontade de se reconciliar. Mas, realmente se acha digno no presente momento de ser o marido de uma jovem e pura mulher e exigir o seu amor?

Raymond empalideceu e abaixou a cabeça.

- Quero de todo coração conservar para você o tesouro que até então pouco valorizou - prosseguiu o Conde num tom mais ameno mas para obter êxito é preciso usar da docilidade e do convencimento e não da força. Vou pessoalmente a Zapnenstein, verei Eliza e tentarei acalmar a sua justa ira. Vou informá-la de sua chegada e, se possível, conseguirei a autorização dela para você ir lá e discutir a vida futura. Contudo, não irei lá antes de uns três a quatro dias, pois quero que Finsterbach esteja presente durante a conversa que terei com ela e sei que ele viajou a negócios.

Raymond emocionado, concordou com a decisão do pai. O medo de que a ira de Eliza tivesse origem no amor por uma outra pessoa, torturava-o.

Os dias marcados por Volfram seguiram-se de forma triste e lenta. Finalmente, chegou o quarto dia. Os cavalos selados aguardavam no paço e o Conde terminava de almoçar com a esposa e o filho quando o som do corno anunciou a chegada de um visitante.

Raymond pulou, irritado com a chegada de uma visita inesperada. Mas, para sua surpresa, viu pela janela um simples cavalariço com o uniforme dos Finsterbach que irrompeu no paço a galope num cavalo coberto de espuma.

Após alguns minutos, o mensageiro confuso entregou a carta de Ortruda para a Condessa Anna e esta cortou apressadamente o fio de seda que a amarrava. Mas, mal ela leu as primeiras linhas, quando soltou um grito surdo e caiu sem sentido na poltrona.

Capitulo 17

Vamos agora ver o que aconteceu no castelo Finsterbach no dia seguinte à partida de Arnulf.

Muito agitada e cheia de raiva contida, Ortruda esperava que o judeu e a irmã deixassem o castelo. Ela não admitia a idéia de Uriel insistir em ficar em sua casa, mesmo sob ameaça de prisão, o que naqueles tempos era equivalente à condenação à morte e torturas. Por isso, ficou completamen- te estarrecida quando Uriel lhe disse, com um sorriso maroto, que o Barão Laverdac poderia agora aproveitar tranqüilamente da sua amável hospitalidade.

Quando, alguns dias depois, Ortruda ficou sabendo como Uriel tinha afastado o perigo que o ameaçava, foi tomada de verdadeiro horror e arrependeu-se amargamente de ter se entregado ao poder do bando de assassinos e apóstatas que acolheu sob o seu teto.

Greta não ficou muito impressionada com a notícia da morte do cavaleiro Ried. Ela jamais gostou de Arnulf, mas lembrava-se bem da sua negativa de casar-se com ela. Quando soube que as posses do falecido deveriam aumentar a fortuna de Raymond, ela considerou aquela morte como um justo castigo e sentiu uma certa satisfação cheia de ódio.

Mas, a notícia da chegada de Eliza ao país provocou na alma de Greta um verdadeiro furor. Ela passou a suspeitar que a moça chegara com o objetivo de unir-se a Raymond, cujo retorno era aguardado a qualquer momento como lhe escrevia a Condessa Anna.

Greta decidiu imediatamente impedir qualquer acordo entre o jovem casal, mesmo que para isso fosse necessário soltar sobre eles todos os demônios do inferno. Não era por acaso que ela imaginava-se uma maga e não se detinha por nenhuma dor de consciência. Mesmo assim, ela admitia

que Misael era um mago mais poderoso e pediu a Ortruda que a informasse assim que ele chegasse ao subterrâneo.

Greta aguardava com febril impaciência aquele encontro. Cada dia que passava parecia-lhe um novo perigo para os seus planos de futuro e Eliza provocava-lhe um ódio tão selvagem, que ela não vacilaria em matá-la.

Finalmente, certa tarde Ortruda informou-lhe que naquela noite Misael iria chegar e ela poderia falar com ele à vontade.

Quando chegou a noite e todo o castelo adormeceu, as duas mulheres, tomando as habituais precauções, desceram para o subterrâneo onde o judeu já as esperava.

Ortruda conversou com ele primeiro a sós e depois disse, afastando-se:

- Agora, Greta, deixo-a a sós com o mestre! Revele-lhe tudo o que a atormenta já há alguns dias. Ficando sozinha com Misael, Greta contou-lhe abertamente o quanto a incomodava a chegada de Eliza. Pediu-lhe que indicasse um modo de separar o jovem casal ou que ele mesmo trouxesse Raymond aos seus pés.

Misael pensou um pouco e disse amavelmente:

- Nobre Greta, a senhorita mesma irá acionar os encantamentos que acorrentarão para sempre a você o coração do infiel. Quanto à chegada de Eliza, isso não devia entristecê-la mas alegrá-la, pois, separada do poderoso feiticeiro que a protegia, ela torna-se um obstáculo facilmente removível. Agora, posso afirmar-lhe tranquilamente que em dois meses a coroa dos condes Reifenstein repousará sobre os seus dourados cabelos.

Três dias depois, ela soube que Raymond tinha chegado no castelo Reifenstein. Essa novidade trouxe-lhe Misael, que acrescentou:

- Chegou o momento, nobre Greta, em que poderei cumprir minha promessa: dar-lhe o jovem Conde Reifenstein como marido. A senhorita deve ter suficiente confiança para submeter-se a todas as condições que exige essa cerimônia mágica, cuja importância e dificuldade você entende, pois no momento em que eu colocar a sua mão na mão de Raymond e ele colocar em seu dedo a aliança, Eliza morrerá de ataque do coração. Assim, o obstáculo que os separa estará destruído para sempre.

Greta ouvia-o tremendo com todo o corpo; suas faces queimavam, os olhos faiscavam.

- Eu acredito no senhor, Misael, como no próprio Deus! Conheço tanto o seu poder e nobreza que submeto-me cegamente a tudo que prescrever.

Nem é preciso dizer que a minha gratidão será digna do grande favor que irá me prestar.

O judeu fez-lhe uma profunda reverência.

- Sei que a sua generosidade é equivalente à sua beleza e sabedoria - disse ele com um sorriso, cujo duplo sentido Greta não percebeu em sua excitação. - Mas agora - prosseguiu ele - permita-me contar-lhe os detalhes do ritual mágico. Antes de tudo, a senhorita precisará deixar o castelo. Eu mesmo vou conduzi-la à minha casa pela passagem que uso para chegar aqui. O senhor Raymond também irá lá. Em casa, no santuário que já conhece, vamos realizar uma parte do rito matrimonial, mais exatamente aquela que é necessária para uni-la para sempre ao senhor Raymond e romper os laços que o ligam a Eliza. Eu já disse que por causa desse encantamento Eliza morrerá. Quando passar o prazo legal do luto para o Conde e as normas de decência da sociedade o permitirem, vocês festejarão o seu casamento com a pompa que lhes aprouver. Essa cerimônia realizar-se-á na noite de quinta-feira. Antes disso, a senhorita deve lavar-se com água pura e vestir-se de branco. Além disso, deverá trazer consigo o seu traje de dormir, nos quais retornará para casa. A senhorita está bastante familiarizada com as regras da magia e deve saber que esse caso deve ser mantido no mais absoluto segredo e ninguém, além da Baronesa Ortruda, pode ficar sabendo que a senhorita vai se ausentar. Estarei aguardando-a aqui às nove horas da noite, linda noiva do Conde Reifenstein! Ah! Quase ia me esquecendo uma coisa importante: a senhorita tem alguma relíquia sagrada?

- Tenho uma partícula de ládano trazida de Roma.

- Perfeito! Traga-a junto consigo.

Quando Ortruda soube que Greta iria sair do castelo junto com o judeu, ficou muito assustada e tentou dissuadi-la daquela arriscada aventura, mas Greta apenas riu e disse que confiava inteiramente em Misael e que, depois, a presença de Raymond garantiria a sua segurança. Ortruda não ousou insistir. Ela encontrava-se sob o domínio do bando demoníaco e não podia contrariá-los abertamente.

Na quinta feira, à tarde, Greta fingiu que queria dormir e foi deitar-se cedo. Assim que Marta, a quem serviram um copo de vinho, adormeceu, a moça levantou-se, vestiu um rico vestido de brocado, costurado para o seu suposto casamento, colocou algumas jóias e pendurou no pescoço o ládano sagrado. Em seguida, embrulhou o seu traje de dormir, enrolou-se numa

capa escura, pôs o capuz na cabeça e desceu para o subterrâneo. Misael já a aguardava. Ele também estava de capuz e capa preta, sob a qual levava uma lanterna.

Ambos, como uma sombra, passaram por alguns quartos e por um longo corredor que terminava numa escadaria que levava para um segundo corredor que, por sua vez, conduzia a uma brecha na rocha, oculta pela sombra de árvores seculares. Essa passagem estava tão bem disfarçada que era impossível ser localizada por pessoa que não soubesse de sua existência. A alguns passos dali, um homem segurava pela rédea dois cavalos selados.

Misael montou um dos cavalos, colocou Greta na garupa e, apesar da escuridão, disparou a toda velocidade. O homem que segurara os cavalos galopou atrás dele. Meia hora depois eles pararam, apearam dos cavalos e novamen- te entraram num labirinto subterrâneo um pouco menor que o primeiro. Depois, subiram uma escada. A porta abriu-se silenciosamente e Greta viu-se num pequeno quarto luxuosamente mobiliado à maneira oriental e iluminado por uma lâmpada de prata.

- Descanse aqui e aguarde até eu vir buscá-la - disse Misael, tirando a capa da moça e indicando-lhe o monte de almofadas que serviam de divã.

Com o coração disparando e tremendo por um medo que ela própria não sabia explicar, Greta sentou-se e ficou aguardando impacientemente a chegada de Raymond. Enfim, ela estava conseguindo alcançar o ápice de seus desejos. Dali a uma hora, no máximo, Eliza morreria e ela, Greta, tornar-se-ia a Condessa Reifenstein.

Apesar da alegria e do sentimento de triunfo que lhe trazia a realização de seus sonhos, uma certa intranquilidade e uma crescente tristeza enchiam a sua alma. Esse estado nervoso atingiu o seu apogeu quando entrou Misael.

- Vamos, linda noiva! O seu noivo a aguarda disse ele com um sorriso. Onde está o seu talismã sagrado?

Greta apontou-lhe o medalhão e levantou-se apressadamente. Naquele instante, todos os maus presságios que a incomodavam foram esquecidos. Agora ela iria ver Raymond! O que tinha a temer?

Misael pegou a moça pela mão e levou-a por um corredor que parecia sem saída de tão habilmente estava oculta a porta numa de suas paredes. O quarto onde eles entraram tinha a aparência de uma gruta com paredes de pedra e um teto baixo e abobadado. Uma série de grossas colunas seguiam de ambos os lados.

No centro desse quarto havia uma enorme pedra na forma de uma taça fixada sobre um pé[48], algumas lâmpadas penduradas em correntes de ferro iluminavam o lúgubre lugar, cortinas escuras entre as colunas e um grupo de doze homens parados junto à pedra, cujos olhares malignos estavam dirigidos para Greta.

Esta última estancou indecisa e ficou terrivelmente pálida. Viu imediatamente que Raymond não estava lá. Em compensação, no grupo de judeus ela reconheceu o Barão Melquior Laverdac vestindo um longo traje oriental. O que poderia significar a presença ali de um cavaleiro cristão e vestindo aquele estranho traje? Não teria sido ele convidado como testemunha da parte de Raymond? Todos esses pensamentos passaram como um furacão pela mente de Greta, mas não lhe deram tempo para pensar.

- Irmãos! Trago-vos a noiva, uma valiosa oferenda ao nosso Senhor - disse Misael, empurrando Greta em direção à pedra.

A moça foi repentinamente tomada de horror. Ela jogou-se para trás e tentou resistir.

- Onde está Raymond? Solte-me! Quero sair daqui! - gritava ela, debatendo-se.

- A senhorita vai vê-lo assim que deitar-se nesse leito nupcial que lhe preparamos - respondeu Misael com um riso selvagem.

Ele deixou de fingir, pois não precisava mais mentir agora que a vítima estava em seu poder.

Como um bando de aves de rapina, os judeus caíram sobre a infeliz Margarita. Apesar da desesperada resistência, ela foi levantada como uma pluma e colocada sobre a mesa de pedra. Uma parte dos homens segurava-a enquanto Misael agarrou-a pelos longos cabelos, enrolou-os na mão desnudando completamente o pescoço da moça e jogando a sua cabeça na borda da taça. No mesmo instante, Uriel tirou de dentro de sua roupa um longo e brilhante estilete e fez um largo corte no pescoço de Greta.

O grito rouco morreu na garganta de Greta enquanto o sangue que jorrou da ferida cobriu de respingos os presentes.

O corpo da jovem foi imediatamente colocado de forma tal que o sangue escorresse para um grande recipiente de vidro, especialmente preparado para aquele fim. Tremendo com todo o corpo, com o rosto

distorcido de canibais, os presentes observavam como o líquido vermelho e fumegante enchia cada vez mais o recipiente[49].

Uma hora mais tarde, o corpo de Greta, que tornou-se tão branco como uma estátua de alabastro, entregou a última gota de sangue. Então, todos deixaram o corpo da falecida e ocuparam-se do valioso líquido. O sangue foi despejado em frascos que foram cuidadosamente lacrados.

Os judeus, aos poucos, chegaram a um verdadeiro êxtase. O cheiro de sangue embriagava-os. Seus rostos estavam desfigurados; os olhos injetados de sangue. Emitindo rugidos surdos e gritos de alegria selvagem, eles consumiam avidamente as gotas púrpura que ficaram nas bordas e no fundo da taça de pedra. Os outros, jogando-se no chão, lambiam os respingos que tinham caído nas lajotas de pedra. É impossível transmitir todo o horror daquela cena asquerosa, o eco do distante e monstruoso culto de Astartéia[50] e Moloch[51], deuses sanguinários dos fenícios, que exigiam o sangue de crianças e de moças.

Uriel, que dirigia a cerimônia, parecia particularmente satisfeito e animado. Seus olhos faiscavam. Com as mãos ainda ensangüentadas, subiu na pedra que servia de altar e, colocando o pé sobre o corpo imóvel da infeliz Margarita, bradou:

Ouçam-me, irmãos, representantes de nossas comunidades espalhadas entre os malditos góis como flores que, isoladas, crescem, florescem e perfumam, perdidas entre raízes e joio! Como representante da grande comunidade de Jerusalém, acredito que não poderia escolher momento mais apropriado para transmitir-lhes conselhos e aprovação dos anciãos do nosso povo do que aquele em que sacrificamos ao nosso deus uma vítima mais agradável do que as mais caras fragrâncias. Eu piso em todos os góis do mundo na pessoa dessa moça que acabou de dar o seu sangue como os góis que devem entregar-nos tudo que lhes é caro: sua vida e seu ouro. Vocês sabem que uma vez a cada cem anos os eleitos de Israel têm obrigação de reunir-se junto ao túmulo do Grande Mestre Kaleb[52], o santo rabino Simão ben-legud, para prestar contas do que foi feito contra as perseguições e discutir os caminhos a seguir para atingir o único objetivo que perseguimos: reinar sobre toda a Terra como foi prome- tido ao nosso pai Abraão[53].

Nesse ano, meu pai esteve presente a essa importante e secreta reunião. Ele me incumbiu de transmitir-lhes o seguinte: fiquem firmes e não percam a

coragem! Apesar de todas as perseguições e da terrível escravidão que suportamos, o futuro do mundo nos pertence e também todo o poder, que entregarão em nossas mãos os erros, as fraquezas e as desavenças dos nossos inimigos-cristãos. Eles são em grande número e têm do lado deles a força; mas nós venceremos pela esperteza, pela paciência e pela previdência. Não foi à toa que Jeová deu ao seu povo eleito a vitalidade e a resistência da cobra, a esperteza da raposa, a visão do falcão e a memória de um cão. Estamos espalhados por toda a Terra, porque toda ela deve nos pertencer. Chegará o tempo em que penetraremos nas fileiras desunidas dos góis como água que se infiltra nas menores frestas da rocha e acaba destruindo-a. Em nossas mãos se acumulará todo o ouro do mundo e, junto com este, o poder supremo. Não esqueçam também que enquanto bebemos o sangue dos nossos inimigos, reinamos sobre eles!

Depois do discurso de Uriel, seguiu-se uma série de conselhos, ordens e indicações de como aplicar na prática as medidas que deveriam, em tempos mais ou menos próximos, submeter todo o mundo aos filhos de Israel.

As palavras do luciferiano provocaram em todos os presentes um entusiasmo fanático. Exclamações, gritos, ameaças e maldições endereçadas aos góis juntaram-se num ribombar geral. Tal excitação, sem dúvida, não ter-se-ia dissipado rapidamente não fosse a intromissão de Misael, que manteve o sangue-frio mais do que os outros.

- Irmãos, vocês se esquecem que até o amanhecer o corpo dessa mulher deve estar longe daqui e que é preciso destruir todos os sinais do nosso sacrifício, pois do contrário todos poderemos morrer. Podemos falar e discutir mais tarde, mas agora é preciso agir.

Ficando sóbrios, como pelo toque de uma varinha de condão, os judeus começaram imediatamente o seu sinistro trabalho. Tiraram detrás da cortina um banco de pedra e alguns baldes de água. Num instante, Greta foi despida, colocada no banco e dela foram lavados todos os vestígios de sangue. Enxugando cuidadosamente o corpo, Uriel colocou sobre o ferimento uma pomada incolor que emitia um forte aroma. Sob a ação da pomada as bordas do ferimento quase imediatamente perderam a aparência de corte recente. Uriel amarrou um lenço no pescoço da falecida e, em seguida, vestiram-na em suas roupas de dormir. O cadáver foi enrolado numa larga capa preta e três homens levaram-no pelo mesmo caminho pelo qual passou Greta duas horas antes, viva e cheia de esperanças.

Uriel, Misael e dois outros judeus chegaram sem problemas ao subterrâneo do castelo Finsterbach. Era muito difícil carregar o cadáver pelas infinitas passagens e subir as escadas com ele. Os luciferianos ofegavam e cobriam-se de suor, mas continuavam andando sem parar. Um suspiro de alívio escapou-lhes quando depositaram o corpo junto à porta que levava aos quartos habitados.

Naquele local, eles descansaram e tomaram fôlego. O caminho restante era o mais perigoso e exigia grande velocidade, precaução e agilidade.

Enquanto três dos companheiros encostados na parede enxugavam o suor que corria-lhes pelo rosto, Uriel inclinou-se sobre o cadáver e desamarrou o lenço que apertava o pescoço deste. O terrível ferimento estava fechado pela metade e tinha a aparência de uma velha cicatriz quase fechada que abriu-se graças a um golpe ou outro acaso qualquer.

Examinando com profunda jactância aquela milagrosa metamorfose, o judeu levantou-se e disse:

- Vamos em frente, irmãos! Já é tempo de concluirmos esta perigosa expedição.

Os três homens levantaram a sua carga. Sob a direção de Uriel, que abriu-lhes uma porta secreta e indicou-lhes o caminho, eles deslizaram como sombras na direção do quarto de Greta.

As circunstâncias favoreciam os malfeitores. Nenhuma tábua do chão rangeu sob seus pés descalços, eles não esbarraram em nenhum móvel e o quarto de Margarita estava fracamente iluminado por uma luz noturna.

Eles, então, colocaram o corpo na grande cama com colunas. O cobertor ainda estava afastado do jeito que Greta o deixara quando levantou da cama para vestir-se e seguir o seu destino fatídico. Agora, cobriram-na com o cobertor e deram-lhe a forma de uma pessoa dormindo. Em seguida, os assassinos alcançaram rapidamente a porta e, como espíritos do mal, desapareceram na penumbra do dia que começava a raiar.

Só Uriel tomou outro caminho e dirigiu-se à torre, onde ficava o quarto do cavaleiro Melquior. Junto à passagem secreta, ele trocou o seu traje oriental pelo camisolão de seda. Quinze minutos mais tarde, ele dormia o sono dos justos no lugar que parecia nunca ter deixado.

Ortruda dormiu muito mal naquela noite, tanto que duas das criadas tiveram de fazer plantão perto dela. Por fim, a Baronesa mandou chamar o

capelão para este dar-lhe gotas calmantes contra a terrível dor de cabeça que sentia, mas proibiu terminantemente incomodar qualquer outra pessoa.

Antes do amanhecer, Ortruda sentiu-se melhor, mandou todos irem dormir e adormeceu também. Foi despertada pela primeira criada que, pálida e tremendo com todo o corpo, entrou correndo no quarto.

- Nobre dama! Desculpe-me por acordá-la! Aconteceu uma terrível desgraça! Marta afirma que encontrou a jovem senhorita morta no leito.

Ortruda deu um salto como se tivesse levado um choque elétrico e ficou terrivelmente pálida.

- Você está delirando, Ágata! Ainda ontem Greta estava completamente saudável.

- Sim, mas agora ela está morta e parece que já esfriou.

Desolada e trêmula, Ortruda pulou da cama, vestiu-se apressadamente e foi quase correndo para o quarto de Margarita. Os quartos que precediam o dormitório já estavam apinhados de gente. Em todos os rostos refletia-se o horror. De longe, cobrindo o rumor da multidão, ouviam-se gritos e choro de Marta.

Ao ver a Baronesa, a multidão abriu-se e deixou-a passar. Cambaleando e mal mantendo-se de pé, Ortruda aproximou-se da cama junto à qual Marta estava ajoelhada. Atrás dela via-se um grupo de mulheres chorando, o velho castelão e o capelão do castelo.

- Não me diga que é verdade! Será possível que ela morreu? - balbuciou Ortruda, olhando aterrorizada para o rosto de Margarita, branco como o travesseiro sobre o qual repousava.

- Sim, nobre dama, a pobre criança está realmente morta. Seu corpo já está enregelado. Mas essa morte é um estranho mistério. A infeliz Margarita tem um ferimento no pescoço e eu já mandei chamar o cura, senhor Gubert, que chegou tão a propósito no castelo para trocar o curativo do braço quebrado de Andrei - respondeu o capelão, segurando Ortruda, que mal se mantinha de pé.

Alguns minutos mais tarde, chegou o cirurgião, um velho alto e magro, vestido de preto. Ele ordenou a todas as pessoas que saíssem do quarto e, depois, ajudado pelo capelão, examinou minuciosamente o corpo.

- Realmente, não consigo entender esse estranho caso disse ele, por fim, endireitando-se. Nas veias do cadáver não há nenhuma gota de sangue e se este tivesse saído pelo ferimento teria manchado toda a cama e uma parte do

piso. Além disso, o ferimento no pescoço é antigo, já fechado e se abriu por acaso.

- Mas ela não tinha nenhum ferimento! Ela foi morta esta noite gritou Marta, fora de si.

- Se isso é um crime, então jamais encontrei um tão inexplicável. A senhorita saiu à noite do castelo?

- Senhor Gubert, como pode fazer semelhante pergunta? - contestou Marta, tremendo de indignação. - Uma nobre senhorita, que nem de dia saía do castelo sem guardas, como poderia fugir à noite para Deus sabe onde e, depois, de modo tal que ninguém soubesse nem visse? Eis a capa dela! Está pendurada do jeito que a coloquei depois do passeio. E lá, sobre o banco, estão colocadas as roupas que ela tirou quando foi dormir. Eu mesma dormi ao seu lado e não ouvi a senhorita virar-se. Oh! Os assassinos penetraram aqui e...

As lágrimas impediram a velha de falar, mas dominando-se rapidamente, ela prosseguiu:

- Hoje, pela manhã, fiquei surpresa da pobrezinha demorar a me chamar, pois ela sempre levantava bem cedo. Entrei sem fazer ruído e aproximei-me da cama. Sob a penumbra do amanhecer me pareceu que ela dormia tranquilamente. Então saí. Passou-se mais uma hora. Então, decidi que estava na hora de acordá-la. Entrei novamente e peguei na mão dela; mas a mão estava fria como gelo. Daí me assustei e chamei ajuda.

O cirurgião e o capelão trocaram olhares preocupados. O crime estava claro, mas o mistério que cercava a morte de Margarita Ramets ficava a cada minuto mais impenetrável.

- Nobre dama! - disse o padre, após um instante de reflexão. - É preciso comunicar às autoridades sobre esse acontecimento extraordinário. Se a senhora me permitir, mandarei imediatamente um mensageiro a Bricsen e pedirei ao juiz principal para vir aqui e fazer uma investigação no local.

- Naturalmente, padre Hilário, faça o que for preciso. O senhor tem completa liberdade de ordenar o que for necessário, pois não me sinto capaz de agir. A morte dessa pobre criança, que eu amava como a uma filha, me atingiu no coração - respondeu Ortruda, saindo do quarto com as pernas trêmulas.

Num dos quartos vizinhos, Ortruda encontrou Laverdac e sua irmã. Ambos, estavam visivelmente emocionados. Madalena toda em lágrimas

pediu permissão para olhar a pobre Greta; Melquior ofereceu o braço a Ortruda para acompanhá-la, pois ela estava a ponto de desmaiar.

Chegando no seu dormitório, Ortruda caiu sem forças na poltrona. O seu acompanhante colocou amavelmente um banquinho debaixo de seus pés e trouxe-lhe uma almofada de seda. Ao mesmo tempo, lançou um olhar atento no quarto contiguo, onde geralmente ficavam as criadas de plantão. O quarto estava vazio. Todas as mulheres correram para ver a defunta, que fora levada para a grande sala, onde o capelão reuniu todos os habitantes do castelo para fazer um inquérito preliminar e anotar as respostas no protocolo.

Convencendo-se de que estavam completamente sós, Uriel aproximou-se rapidamente da poltrona e tocou levemente a mão de Ortruda, que estava sentada de olhos fechados. Ela estremeceu e endireitou-se imediatamente.

Ela olhava com ostensivo horror para o judeu, cujo olhar duro e penetrante estava dirigido para ela com uma expressão zombeteira. Ela não tinha dúvidas quanto aos culpados pela morte de Greta e parecia-lhe que os longos e brancos braços do judeu ainda estavam manchados com o inocente sangue de sua vítima.

- O que fizeram com Margarita? - murmurou ela, e um tremor involuntário de horror e asco passou pelo seu corpo.

Um sorriso maldoso deslizou pelos lábios de Uriel.

- Ela foi vítima de uma fatalidade. A senhora sabe que a nobre Margarita estudava a maldita ciência e pretendia matar a Condessa Eliza. Mas, ela pronunciou o encantamento de forma incorreta e o vampiro caiu sobre ela e a sufocou. Às vezes, acontece que a pessoa cai na cova que cavou para alguém - disse Uriel baixinho.

Em seguida, acrescentou, dirigindo a Ortruda um olhar severo e ameaçador:

- A nobre dama tem alguma outra opinião? Ou talvez Margarita comunicou-lhe algum plano especial referente à noite que lhe foi fatal?

Ortruda estremeceu. Parecia-lhe já estar sentindo no corpo o frio aço do estilete.

- Não! Margarita não me disse nada e eu pouco me interesso pela noite - respondeu ela com voz surda.

- A senhora age com inteligência! A curiosidade, às vezes, é muito prejudicial - observou Uriel.

Em seguida, tirou do bolso um pequeno embrulho e colocou-o no colo de Ortruda.

- Guarde isso! Aqui estão embrulhadas algumas jóias perdidas pela falecida. Tente colocá-las no porta-jóias antes da chegada do juiz disse ele com um olhar significativo.

Ficando só, Ortruda guardou no bolso o embrulho e colocou as mãos na cabeça. Parecia que em seu pescoço já tinham colocado o nó que poderiam apertar à sua menor desobediência.

Naquele instante, foi dominada por um terrível desespero misturado a uma tristeza mortal. O que ela foi fazer? Que tipo de senhores ela escolheu para si? Apesar da própria devassidão, apesar das criminosas aventuras, às quais era levada pelas paixões, a série de assassinatos e crimes de que ela tornara-se cúmplice horrorizavam-na. Todas as fibras do seu ser estremeciam com o pensamento de que por sua culpa o sangue cristão de uma mulher servira para o asqueroso culto dos judeus. Além disso, que garantia tinha ela de que um acaso fatal não revelaria a sua cumplicidade? Só a permanência dos judeus no castelo já era um eterno perigo para ela. Alguma outra pessoa, como Arnulf, poderia reconhecer Uriel. Mas, como resistir, como livrar-se daquele vergonhoso jugo?

Instantes depois, ela levantou-se com aparência sombria, mas decidida a cumprir a ordem recebida. Por mais sombrio e ameaçador que fosse o seu futuro, não podia recuar e devia desempenhar até o fim o seu papel de "servidora do mal" que escolhera voluntariamente.

Fim do Livro 1

Notas

[←1]

Prefacio

Arianismo - Doutrina de Ário, famoso herético de Alexandria (280-336), segundo a qual era Cristo uma criatura de natureza intermediária entre a divindade e a humanidade.

[←2]

Herético (ou erege) - Pessoa que professa doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja como sendo matéria de fé.

Capitulo 01

[←3]

Tirol - Província pertencente hoje à Áustria, faz fronteira ao norte com a Alemanha, ao sul com a Itália e a oeste com a Suíça. Fica na região alpina, cortada pelo Rio Inn e famosa pela beleza idílica. Sua capital é Innsbruck. A história desta província é um tanto complicada. Durante o século XIV, o norte do Tirol, a príncipio dividido em pequenos condados, foi unido e cedido à Áustria. Na época desta narrativa, a parte sul era governada pelos bispados de Briesen e Trento. Mais tarde, no início do século XIX, foi cedida à Áustria em decorrência de um tratado entre a França e a própria Áustria. Em 1810, Napoleão anexou o sul do Tirol à Itália, mas em 1815 ambas as partes foram devolvidas novamente à Áustria através do Congresso de Viena. Em 1919, o sul do Tirol foi incorporado definitivamente à Itália.

[←4]

Ordem dos Templários - Foi fundada em 1119, em Jerusalém, por Hugues de Payns; teve originariamente o nome de "Pobres Cavaleiros do Cristo" e destinou-se a policiar a Terra Santa (Palestina). Balduíno II, Rei de Jerusalém, instalou os cavaleiros num palácio vizinho ao antigo Templo de Salomão, daí provindo seu novo nome.

[←5]

Maine - Antiga província situada ao noroeste francês e ao sul da Normandia. Passou definitivamente à coroa francesa em 1584 com a morte do Duque de Alencon. Le Mans, sua capital, é um importante centro industrial e comercial.

[←6]

Chipre - Ilha situada no leste do Mar Mediterrâneo a 60 km ao sul da Turquia e a 100 km a oeste da Síria. Hoje, República do Chipre, cuja capital é a Nicosia.

Capitulo 03

[←7]

Corno de caça - Trompa, corneta ou buzina rudimentar de uso pastoril.

[←8]

Ticiano (1487-1576) - Tiziano Vecellio, o maior e mais bem-sucedido pintor da escola veneziana. Teve como patronos o Papa e os reis da França.

[←9]

Levant - Nome genérico dado aos países situados na costa oriental do Mar Mediterrâneo, desde o Egito até a Turquia. As divisões feitas no domínio da França sobre a Síria e Líbano foram também chamadas de Estados Levant, e o fermo é ainda aplicado algumas vezes a estas duas nações.

[←10]

Lio - Milha francesa equivalente a 4,445 quilômetros.

[←11]

Armadura de Damasco - O aço damasceno era um dos mais famosos materiais da era pré-industrial, altamente utilizado para a fabricação de armas e armaduras e apreciado por sua beleza, durabilidade e elasticidade. Sua fabricação consistia num processo que unia ferro forjado e vários materiais carbônicos por caldeamento. Encontrado pelos europeus durante as Cruzadas, o aço recebeu o nome de "aço de Damasco", pois era forjado na cidade de Damasco, na Síria.

[←12]

Semita - Grupo étnico e lingüístico ao qual se atribui sem (um dos três filhos de Noé) como ancestral, e que compreende os hebreus, os assírios, os aramaicos, os fenícios e os árabes; ou membros desse grupo relativo ao judeu.

Capitulo 04

[←13]

Acha Arma antiga (século XIII) com forma de machado.

Capitulo 05

[←14]

Força mágica - Fúlvio se referia, provavelmente, a "alguma moça com mediunidade".

[←15]

Gói - Designação dada, entre os judeus, ao indivíduo ou povo que não é de origem judaica.

[←16]

Jeová - Do hebreu Jehovah, transliteração das quatro letras (IHVH, JHVR, JHWH, YHVH ou YHWH) que designam Deus, cujo nome era tido por sacratíssimo, não podendo ser pronunciado em voz alta. Designação de Deus no Antigo Testamento; Javé.

Capitulo 06

[←17]

"Canale Grande"- Conhecido como a "mais agradável via do mundo", tem a forma de "S" e é a mais larga e importante via aquática de Veneza, com quatro quilômetros de comprimento e rodeada por palácios utilizados pela aristocracia.

[←18]

Gôndola - Barco característico dos canais de Veneza; comprido, estreito e de fundo achatado, impulsionado por um único remo.

[←19]

Pádua - Capital da província de mesmo nome, situada no noroeste da Itália, foi do século XII ao século XIV (época desta narrativa) uma comuna independente de grande importância política e econômica. Comuna Cidade que obtinha de seu senhor suserano carta que lhe concedia autonomia, durante a Idade Média.

[←20]

Galera - Antiga embarcação de guerra; navio de vela, geralmente de três mastros redondos com dois mastaréus em cada um.

[←21]

Filha de Eva - Expressão metafórica. Eva foi o nome da primeira mulher e"mãe de todo o gênero humano", segundo a Bíblia. Esposa de Adão, seduzida pela serpente, colheu o fruto proibido, levando o companheiro à falta.

Capitulo 07

[←22]

Mar Adriático - Braço do Mar Mediterrâneo, entre a Itália e a Península Balcânica.

[←23]

Doge - Chefe da República veneziana, que era eleito por toda a vida.

Capitulo 08

[←24]

Cornija - Na arquitetura clássica, a moldura sobreposta, formando saliência, que serve de arremate superior a fachada de uma edificação, ocultando o telhado e impedindo que as agua escorram pela parede.

Capitulo 09

[←25]

Jafa (Yafo) - Parte da cidade de Tel Aviv, em Israel. Originalmente foi uma cidade fenícia conhecida por possuir uma das oito portas de Jerusalém.

Capitulo 10

[←26]

Bricsen (Brixen ou ainda Bressanone, em italiano) - Cidade italiana situada na confluência dos rios Isarco e Rienza. Brixen e os territórios circunvizinhos foram governados por bispos-príncipes do século XI. Em 1803, o bispado passou a fazer parte da Áustria, pertencendo à província do Tirol; mas retornou à Italia em 1919. Sua população é mista, de alemãs e italianos.

Capitulo 11

[←27]

Sarracenos - Povo nômade pré-islâmico que habitava desertos situados entre a Síria e a Arábia; mouro, árabe.

[←28]

Augsburgo - Cidade situada ao sul da Alemanha, capital da Swabia; considerada o maior centro industrial no Rio Lech, incluindo a produção de tecidos, motores de veículos e aviões. Importante centro comercial e bancário dos sécu los XV e XVI e ponto de encontro da ciência e arte alemãs.

[←29]

Paxá (pâxã ou baxa) - Título elevado, entre os turcos, que correspondia a "excelência" no Ocidente.

[←30]

Gavur - Nome dado pelo Isla a todos os não-muçulmanos, especialmen
te na Idade Média.

[←31]

Cruzada - As Cruzadas foram expedições organizadas por inspiração da Igreja no século XI, compostas pela nobreza européia, com o objetivo de liberar a Terra Santa (Palestina) dos infiéis (árabes e turcos) que se expandiram pelo Oriente Médio e Próximo e pela Bacia do Mediterrâneo, a partir do século VII, ocupando inclusive Jerusalém. Foram oito as Cruzadas; a primeira em 1095 e a última no ano de 1270.

[←32]

Templo de Salomão - Salomão foi um rei dos hebreus (970 a.C. a 930 a.C.), filho e sucessor do Rei Davi. Seu reinado foi marcado pelas alianças estrangeiras, principalmente com o Egito e a Fenícia, e pela expansão do território de Israel. Seu templo foi construído no décimo ano de seu reinado e reproduzia a planta do tabernáculo, mas em maiores dimensões. O edifício tinha 60 côvados de comprimentro, 20 de largura e 30 de altura. Um côvado = 66 centímetros.

[←33]

Rei Balduíno - Balduíno II, rei latino de Jerusalém (1118-1131), Conde de Edessa (1100-1131), primo e sucessor de Balduíno I. Acompanhou Godfroi de Bouillon (Godofredo de Bulhão) na Primeira Cruzada e foi capturado pelos muçulmanos em 1104 e libertado em 1108. Gastou a maior parte de seu reinado guerreando com os turcos no norte da Síria.

[←34]

Idioma franco - Língua germânica falada pelos invasores da Gália.

Capitulo 12

[←35]

Rainha de Sabá - Rainha do Reino de Sheba (ou Sabá), segundo as tradições judaicas e islâmicas; região situada ao sul da Arábia, no extremo oriente do Mar Vermelho, na atual região do Iêmen. Diz a lenda que a Rainha de Sabá - Makeda -, conhecendo a fama do Rei Salomão resolveu fazer-lhe uma visita, mas enviou-lhe presentes com antecedência, a fim de impressioná-lo. Teve um filho com ele chamado Menelik, que fundou o Reino da Etiópia.

Capitulo 13

[←36]

"Sabat" (Shabat) - Nesta trama, Rochester refere-se ao "sabat" como um conciliábulo de "bruxos e bruxas" que, segundo superstição medieval, se reunia no sábado, à meia-noite, sob a presidência do diabo para a realização de orgias.

Originariamente, no entanto, "shabat" significa o repouso sagrado que, segundo a Lei de Moisés, os judeus devem observar no sétimo dia da semana: o sábado judaico. Este dia de descanso dos judeus é contado desde o pôr-do-sol de sexta-feira até o pôr-do-sol de sábado.

Capitulo 15

[←37]
Shtíria (Styria) - Província austríaca que, em 1180, tornou-se ducado.

[←38]

Boêmia - Antigo reino e região histórica que foi incorporada à República Checa.

[←39]

Godfroi de Bouillon (Godofredo de Bulhão, 1058-1100) - Nobre europeu que foi um dos líderes da Primeira Cruzada (1095-1099).

[←40]

Antioquia - Antigo nome da cidade de Antakya, na Turquia, fundada em 307 a.C. No ano de 1098, as Cruzadas fizeram-na capital de um Estado latino no Oriente.

[←41]

Joana d'Arc - Considerada santa pela Igreja Católica, era uma simples camponesa que levou o exército francês à vitória no cerco de Orleans, em virtude de uma excelente estratégia militar e grande bravura pessoal. Visões que afirmava serem divinas fizeram-na crer que fora escolhida para libertar a França da Inglaterra. Durante a guerra, os ingleses encarceraram-na numa prisão, onde sofreu muitos insultos e foi julgada como bruxa. Afirmou até o fim que suas visões e as vozes que ouvia eram de origem divina, mas o tribunal condenou-a a morrer na fogueira em 1431. Em 1456 foi decretada inocente pelo Papa Calisto III; em 1909 foi beatificada e finalmente em 1920 foi oficialmente canonizada pelo Papa Bento XV.

[←42]

Fênix - Ave fabulosa que, segundo a tradição egípcia, durava muitos séculos e, queimada, renascia das próprias cinzas.

[←43]

Terra dos francos - Ou seja, a Gália; uma denominação romana para parte da França situada entre os rios Reno, Liger e os Alpes e que foi conquistada no século V pelos francos, povos germânicos que viviam em tribos naquela região desde o século III.

Capitulo 16

[←44]

Feluca - Embarcação a vela, leve e rápida usada pelos egípcios e que continua a servir como meio de transporte nos dias atuais.

[←45]

Cinquenta milhas - Cerca de oitenta quilômetros.

[←46]

Suserano - No feudalismo, aquele que tinha domínio sobre um feudo de que dependiam outros feudos; palavra de origem francesa (suzerain); soberano.

[←47]

Facistol - Grande estante onde se colocavam os livros nos coros das igrejas.

Capitulo 17

[←48]

Nota do original russo: A prova da existência de tais santuários na Idade Média encontra-se nos documentos de um processo judicial em Regensburgo (cidade alemã na região da Bavária) do ano de 1486. Nesse tipo de altar foram encontrados cadáveres de seis crianças.

[←49]

Nota do original russo: Os livros teológicos judeus dividem-se em duas categorias: Neshat e Cabala. À primeira categoria pertencem o Talmud e o Shulkhan. E conforme Shulkhan "não é pecado um judeu matar um cristão" (leis 50 e 81). No Talmud, impresso em Amsterdam em 1646, está escrito: "Os judeus têm ordens de destruir os discípulos do Nazareno". Depois de algumas páginas, lemos: "É surpreendente que o sangue das klipok (virgens não-judias) represente uma oferenda tão agradável aos Céus. O sangue derramado de virgens não-judias é uma oferenda tão sagrada quanto as mais caras fragrâncias e, além disso, serve como o melhor meio para reconciliar-se com Deus e atrair as suas bênçãos".

[←50]

Astartéia - Deusa da fertilidade, da maternidade e do amor na mitologia fenícia.

[←51]

Moloch - Segundo a Bíblia, Moloch era uma divindade adorada na Palestina, na Fenícia e em Cartago, a quem se faziam sacrifícios humanos, especialmente em crianças.

[←52]

Kaleb (Caleb ou Chelubai) - Citado na Bíblia como o principal espião enviado a Canaã, conhecido pela sua fidelidade a Deus.

[←53]

Abraão - Primeiro patriarca dos hebreus, simboliza a ruptura definitiva com a idolatria paga e o compromisso com o monoteísmo. Nas tradições judaicas e cristãs, ele aparece como uma figura paterna, digna, humana e firme em sua fé.